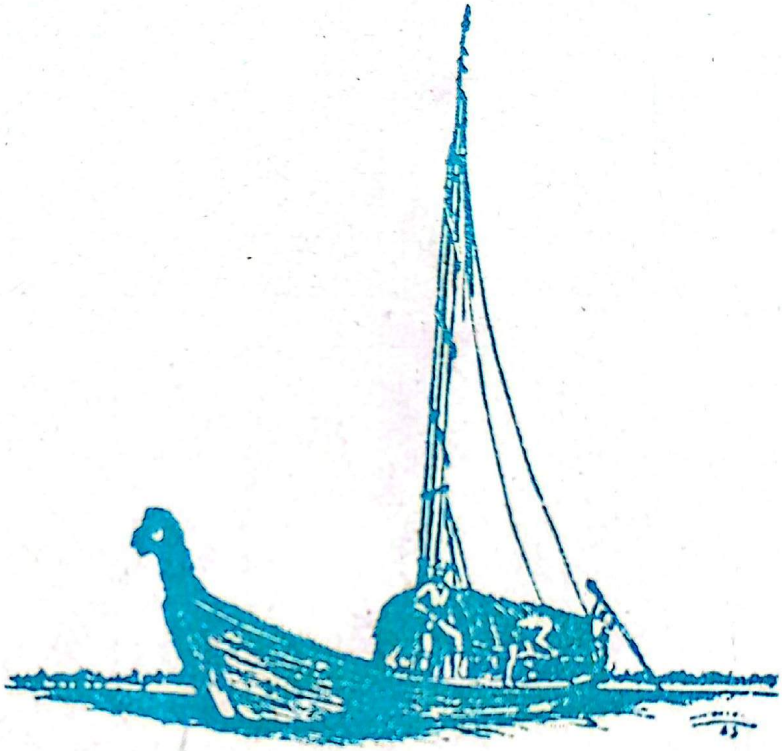
SAUL MARTINS



Os Barranqueiros

Centro de Estudos Mineiros

1969

Digitalizado com CamScanner

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR:

Prof. Gerson de Britto Mello Boson

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

Digitalizado com CamScanner

SAUL MARTINS

Membro da Société Internationale d'Ethnologie et de Folklore
Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais
Da Comissão Mineira de Folclore

OS BARRANQUEIROS

(Folclore)

Chuva choveu,
Goteira pingou,
Pergunta a papuda
Se o papo molhou...

BELO HORIZONTE

1969

Digitalizado com CamScanner

PUBLICAÇÃO Nº 496

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Caixa Postal, 1.621 — Belo Horizonte — Brasil

Edição da
REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Digitalizado com CamScanner

A

Aires da Mata Machado Filho

Digitalizado com CamScanner

Prefácio

Já nem tínhamos esperança de publicar esta obra, escrita há quase vinte anos. Mas a oportunidade surgiu com o Centro de Estudos Mineiros da Reitoria da Universidade Federal de Minas Gerais.

A exposição dos registros surpreendeu-nos e incomodou pela abundância de lugares comuns, de frases gerundiais e infinitivas e de tantos outros vícios de linguagem próprios de ensaista. Afastamos a idéia de fazer revisão porque isto nem era possível ou exigiria muito tempo, o que não temos, dada as ocupações atuais. E só não nos decidimos pelo arquivamento definitivo dos originais pela certeza de que as imperfeições da forma, absolutamente, não invalidam seu precioso conteúdo, que não é nosso — é do povo *e tem elevada importância antropológica. Nós, apenas, o colhemos e apresentamos.*

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 1967.

S. M.

Digitalizado com CamScanner

Primeira Parte

Casos e Tradições

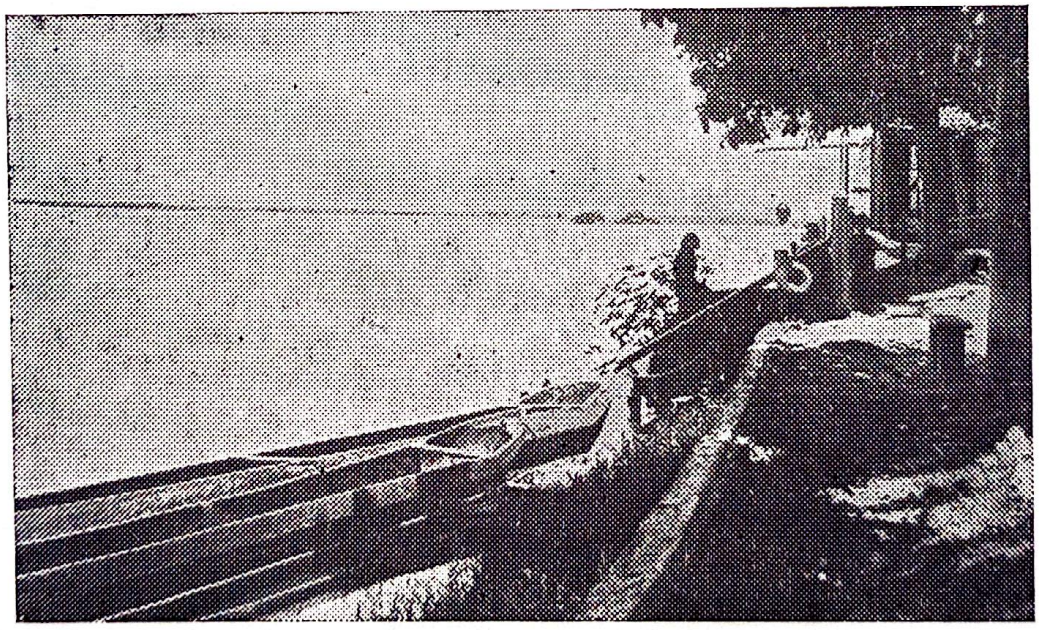
Digitalizado com CamScanner

JANUÁRIA

Em princípios do século passado, era intenso o comércio entre sertanejos dos vales dos rios Pandeiros, Cochos e Peruaçu com barqueiros do Rio de São Francisco, traficantes de sal, querosene, fazendas, drogas e ferragens.

A troca fazia-se através do Pôrto Salgado, topônimo oriundo, já se vê, da primeira daquelas mercadorias.

Quase no barranco, de frente para as águas, erguia-se espaçosa casa de palha, residência de uma velha chamada Januária, cuja origem até agora não foi esclarecida. Sabe-se apenas que fugira da Côrte, môça ainda, para encobrir descuidos morais. Efetivamente, Januária tinha vida irregular. Explorando a venda de cachaça, favorecia a queda dos bons costumes.



Digitalizado com CamScanner

Sua casa era ponto de bebedeiras, que terminavam, às vêzes, em sururus de conseqüências as mais desastrosas. Por esta razão, evitavam-na todos os que, desviando-se das badernas, trilhavam o bom caminho.

Em vista de seus modos aristocráticos, a cortesã ganhou fama em tôda a região e foi considerada pelos sertanejos como pessoa de alto coturno.

Depois, muito velha já, morreu.

Seu nome, porém, ficou.

E os barranqueiros de hoje repelem a história que lhes contaram os avós, afirmando que a Cidade recebeu êsse nome em homenagem à princesinha da casa de Bragança.

Digitalizado com CamScanner

O CATRUMANO *

O homem rude e analfabeto do sertão de Minas, morador à beira do São Francisco, ou na região que se estende maravilhosamente do Urucuia ao Gerais de São Felipe, surpreende muitas vêzes os portadores de títulos e anéis de grau.

Ê bronco e subnutrido.

Impaludado, franzino e tímido.

Bebe sua cachacinha, fuma e toma torrado.

Mas, apesar disso, é inteligente e perspicaz. Tem desenvolvida a noção do certo e do errado.

Sabe criticar os erros e defeitos dos letrados, principalmente os "cochilos" dos homens do govêrno.

Atrás da simplicidade de suas atitudes e de seus trajos, há muita ciência e filosofia.

Ilustrando as nossas asserções, damos conta do seguinte fato, verificado no arraial do Tejuco, em fins de Dezembro de 1944: O professor daquele distante lugarejo, indo a Januária, voltou com um jornal nos alforjes, edição de 15 de novembro daquele ano.** Instantes depois Pedo Cumbuca espalhava as novidades do jornal aos fregueses da venda do Zé Bahiano, narrando ao seu compadre Antõe Procope o que ouvira de "seo mestre".

Em tom de censura, ou quase de reprovação, gaguejou:

— Cumpade, ancê já viu falá dum povão qui vem prá cá?

— Prá cá prá donde?

— Prá Mina Gerais.

— Num tô intendeno ancê, não!

---

* Ver os localismos no final do livro.

** "Estado de Minas", jornal que se publica em Belo Horizonte.

Digitalizado com CamScanner

— Óia, cumpade, vi falá qui vem cem mile... ? ... cumé qui chama aquêle home qui pita cachimbo de raiz, lá da Quinta de Taba?

— Seo Rafaéli, cumpade, aquêle da Rua do Bonde, dono de uma prução de casa!

— Isso mémo, cumpade, mais eu pregunto don-dê-lé.

— Hum!... Diz quê-lé intaliano.

— Púis é, cumpade, o Vitorino me falô qui vem cem mile intaliano prá Mina.

— Quem falô cum êle, cumpade? Aquilo é mintiroso e mitido a letrado.

— Não, cumpade, é de divera, num é mintira não! Êle viu no jorná.

— ?...

— Êles vai ganhá casa boa, vaca de leite, porco, galinha, terreno bão, aquêles ferro qui fura o chão, doutô prá oiá as famia, meste prá insiná os minino a lê, vai ganhá tudo, cumpade.

— ?...

— Os puliça vai inxotá os moradô e tomá conta das terra prús intaliano.

— ?...

— Óia, cumpade, ia squeceno, êles vai tê taméim cinema e campo de futibó. Um céu in vida!

— ?...

— Foi o guvêrno qui escrivinhou, cumpade, é verdade mémo. Se Deus num oiá prá nóis isso vai prús nosso lado cuma a sêca!

— ?...

— Qui disgraça, em cumpade?!

— ?...

— Amóde quê ancê num arresponde, cumpade?

Digitalizado com CamScanner

Antõe Procope, em atitude solene, pigarreou, abriu a caixa de pó e, enquanto distribuía o torrado nas suas narinas, respondeu ao seu compadre Pedo Cumbuca:

— Uái, cumpade, é pruquê iô acho qui o guvêrno tem rezão. Nóis somo feio, ancê prú ezempo é gago, nóis tem lumbriga e vivemo tremeno de malêta. Êles, não! Os fio dêles é bunito, dispois vai ficá homão grande, vremeio, prá miorá o Brasi, cuma nóis fazemo cus boi, cumpade, prá miorá a raça. Os boi rúim nóis vamo matano.

— !...

— O guvêrno tem rezão, cumpade, nóis é qui precisamo disaparecê!

Digitalizado com CamScanner

A DOIDA DA LANCHA

Há muitos anos os pescadores de Januária, na maioria devotos de Santa Helena, edificaram-lhe uma capela, à entrada do Pôrto dos Peixeiros, de frente para as águas.

As praias que se abriam além da cruz eram ponto certo de ancoragem, de fabricação ou de estopamento de canoas e paquetes, também de entulho de velhas embarcações já encostadas, as quais apodreciam sob a ação do tempo.

Precisamente lá, perto da capelinha, abandonaram uma lancha, que mais tarde passou a ser morada de uma louca, figura interessante por suas excentricidades. Tinha a mania de andar apressada, dobrar esquinas precipitadamente, movimentar os braços com violência. Na sua cabeça, parece, desabava sem parar um temporal de idéias aflitivas. E recebia mal os obstáculos que se lhe interpunham; chegava, até a passar por cima dêles, levando a eito garranchos, latas, peças de roupa, tudo que lhe embaraçasse a direção e a marcha, mesmo velhos e crianças.

Era seu único mal! Contudo, o bastante para que a evitassem. De longe, ao vê-la, gritavam:

— Arreda, gente, que lá vem a doida da lancha!

Agora, quase ninguém conta essa história porque o tempo a distanciou do vulgo.

Os anos sucederam-se, os "caboclos" derrubaram barreiras e o São Francisco foi lambendo as praias, as casas e as ruas.

Perseguida pelas águas, a Cidade recuou.

Foram-se a lancha e sua fiel inquilina, a capelinha, a cruz. Tudo se mergulhou nas trevas do passado.

Mas, ainda hoje, quando uma mulher, estabanadamente, passa na rua, as comadres entreolham-se e cochicham com maldade:

— Lá vai a doida da lancha!

Digitalizado com CamScanner

A SERRA DO CAPÃO DO PORCO

1. Identificação
2. Minas de prata
3. Conformação geográfica
4. Inscrições rupestres
5. Cerâmica indígena
6. O populário.

A sete léguas de Januária, pouco adiante do arraial do Tejuco, ergue-se a Serra do Capão do Porco, que é um penhasco negro e arredondado, quase despido de vegetação. Alcança uma altura de quarenta metros, e um quilômetro, talvez menos, de circunsferência. Em várias direções abrem-se cavernas ou lapas, umas estreitas, inacessíveis, outras largas, de entrada fácil, como a que se escancara a noroeste. Tôdas se comunicam interiormente, ou se ramificam em múltiplos corredores. Quando de nossa última visita àquela Serra, de lanterna à mão, percorremos vários de seus compartimentos, seguidos, é certo, por um dos moradores das cercanias, já familiarizado com aquêle intrincado labirinto. Da abóbada das cavidades descem cones de pedra, esbranquiçados, qual têtas colossais, donde cai, filtrada, a água das chuvas. Coincidindo com os vértices das pingueiras notam-se mamilos calcários, ou depressões naturais, abertas à fôrça de gotículas d'água no correr de centenas de milhares de anos.

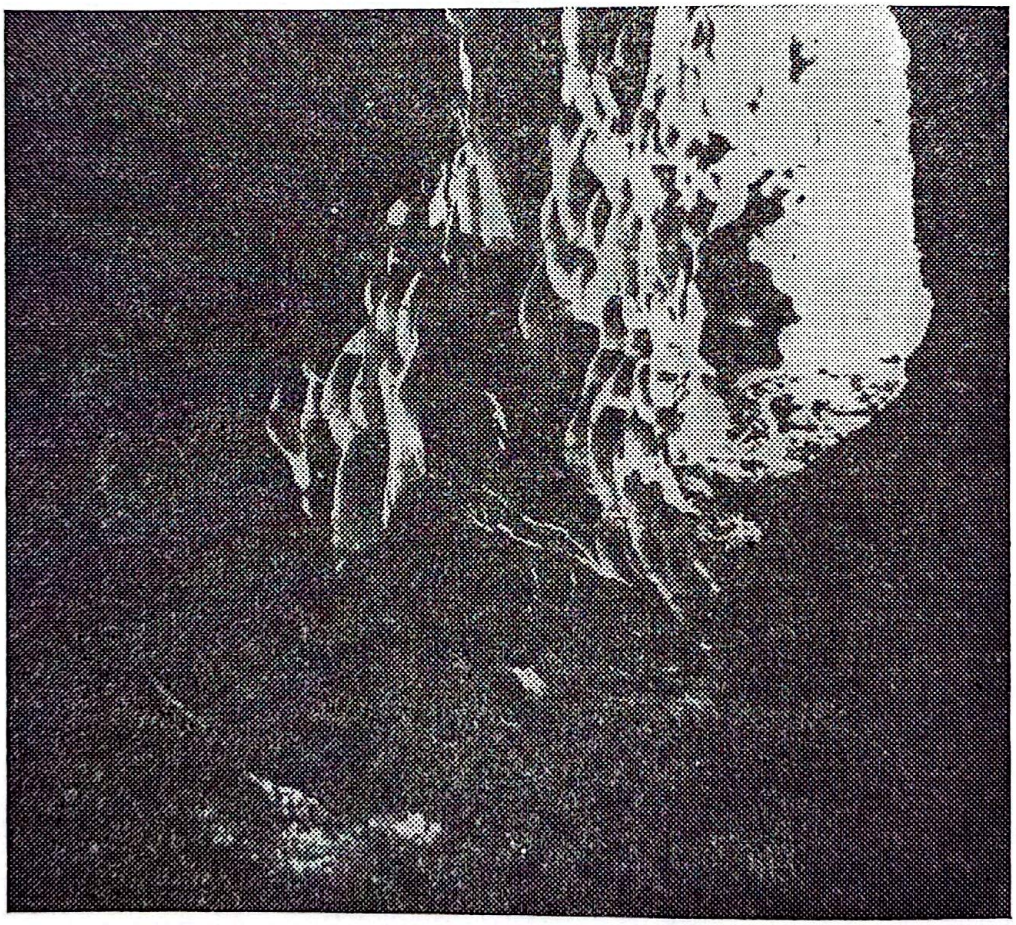
Certo dia, em 1933, o lavrador Antônio Moreira dos Anjos trabalhava uma roça ao pé da serra. Depois do almôço, o pino da calma leva-o a dormir a sesta nas proximidades duma gruta. E sonha que a caverna é bôca de enorme cobra. Acorda suarento, levanta-se rápido, o coração precípite. Toma da enxada com o pressentimento de encontrar algo na furna. Penetra na escuridão da fenda e começa a vasculhar com um facho as

Digitalizado com CamScanner

diversas aberturas da galeria. E vê, surprêso, que certos pontos da rocha brilham à luz do archote. Utilizando-se da enxada, seleciona algumas pedras, leva-as a casa e mete-as na forja, obtendo quatorze quilos de um metal branco, dúctil.

Mais tarde a análise revelou que as partículas luminosas eram prata da mais fina qualidade. Vendeu Antônio essa primeira amostra para a Joalharia Diamantina, nesta Capital, à razão de cento e quarenta réis o grama.

Estava confirmada a existência do lendário tesouro de Robério Dias.



No interior da cripta, vendo-se, de cócoras, Antônio Moreira dos Anjos. (Foto: Saul Martins).

Digitalizado com CamScanner

As itaquatiaras da Serra do Capão do Porco.

A Serra do Capão do Porco faz parte de importante sistema orográfico que acompanha o Rio de São Francisco, naquele município norte-mineiro. A três quilômetros, ao sul, estende-se o Serrote, e a oito, a oeste, a Serra da Imburana. A pouco mais de seis quilômetros, a leste, divisamos a Serra do Cantinho, depois, à esquerda, o Serrotinho. Muito além, ao norte, eleva-se o Pico do Itapiraçaba, seguindo-se as serras dos Mamedes, de São Bento, da Tabua, do Barreiro, do Brejo do Amparo, descendo com ligeiros saltos até à do Fabião, que fica a dezoito léguas. Quase tôdas possuem furnas e guardam inscrições que lembram idades remotíssimas e civilizações ignotas. Já se têm encontrado, nessas locas, grosseiros trabalhos de cerâmica ou vasilhames de uso doméstico. Há alguns anos acharam numa lapa do Serrote, coberto pela poeira dos séculos, um gamelão de barro cozido, o qual media cêrca de um metro de diâmetro, com parede entre quatro e cinco centímetros de grossura, pesando nada menos de vinte quilos.

Digitalizado com CamScanner

Os moradores dos arredores afirmam que os vasilhames foram modelados por tapuias que habitavam a região,* enquanto os desenhos lapidares foram pintados por homens chamados "bandeirantes" e indicam riquezas lá depositadas, bem como os nomes de pessoas assassinadas, cujos espíritos estão presentes, tomando conta dos tesouros. "Iô já vi nũa lapa daquela uns letrero feito na peda qui inté parece feito prá mão da natureza. Lá téim uns artá cum santo tão prefeito qui inté parece qui tá vivo oiáno pá gente. Lá no fundo das lapa téim ũas peda qui bate cuma sino de igreja e téim tanta coisa bunita, tanto brio naquelas peda qui a gente inté isquece de i simbora cum tanta buniteza qui fica lá. Um dia iô andava cum miô cumpade Luca qui Deus já levô, iô andava cum êle atráis do rasto dos gato qui tava cabano cás galinha do terrero, conde nóis intrô naquela lapa qui téim um pé de tapicuru béim na bôca, nóis tinha máli intrado uns déis passo conde vimo um gimido tão pesaroso qui dueu no coração da gente. Iô me alembrei qui já vi contá qui uns home de muito secro qui chamava banderante moraro nessa lapa e tiraro muita riqueza e odispois êles tinha usura e ia matano um zó zôto pá ficá cum a riqueza só prá êle e muitas vêis interraro nessas lapa muitos caxão de ouro, insinano cuma achá in vão, apois até hoje ninguém aduvinhô os letrero. É purisso qui aquelas arma tá padiceno inté hoje, vigiano as riqueza qui interraro. Isturdia, mei truvano, iô vi passá daquele morro do Serrote pru morro das Imburana uma faxa de fogo ** do tamãe dum balaio, pariceno ũa istrêla de ouro, qui alumiava aquêle mundo todo. Nóis achemo tão bunito qui tivemo pena daquela lindeza disaparecê atrás da serra. Dôta vêis iô tava caçano tatu mais cumpade Zé Gamela, conde vimo ôta iluminara qui passô digêra cuma a zelação".

A Lapa do Capão do Porco parece ter sido a escola dessas letras singulares. Ela contém centenas de sinais, nunca menores

---

* Ver nota da pág. 96.

** Ver, à pág. 105, *A Mãe-do-Ouro*.

Digitalizado com CamScanner

de três centímetros, nem maiores de trinta, alguns isolados, outros formando grupos distintos. Muitos há que foram pintados com auxílio de escadas, cordas, ou andaimes, uma vez que se assentam em pontos da rocha bem elevados.

Do conjunto de letras estampadas no clichê, as quatro primeiras, as três seguintes, as duas últimas da fila do centro e as duas primeiras da terceira fila constituem grupos diversos. As duas outras foram pintadas, isoladamente, em diferentes pontos da galeria.

Na pintura dêsses caracteres utilizaram pincéis ou instrumentos semelhantes, bem como tinta líquida, a julgar por tremidos que bem a identificam, existentes em uma ou outra inscrição. Percebe-se ainda que muitas delas foram cheias depois de traçadas, dada a regularidade dos contôrnos. Conforme fizemos ver na legenda, as tintas empregadas foram a amarela côr de açafrão, a vermelha, côr de urucu, e a prêta, talvez extraída do jenipapo, que é uma das riquezas da flora norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco. À primeira vista, julgamos que os desenhos em linhas prêtas fôssem recentes, feitos a carvão. Convencemo-nos do contrário ao tentar remover os traços com uma bucha ensaboada: a figura tornou-se mais nítida, permitindo ver pormenores.

Confrontando-se as inscrições rupestres do município de Januária com outras do Brasil, já estudadas, verifica-se, de pronto, sensível diferença. Enquanto estas, as mais das vêzes, são grosseiras formas de animais, as do Capão do Porco, na sua quase totalidade, são figuras geométricas muito bem traçadas. Entre as centenas dessas inscrições que já tivemos oportunidade de examinar naquela região, uma apenas, a que fica na abóbada da "Lapa", na Serra do Cantinho, lembra uma tartaruga.

Digitalizado com CamScanner

A SERRA DAS CARAÍBAS

Numa noite de Maio, em 1936, — contava-nos alguém que reside em Januária, — acordei afobado com uma visão que tive. Apressadamente pulei da cama e acendi a candeia. Tomei do lápis e do papel e fiz algumas anotações, esforçando-me a recompor os episódios que vivera nos páramos do sonho. Li-as em seguida e ilustrei-as com um gráfico, ou roteiro que me levaria às portas de grandes cabedais guardados no fundo de uma gruta não muito distante. Ao amanhecer, lembrei-me do que havia feito e de nôvo li as anotações. Depois, dobrei o papel e fechei-o no baú, talvez impelido pelo atavismo supersticioso dos meus avós. Mas os anos se passaram e já não me lembrava de nada mais quando a cena se repete no palco de Morfeu. Cinco anos mais tarde, precisamente, as asas da quimera voltam a me conduzir, assim pela terceira vez, ao pé da fabulosa gruta. E percorri o mesmo itinerário. E sofri iguais peripécias.

Induzido, por fôrça da insistência, apanhei o roteiro e comecei a especular os amigos. Tinha já certeza da direção em que se localizava a afigurada cripta, ou arca do grande tesouro. Nesse ano, 1948, um dos meus melhores amigos colaborava na construção de uma estrada para ligar Januária a Poções, no município de Manga. Confrontando o pequeno mapa que eu traçara em a noite do primeiro sonho com a região onde trabalhava, o meu amigo achou pontos idênticos.

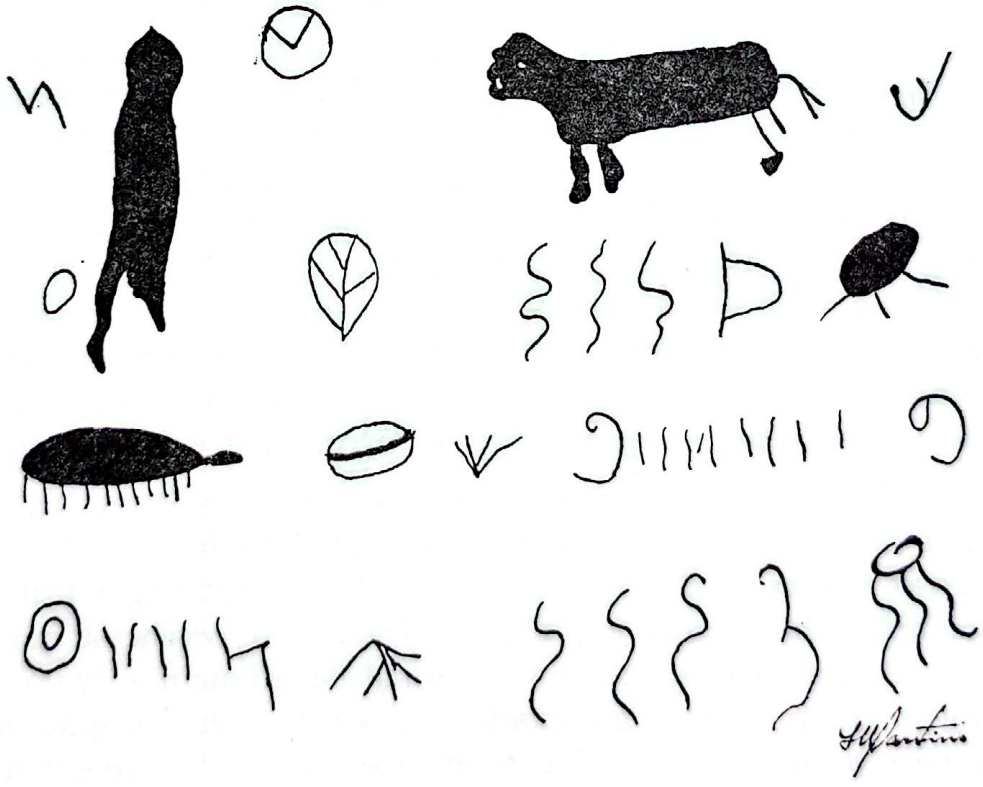
Foi assim que deliberamos viajar. Arreamos dois animais e rumamos para norte. Depois de percorrermos quatro léguas e meia pela estrada de rodagem, divisamos um imenso mar de palmeiras. Era precisamente ali que devíamos largar a estrada principal, seguindo as indicações do roteiro.

Digitalizado com CamScanner

Descemos a vertente do Caraíbas. No período das chuvas, dela chega a correr um filete d'água. Mas, na sêca, os moradores perfuram cacimbas e descem rampas para o gado. Aqui e ali, de dentro de espêssa mata, elevam-se negros penhascos. E uma faixa de buritis, serpeando o fundo do vale, afunila-se na lonjura do horizonte de comprido chapadão.

Cavalgamos cêrca de meia hora sôbre a orla do vale e chegamos, já noite, ao rancho do velho Ricardo, maior proprietário da gleba. Êle nos recebeu amàvelmente.

Depois de contentarmos o estômago, espreguiçamo-nos sôbre redes e puxamos o assunto. O velho tomou o fio da meada e disse-nos: "Ôia, ancêis num vê qui moro aqui nesse baxão a muitos ano e nunca tinha visto ũas letra qui tá desenhada no taiádo do morro. Botei roça inté incostá na bôca da lapa e nunca vimo as garatuja. Um dia, hora de armôço, nóis tava cuxilano na varanda conde miá véia viu ũa muié béim vistida



As inscrições da Serra das Caraíbas.

Digitalizado com CamScanner

lá na porta da lapa qui ancêis pudia oiá daqui se num tivesse dinoite. Miá véia gritou nóis e a muié tava lá divera. Nóis fumo todo prá vê quéim era, mais conde cheguemo perto a muié suverteu na vista da gente. De lá inté cá ela já pariceu ũas pouca de vêis. Dôta feita, no ano das inchente, os minimo tava caçano tatu conde os cachorro dero in riba dum peba qui correu e foi imbocá num buraco pertim da lapa. Os minino chegaro e metero o inxadão, mais odispois batero nũas raiz grossa e dura cuma ferro. Cendêro ũa coivara e oiáro béim e viro cás raiz era de ouro. Conde preparava pá juntá os cavaco de ouro qui pularo cum as inxadãozada pariceu ũa livusia e os minino correro assombrado. No ôto dia fumo lá e só achemo o buraco adonde êles cavacaro. Foi mémo nessa hurinha qui nóis levantemo as vista e demo cás garatuja desenhada na peda viva".

A história de Ricardo, continuava o narrador, impressionou-me sobremodo. E dormi pensando nela. No dia seguinte, bem cêdo, dirigimo-nos, todos, ao pé da serra, que fica a quatrocentos metros do rancho, pouco mais ou menos. Com efeito, nós nos certificamos da existência de garatujas de diversas côres e formas, predominando grosseiros desenhos de aves, insetos e outros animais. Eram estampadas nas paredes lisas da serra e dentro da caverna, que é de entrada larga, cêrca de três a quatro metros de diâmetro. A maioria das inscrições se localizam em pontos elevados da rocha, e parece terem sido pintadas com o dedo. Copiei aquelas que me interessaram mais e regressamos, alegres por tudo o que vimos, mas pobres como sempre fomos — arrematou o informante.

Ao contrário das itaquatiaras do Capão do Porco, as da Serra das Caraíbas podem bem ser reunidas às descobertas noutras plagas do Brasil, pois são elas, na maioria, pinturas zoomorfas da mesma côr e disposição. Isto revela, a nosso modo de ver, que os habitantes do sul do Município (vale do Pandeiros) eram mais adiantados que os do norte (região das Caraíbas), ou comprida fila de anos separa os "escribas" das duas greis indígenas.

Digitalizado com CamScanner

HISTÓRIAS INGÊNUAS

I

Inácio Guedes, conhecido por Inação do Barrêro, cortava moirões de cêrca nas matas do Capão do Porto, bem perto da Serra do Cantinho, quando foi surpreendido por grande animal, que vinha do fundo do arvoredo arrastando uma novilha prêsa às mandíbulas.

Era a onça. A pegadeira de bezerros, tristemente célebre naquela redondeza, numa volta de cinco léguas. Há mais de ano vinha atacando os rebanhos daqueles sítios e inúteis foram as caçadas que lhe haviam dado os criadores, muitos dos quais já se encontravam às portas da miséria, arruinados pelos estragos do bicho.

Inácio protegeu-se entre os galhos da sucupira, que derrubara momentos antes, pondo-se em guarda, de machado erguido, mas tremendo como vara verde e pálido como cêra.

A onça nem torceu da direção assumida. Continuou a arrastar a prêsa, indiferentemente, rumo ao pé da serra, deixando atrás de si uma faixa varrida.

Inação seguiu-a com os olhos, em aparente atitude de combate, com os dedos crispados no cabo do machado, sentindo bambas as pernas. E sabia que a onça poderia comê-lo, sem que simulasse contra ela um gesto sequer de defesa, nem mesmo o de fazer cair o machado.

E a onça, levando a prêsa, aproximou-se do pé da serra, rumou para uma gruta que se abre na base de um penhasco e sumiu na escuridão da fenda.

Digitalizado com CamScanner

E lá ficava Inácio, sem arredar pé, no meio dos ramos de sucupira, empunhando o machado, com os olhos pregados na entrada da caverna.

Izido Caçote era o companheiro de serviço e cortava madeira a pouca distância de Inação, atrás de um morro que os separava. Notando que o machado de seu vizinho silenciara, veio ter a êle, julgando simplesmente que Inação estivesse a tomar um fôlego. E qual não foi o seu espanto ao deparar com o quadro:

— Home de Deus... o qui é cocê téim?!

Inação, ao ver o amigo, saiu dos ramos e encaminhou-se para o lado de Izido Caçote, contudo sem dizer palavra e conservando o machado erguido, em atitude esquisita. Izido recuou estarrecido com a fisionomia do companheiro, segurou o cabo do facão e gritou-lhe ameaçadoramente:

— Home de Deus, ocê ficou doido? O qui é cocê téim, Inação?!

Recuperando a voz, Inação gaguejou:

— A on... ça I... zido!

Izido Caçote olhou p'rá riba, olhou p'rá baixo e, não vendo onça, insistiu:

— Ocê tá cum a bola virada! Cadê a onça? Ocê tá sonhano, Inação! Toma um golo d'água qui sinão ocê cai pá tráis, home de Deus!

Inação virou a cuia na bôca e bebeu quase meia cabaça d'água. Criou ânimo e contou a história ao companheiro, rematando assim:

— Ôia, quiô num fôsse home ela tinha me cumido, Izido! Cê num vê qui siô num armo o machado, apois num é qui o diacho da gata tinha me ingulido! Ê uma bichona qui só cê veno pá crê.

— Será qui é ela, home de Deus?!

Digitalizado com CamScanner

— Se é! Apois ocê num tá inxergano o rasto da nuvia quela puxava, uma nuvia laranja de mais de ano?!

— Vige Maria do Céu! Ela tá na lapa?

— Tá lá dentro, num saiu, não!

Izido destampou o cornimboque, cheirou uma boa pitada de torrado e dirigiu-se a Inação:

— Ô rapáis, ocê téim mermo corage? Apois qui ocê tivé, nóis pudemo acabá quéssa gata do capeta. É só nóis tapá a bôca da lapa...

— Cê tá maluco...

— Qui maluco, nada, home de Deus! A lapa téim a bôca piquena e nóis tapamo num instantim. É só nóis levá êsses tôro de pau qui já tá cortado aqui. Odispois nóis iscoramo cum furquia, inlinhamo bem cum caruá e já pudemo contá os presente.

É velho sistema dos criadores daquela região norte-mineira presentear o matador de uma onça comedeira de gado com bezerros e poldros.

Apesar da insinuação, só depois de muita insistência Inação resolveu ajudar o companheiro. Feita e bem experimentada a barragem, correram a avisar os moradores e a se munir de carabinas para liquidarem a fera.

A notícia espalhou-se pelas cercanias. O povo se reuniu para ouvir de Inação a história do fato, cheia agora de peripécias e valentias.

Preparavam-se, já, os atiradores que deviam rumar para o Capão do Porco, a fim de abater o felino, quando um fazendeiro lançou uma idéia.

E todos concordaram.

Imediatamente foram despachados dois próprios: um para os Mamedes, atrás de cachaça; outro para as Cabeceiras, atrás de André Cearense, o tocador de harmônica e animador das festas.

O resto do dia foi destinado aos preparativos.

Digitalizado com CamScanner

E todos contribuíram com alguma coisa. Um dava a "matrutage", outro cedia seus panelões para cozinhá-la, outro ainda cuidava de arranjar a tralha nos cargueiros. Nem faltaram violas, caixas e zabumbas.

A maior festa, certamente.

As môças e os rapazes vestiram suas melhores roupas e todos partiram para a gruta.

Chegaram, à bôca da noite. Acenderam enormes fogueiras e armaram redes. As mulheres não paravam, tôdas empenhadas em dar maior brilho à festa, entregando-se umas à limpeza do local, outras, ao preparo das comedorias, ou à distribuição de bebidas.

O contentamento era geral.

E o batuque começou a ganhar terreno.

A onça, sem ter saída alguma e fustigada pelo infernal barulho, miava terrìvelmente.

Inação do Barrêro contava garganta às môças:

— A disgrama dessa gata tanto téim de grande cuma de marvada. E qui seu num fôsse macho ela tinha era me cumido...

Tiros estalavam e o batuque endurecia.

A onça miava sempre e, de quando em quando, chegava ferozmente à porta da caverna e abria a bôca de enormes dentes.

Os mais afoitos atiravam-lhe pinga na cara.

Alta madrugada, notaram que a onça havia sossegado. Acenderam archotes embebidos em cachaça, ligados a compridas varas e passaram a vasculhar, mesmo de fora, os diversos compartimentos da gruta.

Nem sinal de onça.

— Tiria ela saído? — indagavam uns.

— Saí pur onde? Só se a diacha virô arcanfô, apois a lapa só téim ũa passage! — diziam outros.

Digitalizado com CamScanner

Quase manhã, os homens mais animados muniram-se de suas armas e penetraram na gruta.

E o que viram?

A onça, louca para se ver livre daquele inferno, notara uma fresta na abóbada da caverna. Contra ela saltando, desvairadamente, espremeu-se na brecha que deixava passar a claridade e lá estava morta, com o crânio esmigalhado.

Izido foi o primeiro a anunciar o caso, gritando aos festeiros:

— A onça suicidô!

II

Certa vez o carpinteiro Vicente Cajú, morador em Canabrava, município de Januária, recebeu uma carta de Clemente do Remansão, a quem devia pequena importância. Apesar de ser analfabeto de pai e mãe, adivinhou êle o seu conteúdo e tratou de responder a ela, imediatamente. Circunspecto, tomou de lápis e papel e traçou um emaranhado de linhas sinuosas e uma reta cheia. Dobrou o papel e o guardou na sobrecarta que lhe havia sido endereçada, passando-a, de volta, ao portador. Mas Clemente ficou danado ao abrir a carta, julgando-a um desafôro. Rápido despachou nôvo próprio atrás de Vicente, que atendeu com presteza:

— Tô aí, patrão!

— Mandei lhe chamá prá me dizê qui significa essas garatuja! exclama o credor, mostrando-lhe o papel.

— Uái, sô Quelemente!... É a resposta de sá carta! assevera com austeridade.

— Resposta como, seu velhaco! Clemente retruca irado.

— Apois é, inhorsim! explica-lhe Vicente. Aquelas vorta qué dizê quiô tô dano muitas vorta pá arranjá o dinhêro quiô devo ancê. E aquêle risco certo é siná de qui conde iô arranjá o dinhêro iô vô certim ni sá casa.

Digitalizado com CamScanner

III

Manel Pilão, lavrador residente na beira do Rio Pardo, certo dia achou um carreiro de anta. Satisfeito, entendeu de armar-lhe um laço no galho de uma árvore próxima. Depois, julgou-se por bem sentar-se no mesmo galho e amarrar a ponta do laço na sua própria cintura, com o intuito de assistir ao grande sucesso.

Assim fêz.

Mas num abrir e fechar de olhos, prêsa por uma das patas, a anta embrenhou-se no meio dos mororós arrastando o lavrador, aqui chamando, debalde, por todos os santos de sua devoção. E quando percebeu que a anta se avizinhava de um pantanal, gritou angustiadamente:

— Me vale, meu Bom Jesúis da Lapa!

E deu-se o milagre.

A corda arrebentou-se, quando Manel Pilão já sentia os pés se afundarem na orla do tremedal. E precisamente nesse ponto aparece o sal da história. Manel, com as carnes cheias de espinhos e a pele cruzada de arranhões, exclama aliviado:

— Hum! A gritá, grita pur home dũa vêis! Iô chamei pur essa mulecada tôda e ninhum me valeu. Foi só chamá pur Som Bom Jesúis e êle vei in riba da letra! Isso sim, é qui é um home!

IV

Conta-se que um pescador, muito pobre e carregado de filhos, desceu o barranco do rio, a fim de apanhar uma matrinxã para o pirão dos meninos. No entanto, horas e horas ficou na praia a jogar o anzol sem nada conseguir.

Sol virando, trêmulo de fome, lembrou-se de Santo Antônio. E ergueu os braços, suplicando:

— Meu Santantone, me dá um peixe prá miôs fiím cumê, apois êles num dá quebraro o jijum!

Digitalizado com CamScanner

E atirou a linha. Antes de esta alargar-se na correnteza, já um dourado saltava no fiapo do rio, prêso no anzol. Com esfôrço, o pescador ia arrastando o enorme peixe para fora dágua, quando a ambição o levou a desculpar-se:

— Miô Santantone, o qui vóis vai me dá é ôto, pruque conde iô vos pidi já tava cum a isca no anzole prá atiçá ngua...

Mas interrompeu sua evasiva, porque o dourado escapuliu da armadilha.

E agora tristonho, de cócoras olhando a água, diz em tom de censura:

— Hum! Santantone é tão fino, cá gente num pode néim caçuá cum êle!...

V

Certa vez o fazendeiro Izido Galego, residente na Tabua, perto de Januária, vendeu uma novilha por 300 mil réis. Como não conhecesse dinheiro, guardou as cédulas no fundo da arca. E dias mais tarde, passando pelo Cantinho, chegou à porta de dona Luíza, a quem indagou:

— Ô sá Luíza, iô vindi ũa nuvia pur trezentos mim réis e quiria cancê me falasse se o dinhêro tá certo. Ôia! Ẽ duas pelêga e ũa delas téim um batim sem choupa * cum dois rodêro adiente; a ôta téim um cão de spingarda cum dois rodêro taméim.

— Está certo, Izido! respondeu-lhe dona Luíza. São duas notas, uma de 100, outra de 200.

---

* Ver essas palavras no final do livro.

Digitalizado com CamScanner

NÊGA MARIA

A mensagem de Isabel ou brado de liberdade estendeu-se depressa às senzalas e mocambos do Brasil, por entre o encanto negro dos zabumbas na marcação do batuque e do lundu.

E das furnas, dos penhascos, ou das brenhas espirravam quilombolas, atraídos pelo mágico instrumento.

Nessa ocasião, Nêga Maria completava sessenta anos de idade. Estaria mesmo fôrra, desobrigada da escravidão por uma ou outra lei. Ã explosão da alegria ela nada manifestou, nem mesmo teve a curiosidade de aproximar-se de um terreiro para espiar os sapateados. A razão era bem outra, porém. Ela continuaria escrava, sempre cativa de seus senhores pela generosidade e afeição.

Fôra comprada, já mocinha, pelos pais de Neco Dourado, pessoas de bons sentimentos, qualidades que transmitiram ao filho, a quem incumbiram de zelar por Nêga Maria, assim que fechassem êles os olhos.

Com o avançar da idade, os encargos da mãe prêta iam sendo aliviados. Estava agora muito velha, ainda mais amável. A maior parte do dia passava na Igreja do Rosário, a velha ermida que Januária não soube preservar. Horas esquecidas lá estava a prêta "zeladeira" arrumando os castiçais, substituindo flôres e toalhas.

De uma noite para o dia, no entanto, Nêga Maria inimizou-se com a igreja amada. Esqueceu-se, inexplicàvelmente, da Nossa Senhora do Rosário, do São Benedito, de todo aquêle sacráriozinho de venturas e lembranças.

Digitalizado com CamScanner

Diziam que isso era caduquice de Nêga Maria. Foi a única justificativa que imaginaram para tamanha ingratidão.

Andava ainda. Evitou a casa de Deus, não a dos pecadores. E saía puxando de uma perna a suplicar esmolas, ou a ver pessoas de sua estima. Quando lhe perguntavam o motivo de seu afastamento da ermidinha, com leve trejeito, respondia "Pru nada!...", duas palavras vestidas de mistério.

Passaram anos.

E a prêta insistia em não acudir à voz do sino amigo.

Agora estava mais do que velha, achava-se velhinha, cinzenta e encarquilhada ao pêso de cento e dezoito anos.

Um fiapo de gente.

Nem por isso deixava de ser amável, de atender às súplicas dos afilhados, que lhe chamavam dindinha, porque levara à pia seu primeiro neto, filho do sinhôzinho. E Nêga Maria contava-lhes histórias do tempo em que se amarrava cachorro com linguiça, histórias de aventuras, histórias bonitas de príncipes e de fadas.

E o tempo foi passando.

Nem andar mais podia e caiu para morrer. Aconselharam-na a que se confessasse.

Nada!

O mistério permanecia no âmago daquele coração.

Era agora mais do que velhinha, menos do que fiapo. A vida era-lhe um como quê de fagulha na intimidade de um carvãozinho.

Mas não morria. E por quê?

Quem iria adivinhar?!

Dias e dias passava sem falar e sem comer, apenas respirando num canto da cama. Uma tarde, porém, com geral

Digitalizado com CamScanner

espanto, mexeu os lábios e balbuciou um pedido: "Me joga... na cis... terna pêu morrê!". Falou e fêz um gesto indicando a perna.

Correu Neco a passar a mão na parte apontada por sua velha mãe prêta, notando, surprêso, um ponto intumescido, uma coisa dura e do tamanho de um carôço de saputá.

Horas depois o médico rasgava-lhe a carne e extraía a coisa, um pedacinho do altar da Senhora do Rosário, um fragmento de pedra da ara que Nêga Maria havia metido na coxa para livrar-se não sei de quê.

E instantes depois morria.

Digitalizado com CamScanner

Segunda Parte

Vida Econômica

Digitalizado com CamScanner

AS TINGUIJADAS

As grandes enchentes do Rio de São Francisco dão lugar a interessante fenômeno, quando o seu nível ultrapassa o do seu afluente Pandeiros. Com efeito, as águas do grande rio vão de encontro às do tributário, provocando um estrépido medonho, numa luta soberba.

Vence o mais forte.

E o Pandeiros passando a correr p'rá riba, como dizem os barranqueiros, vai represando também seus afluentes e cobrindo lavouras, pântanos e alagadiços até as proximidades de sua famosa cachoeira, numa extensão que vai de cinqüenta a sessenta quilômetros.

Cessada a causa, pela ausência de chuvas nas cabeceiras, volta o Pandeiros a correr normalmente; todavia, algo fica prêso nas ipueiras, lagoas e sangradouros.

São os cardumes de peixe.

É a lei da compensação, o presente de Deus aos sofridos camponeses daquele vale.

E a sêca continua a crescer as vasantes, descobrindo ilhas e baixadas, ou enxugando vargens e brejais. Nos meses de julho e agôsto, a paisagem torna-se amarela e triste.

Os camponeses, no entanto, mostram-se alegres e se aprestam para receber o presente que Deus lhes enviou.

O dia é marcado, ninguém sabe como, nem por quem. O fato, contudo, é que todos se arranjam, cada qual cuidando de um mister, imperativo da prática de longos anos, numa espécie de obediência à tradição.

Três dias antes o êxodo começa.

Correm à tinguijada.

Digitalizado com CamScanner

As estradas desertas enchem-se, então, de cargueiros, de homens, mulheres e crianças, convergindo todos para um só ponto, ignorando-se também quem a êles o determinara. Levam suas roupas, algumas esteiras de buriti, bem como a tralha de cozinha, a rapadura, o café, a farinha de mandioca, a cachaça e, segundo as posses, uma, duas, ou mais sacas de sal, que se destina aos vários processos de conservação do peixe.

Chegados ao local, improvisam ranchos, armam toldas de ramos, ou, simplesmente, acomodam-se ao pé de frondosas ingazeiras.

E dão comêço ao trabalho. Fragmentam-no em tarefas. A tinguijada exige a contribuição de várias pessoas, sendo emprêsa um tanto arriscada, mas divertida. Nada mais, nada menos que uma pescaria em grande escala, deitando-se nas lagoas ou nos rios apreciável quantidade de raspas de tingui, depois de passar por ligeira fase de espumação. O tingui, como o timbó, é planta que se desenvolve nas chapadas, constituindo uma das riquezas daquela região norte-mineira. Ambas encerram substâncias tóxicas, que em mistura com a água ocasionam o envenenamento dos peixes, sem contudo oferecerem perigo aos seus consumidores.

A tinguijada faz-nos lembrar de mutirão, que é, segundo nos ocorre, trabalho conjunto em benefício de uma pessoa ou família. Entretanto, nessa pescaria, o esfôrço coletivo é distribuído individualmente, pois, uma vez envenenados, os peixes são colhidos à vontade por qualquer comparte.

É quadro de selvática beleza.

Centenas e centenas de pessoas entram n'água e começam por impedir a saída dos peixes, cercando para isto os sangradouros com ramos, troncos de árvores e grandes novelos de tiririca ou cebola aquática. Prontas as barragens, dão início ao envenenamento da secção escolhida, lançando n'água blocos

Digitalizado com CamScanner

de espuma de tingui batido no fundo das canoas. Uma hora depois, se muito, o tóxico começa a produzir efeito, atacando inicialmente as piabas, curimatás e matrinxãs, depois os dourados, piranhas e piaus, mais tarde os surubins e traíras.

Os homens se munem de arcos e flechas e passam a fisgar os peixes, ou, na falta daqueles instrumentos, utilizam-se de chuços e facões, ou os apanham a mão.

Enchem canoas e cargueiros de peixe salgado e partem de volta com suas provisões garantidas para tôda a primavera.

Digitalizado com CamScanner

A DESMANCHA

Qualquer morador do sertão norte-mineiro, seja pobre ou rico, môço ou velho, cultiva um mandiocal ou pão de cada dia. Destinada ao provimento na ocasião das águas, sempre haverá no quarto da despensa do sertanejo boa reserva de farinha sêca, que é depositada em surrões e grandes arcas de madeira, ou dentro de muitas e enormes cabaças.

O pescador e o vaqueiro conservam no fundo do quintal uma gleba de mandioca mansa para o consumo diário. A mulher incumbe-se de "relar" todos os dias as raízes necessárias ao beiju para o café e à farinha para o pirão. Nesse mister utiliza-se de uma fôlha de Flandres crivada e prêsa a uma tábua, ou ralo de grandes proporções.

Só depois de maio o lavrador desmancha, porque ainda nesse mês, encharcadas e fôfas, as raízes perdem muito em qualidade e produção. Desmanchar é fazer farinha dias seguidos, atividade complexa e variada, que reclama a participação dos homens, mulheres e adolescentes de tôda a redondeza.

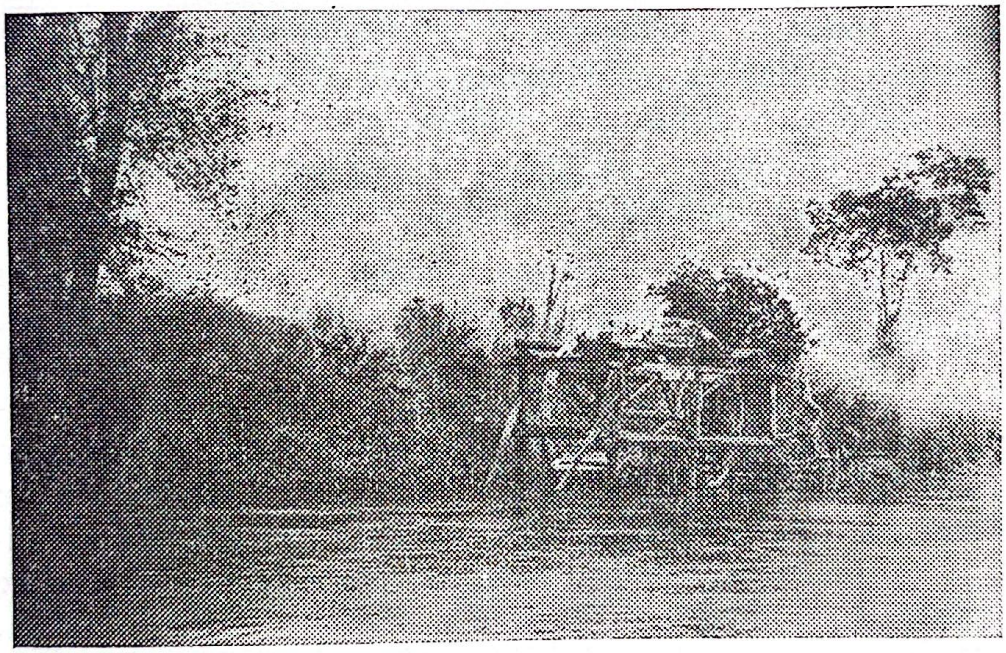
Pela manhã, dois ou três homens dirigem-se à roça e começam por arrancar os pés de mandioca, enquanto um rapazinho vai separando as raízes e manaíbas. Estas são amontoadas à sombra, para forragem e reprodução, e aquelas, transportadas em cargueiros ou carros de bois à oficina.

As mulheres e meninas postam-se no chão, ao redor do monte de raízes, para o serviço de raspação, tôdas munidas de facas e trinchetes. Há entre elas divisão de trabalho, umas descascando apenas a metade de cada raiz, outras tirando os capotes e depositando as mandiocas, agora branquinhas, numa

Digitalizado com CamScanner

cama de ramos, ou sôbre esteiras de buriti. A execução dessa tarefa preliminar dá direito às raspadeiras de extrair tapioca, a meias, da massa que fôr sendo ralada, bem como de aproveitar as sarandalhas, que são depositadas numa cacimba e, uma semana após, retiradas e esprimidas em pequenas bolas ou pubas, de grande valor culinário.

À noite, depois das sete, chega a vez de ralar a mandioca raspada durante o dia, ou, no dizer do sertanejo, a vez de dar de comer p'rás sevadeiras. O movimento cresce e, alegremente, homens e mulheres se misturam no vaivém das lidas.



A roda de elevação d'água na região norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco.

O ralo ou bolinete, que gira em tôrno de mancais, compreende um pau roliço, bem aparelhado e repartido em duas secções por um sulco mediano, no qual trabalha um relho de couro de meleta, que vem de uma roda-mestra, disposta entre moirões, a cinco ou seis metros de distância. Tanto a secção da esquerda, como a da direita possuem serras de aço,

Digitalizado com CamScanner

plantadas na madeira ao longo de tôda a superfície. Faz parte de um conjunto, o sevador, que ainda possui um caixote para receber mandioca e uma armação protetora ou tampa do bolinete destinada a evitar que a mão da sevadeira (mulher que rala ou seva) seja colhida pelo ralo, bem como a guiar a massa a um cocho sobpôsto.

Há rodas movidas por quedas d'água, por tração animal, ou puxadas a mão. As primeiras são complicadas, de fabricação onerosa, porém mais eficientes. As de mão, simples e econômicas, existem em maior número, espalhadas por tôda a região do médio São Francisco. Compreendem uma roda-mestra que gira em tôrno do veio ou eixo de aço terminado em manivelas, feita pela juntura de quatro pinas, ligadas ao centro por quatro raios, tudo de madeira. Seu diâmetro nunca ultrapassa a um metro e vinte centímetros. Posta em movimento, aciona o bolinete através do relho.

Os puxadores são homens do lugar, geralmente rapazes que para as rodas se dirigem atrás da cachacinha, ou para ver namoradas e trazer de volta o beiju de pedra. O serviço é cansativo e perigoso, exigindo do participante grande experiência e excepcional vigor físico. É, sem dúvida, boa exibição às môças casadeiras. Os quatro mais animados assumem os postos, distribuídos à esquerda e à direita da roda, conservando-se face a face os parceiros de um mesmo lado. Despem-se do casaco, ou da camisa, tomam a primeira cuia da branca, aplicam sêbo às mãos e acionam o veio. O bolinete gira ruidosamente e as sevadeiras alimentam os ralos, enquanto um menino vai conduzindo no balaio as raízes de mandioca.

E os puxadores enfurecem-se com o pêso da roda e passam a jogar mourões.* Em breve nasce-lhes o suor e corre em bicas pelo fio do lombo. É tempo de nova dose da imburana, desta vez para limpar a goela ressequida, pois vão cantar:

---

* Ver, à pág. 220, *Jogar mourão*.

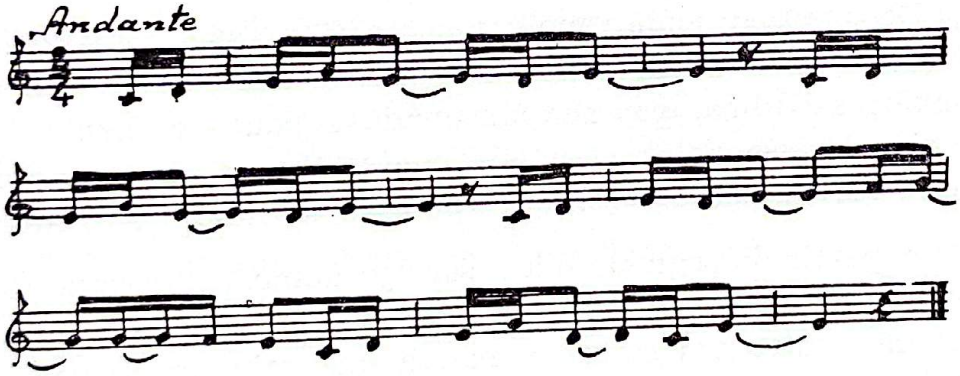
Digitalizado com CamScanner

Iô quiria sê mandioca,
Jacutinga verdadêra,
Para andá de mão in mão,
Ai! rodero,
Nos braço da sevadêra!

Seva, seva, sevadêra,
Seva lá cuma quisé,
Aqui téim braço de home,
Falô rudinha,
Num é braço de muié!

O peito é forte e a vinte-e-seis é boa, por isso a voz caminha grandes distâncias sôbre o véu da noite.

A toada é sempre a mesma, não varia nunca:



Cantando, os homens dão conta de um carro de mandioca, que é o bastante para fazer movimentar tôda a casa da farinha durante um dia.

À medida que os ralos devoram as raízes, as mulheres que se associaram ao grupo das raspadeiras enchem de massa seus gamelões para arrecadar a tapioca, cuja precipitação é feita grosseiramente. Libertam, a mão, os princípios amiláceos e escorrem, depois de uma noite de repouso, a água de mandioca. Para enxugar a tapioca, cobrem-na com uma toalha, onde despejam cinza. Horas depois tiram o "mata-borrão" e raspam com uma colher a superfície do produto, que é cortado em

Digitalizado com CamScanner

pequenos blocos. Com um lençol bem limpo forram um estaleiro, nêle espalhando a tapioca para secar ao sol. E agora pode ser consumida em bolos, pêtas e beijus, ou levada aos mercados.

A massa espremida durante a tiração da tapioca vai sendo transportada à prensa pelo encarregado dessa tarefa, que a dispõe em camadas sucessivas, de cinco a dez centímetros cada uma, separadas com palmas de côco-de-vaqueiro, ou ramos de pinha selvagem. Repleto o caixilho, o prensador dá-lhe os primeiros acochos, aparando em gamelas a água de mandioca, da qual aproveita para si a porção de tapioca que a massa desprender ainda. Toma nessa ocasião as cautelas necessárias a que o gado não beba dessa água, pois ela encerra uma substância amargosa e tóxica, a manipueira.

De prensas conhecemos três modelos: as de sarilho, as de parafuso e as de pêso. As duas primeiras são de uso comum; a última, por ser antiquada e pouco eficiente, está em vias de desaparecer. Desta, encontra-se uma ou outra amostra, assim mesmo em casas de pessoas de mínimos recursos.

A partir do segundo dia o serviço aumenta, porque chega a vez da torração. Cedinho, um menino põe fogo nas fornalhas, enquanto outro vai sessar a massa que saiu da prensa. As crueiras também vão ser aproveitadas. Secam-nas ao sol e ao fôrno; depois, levadas para o quarto da despensa, serão consumidas em forma de mingaus pelas crianças e enfraquecidos.

As fornalhas são duas e contíguas. Correspondem aos dois fornos, o de cozinhar e o de secar, feitos de pedra. Ou são tachos de ferro, raramente usados em vista de se aquecerem e de se esfriarem com muita rapidez. E essas oscilações de temperaturas prejudicam a torração da farinha. As pedras que se destinam aos fornos têm aspecto de meia-lua e são adquiridas no mercado. Os lavradores pobres contentam-se com duas pedras para levantarem um fôrno completo, enquanto os mais abastados gastam quatro nas duas secções.

Digitalizado com CamScanner

As torradeiras são duas também, já se vê: a cozinhadeira e a secadeira. Ambas se utilizam de rodos, ou instrumentos de madeira que lembram enxadas encabadas. Interessante notar que a cozinhadeira empurra a massa à secadeira, quando o "capitão" feito por aquela desmanchar-se, ao ser atirado no próprio fôrno. Capitão é o bôlo de massa, ou de comida, obtido na mão pela compressão dos dedos. O serviço exige, pois, grande experiência.

Cada torradeira recebe em pagamento um prato* de farinha por quarta que fôr torrada, realizando-se a partilha no último dia da farinhada.

Da mandioca nada se perde naqueles centros. Até a raspa é aproveitada, uma vez que a lançam aos bois de carro, ou às galinhas e marrecas. Da tapioca fazem tudo, desde a broa, que é assada no borralho pelos meninos, ao delicioso fofão, ao beiju-cortado, ao finíssimo beiju-de-lenço, ao pé-de-onça, à farinha de tapioca e de beiju, às pêtas e engomados, ao beiju de fôrno, ao beiju de pedra, à farinha de bôrra, ao pé-de-fôrno, ao beiju de massa, ao beiju com côco e rapadura ou beiju-casado.

Vê-se, pois, que desmanchar é comer bem e divertir-se muito.

---

* Os barranqueiros conservam medidas em desuso, algumas das quais não correspondem ao valor que lhes atribuíu o sistema métrico, outras neste nem se enquadram. O alqueire é o mesmo que dois sacos ou quatro quartas. Cada uma destas tem vinte pratos, quarenta litros ou oitenta copos. Entre as fiandeiras a unidade-pêso é a libra ou meio quilo. Por isso uma quarta de linha pesa 125 gramas e não 250, como era de se esperar que fôsse. Comporta o garrafão dezesseis litros, e quatro garrafas e meia pega o corote.

Digitalizado com CamScanner

O CAMPEIO

1. Mecanismo do serviço
2. Bicheiras e suas causas
3. Diferentes processos de curar o gado.

Na região norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco, cria-se o gado sôlto nos campos, o que dificulta o trato, exigindo muita gente ou muito esfôrço para mantê-lo sadio e domesticado.

Toma conta da criação o próprio dono, que é auxiliado por membros da família, ou por vaqueiros da redondeza, contratados para cuidar das reses em troca de sortes por ocasião das vaquejadas, de glebas para a lavoura e de certa porção do leite.

Quando uma vaca apanha barriga, satisfeito o vaqueiro acompanha a evolução do fenômeno, passando a freqüentar seus pastos. E quando amoja visita-a mais a miúdo, aumentando o número de passeios, à medida que ela se aproxima de dar cria.

Vendo rastro de vaca parida, o vaqueiro segue-o até encontrar o bezerro. E para facilitar o rastreio, anda prevenido de artifício, com o que ateia fogo aos campos na época das sêcas. Isto oferece outra vantagem, no entender do sertanejo, que é a de abreviar a germinação de novas pastagens no tempo das chuvas.

Achar a cria na primeira semana de nascida é sempre a preocupação do bom vaqueiro, pois, nessa fase a môsca-varejeira põe seus ovos na cesura umbilical do bezerro. Horas após, dos ovos saem larvas que se desenvolvem, tornam-se bichos. E aumentam êstes a ferida, cujo tratamento deve ser feito nos primeiros dias.

Digitalizado com CamScanner

O gado é conservador. Habituado que seja a um bebedouro, ou a um logradouro, dêle só se ausenta enxotado ou corrido de inundação, sêca, incêndio, ou de outra calamidade. Possui também instintiva noção de horário, descendo pela manhã para beber, e regressando depois do meio dia, ao logradouro, para pastar e dormir, circunstância esta auxiliar do vaqueiro, que conhece o seu gado e aprendeu-lhe tôdas as manhas. Prefere o campeador trabalhar de tarde, porque é mais fácil tratar a rês no logradouro do que à beira d'água, geralmente acidentada, quando não embrejada. A vaca parida de nôvo não conduz, nunca, o filho ao bebedouro, pois deixa-o escondido entre ramos de uma moita. Por essas razões o vaqueiro só arreia sua montada para tratar bezerros ao cair do sol. Ao contrário do campeio destinado a junta de gado durante as vaquejadas, ou a trocas e mudanças, para êste serviço escolhem cavalos mansos, lerdos mesmo, uma vez que o tratamento é feito, quase sempre, debaixo da montada, cautela esta que se torna indispensável, se fôr a vaca arremetedora.

Quando, todavia, o vaqueiro esbarra com uma vaca parida, sem estar acompanhada do filho, toca-a para o curral, fechando-a neste. Ã tardinha, ata-lhe um gongôlo no pescoço, liberta-a e acompanha-a de longe, guiado pelo tinir do chocalho, porque ela vai certo ao filho. Não arreda o bezerro do lugar onde ficara escondido, morrendo de fome se a êle não se chegar a mãe. Berra esta surdamente quando se avizinha do esconderijo, respondendo aquêle e correndo ao seu encontro para mamar. Se, contudo, o vaqueiro não dispõe de um gongôlo por já haver distribuído todos, neste caso, seguindo a vaca, de quando em quando leva a mão à bôca e procura arremedar a voz do bezerro, com o intuito de forçá-la a estugar o passo, atrás do filho.

O vaqueiro conduz o medicamento necessário a curar as bicheiras, que, além das de umbigo, podem ser advindas de mordeduras de cães e outros animais, ou sobrevindas de picadas de morcegos, cobras e motucas. E ainda de arranhões de

Digitalizado com CamScanner

macambiras e de estrepadas diversas. Há vaqueiros que preferem a creolina, enquanto outros, o mercúrio, especialmente o "Ribeiro da Costa", que sinonimiza, já, o medicamento. No primeiro caso leva o vidro de creolina pendurado na garupeira, junto com o laço, bem como o izope para pincelar a ferida. No segundo, carrega o mercúrio dentro do picuá, que é uma caixinha de madeira, de dez a doze centímetros de comprimento, protegida por um cordão encerado em tôrno dela. Sua parte interna é cilíndrica, ôca, feita com trado ou com goiva. Há quem prefira picuás de taboca, de cabacinha, de semente de jequitibá, às vêzes um vidro de bôca larga. Seja qual fôr o caso, o vaqueiro leva no bôlso do gibão um canivete bem amolado, estrume sêco de cavalo, o qual serve de bucha para segurar qualquer dos remédios. Não havendo o estrume, usa a raspa de tingui, de grão-de-galo ou de murici.

Encontrado o bezerro, o vaqueiro laça-o por meio de uma vara, mesmo sem apear. Depois, com os cuidados necessários a não provocar caruara, puxa-o, de frente, para baixo da montada, onde faz o curativo. A vara serve ainda para amedrontar a vaca que tentar arremeter ao vaqueiro. Nessa ocasião, o cavalo ou está sôlto, ou, se não inspirar confiança, está prêso pelo cabresto, cuja ponta é amarrada à do laço. Pode ser dispensado êste quando o bezerro fôr novinho, de um a dois dias, período em que chega a confundir a mãe com o cavalo.

Até seis dias de idade o bezerro é portador da chamada bicheira verde, mais trabalhosa, porque exige mais de um tratamento. A partir do sexto dia, no entanto, o bezerro está com sua bicheira no ponto, porque já comeu a pedra do umbigo, sinal de que tem bichos adultos. E, neste caso, faz-se o curativo uma só vez.

O bezerro também pode apanhar bicheiras nas orelhas e nas cruzes, originadas de dentadas de cães. Por êste motivo evita-se o auxílio dêles, que são empregados com proveito em

Digitalizado com CamScanner

outros serviços do gênero, exceção feita, ainda, quanto aos marruás, que, acossados por cachorros se tornam perigosos. Acresce mais que a vaca parida, se acuada, não mostra o filho, escondendo-o em alguma moita. Está sujeita a cria, mais, de tanto lamber outras bicheiras, a apanhá-las na bôca, entre os dentes. E em qualquer parte do corpo a cura é relativamente fácil, o que não acontece com as de bôca, porque os remédios atacam as mucosas. Curam-nas, pois, removendo os bichos com uma talinha de madeira chamada desbichador, intervenção muito demorada e que exige perícia do vaqueiro. Antes do mais, tem êste de apertar as cavernas onde os bichos se alojarem para evitar que, tocados com o desbichador, mergulhem por elas a dentro, o que impede ou dificulta a remoção. E, se não curado, o bezerro morre com certeza, porque não pode mamar.

O tratamento da bicheira faz-se cortando o umbigo com o canivete e depois queimando-o com creolina ou mercúrio. Se a bicheira já tiver bichos adultos, o vaqueiro aperta-a com a mão para provocar a expulsão de todos êles de uma só vez, e também da carne podre. Caso fique algum remanescente, retira-o com a ponta dos dedos ou recorre ao desbichador. Isto feito, toma o estrume, esfarela-o bem e, embebido em creolina, aperta-o na caverna, fazendo pressão com os dedos para que a massa penetre. Se o curativo fôr feito à base de mercúrio, neste caso êle deita cuspo no estrume, depois pulveriza o medicamento e procede como no primeiro caso.

E quando o tampão cair, a bicheira está curada, pois isto não falha, nunca.

Tratado o bezerro, tosa-se-lhe o sedém, complemento da tarefa e sinal de trato.

Há tardes em que apenas um vaqueiro cura cinco a seis bezerros, até mais. Ocasiões há, no entanto, que bate campo vários dias atrás de um só e o não encontra.

São os espinhos do ofício.

Digitalizado com CamScanner

Neste caso, vale-se da reza e benze o animal até pelo rumo. Ao mesmo processo de cura também recorre, se dá com uma vaca parida e não tem medicamento algum porque era outro o seu destino. Verdade é que não abandona a cria e benze-a à vista, por isso que todo vaqueiro, que quiser ser tido como tal, deve saber benzer. E aprendeu a reza de uma mulher, que por sua vez a aprendera de um homem, condição esta indispensável para que a benzedura tenha eficácia.

Só benzem pelo rumo quando têm certeza de que tal vaca deu cria, ou de que tal criação está de bicheira, pois do contrário seca-se a parte onde julgaram existir a ferida e a criação definha e morre. São muito fortes as rezas, tão fortes que, se se encontrar o animal, no momento em que o rezador benzer, debaixo de um pé-de-pau, as fôlhas dêste murcham e caem e a árvore apodrece. Também a bicheira curada por meio de reza não pode mais receber medicamentos, porque pesteia a criação que a possuía.

Para benzer um animal, à vista ou pelo rumo, primeiro o vaqueiro joga o chapéu para trás, deixando-o pendurado pelo barbicacho. Em seguida, faz "Nome-do-padre" e toma três fôlhas ou três ramos verdes, com os quais de nôvo se benze. Depois, com um ramo ou fôlha de cada vez, começa a reza, que é três vêzes repetida:

Sinhora Sant'Ana, mãe de Maria Santisma,
E Maria Santisma, mãe de Nossinhô Jesúis Cristo!
Assim como estas palavra é dita e certa,
Bicho cai, bichêra seca!

No correr da reza, com as fôlhas ou com os ramos gesticula cruzes sôbre a bicheira, ou no rumo da criação. Em seguida, reza um padre-nosso com uma ave-maria para Nossa Senhora do Destêrro desterrar os bichos da bicheira e salvar a criação. Depois, junta os ramos ou fôlhas verdes, aqui murchos pela influência do mal, e com êles benze-se de nôvo e atira-os para trás, finalmente.

SAUL MARTINS

Digitalizado com CamScanner

O trato de poldros, muares e jumentos difere um pouco. Mesmo novos, não se deixam êstes apanhar no mato, circunstância que obriga o vaqueiro a tocá-los para o curral juntamente com as mães, que nunca se separam dêles, como acontece com as vacas. Tosam a cauda do poldro para engrossar-lhe a anca, o mesmo fazendo com a crina para engrossar-lhe o pescoço. E êste tratamento é repetido de seis em seis meses, preferentemente na passagem do quarto crescente para a lua cheia.

Os vaqueiros são muito camaradas: tratam o animal encontrado com bicheira, mesmo que não lhes pertença.

Digitalizado com CamScanner

AS VAQUEJADAS

Nas primeiras semanas do inverno, quando o frio começa a baixar sôbre os vales do São Francisco e Pandeiros, a vida nas fazendas, que era enfadonha e mansa, torna-se divertida e agitada.

É o mutirão durante as vaquejadas.

Intensifica-se a produção de queijos e requeijões de fôrma, abatem-se algumas reses, fazem-se pêtas e beijus, e abastece-se de cachaça o par de garrafões.

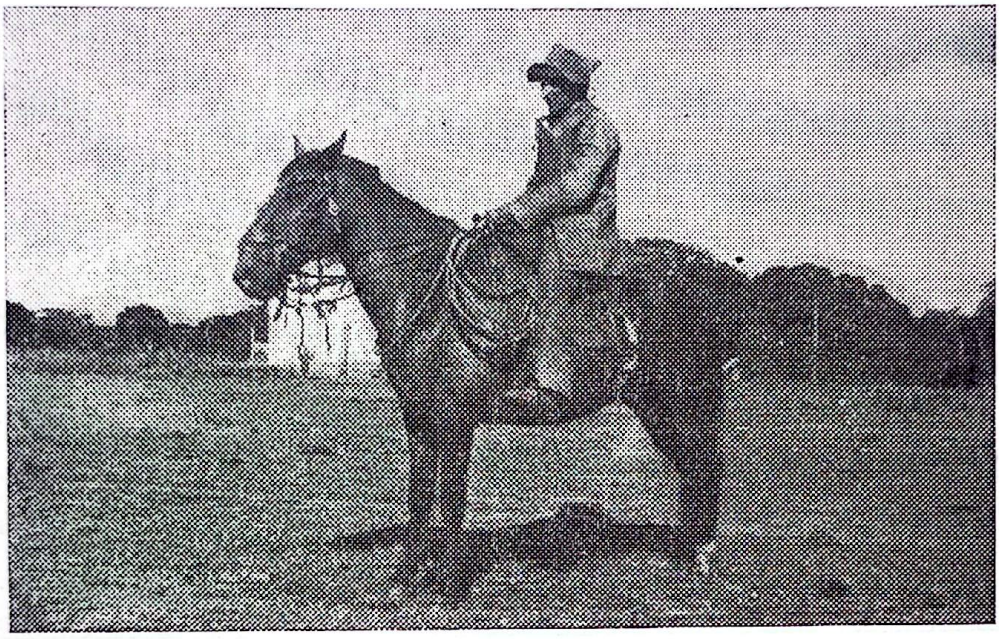
É serviço para muitos dias.

Desde cedo, vão-se reunindo no terreiro, ou à frente dos currais, os vaqueiros da redondeza, montados em sonolentos cavalos e envergando pesadas roupas de couro, a partir do chapéu com barbicachos. Usam gibão ou casaco; peitoral ou contra-peito, que lembra a frente de um colête; perneiras ou calças sem braguilha e sem cós; e luvas se houver glebas de calumbis pelas cercanias. Trazem a aguilhada na mão e o laço na garupeira.

Também as mulheres se associam às lidas e desempenham várias tarefas. Pela manhã distribuem entre os presentes o "café-de-leite" e, mais tarde, o feijão passado na gordura com farinha de mandioca e torresmos, e temperado com sal, pimenta, cebolas sempre-verdes e coentro. Êsse decomer é servido a todos os homens em uma só gamela e, não raras vêzes, o número de colheres é inferior ao de bôcas. Contudo, aproveitam-nas de parceria, ingerindo todo o quitute, na mais estreita camaradagem.

A vaquejada tem por fim estimar a produção, marcar as crias, tratar o gado, acostumar as reses com o curral de seu

Digitalizado com CamScanner



O vaqueiro da região norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco.

dono, apartar os novilhos para acelerar a progenitura, castrar os marruás de raça condenável, e pagar sortes aos vaqueiros.

O gado é arrebanhado de tarde pelos campeadores que se espalham no mato, ora seguindo os carreiros ou trilhos abertos pela criação, ora buscando as malhadas e lambedouros ou cavernas que se vão formando no chão pela insistência das reses em lamber a terra, procurando o sal que lá depositaram em outros tempos.

Conta-se o gado à entrada das porteiras.

A marcação constitui emprêsa um tanto complexa, exigindo muita habilidade de quem vai efetuá-la. Os bezerros são assinalados na perna esquerda com o carimbo, que guarda as mesmas características das marcas da fazenda, apenas com dimensões reduzidas por causa da idade do animal e também porque o sinal deixado pelo ferro quente acompanha o crescimento da rês. Essa prática, que não deixa de ser cruel, tem em mira evitar o sumiço de novilhos, quando aos oito meses de nascidos, pouco mais ou menos, costumam largar as mães.

Digitalizado com CamScanner

Também as mulheres se associam às lidas...

Os bezerros carimbados na vaquejada passada, tornados crias, vão receber agora o "ferro", a "era" e o "sinal", compreendendo êstes a segunda fase da marcação.

O "ferro" (ou carimbo de linhas maiores) é aplicado, quente, na anca direita. Na mesma ocasião é infligido na perna do mesmo lado outro ferro, a "era", que é o algarismo da classe das unidades do ano em que se faz a vaquejada. Isto força o fazendeiro, já se vê, a possuir dez ferros, de zero a nove.

Finalizando a marcação vem o "sinal", que são cortes feitos na orelha do animal, de acôrdo com escolha do fazendeiro, ou hábitos que lhe passaram os avós. Os "sinais" recebem nomes especiais, como gancho, canzil, coice-de-porta e servem para identificar criações de inúmeras pessoas, sem qualquer confusão, em vista das combinações que se observam entre sinais e entre orelhas.* O ferro pròpriamente dito pode desaparecer com o tempo, por várias causas; eis por que recorrem a esta última garantia, não menos desumana que as demais.

---

* Ver, à pág. 57, *A Marcação de Orelhas*.

Digitalizado com CamScanner

A preferência que se dá ao inverno para as vaquejadas reside exatamente no fato de se obter, nessa quadra, melhores resultados no trato do gado. Dão-lhe sal em mistura com palma (figueira-do-inferno) ralada sem os espinhos, limão, cinza e enxôfre. Outras vêzes substituem a cácteas por casco de cágado, torrado. São remédios eficientíssimos contra a magrinha ou peste bovina. Completam o tratamento das reses o expurgo de parasitos, a cura de bicheiras e a tosa do sedém, que é vendido nos mercados a bom preço, ou empregado na manufatura de cabrestos e coxins de sela. Êsse trato complementar serve também para identificar a rês que foi cuidada, pois êle é sempre o arremate no mecanismo diário das vaquejadas.

Atrair a criação ao côcho do pátio da casa é também um dos objeteivos a que visam os fazendeiros, porque naqueles centros cria-se o gado sôlto, em estreita convivência com antas e jaguares. Pelo não cumprimento dêsse cuidado é que temos exemplos de bois selvagens nas matas do Rio de São Francisco.

... e não raras vêzes o número de colheres é inferior ao de bôcas...

Digitalizado com CamScanner

Há bezerros que se tornam crias, ganham pontas de cornos e permanecem atrás das mães a sugar-lhe as têtas, circunstância que, se não afastada, vai diminuir a capacidade produtiva das vacas. Eis a razão por que os criadores aprisionam durante uma ou duas semanas êsses filhos carinhosos.

A castração, como já foi dito, tem por fim selecionar os reprodutores, ou formar bois para tração de engenhos, rodas, carros e carretões.

Finalmente, realiza-se o pagamento das sortes ou crias a que o vaqueiro fêz jus como zelador do gado durante o ano. Cabe-lhe, segundo o costume, uma cabeça por quatro vingadas. Nesse cômputo não entram os fôlegos-mortos ou bezerros, que integrarão, contudo, a fila de sortes na vaquejada seguinte.

Faz-se a paga por "laços" ou grupos de quatro crias, reunidas segundo a raça. Do primeiro laço, o de melhor qualidade, tira-se uma cria para o vaqueiro. Continua-se a operação até os últimos bezerros, que são os defeituosos, os náfegos os conxerras, aleijões êstes causados por caruara ou inchação das juntas.

À noite, para esquecer os trabalhos do dia, costumam dançar o batuque e o lundu, em volta do fogo aceso no terreiro.

Digitalizado com CamScanner

A MARCAÇÃO DE ORELHAS

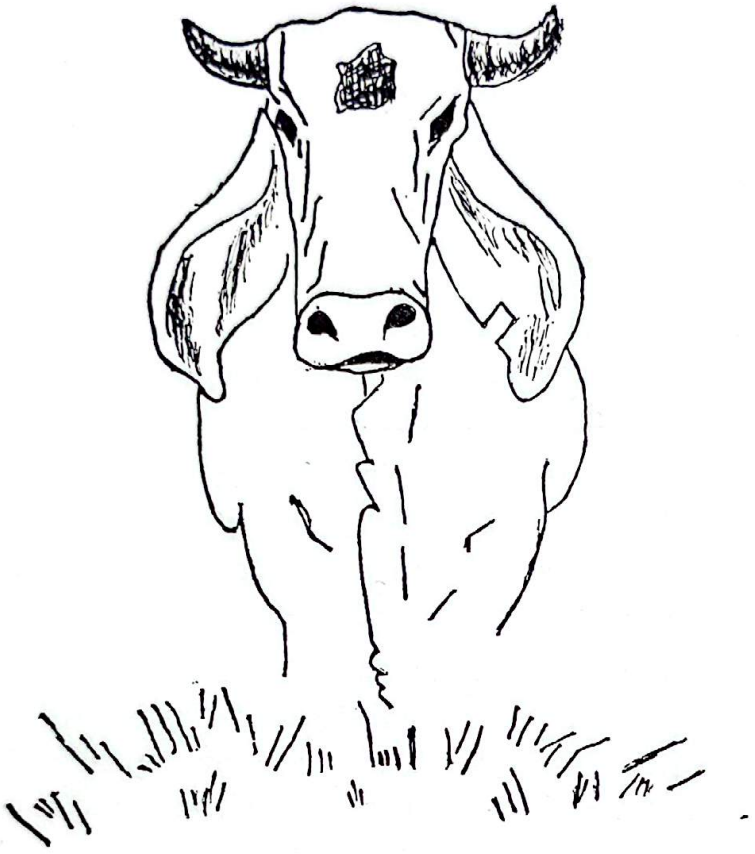
De três maneiras assinalam a criação os fazendeiros dos vales do Urucuia, Pandeiros e Carinhanha, na região norte-mineira do Rio de São Francisco.

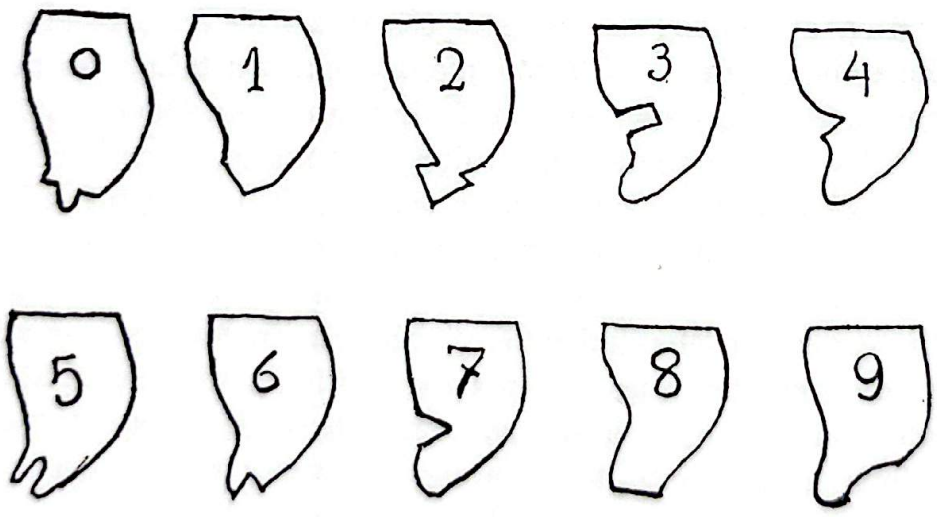
Carimbam, e ferram, e incisam os gados com as marcas da fazenda, infligindo-lhes ferros quentes ao couro, ou cortes profundos às carnes, segundo a idade da rês, as condições atuais do vaqueiro, as preferências do criador.

Tangenciamos já o assunto ao estudar as vaquejadas, mas pouco nos detivemos na classificação dos sinais de orelhas, exatamente pela razão de ela merecer um capítulo à parte, não tanto por fartura de elementos descritivos, mais por revelar luminosa face da sabedoria popular.

De tal jeito familiariza-se com o sistema, que, à distância, identifica o homem do sertão a rês dêsse ou daquele pasto e conhece-lhe a era. Vale dizer que os sinais ou talhos feitos em ambas as duas orelhas da criação indicam-lhe a idade e o dono. Na orelha direita registram a divisa, ou marca de propriedade, exclusiva de cada fazendeiro, e oriunda de inteligente combinação de cortes básicos, como os chamados bodoque, coice-de-porta, brinco, bôca-de-lagarta, e alguns mais. Os sinais da orelha esquerda, chamados "era", são a aritmética do vaqueiro, pois compreendem êles dez marcas distintas representando os algarismos. Dão-lhes ainda os nomes dos objetos que sugerem os talhos, como ponta-de-lança ao 1, palmatória ao 2, dente-de-porteira ao 3, canzil ao 4, orelha-rasgada ao 5, forquilha ao 6, mossa ao 7, troncho ao 8, levada-pru-riba ao 9, bico-de-candeeiro à cifra.

Digitalizado com CamScanner





Os sinais da orelha esquerda são a aritmética do vaqueiro...

Digitalizado com CamScanner

Lá um ou outro fazendeiro escolhe para divisa um "sinalera", rasgando a orelha direita do animal com um dos dez sinais que valem números. Também é de grande significação para o vaqueiro, no tocante à marca de propriedade, a posição dos talhos na orelha. Isto esclarece que um corte idêntico pode assinalar o gado de dois ou mais fazendeiros, residindo a diferença apenas na localização dêle, ou na ponta ou no pé da orelha, ou na sua beirada interna ou externa.

E não a confundem, nunca.

É a escritura do povo.

Digitalizado com CamScanner

AS BARCAS DE FRETE

Nenhuma admiração causa aos barranqueiros a chegada ao pôrto de uma balsa de madeiras, de uma canoa de peixes, ou de um ajoujo carregado. Tantas vêzes assistiram ao espetáculo, familiarizaram-se com os belos quadros fluviais, tanto, que nem levantam mais os olhos para a silhueta imponente de uma barca que se aproxima da praia estalando o mastro às chicotadas do vento, ou rangendo o bojo à fôrça bruta dos homens que pisam as coxias entoando alegres:

Ô bêra d'água,
Tô na carrêra do rio,
Remano n'água barrenta,
Deitado im corchão macio.

Jinuára,
Lugá de môça bunita,
Conde o barquêro chegá
O café tá coádo na xícra.

Ô bêra d'água...

As barcas navegam sempre carregadas, pois o lema do barqueiro é subir vendendo e descer comprando, por isso não se preocupa com a distância a percorrer, nem com o tempo de viagem. Também, dentro dela guarda tudo o que é seu, haveres e família. O tôldo é sua casa. A barca, sua terra e escola dos filhos. Abre os panos do mastro para descansar os remeiros, se sulca as águas de cabeça a riba e favorece o vento. Se navega de cabeça a baixo, tanto melhor, porque desce de voga, ou mesmo sôlta de tôa. Neste e em outros casos aproveitam a folga para se divertirem, ou pescarem "de terrena".

Digitalizado com CamScanner

Entre os barrancos, deslisa manso o rio, carregando troncos e garranchos, às vêzes caixas ensebadas portadoras de votos, ou de níqueis de cruzado a São Bom Jesus da Lapa, naturalmente atiradas n'água por algum favorecido do Santo.

Corvos e carcarás também navegam, mas o fazem sôbre o bucho da carniça.

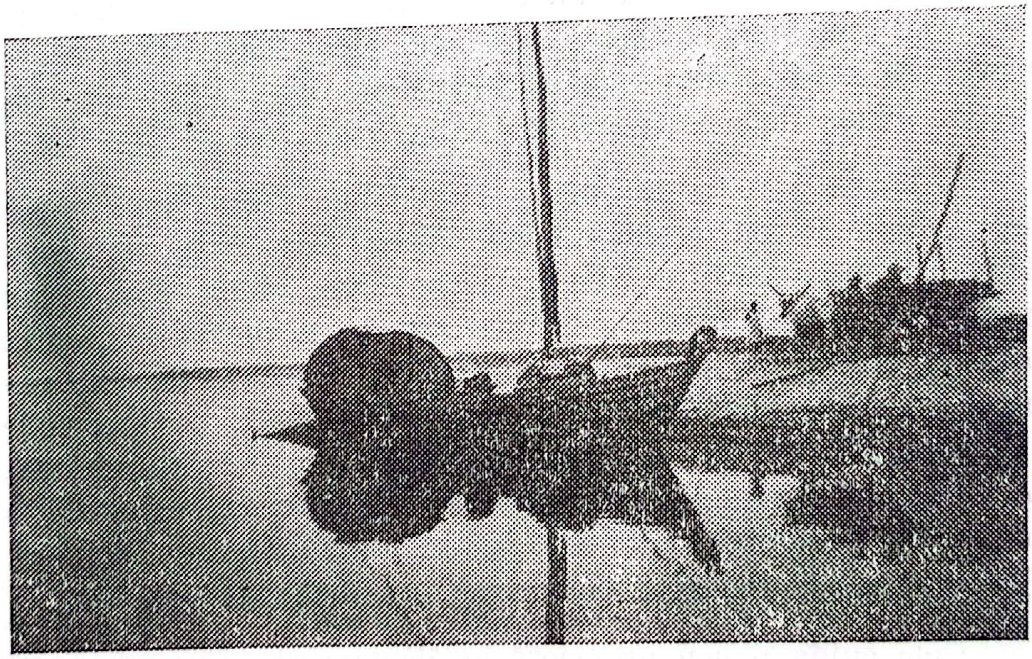
É o morto carregando vivo de que nos fala o enígma popular.

Indiferentes à paisagem que se desenrola fora, na barca jogam dados a valer cigarros:

— Cinco salamão, você perde esta mão!

Nem sempre a magia surte o efeito desejado e o parceiro que tiver mais sorte acaba por "limpar" o amigo.

A alimentação usual dos barqueiros é o feijão ferrado, peixe e carne cozidos ou assados no moquém. Preferem a jacuba de farinha de mandioca, ou de polpa de jatobá, ao café.



A barca "esperança" no pôrto de Januária.

Digitalizado com CamScanner

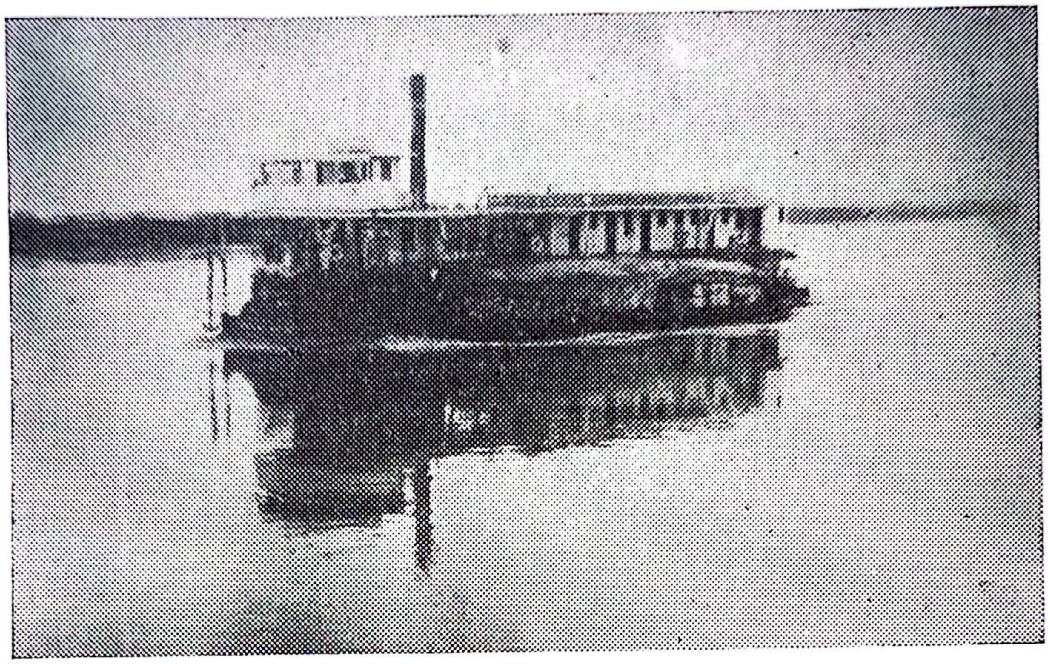
A cachaça é indispensável, seja qual fôr a estação do ano. Bebem para se refrescarem se a calma os importuna. E bebem durante o frio para se acalorarem.

Os barqueiros são homens de excepcional vigor físico, acostumados à luta contra a natureza. Estão sujeitos a tarefas as mais pesadas, em meio a intempéries medonhas. Quando sobem o rio e o vento é bandola têm de recorrer às varas. E o manejo destas já constitui dura empreitada a homens comuns, pois medem elas cêrca de oito metros de comprimento. Não é só isto, porém. Inclinam o corpo sôbre o plano do assoalho e calcam o peito no tôpo da vara, cuja extremidade oposta, de ferro, espeta o leito fundo. Em seguida, caminham pesadamente sôbre a coxia fazendo mover a barca em sentido contrário ao em que andam. Já tem acontecido partir-se a vara sob o muque do gigante que, dado o caso, pode encontrar morte horrível, espetado na lasca. De tanto esfôrço, a cabeça da vara macera as carnes do remeiro, no ponto de apôio. Êste, todavia, não desanima, nunca. Aplica sêbo quente sôbre os músculos machucados e continua a empurrar a barca. Vai daí possuírem no peito uma mancha negra, que bem identifica a profissão e serve, até, como atestado de eficiência por ocasião de contratos em emprêsas do mesmo gênero.

A barca é feita durante o período da sêca em estaleiro próximo do rio, ou mesmo à beira d'água. Empregam-se tábuas de cedro, cujas junturas vão mais tarde calafetadas com fibras de embiraçu encharcadas em uma solução de resina de angico, breu e outros ingredientes. Pintam-na depois e dão-lhe um nome, como Jandaia, Urucuia, Iracema. Sua estrutura pode ser resumida em casco, assoalho, tôldo e mastro. À frente, no alto da proa, domina estranha e enorme cabeça, de aparência hostil, ou estrambótica figura de animal lavrada em madeira. Serve para identificar a embarcação e dá-lhe majestade.

Dela cuida o seu proprietário diàriamente, conservando-a sempre limpa e pintada.

Digitalizado com CamScanner



O "Djalma Dutra" subindo o rio. (Foto: Saul Martins)

O emprêgo dessas carrancas visaria apenas à ornamentação da proa?

Talvez, não.

Cada barca tem sua cara particular, escolhida pelo dono ou herdada de seus antepassados.

É o totem,* com certeza.

O filho do barqueiro adota o "fétiche" que lhe deixara o finado, por estima e por temor. E quem comprar uma barca não substitui, nunca, a figura da proa com mêdo de azar.

São tabus.

Acreditam que a carranca tem uma fôrça mágica que defende a embarcação contra os malefícios e atrai a felicidade.

É a presença de Mana.

---

* Cabe aqui um reparo: não desconhecemos que as galeras fenícias, cêrca de 1000 anos antes de Cristo, já ostentavam figuras de proa semelhantes às das barcas do São Francisco. Mas não registra a História, pelo que nos foi dado ver, o fato de os mestres da navegação antiga darem às suas carrancas um poder estranho e prodigioso.

Digitalizado com CamScanner

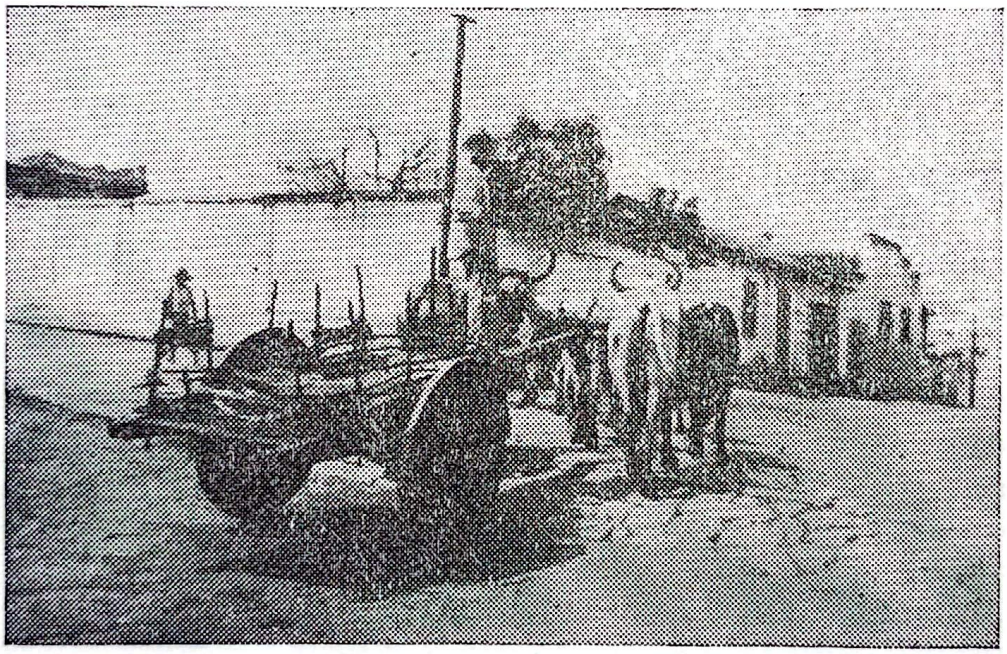
Os barqueiros do Rio de São Francisco são católicos, bem verdade, mas o fato não se contrapõe à teoria durkheimniana. O totemismo, forma primitiva de religião, espalhada entre quase todos os povos autóctones do mundo, notadamente entre os da América do Norte, aqui no Brasil encontrou adeptos. E a colonização portuguêsa, de base cristã, não impediu a sobrevivência do "fetichismo" indígena, que se aliou mais tarde às não menos grosseiras práticas africanas. Êle ainda se manifesta com o nome de espantalho, na ponta de uma vara, à entrada das fazendas. Ou esculpido na coronha da espingarda, no pau da bengala, na tampa do polvarinho.

Assim, com o sociólogo francês, explico o emprêgo das carrancas que os barranqueiros encimam a proa das barcas.

Digitalizado com CamScanner

OS CARROS DE BOIS

Os moradores do sertão norte-mineiro, da altura dos vales do Itaguari, Carinhanha e Urucuia aos barrancos do Rio de São Francisco não têm noção de automóveis, nem de caminhões, nem de carroças.*



O carro de bois na cidade de Brasília (de Minas).

Imaginam de modo estranho ou esquisito o feitio dos trens de ferro, exatamente porque nunca os viram.

De rodas conhecem dois veículos: o carretão de puxar madeiras na catinga e o carro de bois.

---

* Sim, na época dêsse registro, há 21 anos atrás.

Digitalizado com CamScanner

O primeiro dêles é de emprêgo raro. Às vêzes apodrece debaixo de um pé de pau, sem que seja de nôvo utilizado.

O segundo, todavia, não pára nunca. Está sempre rodando nas fazendas, ou ao longo de estradas sem fim.

Em tôrno dêle criaram-se lendas e histórias admiráveis. Conforme uma dessas, certa ocasião dois homens, que carreavam lenha para os vapôres, entraram em discussão. Ambos se achavam trolados, circunstância que acendeu o ânimo dos contendores. Em dado momento, um dêles saca de sua garrucha e dá ao gatilho, indo a carga atingir o chifre de um boi esbrabejado que se encontrava no carro.

Não obstante os gritos de ôa!... ôa!... ôa!... os bois deram de beirada a baixo, em louca disparada.

Mergulhou-se tudo no rio.

E até hoje, de quando em quando, ouve-se a cantiga debaixo de suas águas.

Apesar de primitivo, não há negar, êsse veículo exige muita habilidade e aptidão da parte de seu fabricante. O trabalho é árduo e demorado.

Na feitura dos meões, têrças e cambotas gastam-se dias e dias de serviço, em razão do comprimento das mechas e dureza da madeira. As têrças são dispensadas, quando os jatobás, ou as braúnas, únicas que se prestam às rodas, tiverem diâmetros colossais, porque proporcionam maiores segmentos.

Os carros ferrados, ou com toldas de palhas de buriti, que aparecem naqueles centros, são procedentes de zonas de estradas pedregosas, além do Rio Carinhanha, ou da Serra das Araras.

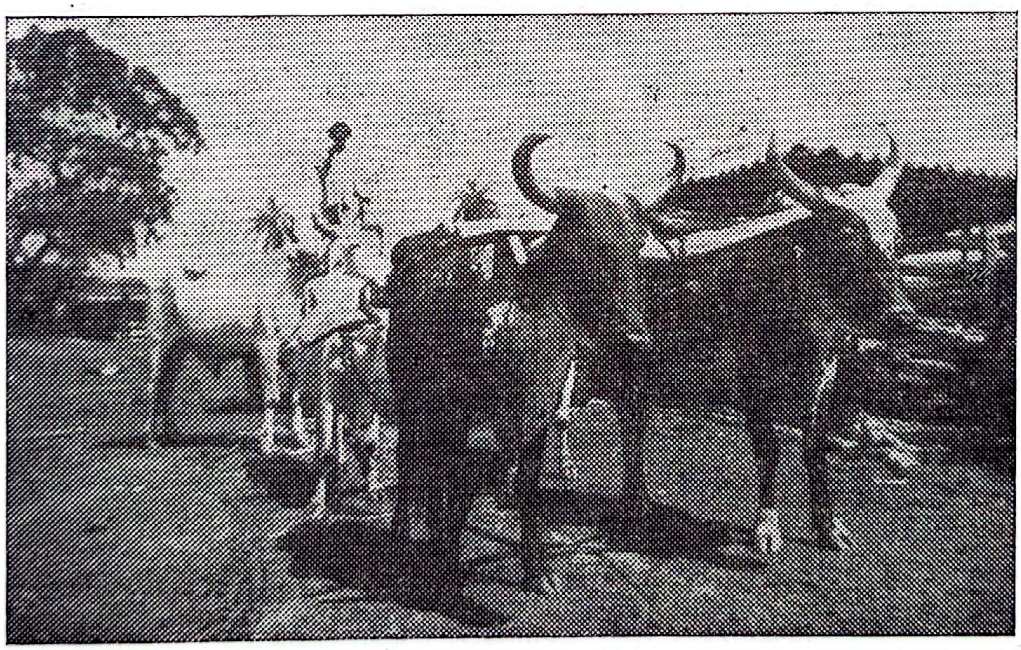
O eixo é de sucupira prêta, sucupira branca, ou pau d'arco carreiro. A primeira dessas madeiras desenvolve-se à beira das matas e das três é a preferida, porque "adura" mais e "queima" pouco. A segunda, menos resistente, é usada apenas em regiões pobres das duas outras. A terceira, que é o nosso ipê branco, tem aquêle qualificativo, porque dela se faz quase tudo no carro: chedas, cabeçalha, cocões, chavelhas, arreias,

Digitalizado com CamScanner

cangas e tiradeiras. Como eixo, tem a desvantagem de queimar-se mais fàcilmente e, por essa razão, torna-se maior o consumo do lubrificante ou mistura de sêbo de vaca com azeite de mamona, carregada em um chifre que vai pendurado na ponta de uma cheda, na traseira do carro. Fazem a lubrificação por meio do izope ou pincel de algodão ou de tiras de pano, também conduzido no chifre. Do outro lado, na cheda vizinha, está a cabaça de pescoço, ou a borracha, que é um saco de couro, em cuja bôca adapta-se um anel de bambu, onde se arrolha a tampa; essas vasilhas se destinam, já se vê, à condução de água potável.

As cantadeiras merecem atenção especial dos fabricantes, uma vez que delas depende a cantiga. E esta é a alma do carreiro e a doce namorada dos bois. São elas feitas de imburana vermelha, de salgueiro, ou de cabeça de negro, a mais preferida porque canta pigarrreando.

Os fueiros, bem assim a vara-de-ferrão, são de pindaíba, que se desenvolve à beira dos buritizais, ao longo das veredas.



Os bois de carro prestam grandes serviços à lavoura.

Digitalizado com CamScanner

Do outro lado do São Francisco, no Gerais de São Felipe, usa-se na ponta da vara, ao invés de ferrão, uma roseta móvel em tôrno de pequeno eixo. A propósito, nota-se sensível diferença nos costumes entre os moradores de uma e de outra margem do grande rio. Mais que uma barreira geográfica — separa hábitos de vida e técnicas diversas.

Nos pontos certos de pouso os bois são desencangados e soltos, dois a dois, ligados por chifradeiras, ou por ajoujos, quando renitentes.

Os nomes dos bois mais comuns são: mimoso, cambraio, pilôto, estrêla, lavareda, rosado; não raro os carreiros se excedem ao batizar seus pupilos de alferes, capitão, general, ou, pior ainda, jesuíta, franciscano.

A profissão de carreiro é penosíssima. Começa-se de menino, como guieiro, pois sòmente à fôrça de experiências, forma-se um profissional de confiança. Quando viaja, o carreiro está sujeito a imprevistos que equivalem a duras provas de inteligência, de técnica e de vigor físico. Um eixo partido no meio da chapada, ou da catinga, não traz grandes embaraços na viagem. Se isto, porém, acontecer nos gerais, nas campinas imensas, onde a madeira se escasseia, o caso muda de feição. E nem precisa de tanto. A ruptura de um canzil basta para trazer uma série de problemas.

Quando em uma viagem são muitos os acidentes, o carreiro logo desconfia da existência de coisa feita. Aí está outro lado ingrato da profissão. O carreiro não pode ignorar os meios de desfazer os malefícios, sob pena de ficar na estrada. Não raras vêzes, pois, carros de bois são retidos por meio de mágicos processos. Um dêles, muito interessante, é feito do seguinte modo: desenha-se com ponta de faca um cinco salomão sôbre o rastro de um dos bois da cabeçalha, cobrindo-o em seguida com o pó tirado do rastro de um dos da guia. Também se amarra um carro quando, de modo idêntico, se põe em lugar do sinal uma cruz de fôlhas verdes. Para se desmanchar a mandinga, procede-se de vários modos, fazendo-se, por exemplo,

Digitalizado com CamScanner

a reversão da junta de bois da guia com a da cabeçalha, depois do que se desenrola o tamboeiro para arranjá-lo às avessas. À partida, toma-se a vara de ferrão pela ponta e, assim invertida, com ela ferroam-se os bois do meio, falando-lhes os nomes.

O bom carreiro identifica todos os carros pela sua toada e também determina qual a madeira da cantadeira e do eixo; sabe, da mesma forma, se o carro é nôvo, se está queimando, se tem os rodeiros frouxos, ou se conduz cachaça; distingue, de longe, carros estranhos ao lugar, carros leves e pesados.

E são afirmações seguras.

É a prática do serviço, a convivência no meio da quietude que lhe oferece a natureza virgem.

Digitalizado com CamScanner

AS TROPAS DE BURROS

O Rio de São Francisco foi a grande estrada por onde os homens do litoral brasileiro se conduziram para o interior, antes atraídos pelo verdor das minas. Depois, à caça de índios para a escravidão, uns, ou, como refugiados, outros. Mais tarde, para lavrar a terra e estender fazendas de gado. Conhecemos, já, o outrora lendário tesouro de Robério Dias,* que arrastou bandeirantes paulistas a duras caminhadas, também os currais de pedra de São Bento e Mamedes, nas cercanias de Januária; ainda as reminiscências dos quilombolas no município de Manga e os esteios da herdade de Manoel Nunes Viana, nos arrabaldes de Jacaré. A princípio, êsses desbravadores formavam classes diferentes, a dos vaqueiros e pequenos agricultores, e a dos negociantes. Adiante, misturaram-se, em um mesmo tipo de homem, o catrumano-barranqueiro, que se tornou de uma só vez em criador de gado, roceiro e traficante. Transportava para os grandes núcleos o produto da roça e criação, dali regressando com o sal e o querosene, com ferramentas, drogas e tecidos.

E, nesse comércio, o colono valia-se da tropa de burros, empregada hoje, como há trezentos anos, porque àqueles centros não chegaram ainda as máquinas de ferro.

Os moradores do sul do Município preferem o carro de bois e só utilizam o burro para montadas, ou cargueiros. O fenômeno deve estar prêso a causas diversas e bem merece um estudo pormenorizado. As grandes tropas vêm, pois, do norte, procedentes de Peruaçu, Inhumas, Poções e alhures, carregadas de algodão, farinha de mandioca, ou toucinho.

---

* Ver, à pág. 17, *A Serra do Capão do Porco*.

Digitalizado com CamScanner

A tropa proòpriamente dita possui vinte e um muares, ou dois lotes e a madrinha. No entanto, designam com o mesmo nome o conjunto de seis ou mais cargueiros devidamente equipados.

Um dos animais do grupo é nomeado cargueiro-cozinha, exatamente por conduzir os meios indispensáveis à mantença do pessoal.

A nomenclatura dos petrechos de carga pouco varia da empregada em outros pontos do Brasil. Nas cangalhas, notam-se dois alções, duas travessas, uma capa de couro, a cilha, o arrôcho, a retranca e o peitoral. Êste último leva pendurado um cincerro de metal amarelo, ou de bronze. O cabresto compõe-se de cabeçada, testeira com argola ou espêlho, barbicachos, antolhos e bucal, que impede o animal de comer em viagem. As bruacas são de couro cru, em forma de caixas. Ou são jacás de cipó ou de bambu, ou amarrados de toucinhos envolvidos em esteiras de palha de buriti. Em qualquer dos casos, vão elas penduradas nos alções da cangalha, uma de cada lado, pelo par de alças. Ainda há baixeiros, agulhas de arrôcho, couros de boi para a cobertura das cargas, e embornais de ração. No cargueiro-cozinha, além de mantimentos, carregam trempes, grelhas e ganchos de ferro, cabaças, panelas, cuias, peneiras, e outros vasilhames, alguns dos quais feitos no pouso, como as colheres de pau, gamelas e pilões lixados com fôlhas de sambaíba.*

Os tropeiros jamais partem às segundas-feiras, para empreender grandes viagens e negócios, por mera superstição. Em razão disso, preparam a tropa no domingo e levantam cargas, à tardinha, para uma jornada inicial de uma a duas léguas.

---

* Para o barranqueiro, tem a sambaíba um valor semelhante ao da carnaubeira para o nordestino. Êle recomenda a cocção de suas raízes para clistéres e lavagens no tratamento de males intestinais; receita o cozimento da casca na cura da hidropisia; da entrecasca extrai a fibra para amarrilhos diversos; da madeira faz cascos de sela e torneia pilões; indica-lhe o vinho ou seiva para combater doenças do estômago; finalmente, aproveita as fôlhas verdes como lixa para alisar colheres de pau, gamelas e outros muitos objetos de arte popular; e aproveita as fôlhas sêcas no chá, para dor de barriga.

Digitalizado com CamScanner

Põem-se a caminho, sob a direção do arrieiro, que é o tropeiro mais experimentado e, dentre todos, o que maior confiança desfruta do patrão ou dono da tropa. Êste, via de regra, segue a cavalo, com um ou dois dias de atraso. Mas alcança os camaradas e ganha-lhes dianteira rumando para a cidade.

Quando os burros estão frouxos, o arrieiro lança uma agulha na carga retardada. Sob o impulso inicial, vai ela progredindo, batendo de carga em carga, até à primeira que é a da madrinha. Constitui o jôgo uma autêntica prova de habilidade e domínio na profissão. Visando ao mesmo fim, costumam os tropeiros dar uma talada com a pirata ou taca de fibra vegetal, ao mesmo tempo em que falam, muito apressadamente:

Rrrrruma mula,
tabaco de rapadura,
perna de saracura,
neta da dona Jula,
tá bêba, mula!

Em pleno sertão, ao compasso dos cincerros, os tocadores cantam décimas e outros versos, alguns dêles relembrando amores, como os que se seguem:

Morena, pu caridade,*
Num ama tropeiro, não!
Todo tropeiro é treteiro,
Todo cigano é ladrão,
Tropeiro compra fiado,
Deixa a conta pu patrão,
Morena, pu caridade,
Num ama tropeiro, não!

A madrinha, sempre uma bêsta, aprendeu a guiar a tropa e não aceita que animal algum passe à sua frente, por isso que recebe uma carga maneira. Pendurados no peitoral, ela conduz doze cincerros. Sua testeira é adornada de espelhos e ao longo

* Registramos a música em "As Diversões", publicada à pág. 303 do Nº CLXII, Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, 1959.

Digitalizado com CamScanner

de tôda a cabeçada há bombas de metal amarelo. No pé da crina, entre as orelhas, carrega uma boneca de pano, ou cocar de penas de arara, fetiche ou tótem escolhido pelo dono, ou conservado por tradição de família.

Durante a estação das chuvas os tropeiros usam capas de sêda de buriti ou caroças, que lembram saiotes havaianos.

Nos pousos de meio de estrada os tropeiros agasalham-se debaixo das árvores, à beira d'água, ao pé de choças já existentes e por êles conservadas. Enquanto um dos homens acende o fogo para fazer a comida, outro vai pear os animais nas cercanias. Cozinham o picado de arroz, o feijão ferrado e assam a carne sôbre a grelha, ou na ponta de um espêto. Depois, coam o café, ou, na falta de coador, deitam algumas brasas dentro da esculateira, ao entrar a água em ebulição, para descer o pó. E nisto se resume a alimentação habitual do tropeiro.

Nas cidades, procuram êles o mercado municipal, ou as rancharias construídas por donos de lojas, em paga da preferência nos negócios. Alugam pastos para os muares, exceção da madrinha, que come de graça, segundo velha praxe da terra. Findos dois ou três dias, regressam à localidade de origem, agora carregando os produtos adquiridos para as necessidades rurais.

Digitalizado com CamScanner

AS CAÇADAS

I. Classificação
II. Histórias.

I

As caçadas do centro norte-mineiro do Vale do Rio de São Francisco, como as pescarias, sôbre serem prazível e salutar recreação, constituem larga fonte de economia para o barranqueiro. E mais! São aulas de experiências no trato da natureza rude e o amparo de belas tradições.

Lá se conhecem várias espécies de caçadas, que bem podem ser classificadas em três ordens: de espera, de curso e com cachorros. Nessa divisão não se acham incluídas as armadilhas, por merecerem estas um estudo à parte, dada a fartura e complexidade do assunto.

A) CAÇADAS DE ESPERA — Compreendem tôdas aquelas em que o caçador, ocupando determinado sítio, conserva-se, parado, à espera da caça. Alinham-se, aqui, as de rêde, de galho ou esperada, de ceveiro, de choça e de carreiro.

1. De rêde: O caçador, tendo em vista abater antas e, principalmente, veados, mune-se da carabina, ou da fogo central, se fazendeiro rico; ou, se agregado ou fazendeiro pobre, da pica-pau, lazarina ou ligeira. Toma a capanga de munição, a rêde de embira ou de pano, conforme as posses, o cobertor, a lata de frito, a cabaça d'água e a cumbuca, que se destina a receber detritos alimentares, pontas de cigarros e de palhas, e até a recolher matérias excrementícias, evitando que, de outra forma, a caça tome o vento, isto é, pressinta o homem e fuja. Assim preparado, à tardinha, o caçador dirige-se, a pé

Digitalizado com CamScanner

ou a cavalo, para o mato, onde escolhe sua espera, que é um pé de pau cuja flor, ou cujo fruto, sirva de alimento à caça, como o pequizeiro, a caraíba, o pau d'arco, no segundo caso; a canjarana, a quineira, o imbu d'anta, no primeiro.

Quando o caçador estiver montado, primeiro tem de amarrar ou pear seu animal e pendurar os arreios, longe da espera, contra o vento, se pretender caçar veados. Êstes têm o faro apurado e descobrem pelas emanações dos arreios a presença do cavaleiro.

Escolhido o pé de pau, o caçador nêle trepa, ainda com duas ou três braças de sol, arma a rêde e agasalha suas coisas, pois dali só descerá no dia seguinte, lá para as nove, a fim de almoçar e tratar as caças abatidas.

Apesar de arisco, o veado não foge do estampido da arma, nem do companheiro morto. Pelo contrário, o macho não se arreda dos pés da fêmea colhida por um tiro. E o caçador aproveita-se dessa amizade para abater o casal.

Na região que se estende entre os tributários Pardo e Pandeiros, costumam armar esperas às antas, na beira dos vazantões, onde se desenvolve um ou outro pé de jatobá, que serve de isca. Êsses paquidermes são menos desconfiados, mas só aparecem a desoras, no coração das trevas, ao contrário dos veados, que pastam durante o pôr do sol ou o romper da manhã, salvo por ocasião de noites enluaradas.

2. De galho ou esperada: Nesse tipo de caçada, o barranqueiro deixa a rêde e a matalotagem, exatamente porque nunca passa a noite tôda fora de casa, em cujas cercanias, por isso mesmo, escolhe a espera, para onde ruma à tarde ou de madrugadinha, ali se acomodando, simplesmente, sôbre um galho da árvore.

3. De ceveiro: É a caçada que se destina, principalmente, a apanhar pacas, ou jaburus, por ocasião das tinguijadas. Em ambos os casos, primeiro faz-se um limpo, onde se atiram, por

Digitalizado com CamScanner

alguns dias, raízes de mandioca ou de batata, ou espigas de milho. Depois de afreguezar os animais, que lá vão comer, o caçador sobe a uma árvore próxima e vai abatendo, uma a uma, tôdas as caças que aparecerem.

4. De choça: Esta caçada visa às emas, principalmente. É uma evolução da anterior. Assim é que, além do limpo, se constrói uma choça de ramos, de modo a parecer um acidente natural, desta vez pondo ossadas e cacos de vidro em lugar dos outros alimentos. Mesmo tímidas como são, em breve as emas se acostumam com o sítio, e passam a freqüentar o ceveiro. E, duas ou três semanas depois, o caçador ocupa a "chocha" e atinge o seu fim.

5. De carreiro: Quando um caçador descobre um trilho ou passagem certa de queixadas, trepa a uma árvore do barranco e espera passar a manada, abatendo o maior número possível dentre os mais atrasados, para não correr o risco de perder a caçada. Se atirar nos da frente, os próprios queixadas que vierem em seguida estraçalharão os companheiros mortos. As mais das vêzes, porém, essa caçada se verifica em encontros casuais, porque os barranqueiros temem os queixadas. Primeiro, por serem muito perseguidos por onças e jaguares; depois, por acreditarem no curupira, que é um negrão dono das matas e protetor dos animais selvagens, e que anda sempre escanchado no pêlo de um dos queixadas da malta.

B) CAÇADAS DE CURSO — Aqui aparecem as caçadas sem rumo certo, caçadas ligeiras e mal feitas, arranjadas à pressa ou "na bistunta", muitas vêzes subordinadas ao tempo. O barranqueiro toma sua espingarda para uma caçada de curso, quando sente necessidade de se divertir, ou por estar cansado de um trabalho exaustivo, ou por zangas familiares, ou, simplesmente, para matar o tempo. Contudo, costuma ser feita com algum preparo, depois de uma chuva fina, o que vem facilitar o rastreio e reduzir, por natural diminuição dos ventos, a possibilidade de os veados pressentirem o homem. A caçada

Digitalizado com CamScanner

de curso raramente visa a apanhar esta ou aquela caça. Mata-se qualquer uma, até pequenas aves, ou répteis. Se encontra emas, rápido cobre-se de ramos o caçador, chega-se a elas até o ponto de tiro, como se fôsse uma moita, e a colheita é farta.

C) CAÇADAS COM CACHORROS — Nesta ordem entram as grandes caçadas, que reclamam, geralmente, o concurso de muitas pessoas e também de cães amestrados. Tal é a caçada de caititus, onças, capivaras, antas e tatus. Para se dar caça a êstes últimos, por ocasião de noites enluaradas, há necessidade ainda de se levar uma enxada ou picareta para cavar a terra, quando a prêsa tenta escapar em algum buraco.

Os caititus fàcilmente são apanhados nas tocas, de onde não saem, quando acuados.

Nos pântanos do Pandeiros dá-se caça às capivaras, para o que a cachorrada é sôlta em uma ilha, que se denomina capão. Enquanto isto, os caçadores postam-se, à margem do rio, à espreita, uns empunhando porretes; alguns, chuços ou arpões; outros, espingardas ou carabinas. Açuladas pela canzoada, as capivaras mergulham-se no tremedal, em busca do rio, mas são acompanhadas pelos homens, através dos movimentos, aqui e ali, das moitas de tiririca. E quando atingem a orla, lá já se encontra um caçador para debruçar-lhes o porrete, ou ferrar-lhes o arpão.

Os cachorros do barranqueiro são ensinados para a caça e compreendem bem os sinais do amo. Quando se batem palmas, entendem que uma caça foi vista e deve ser agarrada. A isto chamam estumar, que é o mesmo que forçar o cão a um pega, rápido e decisivo. Uma sucessão de dois ou três sopros, que não chegam a constituir assobios, determina que os cachorros entrem no mato, à procura de caças. E voltam prontamente, se dá o amo assobios curtos. Quando o caçador encontra um rastro de caça indica-o aos cães, que saem a farejar, enquanto o dono espera, geralmente sentado, o acuar dos cachorros, ou séries de latidos cortados por intervalos pequenos. Se, todavia, não localizar a caça, os cães voltam a seu dono, sem latir.

Digitalizado com CamScanner

O caçador barranqueiro, via de regra, é supersticioso. Acredita em mandingas, armas e caças enfeitiçadas, entes fantásticos e dias aziagos. Tôda caça abatida no dia de São Bartolomeu tem os olhos de fogo. E, assim, muitas outras esquisitices. Desconfiam também da caça que tenha algum traço físico diferente, como um veado de pé branco, ou com estrêla na testa, ou galheiro de mais ou de menos de seis pontas. Em tais casos, o caçador faz o possível e o impossível para abater essa caça, geralmente dura de morrer, porque traz no bucho, ao que acredita, a pedra de caçador ou maçã, que é uma carnosidade coberta de pêlos.* E isto na capanga do caçador, se conservada em segrêdo, serve para atrair as caças e afugentar os malefícios. Essa capanga é objeto de uso exclusivo. O caçador não admite que pessoa alguma a toque, nem mesmo sua espôsa. Por isso, nem consente que seja lavada. Dentro dela guarda o polvarinho, o saquitel de chumbo, a bucha, a palha e o fumo para os cigarrões de espantar mosquitos e abelhas nas esperas, o artifício e o algodão para pontos de espingardas, por ocasião de noites fechadas.

II

1. Conta-se que um lavrador regressava da roça quando notou a aproximação de queixadas, ou porcos do mato. Alegre, escorvou a lazarina e subiu a uma àrvorezinha que ficava à beira do carreiro. Pouco depois, contudo, ali também se ocultou uma onça pintada, atrás de matar a fome. E tão preocupada estava, que nem deu por fé do homem, já tremendo de mêdo.

Neste meio tempo, a vara começou a passar, insuspeitamente, por baixo da pequena árvore, enquanto o felino se preparava para o salto sôbre a prêsa. Com efeito, ao transpor o pé da árvore o último queixada, a onça contra êle se lançou, abatendo-o com um tapa e tornando ao galho, que agora se partiu.

E uma briga feroz se travou.

---

* Ver, à pág. 191, *A Pedra-de-caçador.*

Digitalizado com CamScanner

Ao término de alguns minutos ficaram mortos cinco porcos e a onça. Mas o lavrador, apavorado com a luta selvagem a que assistiu, rumou célere para casa.

2. Depois de abater e tratar um meleta e um tatu, certo caçador trepou à sua espera com o intuito de aumentar a provisão. Tarde da noite, ouviu um tropel, que se seguiu da chegada do curupira, cavalgando enorme queixada. O pretão riscou as esporas e a rédea e dirigiu-se ao caçador:

— Cuma é, camarada! Ocê tá pono minhas criação imbicherada, inconte iô fico o dia todo a curá meus bichim!

Dito isso, o curupira deu uma talada com o chicote e gritou para as caças abatidas:

— Qué cocê tá fazeno aí, Bastião? E ocê, Chico?

E o tatu e o meleta puseram-se a correr mata a dentro, seguidos pelo misterioso negro.

3. Certa vez, dia 24 de agôsto, o falecido Manoelão subira a uma espera para matar veados, não obstante os conselhos de amigos para não abusar dêsse dia, que é consagrado a São Bartolomeu. Estava êle deitado na rêde, ao anoitecer, quando avistou um melador, que vinha em direção de sua espera, de machado e cabaça, não estranhando o fato, por ser comum. Mas ao aproximar-se o homem, Manoelão cismou, porque o não conheceu. E suas desconfianças se confirmaram instantes depois, quando o desconhecido largou a cabaça, passou cuspo nas mãos e desceu o machado na espera, a despeito de seus protestos. Em um átimo o machadeiro sangrou o tronco e mudou de posição para o corte final. Tentando agarrar-se aos ramos da árvore, Manoelão caiu da rêde e fraturou uma perna, vítima de uma madorna.

Impossibilitado de locomover-se, Manoelão fêz promessa a São Bartolomeu de nunca mais caçar, se alguém viesse ter ali, o que se deu, efetivamente.

E, cumprindo o prometido, Manoelão vendeu a espingarda e atirou fora a capanga de munição.

Digitalizado com CamScanner

4. Outro fato interessante deu-se com Otoni Coutinho, homem trabalhador e honesto, mas com o grave defeito de caçar em dias impróprios. Certa feita, manifestou o desejo de matar emas na madrugada seguinte, primeira segunda-feira de agôsto,* encontrando forte relutância da parte de sua mãe:

— O quê? Pois ocê teim corage de caçá amanhã?! Num aceito isso, inhor não! Ocê tá squeceno qui amanhã é o dia qui o capeta fáis ano? Ocê pricisa de cabá quéssa duidura de caçá in dia ziágo, meu fio...

— Cóli o quê! atalhou Otoni Coutinho. Teim muita ema bateno nesses lado e iô tô pricisano dũas pena. Iô num aquerdito nessas coisa neim de longe cum gancho.

E foi dormir no mato.

De madrugadinha, nosso teimoso caçador acordou com gemido de ema:

— Uhmmm!... Uhmmm!...

Ligeiro, Otoni armou o cão da espingarda e se preparou para o tiro. Mas, se procurava a ema à frente, ela gemia à retaguarda, jôgo êste que fêz lembrar os conselhos da mãe. Quando se dispôs a regressar deu com um monstro, a ema, a alguns passos de onde estava. Era uma ema prêta como urubu, de cujos olhos nasciam chispas de fogo.

— Ainda alembro, confirma Otoni, do carrerão qui dei. E meu corpo se arrupêa todo só de pensá nas faísca de tôda côri qui saía do zóio da bicha.

5. Apareceu no Cantinho, localidade próxima do arraial do Tejuco, município de Januária, um carcará de excepcional tamanho, tão grande que até gerava suspeitas. E os prejuízos que êsse formidável rapinante causava aos terreiros assumiam proporções inda maiores, razão pela qual os moradores decretaram-lhe guerra sem tréguas. Em tôrno dêle os comentários cresciam, à medida que rareavam as criações de galinhas:

---

* Ver, à pág. 197, as crendices do nº 58.

Digitalizado com CamScanner

— Êsse bicho é mandado, dizia um. Êle deve tê uma maçã no bucho.

— Iô acho qui sá gente acertá um paraguai no coração dêle, cundefé quinda num morre! falava outro.

— Aquela perna torta dêle é treita só, obtemperava um terceiro. Ancêis num vê qui num hái cristão qui proxíma daquele satanáis?!

Mas, afinal, João Cãindo surge para eliminar o bicho, naturalmente interessado em receber presentes, segundo velha praxe da terra.

— Apois eu, antevia êle, vô mostrá cuma é qui se quebra a pauta dum feiticêro.

Dito e feito.

João Cãindo pegou a lazarina e a capanga de munição e saiu a dar caça à ave. Mal ouvia o raiar das galinhas em um terreiro, para ali corria, preparado. E foi tanta a insistência que um dia conseguiu localizar o pouso certo do carcará, que dormia em uma árvore, no tôpo de um penhasco da Serra do Cantinho. Feita a descoberta, João Cãindo construiu uma choça, benzeu-a e em seguida ocupou-a. Horas depois, quase noite, o carcará pousou na árvore, tornando-se prêsa fácil. O tiro ecoou na serra, ao mesmo tempo em que o carcará dava um piado medonho, atingido em cheio.

Na manhã seguinte, João Cãindo tomou a gigantesca ave e saiu de casa em casa, agora acompanhado de um filho, com o intuito de recolher presentes. E a todos narrava pormenores da caçada e o muito que sofreu para dar cabo do terrível rapinante. Mas nenhum dos visitados se dignava de oferecer-lhe uma franga como recompensa. À tardinha, estafado de longas caminhadas, farto já de elogios e magro de esperanças, João Cãindo vira-se para o filho e diz:

— Vamo simbora, meu fio, quêsse bicho já tá é fedeno! Seo pudesse virá um carcará maió qui êsse, eu acabava inté cás carnerada dessa gente usurave.

Digitalizado com CamScanner

AS ARMADILHAS

Quando os filhos das capitais e grandes cidades viajam pelo Rio de São Francisco e pela vez primeira tomam conhecimento da fisionomia norte-mineira, com rara exceção emitem falsos conceitos acêrca do barranqueiro, julgando-o indolente.

Não, não é preguiçoso o barranqueiro!

Ao contrário do habitante da cidade o morador daquelas plagas desconhece o têrmo concorrência e nem se preocupa com o amanhã. Assim como foi criado, cria êle os filhos, conduzindo sua inteligência apenas em um sentido, que é o de apanhar com mais facilidade o alimento que Deus lhe deu, pois é-lhe pródiga a Natureza.

Quando, por exemplo, se vendiam plumas de garça a pêso de ouro, os sertanejos espalharam-se nas beiradas de rios e lagoas, de miliê a tiracolo, para dar caça às imponentes peraltas, agora mais esquivas do que nunca. Arriscavam tiros a longas distâncias, esvaziavam polvarinhos e, ao fim do dia, regressavam a suas casas abanando a mão.

O caboclo, porém, não anui ao fracasso.

Um surge que resolve o problema com vantagens econômicas. Primeiro, atira várias cabaças nas lagoas a fim de acostumar as garças à nova paisagem; depois de alguns dias, mune-se de uma das maiores, abre-lhe uma bôca para entrada da cabeça e fura-lhe um par de olhos. Agora é só vestir a máscara e submergir-se nas águas até os ombros. Daqui por diante torna-se fácil aproximar-se da ave, segurá-la pelos pés e submergí-la sem tumulto.

Assim, usando de artifícios vence o sertanejo a astúcia dos animais, ou a ligeireza das aves. A êsses artifícios denominamos armadilhas, cujo estudo compreende importante

Digitalizado com CamScanner

aspecto da cultura popular norte-mineira. Não é descabido dividí-las em três ordens, de conformidade com as caças a que se destinam: animais de pêlo, animais de pena, e peixes.

1. Armadilhas para animais de pêlo:

MUNDÉU — Pesado tronco inclinado sôbre uma vara que o escora e que o liberta quando a caça aproxima-se da isca (galinha ou carneiro), prêsa em pequeno curral feito ao lado do tronco. O mundéu ocasiona a morte por esmagamento do animal.

LAÇO — Corda prêsa por uma extremidade à ponta de uma árvore flexível, despida dos galhos secundários e, na outra, um nó corredio armado ao chão em um buraco de dois diâmetros, com fundo e banqueta, nesta armando-se o nó corredio, pondo-se naquela a isca. O laço desarma-se ao menor toque da caça, que é inopinadamente erguida pelo pescoço e morta por estrangulamento.

FOJO — Cova funda, disfarçada com uma tábua em equilíbrio, coberta de terra e ramos, a qual veda inteiramente o buraco; uma das extremidades da tábua, por onde o animal tem acesso, apóia-se em terra firme, enquanto a outra, protegida por uma cêrca (em cujo pé, quase no bordo da cova põe-se a isca), afunda-se ao pêso da caça. As dimensões do fojo são feitas de acôrdo com o tamanho do animal que se quer apanhar. Quando se destina a pequenos roedores, a isca (pedaço de mandioca, ou batata) é prêsa na extremidade da própria tábua por um prego, ou fio de arame.

JEQUI — Destina-se a apanhar tatu quando se tem a certeza de que esteja êle no buraco. É um cêsto cônico, semelhante ao jequi de apanhar peixes. Antes de armá-lo, enchem-no de terra; depois, com o vértice para cima, fincam-no à entrada do fôsso. Ao sair, o tatu alcança o cêsto e por êle sobe até se embaraçar na parte mais estreita.

LAJEM — Lâmina de pedra apoiada sôbre uma vêrga que se enrola em uma forquilha e vai se prender a uma tala mestra, a qual sustenta talas secundárias, em forma de espinhos de

Digitalizado com CamScanner

peixe. É uma espécie de mundéu, de grande proveito para apanhar preás, coelhos e mocós.

ANZOL — Destina-se a apanhar capivaras, por isso sua isca é um pedaço de mandioca; o anzol é grande e resistente, amarrado a uma árvore ou tôco por linha grossa de tucum.

ARATACA — Grande jaula feita de troncos fincados no chão e bem amarrados, cuja porta, adaptada entre corrediças, é suspensa por cordas que terminam em uma vara em equilíbrio. Do lado oposto à porta está o curral onde se põe a isca, que é uma cabra, geralmente. A arataca nada mais é que uma grande ratoeira e destina-se principalmente a apanhar onças e maracajás.

ESPINGARDA — Arma de fogo armada nas passagens certa de pacas, caititus, antas e queixadas. À tecla do gatilho prende-se um cordão, que desviado de seu estado de repouso em qualquer ponto vai determinar o disparo e ferir seguramente a caça, uma vez que êsse cordão é o prolongamento da linha de mira.

FACÃO — Lâmina de aço afiada e prêsa de gume para cima sôbre um tôco fincado no caminho certo das cobus (capivaras), à entrada das roças, ligeiramente inclinada contra o roedor, que é destripado e morto ao saltar o obstáculo.

2. Armadilhas para animais de pena:

ARAPUCA — Cêsto de varas, piramidal, de fabricação rápida e simples, iniciada por meio de dois pauzinhos que determinam o tamanho da bôca, ligados um a outro, diametralmente, por duas cordas; sôbre aquêles são colocados novos pauzinhos, cujo comprimento decresce progressivamente até o último que trava a arapuca no ponto de intersecção das cordas. É armada, como se arma a lajem, no meio das catingas e nas roças, em um limpo antecipadamente feito e que se denomina ceveiro, visando a apanhar de preferência juritis, codornas e nambús.

VISGO — Matéria pegajosa feita de leite de gameleira com resina de angico, ou cêra de chinhém, com a qual se besuntam galhos freqüentados por pequenos pássaros, que nêles se grudam.

Digitalizado com CamScanner

ALÇAPÃO — Caixa de fustes de buriti armada entre as árvores ou nos lugares freqüentados por pássaros. A isca, geralmente um pedaço de mamão, de banana, ou de laranja, é espetada na ponta de uma haste que falsamente mantém aberta a parte superior da caixa, ou tampa móvel em tôrno de pequena tala, também de buriti. O alçapão encarcera o pássaro que nêle entrar para comer da isca.

ESPARRELA — Pequeno laço armado entre galhos de árvores para apanhar pássaros, entre êstes jandaias, maitacas, periquitos e maracanãs. Compreende a esparrela um cordão prêso por uma de suas extremidades a uma vêrga da própria árvore escolhida para êsse fim. A outra ponta, com nó corredio, é armada sôbre uma ripa de trinta a quarenta centímetros de comprimento, fixada em um dos galhos por meio de prego, arame, corda, ou cipó; a extremidade livre da ripa é despontada e serve para espetar a isca, próximo da qual há um pino que vai determinar a liberdade do nó corredio ao pêso do pássaro a ela atraído, o qual é seguro pelos pés em vista do açoite da vêrga.

3. Armadilhas destinadas aos peixes:

ANZOL — Gancho de aço, com ponta afiada e farpa para manter a isca e garantir o peixe fisgado. Há anzóis de espera, ligados a cabaças; anzóis presos a varas flexíveis para pescarias em rios estreitos e lagoas sujas; anzóis de fieira, isto é, grande número dêles presos a uma linha mestra; pinda, ou grande anzol com isca viva amarrado em um galho flexível para apanhar surubins; e, finalmente, anzóis de linha, mais comumente empregados em rios largos, como o de São Francisco.

CHIQUEIRO — Esta armadilha nada mais é que uma arataca dentro d'água, com a diferença de não possuir teto, pois basta sobrar meio metro de estacaria além da superfície para garantir a prisão dos peixes.

JEQUI — Cêsto de forma cônica, com dois metros de comprimento, pouco mais ou menos, feito de varas flexíveis e deixado nas passagens estreitas dos rios, contra a correnteza.

Digitalizado com CamScanner

A bôca do jequi, denominada sangra, permite a entrada nunca a saída dos peixes, que são retirados por uma portinhola no corpo da armadilha.

TARRAFA — Tecido de malha, com forma circular, guarnecida de chumbadas e de grosso barbante que favorece a sua retirada para fora d'água. É artifício de grande proveito para a pesca de curimatás, piaus, matrinxãs e pocomãos, mas de pouca eficiência contra as piranhas.

CURRAL — Grande cercado de pau a pique feito principalmente nas partes profundas ou remansiadas das lagoas; construído o curral, apreciável número de pescadores entram n'água e começam a canalizar os peixes para o cercado, depois do que tampam a porteira por onde entraram os peixes e os arrecadam com flexas e arpões.

MANJUBEIRA — Êste é o nome com que o sertanejo designa pequena tarrafa, especialmente feita para apanhar iscas ou manjubas.

MUNZUÁ — Armadilha feita de raízes ou plantas aquáticas e no próprio local.

PUÇÁ — Grande coador de linhas resistentes colocado nas passagens estreitas dos sangradouros e riachos. Os peixes são levados a poder de gritos, chuços e ramos à bôca da armadilha, que é retirada, imediatamente, para fora d'água.

PARI — Espécie de rêde colocado em cachoeiras naturais ou artificiais para reter o peixe que desce.

COFO — Variedade de jequi, feito de cipó de bugi e destinado a arrecadar piranhas ou outro qualquer peixe.

RÊDE — Grandes extensões de tecido de malha ou tela de cordas, provida de chumbadas e blocos de pau de barriguda, para encurralar peixes nos rios e lagoas. Quando verificam os pescadores haver cercado surubins gritam "Passa remanga!" e os companheiros sem se preocuparem com a fuga de pequenos peixes, vão soltando as rêdes, em forma de caracol, criando assim barreiras sucessivas contra o gigante d'água doce.

Digitalizado com CamScanner

Terceira Parte

Lendário

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

O POÇO VERDE

Criou-o a Natureza para alegrar a vida naquele pedaço de sertão bruto. Está situado a pouco mais de cinco léguas do Rio Pandeiros, próximo das vertentes do Pardo.

O Pôço Verde é redondo e sereno, um circulozinho de esmeralda líquida a refletir raios verdes no arvoredo que o circunda, ou nas pessoas que dêle se aproximam para mitigar a sêde.

As aves que o sobrevoam tomam a côr de suas águas e se extasiam na ebriez do colorido.

Tudo é verde.

Até as nuvens fugazes lá do céu enverdejam-se quando fogem apressadas...

Sua água é gostosa e, no copo, clara como a prata.

Não cresce, nem diminui. Seu nível é constante.

Devido, talvez, ao parentesco da côr, aquêle pôço é o bebedouro preferido pelas cobras verdes, ou pelos calangros, periquitos e jandaias.

Até suas piabinhas são pontículos verdes que cintilam na intimidade das águas.

É simplesmente maravilhoso!

Dizem os moradores das cercanias que o Pôço Verde é filho de uma fada.

Dentro dêle residem vários animais. Por baixo de suas águas há uma linda cidade e grandes tesouros. À noite, do seu seio emergem relinchos de cavalos, mugidos de bezerros, ou, às madrugadas, ouve-se o cantar de galos e siriemas.

É encantado.

Digitalizado com CamScanner

A LAGOA BRANCA

A Lagoa Branca pertence ao Rio Pandeiros e abre-se no lugar denominado Capim Canudo, entre Remanso e Cantinho, próximo da Tábua, a duas léguas da margem esquerda do Rio de São Francisco. Faz parte de um conjunto de três lagoas, das quais é a maior. As duas outras, que ocupam os dois restantes cantos da trempe, como dizem, são a do Cachorrinho e a do Jacarèzinho, que é a menor. Tôdas são separadas por estreitos que vão de cem a cento e poucos metros de largura. Fato curioso: já se flechou peixe numa delas para ser apanhado noutra, com o batim fisgado no lombo.

É incalculável a fundura dessas lagoas. São tão profundas, que suas águas parecem azuis. Ocupam terreno firme, mas de um lado estende-se um vazantão, que vai morrer na linha esquerda do Pandeiros; do outro lado, ergue-se densa mata, que margeia o São Francisco.

Das três é a Lagoa Branca a que mais está sujeita a encantamentos. Nela reside o maior número de monstros do mundo, todos enfeitiçados. Entre êles, sobressaem-se caboclos d'água, bois, cavalos, carneiros e galinhas. Até a Mãe-d'água costuma lá chegar, inesperadamente, para dar ordens aos seus milhões de vassalos.

Quando os córregos do Tejuco e do Cantinho estiveram secos, míngua que durou dezoito anos, até 1940, os homens dos arredores ajustavam conduzir à Lagoa Branca suas mulheres, que iam para lavar roupas uma vez por mês. Partiam à tardinha e arranchavam-se ao pé das árvores. À noite, iam pescar de anzol, ou de tarrafa, ou flechar dourados e surubins. Não raro, viam caboclos-d'água dar cangapés no meio da lagoa

Digitalizado com CamScanner

e, às vêzes, a Mãe-d'água surgir dentre brancas espumas, sentada no seu maravilhoso trono, pondo a correr a todos, receosos de se transformarem em sêres encantados.

O sertanejo João Caboclo, residente no Tejuco, afirma que os compadres sempre lhe deram peixes com fartura, mas porque nunca se esqueceu de levar-lhes uma casca de fumo. Certa vez pescava com Nicolau Tubi Grosso, quando exclamou êste, a meia voz:

— Os peixe deve tá narguma festa bem longe daqui, seo João!

— Cóli o quê! responde-lhe João Caboclo. É pruque vancê num sabe amóde quê! Óia, êles obedece os cumpade, qui tão aí pertim. É só purisso quêles num cái nos anzó. Ancê qué vê pá crê?

E gritou:

— Cumpade, ancêis dêxa seo amigo véio pescá mais Nicolau qui conde eu saí daqui dêxo uma cascona de fumo prancêis!

E encheram cargas de peixe.

Há uma lua que nasce de um barranco da Lagoa Branca e clareia os arredores por ocasião de noites fechadas.

Ela se põe dentro d'água.

E muitas pessoas vêem-na passeando nas profundezas líquidas daquele mundo sem fim.

Digitalizado com CamScanner

ROMÃOZINHO

Há quatrocentos e tantos anos vivia uma família de lavradores no extenso vale do Carinhanha, perto de Cocos, no Estado da Bahia. Constituia-se o pequeno grupo de três pessoas: marido, mulher e um filho, rapazola de seus 12 a 14 anos de idade.

O menino chamava-se Romão, ou Romãozinho. Era travêsso e mentiroso. Muitas vêzes fôra o motivo de brigas em casa, pois contra a mãe imaginava enredos, bem forjados, para contá-los ao pai, homem trabalhador e honesto, mas grosseiro o mais que podia. Acresce ainda que acreditava sempre nas invencionices do filho, suposta vítima de maus tratos nunca havidos.

Certo dia, a mãe de Romãozinho determinou que êle fôsse à roça levar almôço ao pai. O menino tomou o prato e partiu. Na primeira curva, porém, sentou-se num tôco e devorou tôda a comida, deixando para o pai apenas os ossos da galinha que sua mãe cozinhara naquele dia. Ao chegar ao destino entregou o prato ao pai, como se nada houvesse acontecido. Calmamente, o homem encosta o machado, senta-se à sombra do arvoredo e descobre o prato a fim de matar a fome. Ao verificar o lôgro, indignado, pergunta ao filho o que representava aquilo. Romãozinho disse-lhe que não sabia, pois do mesmo modo que recebera o embrulho da mãe, lh'o entregara. Podia adiantar apenas haver comido, em casa, arroz com galinha.

O pai de Romãozinho regressou imediatamente, e não quis saber de explicações. Chicoteou a espôsa o mais que pôde.

A pobre mulher, vendo-se castigada assim tão injusta e degradantemente em vista de traição da parte do menino, filho

Digitalizado com CamScanner

de suas entranhas, ajoelha-se ali mesmo e exclama com as mãos p'ros Céus:

— Deixe estar, Romãozinho, que você não terá o Céu nem o Inferno. Tenho fé em Deus, meu filho, que você há de ficar zanzando pelo mundo, a aborrecer as pessoas na terra!

Era a praga da mãe contra o filho maldito.

Naquele mesmo instante Romãozinho morreu.

E passou a cumprir a sentença.

Até hoje êle existe naquela região, se bem que conhece o mundo inteiro, pois dá notícias de tudo e de todos.

Não gosta de cidades. Prefere a vida das fazendas, principalmente os arredores de Januária, Manga, Poções, Côcos e Imburanas.

Costuma chegar a um sítio e lá ficar muito tempo, cometendo estripulias.

Respeita muito as donas de casa e as ajuda nos serviços domésticos, rachando lenha, carregando água, lavando vasilhas na fonte, ou varrendo a casa e os terreiros. Serve de mensageiro, levando cartas a pessoas distantes e, quando lhe pedem, arranja dinheiro emprestado, retirando-o de cofres e gavetas de algum ricaço alhures, voltando a colocá-lo no dia marcado pelo seu solicitante e benfeitor, no mesmo lugar e da mesma forma, isto é, às escondidas.

E ai! de quem faltar com a palavra!

É invisível, mas sua presença é notada por seus assobios, ou, se trabalha, pelo movimento dos objetos que utiliza.

Quando o aborrecem, comete desatinos, atirando pedras ao telhado, quebrando pratos, enchendo as panelas de estrume de gado, às vêzes nelas satisfazendo suas necessidades fisiológicas.

Gosta de freqüentar olarias e modelar grosseiros trabalhos de cerâmica. Se não lhe amassam o barro, zanga-se e danifica os tijolos frescos sulcando-os com os dedos, ou esborrachando-os com os pés.

Digitalizado com CamScanner

Sente fome e sêde como qualquer vivente, e reclama a sua alimentação na hora certa, primeiro que todos. Do lugar de costume, Romãozinho apanha a comida e se dirige a alguma sombra próxima. As pessoas vêem o prato suspenso, na altura das mãos de um rapazinho, movimentar-se rumo ao lugar escolhido. Não gosta, nem admite que se preparem galinhas.

Nunca envelhece e continua pensando e agindo como dantes.

Dizem, até, que adoece e, quando leva uma estrepada, um ferimento qualquer, uma contusão, procura êle o remédio, por vêzes chora e soluça.

Digitalizado com CamScanner

O FERVEDOURO

Os moradores de Côcos, do município de Manga, chamam Fervedouro a pequena pôça lá existente.

Ela é profunda, tem águas azuis e borbulhantes. Conserva uma altura só, mesmo no rigor das grandes sêcas, como também não sobe um dedo a mais, inda que abundantes forem as chuvas.

É um suspiro do mar.

Quem quiser pode servir-se dela, mas tem de o fazer com respeito, sem bulha alguma. E ai! de quem perturbar o seu quase silencioso marulhar, porque o lagozinho se enraivece, entrando em ebulição! E ondas iradas se entrechocam, e espumas correm no fiapo das águas. E dos mundos lá de baixo nos chegam surdos trovões.

E a terra treme e o Céu se embaça.

É a revolta da cobra verde, a linda princesa de remotíssimas eras.

E no vaivém da fervura, surgem pilões, tachos, colheres, almofarizes, caçarolas e tanta coisa mais, que o ousado escarnecedor se põe a correr precípite.

Digitalizado com CamScanner

A LAGOA DO MALVAR DE OURO

Também São João das Missões, do município de Januária, apresenta uma lagoa encantada. E, como as demais da região, é povoada de monstros e cheia de cabedais.

Mas possui singularidades.

Situa-se ao pé de grandes matas, onde os Gamelas,* da valente nação tapúia, ergueram tabas e aformosaram sua história de episódios fantásticos.

Conta-se que uma indiazinha, remanescente da heróica tribo, ensaboava panos na lagoa, sentada sôbre o banco de bater a roupa. Eis que observou estarem ficando azuis as piabinhas que tentavam abocalhar as espumas do sabão, como igualmente azuis iam ficando a água, a areia, o mato em derredor, a roupa que lavava, ela mesmo já tinha as pernas e o braço direito azuis. Foi quando se lembrou de que a lagoa era encantada e correu para fugir à magia.

---

* Descrevendo a lenda, tivemos apenas o cuidado de respeitar a tradição, não nos importando que divergisse esta da linha erudita já firmada sôbre êste ou aquêle ponto nela referido. Segundo voz corrente entre os moradores do lugar, foram os Gamelas, do ramo tapúia, os primitivos habitantes da região descrita, onde se abre a lagoa, exatamente à beira do Rio Itacarambi, perto do caudaloso São Francisco. Mas dos estudos de que tivemos conhecimento acêrca do assunto, todos os quais realizados por etnólogos senhores da matéria como L. Figueiredo, Nélson de Sena, Estêvão Pinto, Borges da Costa e outros, nenhum registrou a presença na região norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco do mencionado grupo Gê (os Gamelas), que habitava terras do Maranhão, lá nos extremos do Nordeste Brasileiro. Consta-nos que diversas hordas pertencentes a três grandes nações aborígenes, Tapuias ou Gês, Cariris e Tupis, se ajuntaram naqueles centros, sendo em maior número a primeira. Tribos dos Acroás, Acroás-mirins, ou Acoroás, povoaram os vales dos rios Urucuia e Paracatu, vindas de Goiás; e, mais, dos Goianás, Crixás, e Xicriabás, tôdas do ramo Gê, estas últimas da mesma família dos Caiapós, que se estabeleceram em Januária, procedentes do Nordeste Brasileiro, de onde foram expulsos por outros bárbaros. No mesmo sertão urucuiano, corridos da Bahia e Goiás, localizaram-se dois outros grupos tapuias, os Craós e

Digitalizado com CamScanner

De outra feita, um homem encontrava-se pescando, à margem da lagoa, quando foi atraído para um ponto que resplandecia na intimidade das águas. E em breve todo o leito da lagoa era como um céu estrelado, cheio de pontos luminosos. E viu, mais, que além da praia estendia-se um malvar sem fim, todo coberto de flôres amarelas. Fascinado, colheu algumas flôres e arrancou uma planta, cujas raízes eram de ouro maciço. O pescador correu a casa para munir-se de ferramenta e vasilha na esperança de enriquecer-se. De volta, no entanto, nenhum ouro mais havia.

Contam, ainda, que certa vez, tarde da noite, um viajante hospedou-se nesse lugar, à beira de uma fazenda. Não obstante o adiantado da hora, achava-se a casa tôda iluminada, com as portas e janelas escancaradas. Depois de apear-se e desencilhar o cavalo, pendurou os arreios na cêrca que contornava o pátio e peou o animal numa vargem próxima, à margem da lagoa. De volta, resolveu cumprimentar o dono da casa e dar-se a conhecer. Mas, em vão chamou, porque ninguém atendeu às palmas dêle. Desapontado, então, tornou ao agasalho, onde acendeu o fogo e, em seguida, comeu a paçoca que trouxera. Depois, tomou a cabaça e foi munir-se d'água na lagoa, à beira da qual viu formosa môça de dourada e farta cabeleira, sentada

---

os Crafundós, que se misturaram com os Cariris, quando êstes se instalaram no atual município de Januária, vindos pelos sertões cearenses, depois pelo Rio de São Francisco, acossados pelos Tupis. Perto de São Romão, numa ilha fluvial, localizaram-se os Guahibas, também do sangue Caiapó. Nas fronteiras da Bahia e Minas Gerais, no vale do Rio Carinhanha, estiveram os Cururus e os Amoipirás, êstes últimos do ramo túpico e parentes dos Tupinambás, vindos das costas do Maranhão. Temos ainda informações em território noroeste-mineiro dos Abatirás, (ramo tapuio), dos Tremembés (família cariri), e dos Tupinaens (grei túpica). Conforme se verifica, pois, só dos Caiapós e Cariris temos notícia nas plagas januarenses. Mas se buscarmos analisar a matéria com mais profundidade, verificaremos que os Caiapós, também chamados Bus, segundo P. Ehrenreich (citado por Estêvão Pinto — Os Indígenas do Nordeste — Companhia Editôra Nacional — 1935 — Página 128), pertencem aos Gês derivados e se fragmentam em três ramos, dos quais, o do norte é representado pelos Cradaós, Gaviões ou Caracatis, Apinagês, Craôs ou Macamecrãs, que são Timbiras ou GAMELAS no Maranhão. Assim, com referência ao nome da tribo, longe de negar, a tradição januarense vem consubstanciar o ponto de vista erudito.

Digitalizado com CamScanner

na relva a roçar as águas com seus lindos pés. O viajante parou embevecido, sob o olhar da môça, que o encarou com bondade. Passado algum tempo, êle virou-se humildemente e perguntou-lhe se podia encher a vasilha. Ela, porém, sem nada lhe responder, atirou-se n'água.

E o viajante fugiu do sítio, correndo agora sôbre o malvar resplandecente que se perdia na dobra do horizonte.

Dias mais tarde, retornando ao lugar, estranhou não mais haver o campo de douradas flôres, nem mesmo a fazenda a cuja porta em vão batera.

Tudo fôra encanto.

Digitalizado com CamScanner

A ONÇA CABOCLA

Há muitos anos morava numa choça de cascas de pau, a alguns metros do barranco do Rio de São Francisco, uma velha tapuia, feiticeira e má. Alimentava-se de sangue humano e comia o fígado de suas vítimas, quando não se fartava de sangue.

Lá um ou outro caçador surpreendia-a, ocasionalmente, no meio da catinga, ou à bôca de uma furna, ao pé da serra.

Quando tinha fome, primeiro despia-se, estendendo os trapos no chão, às avessas; depois, deitando-se nêles, espojava-se.

Virava onça.

Assim transformada marchava contra pobres criaturas indefesas, de preferência mulheres e crianças. Apaziguada a fome, volvia ao ponto de partida, rebolando-se de nôvo sôbre os andrajos.

Virava gente.

Certa vez, porém, chegou-lhe o castigo, tendo então se arrenegado de quem inventou a mandinga. Um pé de vento arrebatou-lhe os molambos e os atirou nas águas do rio e ela não pôde desencantar-se. Ficou onça para sempre e lá existe.

* * *

Mas há quem conte essa lenda, diferentemente.

As tapuias eram duas e gêmeas. Conversavam elas à beira de uma vargem, a olhar gorda novilha que pastava. Uma das gêmeas falou:

Digitalizado com CamScanner

— Já fáis éra qui nóis num cumemo uma osga de carne. E óia ali qui nuvia boa... Chega tá speiáno de gurdura!

A outra, que era feiticeira, disse:

— Uái!... Se ocê agarante de num me sê farça iô viro uma onça cabôca e mato a nuvia prá nóis cumê.

— Apois tá dito!

A bruxa tomou duas fôlhas verdes, benzeu-as e entregou-as à irmã:

— Ôia! Sigura essas fôia. Eu tiro a roupa atráis daquela moita e venho de quato pé cum a bôca aberta! Aí, antonce ocê mete a premêra fôia ni mia bôca peu virá onça. Odispois quiô matá a nuvia vorto prá riba docê cá bôca aberta e ocê bota a ôta fôia ni mia bôca peu virá gente travêis. Num pricisa se arreceiá qui num te faço nada. Ôia qui se ocê ficá cum mêdo tá tudo trapaiado prá mim pruque fico cuma bicha tôda vida.

— Apois, sim! exclama-lhe a irmã.

Na primeira parte saiu-se bem. Quando, porém, chegou a vez de colocar a segunda fôlha a irmã teve mêdo e fugiu. E a bruxa continuou sendo onça.

Mais tarde caiu numa armadilha que lhe preparavam, quebrou uma das patas e ficou defeituosa. Em vista disso chamam-lhe, hoje, onça da mão torta.

Digitalizado com CamScanner

O FAMALIÁ

Depois de alguns anos de cotidianas visitas aos poleiros, afinal o candidato à posse de um famaliá acaba por encontrar um ôvo de galo. Leva-o para casa, com todo cuidado, e espera a quaresma chegar. Na primeira sexta-feira, dirige-se a uma encruzilhada, onde permanece até que os ventos das horas mortas começam a soprar-lhe o rosto. Nesse momento, coloca o ôvo debaixo do braço esquerdo, toca para a casa e deita-se na cama. Já está com febre, ou melhor, já está em condições de chocar.

No fim de quarenta dias, precisamente à meia-noite, sente que o ôvo se parte, dêle saindo, ao invés de pinto, um capetinha de quinze a vinte centímetros de altura, o famaliá, que é logo metido numa garrafa prêta, muito bem arrolhada e guardada em segrêdo.

No correr da vida, o diabinho ajuda seu padrasto, dando-lhe dinheiro, mas animando-o nos vícios. No fim da vida, carrega-lhe a alma para as profundezas do Inferno.

Há fazendeiros mineiros, do Vale do Rio de São Francisco, moradores no município de Januária, que possuem os seus famaliás, todos muito bem guardados. Com efeito, só um pacto com o demônio justificaria o aparecimento de suas riquezas e as maneiras esdrúxulas que assinalam seus atos na vida social.

Digitalizado com CamScanner

A LAGOA DA TABUA

Perto de Água Doce, nas últimas vertentes do Pandeiros, no município de Januária, há uma lagoa encantada, que nunca secou, muito embora se abra no chapadão, isolada, sem possuir um tributário, sequer.

E o mais curioso é que no período das cheias uma moita de buritis movimenta-se no fio das águas, carregada pelos ventos.

Nas pontas do dia, notadamente, enormes jacarés sobem à tona, ou esparramam-se nas beiradas para se aquecerem ao sol.

Também, por estranho que pareça, a lagoa da Tabua é farta de peixes, cujos antepassados emigraram do Pandeiros através do arco-íris, como diz o povo do lugar.

E no fundo de suas águas moram várias espécies de aves, répteis e mamíferos, todos os quais se acham sob a influência de um animal esquisito e medonho, só raramente visto. Assemelha-se a uma mula, porém seu corpo é rajado. Dizem os da terra que êsse monstro fôra uma donzela, muito linda e rica, mas de coração de pedra. Deus, por castigo, transformou-a em bêsta, e neste estado ela permanecerá durante séculos, até a expiação completa de seus pecados.

Digitalizado com CamScanner

O RIO PARDO

À margem esquerda do São Francisco, entre os tributários Urucuia e Pandeiros, há um riozinho de águas sujas e borbulhantes, o Pardo, que é um repositório de lendas e superstições. A quinze léguas da barra, calculadamente, suas águas afundam-se chão a dentro para brotarem mais abaixo, uns 100 metros, com grande estrépito. Suas margens, dêsse modo, ligam-se por uma faixa de terra, de luxuriante vegetação, sôbre a qual passa a estrada real que liga Januária à Serra das Araras. Deram a êste lugar o nome de Sumidouro.

Os moradores justificam o topônimo afirmando que lá "suverte" muita gente, de modo especial pessoas impudicas ou curiosas.

É voz corrente que debaixo daquela ponte natural há um palácio encantado, morada da Mãe-d'água, que torna sábio e rico a quem lá chegar. Certa vez, no entanto, um canoeiro deixou-se mergulhar na galeria e, ao fim de três dias, foi expelido mudo e apatetado.

A pessoa do lugar pode atravessar o Rio Pardo a qualquer hora do dia ou da noite, desde que tenha necessidade de fazê-lo. O estranho, todavia, para ganhar a margem oposta, a vau ou de canoa, primeiro tem de pedir licença, do contrário as águas o engolirão com certeza.

"Úa vêis", dizia Marcelino Nariz de pó, "iô tava ajuntano um gado de siô Venso e conde foi a mêa noite nóis tava arranchado dibaxo dum pé de pau conde iscutemo a vóis dum vaquêro qui vinha tocano um horrô de gado, qui pela trivuada paricia ũas duzentas cabeça. O gado vinha berrano cum a cantiga do home qui mitia dô no coração da gente. Iô e mais

Digitalizado com CamScanner

ôtos vaquêro qui tava na rancharia levantemo o fumo prá cancela amode vê o gado passá. Ancê num vê qui tomemo foi um susto desgramado apois o vaquêro cum a boiáda e tudo invêis de passá pru riba da ponte merguiáro no sumidô. Nóis fiquemo tão arrupiado qui o chapéu quaje qui caíro no chão. E pouco odispois lá dibaxo do suterrano cumeçaro uns galo cantá cum tanta piedade qui paricia qui tava chorano e as livusia continuáro, nóis fumo jueiáno e peguemo cum Nossinhô, apois iô me alembro dũa vêis qui um moradô veno essas coisa danô a brasfemá e o risurtado foi qui as água cumeçaro rebolá, fôro incheno e cubriu a roça e a chocha do home, inconte os cabôco ia quebrano os pau e afundano cá roça dêle".

Outro fato curioso que os barranqueiros daquele centro observam no Rio Pardo é que êste anuncia chuvas próximas, enchendo-se dias antes. Isto favorece os lavradores, pois indica-lhes a época mais adequada para o plantio de seus roçados.

Das lendas do Pardo a mais interessante, sem dúvida, é a da corrente de ouro que navega, ininterruptamente, subindo e descendo o rio em todo o seu percurso. Dizem que essa corrente é muito grossa e só não se pode calcular o comprimento dela porque passa depressa como a zelação.

Digitalizado com CamScanner

ôtos vaquêro qui tava na rancharia levantemo o fumo prá cancela amode vê o gado passá. Ancê num vê qui tomemo foi um susto desgramado apois o vaquêro cum a boiáda e tudo invêis de passá pru riba da ponte merguiáro no sumidô. Nóis fiquemo tão arrupiado qui o chapéu quaje qui caíro no chão. E pouco odispois lá dibaxo do suterrano cumeçaro uns galo cantá cum tanta piedade qui paricia qui tava chorano e as livusia continuáro, nóis fumo jueiáno e peguemo cum Nossinhô, apois iô me alembro dũa vêis qui um moradô veno essas coisa danô a brasfemá e o risurtado foi qui as água cumeçaro rebolá, fôro incheno e cubriu a roça e a chocha do home, inconte os cabôco ia quebrano os pau e afundano cá roça dêle".

Outro fato curioso que os barranqueiros daquele centro observam no Rio Pardo é que êste anuncia chuvas próximas, enchendo-se dias antes. Isto favorece os lavradores, pois indica-lhes a época mais adequada para o plantio de seus roçados.

Das lendas do Pardo a mais interessante, sem dúvida, é a da corrente de ouro que navega, ininterruptamente, subindo e descendo o rio em todo o seu percurso. Dizem que essa corrente é muito grossa e só não se pode calcular o comprimento dela porque passa depressa como a zelação.

Digitalizado com CamScanner

A MÃE DO OURO

Atravessa o município de Januária, no sentido norte-sul, negra linha de rochas calcárias, que vem de longe e desce ao longo do Rio de São Francisco, pela margem esquerda, esgueirando-se para muito além, para os confins da Bahia.

E em tôda a grande extensão, ora a cadeia orográfica se parte em boqueirões e vales, ora se fragmenta em cômoros e penhascos, ora se fende e se escancara em grêtas e cavernas, muitas das quais são um testemunho do passado gentio, outras relembram crimes medonhos.

E tôdas, sem exceção, possuem lendas admiráveis, criadas em tôrno de riquezas fabulosas ou de sêres encantados.

Não é um, nem dois, são muitos os caçadores e vaqueiros que já se surpreenderam diante de fatos estranhos que se desenrolam ao pé das serras ou no interior das criptas. Às vêzes são línguas de fogo que sobem as pedras a lamber florestas, ou são clarões de queimadas inexistentes. Outras, é o cantar de galos, ou o som dolente de um instrumento que brota do fundo escuro das lapas.

Na Serra de São Bento há uma gruta que volta e meia serve de palco a exibições sobrenaturais. Cavaleiros que por ali passam a desoras têm presenciado filas de lanternas que conduzidas por mãos invisíveis, mergulham na loca. E no mesmo local caçadores já viram assembléias de mocós sob a liderança de um gigante da mesma espécie.

Já houve quem visse sôbre o Pico do Itapiraçaba * uma grande lagoa, cheia de peixes dourados e cobras de diversas

---

* Vimos algures grafarem Itabiraçaba, com b. O povo sempre falou Itapiraçaba, pronúncia esta que se assenta bem no tupi. Ademais, o grande historiador e folclorista Professor Manoel Ambrósio, assim registrou o vocábulo num poema.

Digitalizado com CamScanner

côres. Os habitantes da vizinhança dizem que um fato já se tornou comum àquele sítio, o desorientar-se alguém em pontos familiares, por vêzes, mesmo, à beira do terreiro da casa. E quando isto acontece, o indivíduo fica esquecido durante horas e horas, andando a esmo.

De quando em vez, durante a noite, uma tocha de fogo alevanta-se de um ponto qualquer da serra e desloca-se a pequena altura. E viaja morosamente, quase roçando as matas, indo perder-se na orla da crista a caminho de outra serra, ou descer com estrépito sôbre as águas do São Francisco.

É a Mãe do Ouro!

Digitalizado com CamScanner

A MÃE-D'ÁGUA

Os sertanejos moradores nas vizinhanças da Cachoeira do Pandeiros, no município de Januária, contam que os sêres encantados de todo o mundo são governados por uma princesa gerada das espumas do Rio de São Francisco. E é tão formosa que magnetiza a quem se demorar por algum tempo fitando seus lindos olhos azuis.

Preocupa-se muito com os cabelos, cujos fios são de ouro, compridos que lhe afagam os pés.

Veste-se de nuvens e adora o Sol e os astros da noite. Sua cútis é branca como os raios da lua e reflete uma frescura tão branda como o espêlho dos lagos.

Mora num fulgurante palácio submerso e domina as correntezas.

É vaidosa e senhora absoluta de todos os segredos mergulhados no coração das águas.

De quando em vez canoeiros a surpreendem à tona dos rios, alisando os cabelos com um pente verde, imponentemente sentada num trono de pedrarias. Medrosos, baixam os olhos para fugir ao deslumbre, batem os remos depressa e gritam roucos de mêdo:

— É a princesa, é a Mãe d'água!

Digitalizado com CamScanner

CABOCLOS-D'ÁGUA

Os remeiros do São Francisco acreditam na existência de homens encantados que habitam o fundo das águas, onde edificaram cidades de luxuosos palácios, todos construídos de ouro e pedrarias. E entibiados pelas superstições que lhes modelaram o espírito desde o primeiro contato com a natureza, aceitam as fantasias que lhes passaram os avós, e as transmitem aos filhos e netos sempre aumentadas.

— Ôia sá Firmina, dizia Sancho Caju, eu e Zidóra viajava de canoa no Pandêro, levano pá Jinuára um carregamento de mamona pá seo Vito do Landim. Conde nóis tava chegano nos Balaêro quaje qui nóis perde o fôrgo, apois vimo a morte pelo zóio.

— Uái sô Sancho, foi argum sucruiú? perguntou-lhe a velha Firmina, mostrando-se ingênua.

— Cóli o quê! Muito pió, sá Firmina! Nóis já tava inxergano o rancho de seo Balaêro, Zidóra sentada na prôa, carmamente, conde as água cumeçaro cubri de iscuma. Antonce uma canca d'água foi aproximano de nóis e a canoa começô virá pũa banda e pá ôta. Iô já tava perdeno a fôrça do braço de tanto batê remo. A Zidóra danô a gritá prú Son Bom Jesuis da Lapa, mais cóli o quê! As água maretava e as iscuma frivia in riba de nóis e a canoa ficô disimbestada. Conde inxerguei o pirigo, já com os braço drumente, apricibi o qui era e gritei: "Cumpáde, queim vai aqui é siô amigo Sancho Caju! Essa dona queu trago é Zidóra mia muié, qui nunca feis máli a vancê. Toma uma casca de fumo e dêxa nóis passá in páis!...". A canuinha foi indereitano...

Digitalizado com CamScanner

— Apois antonce era cabôco d'água, sô Sancho?! interrompeu Firmina.

— E dos brabo, inharsim! A mia muié conde viu iô falá in cumpáde, atarracô a faca no fundo da canoa e disgramô a rezá. Aí antonce as água fôro acarmano e nóis fumo incostano pá berada do rio e pulemo digêro prús barranco. A Zidóra tava branca cuma vela, tremeno e bateno os dente quineim quexada. O véio Balaêro tava isperano prú nóis na bêra do remanso, junto cá Lorença sá fia e Jusé genro dêle. Conde nóis dissartamo êle danô a ri e disse qui viu o cumpáde se banhano e de vêis e conde êle levantava a cabeça e oiava pá nóis qui vinha cá canoa lá na vorta da ia e qui conde nóis aproximamo êle cumeçô dá cangapé e as água disgramaro a rupiá e levantá iscuma qui paricia cachuêra.

E Sancho Caju prosseguia a contar à velha Firmina das Cabeceiras suas peripécias na vida de remeiro:

— Dôta feita iô tava imbarcado numa canuinha, daquelas danada pá bambiá qui inté parece qui carregô difunto...

A velha Firmina o interrompeu:

— Num ataiano sá proposta qui prá diante vai, ancê qué ripiti essa cunversa de canoa bambiá?

— Vancê num sabe?

— Inhornão!

— Apois é, inharsim! Canoa qui carrega gente qui tá morto fica maluquinha cuma galinha do pescoço quebrado. Foi mermo assim qui a canoa tava êsse dia dinoite. Iô carregava a Imila ma fia, qui vinha cuchilano cuma queim vei da festa. E foi nossa fricidade, pruque lá in riba duma moita de górfo tava um cumpade oiáno prá nóis cuma queim óia cum vontade de pegá e agarrá. Iô tive arreceio da Imila vê prú qui se ela visse dava pá gritá e o cáus tava pirdido. Coisa boa, sá Firmina, é a gente prestá tenção nos consêio dos mais véio... Iô falei: "Ôia, cumpade, queim vai aqui é Sancho cum

Digitalizado com CamScanner

a fiínha dêle. Toma essa casca de fumo prancê pô ni siô cachimbo e dêxa nóis passá in páis!". Odispois istrepei a ponta da faca no fundo da canoa.

— Vancê num teve mêdo, não, sô Sancho? indagou-lhe Firmina.

— Cóli mêdo, cóli o que, sá Firmina! Apois queim anda cum Deus tá sarvo! Tamém o finado tinha parte com cabôco d'água. É purisso queles respéita a gente. Ancê é de vê qui uma vêis eu tava lavano bem lá na fonte de Zé Prêto e, conde oiei pum lado, óia um cabôco tomano banho tamém! Era um cumpade cunhecido do finado e qui me dá pêxe conde priciso. Êsse cabôco, certa casião, sarvô miô pai conde ia morreno afogado. Êle tirô o finado de dento do remanso e botô êle quage morto in riba do barranco. Isso é prancê vê cuma êle gostava do véio finado miô pai...

— Ondé queles mora, sô Sancho? perguntou-lhe Firmina.

— Êles mora num bandão de lugá, dibaxo dos barranco, nos palaço incantado. Agora se ancê qué vê cabôco é lá na lagoa de péda. O finado me dizia queles teim uma ardêia nessa lagoa e qui êles véve do mermo jêto qui nóis aqui na terra. Êles teim mata pu dibaxo do chão, pranta roça, tudo qui nóis fazemo aqui êles tamén fais lá in baxo. Êles teim gado e tudo conté ispéce de criação êles pissúi lá no fundo d'água...

E Firmina ouvia com atenção essas imaginações do sertanejo remador e anotava na memória, um a um, todos os lances da história, para depois contá-la aos netos das Cabeceiras, acrescida é certo de mais um ponto.

Digitalizado com CamScanner

A LAGOA BONITA

Localiza-se na margem esquerda do Rio de São Francisco, a légua e meia da cidade do mesmo nome.

É larga e profunda. Sua superfície, um espêlho azul, divide o mundo ao meio: tanto vai dela ao Céu como às profundezas sem fim.

Antigamente um pescador que se chamava Tomás construiu, à beira do barranco, um ranchinho sem paredes. Certa noite, foi despertado por alta conversação. Ligeiro, pulou da cama e correu a ver o que se passava.

E até então nunca vira tanta gente. Centenas de pessoas, tôdas envergando trajos antigos, cada uma delas de lanterna à mão, escoltavam um esquife de prata, conduzido por seis fidalgos que marchavam rumo à lagoa.

Estarrecido, Tomás seguiu com os olhos aquêle séquito maravilhoso que se ia sumindo debaixo das águas.

E de lá fugiu para nunca mais!

Nessa lagoa a vida é intensa, sendo morada de peixes, répteis, aves e mamíferos.

Todos encantados.

Outrora, ali não se podia pescar devido à intromissão dos compadres. Hoje, todavia, alguns pescadores têm a confiança dêles; levam-lhes fumo para a satisfação de seus vícios e em compensação voltam carregados de peixe. Mas, tem acontecido que o peixe se recompõe na panela, depois de dividido em postas, causando enorme espanto às cozinheiras.

Digitalizado com CamScanner

Os compadres ou caboclos-d'água, dos quais a Lagoa Bonita é grande centro, são uma ameaça para os pescadores e pequenos navegantes. Têm a forma próxima da do homem, são baixos, gorduchos, de cabeças enormes e calvas. Gostam de cachimbar no seio das águas e de arrebentar barreiras.

Há três animais imponentes que são os donos da lagoa: um touro vermelho, forte e bravio, tendo no meio da testa um coração que brilha como o sol; um grande dourado de olhos de fogo, corpo de ouro e barbatanas de prata; e um cavalo pampa, ligeiro como flecha, pai de árdegos poldros que pastam nas cercanias.

Digitalizado com CamScanner

O RONCADOURO

Além d'Água Doce, na estrada que liga o pôrto de Januária à cidade de Posse em Goiás, há um lugar estranho, que o povo batizou com o nome de Roncadouro, naturalmente devido ao barulho que produzem os cascos dos animais, ou, de modo particular, as rodas dos carros de bois, ao atravessarem o sítio.

Deve ser uma caverna subterrânea que vem resistindo à ação do tempo.

Os moradores dos arrabaldes, no entanto, explicam o fenômeno diferentemente. Dizem que o Roncadouro é lugar encantado e maldito, o cárcere do Anticristo, que lá se acha prêso há centenas de milhares de anos e onde permanecerá até o fim do mundo.

Conta-se que certa vez um lavrador entendeu de saber o mistério e preparou-se para a arriscada aventura, não obstante os conselhos de parentes. Arranjou um bornal de frito, despediu-se da mulher e dos filhos e partiu para o local, acompanhado por um cão. No ponto, vasculhou as cercanias durante horas, parando, afinal, na base de escarpada ladeira, onde se abria estreita e negra fenda. O lavrador indicou esta ao seu fiel cachorro, que a farejou algum tempo, depois latiu e nela penetrou seguido pelo amo. No comêço o homem progrediu de raspão e às apalpadelas, mas alargava-se o buraco e clareava o ambiente à medida que avançava para o interior da terra. Depois de muito andar, agora sob imensa cripta, chegou afinal à margem de um paredão, ao pé do qual se erguia imponente altar, ornamentado com flôres de diversos matizes, castiçais acesos, toalhas brancas e engomadas. Não havia pessoa alguma e o silêncio dominava. A essa altura deu pela ausência do cão

Digitalizado com CamScanner

e temeu pela sorte dêle e pela sua própria. Após curta parada foi avante, caminhando agora ao longo da muralha. Adiante transpôs uma porta que dava para luxuoso salão, iluminado por um filete d'água resplandecente que, nascendo de uma rocha, serpeava alguns metros pelo fundo da abóbada e ia mergulhar-se numa greta rasgada doutro lado e em cuja entrada seu cão esperava. Lembrou-se, então, do estômago e desceu a matula, acocorando-se à beira do riozinho para comer. Minutos depois ouviu um ruído tenebroso que vinha das profundezas do chão, semelhante ao rastar de ferros. E antes de refazer-se do susto, dêle se aproximou um gigante acorrentado, o Anticristo, cujas barbas desciam-lhe aos joelhos. O monstro olhou-o irado, parou, deu mais alguns passos e perguntou-lhe:

— Quem ensinou você a vir aqui?

Mas o lavrador não teve bôca para responder-lhe nada.

E o gigante ordenou-lhe ameaçadoramente:

— Puxa daqui! E se descobrir o segrêdo, morrerá!

O homem levantou-se e saiu da furna, correndo para casa em seguida. Sem dar fé à ameaça do monstro, contou aos seus tudo o que vira no Roncadouro. E morreu logo após.

Digitalizado com CamScanner

A LAGOA DA TAPERA

A Lagoa da Tapera localiza-se bem perto da foz do Pandeiros e sua existência não é tão remota. Em seu lugar havia um rancho, morada de uma família de pescadores, a meio quarto de légua da margem esquerda do Rio de São Francisco.

Certa vez a mulher do pescador viu alguns filhinhos de caboclos-d'água brincando na praia. Correu e foi chamar o marido para ver a estranha ocorrência.

Mas o homem pegou a ligeira e matou um dos meninos.

A cabocla fêmea, mãe dos pequenos, tomou o cadàverzinho nos braços e pôs-se a olhar o inimigo.

Dias depois, o homem estava pescando quando foi surpreendido pelo caboclo macho, o pai da pequena vítima. Ao dar com o monstro, o pescador tentou fugir, debalde, pois viu-se cercado por grande número de compadres que lhe arrancaram tôdas as partes do corpo, matando-o bàrbaramente.

Horas depois, a pobre mulher enxergou a canoa do marido descer sòzinha.

E meses mais tarde a viúva acordou com uma zuada debaixo da casa, verificando, aterrorizada, que os caboclos haviam solapado o chão, que ia sendo inundado pelas águas. Depressa, a mulher pôs um banco sôbre duas travas da cabana, nêle se deitou de barriga para baixo e fêz promessas a São Gonçalo do Amarante,* o protetor das viúvas, pedindo-lhe que

---

* V. Martins, Saul — *A Dança de São Gonçalo*, Edições Mantiqueira, Belo Horizonte, 1954.

Digitalizado com CamScanner

a salvasse. O caboclo macho saiu fora e procurou a mulher por todo canto. Vendo que não a encontrava pegou uma cachorra que uivava no terreiro, pô-la debaixo do braço, comeu-a, e foi-se embora, resmungando irado.

A mulher fugiu para nunca mais.

A terra afundou-se minada pelas águas.

E a lagoa surgiu.

Digitalizado com CamScanner

A LAGOA DE PEDRAS

À margem esquerda do Pandeiros, próximo do lugar denominado Saco do Tigre, abre-se a Lagoa de Pedras, sítio evitado por quantos o conhecem. Fogem dela, não por recearem sua desmedida fundura. Nem devido ao anilado das águas, que diferem tanto das do rio próximo. Nem mesmo pelo fato, assaz curioso, de apresentar-se limpa e serena, hoje; ou espumando encolerizada, amanhã; ou, mais tarde, disfarçada em vargem sob exuberante flora aquática.

Fogem dela, com certeza, por temerem os monstros encantados que lá residem.

Conta-se, por exemplo, que dois canoeiros desciam o Pandeiros e, estando êste muito cheio, resolveram atalhar o caminho arriscando-se na lagoa. No entanto, mal deixaram o rio, dois caboclos-d'água subiram à tona e agarraram o barco, um de cada ponta. Quando já o iam virar um dos homens tirou do bôlso um pedaço de fumo e lançou-o n'água para os monstros, a quem chamou compadres, amistosamente. Os caboclos logo deixaram a embarcação e pouco depois brotaram noutro ponto, cada qual com um cachimbo no queixo a baforar nuvens de fumaça. Os canoeiros de nôvo ganharam o rio e bateram remos sem descanso, quase mortos de mêdo.

Dizem os mais velhos do lugar que é rei da lagoa um enorme peixe, cujas escamas são de ouro, e cujos olhos são duas tochas de fogo. Muitos já o viram por ocasião de saltos medonhos.

Digitalizado com CamScanner

Na beira da lagoa aparecem rastros de um animal esquisito, de uma só perna e de pé redondo qual fundo de garrafa. Chamam-lhe saci e culpam-no de desorientar viajantes e caçadores, nas estradas ou nas matas, assobiando aqui e ali, desordenadamente. Consideram-no também de mau agouro, pois suas visitas prenunciam grandes desgraças.

Digitalizado com CamScanner

O CHUPÃO

Com êsse nome os moradores do centro norte-mineiro do Vale do Rio de São Francisco identificam uma grêta na orla do Pandeiros, à direita, seis quilômetros abaixo de sua famosa cachoeira.

As águas do rio, antes limpas e serenas, ao se aproximarem da abertura, derrapam fragorosamente no leito incerto. E parte delas precipita-se escachoante no sorvedouro, com extraordinária ligeireza.

Os canoeiros vencem o lanço navegando à sirga. Amarram comprida corda à argola da proa. Depois, o remeiro dêste lado salta na margem esquerda e, empunhando a extremidade livre da corda, mantém a embarcação fora de perigo, enquanto, de seu pôsto, o pilôto ou remeiro da pôpa dá-lhe movimento e estabilidade, até vencer a correnteza.

Certa feita, segundo a tradição, por lá passavam três homens numa canoazinha, distraídos, quando foram engolidos pela negra furna.

E até hoje, decorrido mais de um século, ouve-se o bater de remos dos canoeiros na dura peleja de salvamento.

Dizem que o Chupão é ponto de reunião de caboclos-d'água e também de adaptação dos sêres recém-encantados, os quais dêle saem com a forma que a Mãe-d'água lhes determinar.

Os navegantes transpõem o sítio com respeito. E lá até pescam, mas o fazem depois de pedir licença aos caboclos, ou de lhes jogarem uma casca de fumo.

Digitalizado com CamScanner

O PÉ-DE-GANCHO

O capeta, pé-chato, pé-de-gancho ou como quer que o tratem, atrás de povoar seu reino, está presente em tôdas as rodas do pecado, urdindo manhas, aquecendo orgias, alimentando vícios. Ora em audiências debaixo das gameleiras, reunido aos seus iguais para traçar planos de ação, ora nas encruzilhadas desertas para assinar pautas com um malfeitor, ora vestido de príncipe para iludir uma virgem e conduzí-la ao mau caminho, vai satanaz alargando seus domínios e despovoando a terra.

Ainda há bem pouco deu-se um fato que diz bem do que é capaz. Aconteceu no arraial de Umburanas, perto de Poções, do município de Manga. Conta-nos José Leão, daquela localidade mineira do Vale do Rio de São Francisco, que jogava baralho a valer, numa casa de negócios, de parceria com gente do lugar. A certa altura do jôgo chega um desconhecido, que montava belo e fogoso animal, cujos arreios resplandeciam ao reflexo dos candieiros pela fartura dos metais. Com acentuada ostentação apeou da cavalgadura, amarrou esta a um poste à beira da calçada e pediu licença para tomar parte no jôgo, achegando-se à mesa. Trajava um terno branco e engomado, camisa de cetim vermelho, lenço de sêda listrada atado ao pescoço, polainas amarelas e chapéu de abas largas. Do bôlso do cós caía enorme patacão ligado por grossa corrente, tudo da mais fina qualidade. Quando abriu a bôca para cumprimentar os parceiros, maior admiração causou, pois tinha os dentes de ouro e as gengivas de prata.

Não obstante dever gerar desconfiança, ninguém pensou mais alto. Todos o tomaram por um boiadeiro que por ali passava.

Digitalizado com CamScanner

E puxaram-lhe uma cadeira, sôbre cujo assento deitaram um coxinilho de linha branca anilada. O estranho retirou do bôlso a carteira, prenhe de notas graúdas, cortou o baralho sob os olhares da parcerada e de todos os que assistiam ao jôgo.

E perdeu dinheiro em profusão!

Ninguém dava fé de nada, porque todos queriam ganhar mais, estavam todos embriagados pela ganância. Mas a certa altura, já nos albores do dia, uma criança que se achava escanchada nas cadeiras da mãe a choramingar sonolenta, encara o misterioso desconhecido e diz:

— Né!... Ôia, mãe, aquêle home feio vem pegá a gente. Hum! Êle teim ũa perna só. Cuma é quêle pode caminhá, mãe?! Vixe Maria! O pé dêle é ũa barrela de boi...

A criança foi interrompida pelo estranho, que se levantou irado e dirigiu-se à porta, dizendo:

— Aqui já teve bão! Purisso é qui num gosto dessa corja de minino. Êles inxerga o qui num é da conta!

E exalou da sala.

— Ainda vi o pé dêle! afirma José Leão. Num abri e fechá de zóio ainda vi o pé dêle, chato, cascudo e cum quato gancho mole qui dava dois pá frente e dois pá tráis. Mais adante de chegá na porta a tamburetada caiu e o diabo surumigiu quinéim ũa zelação, dexano todo mundo utuso e cá bôca no saco qui num atrivia dizê nada.

Mas não ficou só nisto. Um penetrante cheiro de enxôfre e pólvora queimada invadiu a casa tôda. E sôbre a mesa do jôgo havia apenas alguns níqueis misturados a montões de casca de pau pôdre, terra e fôlha sêca, que era o dinheiro que perdera satanaz.

Digitalizado com CamScanner

OS MONSTROS DA QUARESMA

Certa feita, após o Entrudo, dei de passar uns dias na roça, numa fazenda situada à beira do Pandeiros, três léguas abaixo da cachoeira, pouco mais ou menos. Depois do jantar, na varanda, ou no pátio, ia reunir-me ao grupo de empregados para ouvir histórias fantásticas, até altas horas da noite. Foi num dêsses serões que nos levantamos rápido para acudir a Massu, que viera a nós trêmula de susto:

— O qui é qui acunteceu, minina?!... perguntou-lhe a nêga Luça, batendo a mão na puxada da candeia para apagar a chama.

É que, segundo afirmam, a pessoa mal-assombrada não pode enxergar a luz, senão desmaia e pode morrer.

Massu derreou-se a um canto sôbre uma esteira de buriti e exclamou aliviada:

— Graças a Deus e a Son Bom Jesúis eu cheguei sã e sarva, apôis um bicho quage qui me pega!

— Qui bicho é êsse, minina? indagou-lhe a nêga Luça, enquanto a Chica Butim passava-lhe um caneco d'água.

— Uai!... Ancê inda prigunta? Ancê num sabe qui nóis tamo na Coresma?! Só pudia sê lubizome ou mula-sem-cabeça. Ocêis alembra adonde a égua de sô Tanáis morreu? Apôis foi bem ali, pertim do canto da manga, quêu quage qui fica na goela do lubizome nessa zora de Deus. Valeu Nossinhô iô scutá de longe o quebrado de ôsso nos quêxo do bicho. Conde oiêi prú dibaxo daquele pé de cagaitêra qui fica na incruziada do Landim vi dois zóio vremeio qui inté paricia duas tocha de fogo.

Digitalizado com CamScanner

Num alembrei nem de rezá apôis o demonho botô prá riba da coitada de mim quinéim ũa fera adragão. Miá valença foi conde cheguei no santo cruzêro da fazenda, qui fazia sombra de crúis no camin cum o crarão da lũa e o miserave stacô na berada da sombra rosnano e bateno os dente.

O acontecimento despertou no grupo o interêsse por histórias dessa natureza. Falaram sôbre as mulas-sem-cabeça, que tôdas as sextas-feiras da Quaresma têm de correr sete freguesias e de saltar tôdas as suas igrejas. Acreditam que os lobisomens e as mulas-sem-cabeça são metamorfoses a que estão sujeitos homens e mulheres gerados Sexta-Feira Santa, bem como as amásias de padres e os filhos dêstes.

Digitalizado com CamScanner

OS TRÊS IRMÃOS

Um enviado de Deus desceu em sonho a um seu servo e disse-lhe:

— Que queres tu?

E o pobre homem respondeu:

— Seja feita a vontade do Senhor ao seu humilde servo. Dá-me três filhos varões, pois minha mulher é estéril e me enche de amargura a mim.

E retirando-se, disse-lhe o anjo:

— Seja feita a vontade do meu Senhor, pois Êle te ouviu a ti. E tua espôsa conceberá a semente do teu desejo.

E a mulher pariu três filhos, possuídos de condãos distintos.

Salomão, chamava-se o mais velho; Absalão, o caçula; e o do meio, Sansão.

Tinha Salomão o poder da ciência das coisas. Era o mais sábio dos homens.

Absalão ganhara formosura, o mais belo jovem de Israel.

Possuía incomensurável fôrça Sansão, o mais forte varão da terra. Nem o marruás bravio resistia aos seus férreos punhos.

Era tão sábio o primeiro que, certa vez, pretendeu recompor-se feito em pedaços. Com êste fim deu ordens a seus escravos que o espostejassem e, em seguida, fechassem tôdas as suas postas numa urna, recomendando-lhes que só abrissem esta findo o prazo que determinou. Os servos obedeceram, mas de alguns segundos abreviaram a abertura da urna, precisamente quando o grande sábio punha no lugar o coração.

E assim morreu.

Digitalizado com CamScanner

Vivia às escondidas Absalão, ou às carreiras quando as contingências o obrigassem a largar os desvãos de voluntário recolhimento e mostrar-se, pois as mulheres que lhe levassem os olhos por êle se apaixonavam loucamente. Certa vez êle se encapuçou e dirigiu-se à igreja para rezar. Aconteceu, porém, que não tardaram a descobrir o belo mancebo, que morreu de abraços e safanões.

Era tão forte o terceiro, que sòzinho lutava contra um exército e o vencia em dois tempos. Em razão disto ganhou milhares de inimigos, que lhe não davam folga, mas que o não venciam. Concertaram, então, descobrir a razão de tamanha fôrça, para cujo fim contrataram uma mulher com o intuito de seduzir Sansão e descobrir-lhe o segrêdo. Após ganhar sua confiança, a mulher indagou a êle se um meio havia de o enfraquecer, ao que lhe respondeu Sansão afirmativamente, explicando-lhe que bastava atar-lhe os punhos com fôlhas de cebola. Desincumbindo-se da tarefa, amarrou-lhe os punhos a mulher, debalde, com um trôço de fôlhas de cebola. Sansão livrou-se da peia afastando os braços, naturalmente, como se nada lhe obstasse o movimento. E insistindo a mulher em conhecer-lhe a arcana fôrça, disse-lhe Sansão que se lhe raspassem a cabeça o tornariam igual aos outros. E assim o fêz a mulher. Aproveitando o sono do gigante, tosquiou-o, inùtilmente, pois Sansão permaneceu forte, e a cada experiência malograda ria por ter enganado a ela.

No entanto, não se deu por vencida a mulher. Queixou-se muito, e pediu, e suplicou, e lágrimas verteu, e afinal ouviu:

— Sim, disse-lhe Sansão, minha fôrça reside nos três fios de cabelo que possuo no umbigo, tão compridos que os amarro entre si após três voltas na cintura.

E ao outro dia, acordou Sansão a pontas de lanças, rodeado pela farândula inimiga. Despido dos três longos fios de cabelo, fàcilmente o anovelaram de cordas, e assim o conduziram à masmorra.

E dias e dias se passavam.

Digitalizado com CamScanner

Sansão, entregue a trabalhos forçados. Seus inimigos discutindo o meio de vingança, o suplício que mais acalorasse a geleira de suas almas.

Enquanto se sucediam as sinagogas dos ímpios, entorpecidos de maldade, do umbigo de Sansão se distanciavam as pontas de cabelo.

E passaram meses.

Um dia sentiu o gigante renascer-lhe a fôrça. Parte as algemas e ruma para a igreja, onde milhares de pagãos deliberavam sôbre sua vida. E, em lá chegando, irado, Sansão apóia os ombros na parede do templo, à entrada da porta, e grita:

— Morra Sansão e todos que aqui estão!

Disse e agiu. Firmou os pés no solo e derreou o corpo, e forçou a pilastra. As paredes se fenderam, estalaram as vigas, e ruiu o edifício com estrondo horríssono.

E todos morreram.

NOTA: Liames comuns? Há-os com certeza. Averba a bíblia que Deus deu a Salomão muitíssimo entendimento. Em todo Israel não havia homem tão belo e tão aprazível como Absalão, desde a planta do pé até à cabeça não havia nêle defeito algum. Sansão, o damita predestinado a salvar sua grei, possuía extraordinária fôrça, tendo lutado heròicamente contra os filisteus; prêso, cego, exposto à chacota dos pagãos, forçou as colunas do templo de Dagon, fazendo-o ruir sôbre si mesmo e seus algozes. Os três não eram irmãos. Eram-no, todavia, Salomão e Absalão, ambos os dois filhos de Davi. Por influência religiosa chamam igreja a um templo pagão. E, no mais, afasta-se o populário da realidade bíblica, disjunção que apanha o fato no ângulo do Folclore.

Digitalizado com CamScanner

Quarta Parte

Festas Religiosas

Digitalizado com CamScanner

Digitalizado com CamScanner

O REISADO

Desde o Natal ou o Ano Bom o reiseiro, morador na região norte-mineira, reúne homens e mulheres da vizinhança e parte a cantar de porta em porta, tirando esmolas para festejar o 6 de janeiro, em cumprimento de promessa, ou em recompensa a algum benefício que os Céus lhe tenham dado.

É a folia de "Senhor Santo Reis", ou o reis de caixa.

Os foliões são geralmente os mesmos das festas anteriores. Vão carregados de instrumentos, alguns estrambóticos como o reco-reco, ou arame enrolado em volta de um pedaço de bambu; o zabumba, que é enorme tambor feito de lata de carbureto; e o balaio, ou cêsto de cipó de imbé ou de bugi, contendo várias sementes de caeteté. Levam também a harmônica de oito baixos, a rabeca, o pandeiro, a viola e a caixa. Os dois últimos instrumentos são encontrados em tôda folia, sendo que a viola é executada pelo mestre reiseiro.

Segundo a tradição, quem tiver promessa de cantar aos Santos Reis tem de fazê-lo até a morte, porisso que interromper a devoção é incorrer numa desgraça. Vai daí designarem as folias pelo nome dos festeiros: reis de seo Germano, de sá Argemira, de Zé Figueiredo, de Inaço Cego.

À frente dos reiseiros marcha o dono da festa ou, em sua falta, o guia dos foliões. Cortam léguas e léguas, a pé, através de estradas compridas, para cantar numa e noutra casa, demorando-se mais onde houver pinga com fartura. Preferem cantar à noite, pois tiram o dia para o descanso. E chegam em silêncio à porta do visitado, tendo antes o cuidado de afinar os instrumentos e alimpar as goelas. De mansinho, pois, dispõem-se em volta do guia, interessados em acordar o dono da casa,

Digitalizado com CamScanner

saudando-o. E riscam as violas, e batem a caixa, e os outros instrumentos aparecem quase ao mesmo tempo.

E começam a cantar:

Deus te dê boa noite, (conforme a hora)
Boa noite Deus te dá, (bis)
Santo-Reis na tua porta
Qui aqui vei lhe visitá. (bis)

O navio do nascente,
Navega sem marinhêro, (bis)
Assim navega a fulia
No dia seis de janêro. (bis)

No dia seis de janêro
Tem ua premessa divina, (bis)
Qui os anjo do Céu cantava
Conde Deus era minino. (bis)

Vomicê sinhô... (o dono da casa)
Miô cavalêro fidargo (bis)
Tem o sóli pur caminho
Pela lun-a foi guiado. (bis)

E tamém a sá... (a dona da casa)
De prata feis a culhé, (bis)
Ente as beleza do mundo
É rainha das mulhé (bis).

Siô... (o dono da casa) abre a porta,
Abre a porta venha cá, (bis)
Santo Reis na sua porta.
Qui aqui vei lhe visitá. (bis)

Se tivé de dá esmola,
Já bem pode mandá dá, (bis)
Somo arriêro de longe,
Num pudemo demorá. (bis)

Nesse momento o dono da casa aparece para receber "Senhor Santo Reis" e oferecer-lhe a esmola, segundo suas possibilidades financeiras. Os ricos costumam dar-lhe uma rês.

Digitalizado com CamScanner

Os mais pobres dão-lhe um carneiro, uma cabra, ovos, galinhas, ou mesmo dois cruzados em dinheiro.

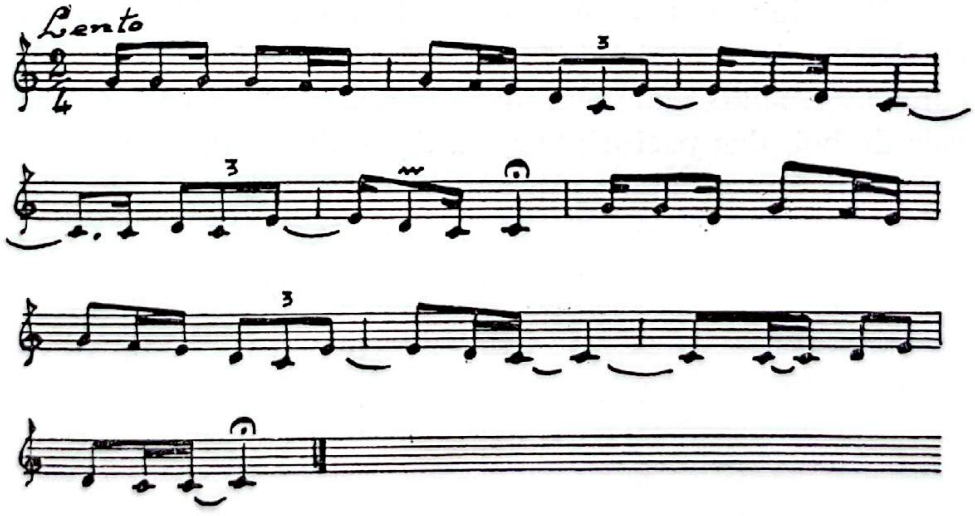
Recebida a esmola pelo guia, sem interrupção no canto, os foliões agradecem-na e finalizam a saudação:

Deus te pague a santa esmola,
E os anjo querem lová, (bis)
No reino do Céu te veja
Sentado no bom lugá. (bis)

O rosaro de Maria
Foi feito Jerusalém, (bis)
Pelo nome de Deus pádi
Ispiríto Santo Amém. (bis)

Se na casa houver lapinha, saúdam-na também os foliões, mas neste caso retiram suas armas da cintura e as depositam no chão, em sinal de respeito a Deus-menino.

A música é sempre uma, seja qual fôr a intenção dos versos, havendo, contudo, ligeiras modificações de vozes, segundo a preferência do festeiro. A solfa que se segue é a cantada pelo reis de sá Luça:



Saudados que sejam a lapinha e o dono da casa, os foliões vão dançar o batuque, ou o lundu. É a recompensa que oferecem ao dono da casa, se dêle receberam uma garrafa de vinte-e-seis.

Digitalizado com CamScanner

Findo o programa destinado a uma casa, arribam com destino a nova morada. Acontece duas folias se encontrarem numa casa, ou ao longo das estradas. Dado o caso, ficam horas e horas a cantar violentos desafios, que degeneram do sentido religioso, culminando não poucas vêzes em sérios conflitos. Se o encontro se verifica nos caminhos, cantam versos assim:

Minha vige Santa Isabéli,
Guerrêra de braço aberto, (bis)
Vem me ajudá vencê
Bataião dessa travessa. (bis)

Se se dá o encontro numa casa, os versos são como êstes:

O sinhô me dê licença (dirigidos ao dono da casa)
Prá cantá nessa varanda, (bis)
Com miô chapéu na cabeça,
Com miô facão de uma banda. (bis)

As folias duram treze dias, no máximo, encerrando no dia dos Santos Reis com o sarau dado ao povo pelo festeiro.

Nas cidades de Januária, São Francisco e Manga aparecem também outras modalidades de reisados, cujos foliões saem de camadas sociais mais elevadas, os quais integram os chamados reis de boi, das pastorinhas, ou da mulinha de ouro.

Digitalizado com CamScanner

AS ENCOMENDAÇÕES DAS ALMAS

Nos centros norte-mineiros do Vale do Rio de São Francisco, às quartas e sextas-feiras da Quaresma, devotos das almas do purgatório ainda se agrupam e saem a desoras, embuçados, a rezar o têrço e ladainhas às portas das igrejas e dos cemitérios, aos pés dos cruzeiros, ao longo dos caminhos, ou nas encruzilhadas desertas.

É a encomendação.

Faziam-na antigamente até pessoas de elevado nível social e de reconhecido saber religioso. Celebram-na, hoje, apenas as gentes de ponta de rua, ou as de atrasados núcleos rurais. Também a Polícia andou reprimindo essas manifestações, julgando-as prejudiciais ao sossêgo alheio e à vida dos medrosos, que poderiam morrer assombrados no caso de se encontrarem com um cortejo dêsses, nada engraçado.*

Homens e mulheres penitentes, como são chamados os encomendadores, vestem-se de branco, e cobrem a cabeça com um lençol da mesma côr. À cintura amarram um cordão de São Francisco trançado de linha virgem. E conduzem na mão uma vela acesa.

Representam as almas.

Saem de casa, entre dez e onze horas da noite, para um ponto de reunião adredemente acertado. Dêste, mudos a qualquer assunto que não se relacione com a função, marcham em uma, duas ,ou mais colunas, tôdas as quais atrás de um guia, o alimentador, que é o tirador das rezas, ou melhor, do têrço

---

* Claro que a Polícia, as professôras, os párocos, longe de embaraçar as práticas folclóricas, devem ampará-las, e orientá-las quando a prudência assim o ditar.

Digitalizado com CamScanner

e ladainhas, como disse, e ainda de orações das almas, naturalmente recolhidas de livros católicos. Durante a cerimônia, lembram defuntos conhecidos, a quem oferecem ave-marias e pedem favores. Quando atingem uma encruzilhada, todos os penitentes se ajoelham. Nessa ocasião, ajoelhado mesmo, o alimentador avança alguns metros, recua um pouco, em seguida vai ao lado esquerdo, depois ao direito passando pelo centro, volta a êste e daí, afinal, chega ao ponto de partida, que é o comêço da encruzilhada, para êles o pé da cruz.

E levantam-se e de nôvo marcham, rezando sempre.

À meia noite terminam a cerimônia, quando podem conversar e regressar às casas.

Em tôrno das encomendações criaram lendas interessantes e superstições as mais disparatadas. Dizem que pessoa alguma estranha à função deve olhar o cortejo porque, quem assim proceder, enxergará um número de penitentes muitíssimo superior ao que realmente existe, ou suplemento de almas de verdade que se misturam com os mortais.

A propósito, conta-se que certa vez uma môça levantou-se da cama e chegou à janela de seu quarto para ver um grupo de encomendadores que passava rezando. Ficou admirada de ver o número de pessoas que tomavam parte na cerimônia, tôdas de branco, alinhadas em quatro filas intermináveis.

Não teve mêdo, porém.

A certa altura, um dos penitentes, desligando-se dos companheiros, chegou a ela e pediu-lhe guardar a vela, no que foi atendido. Mas ao entrar no quarto verificou assombrada que segurava um ôsso de canela ainda sujo de terra. Correndo à janela, a rua estava deserta e a manhã despontava.

E ficou três dias sem falar.

Digitalizado com CamScanner

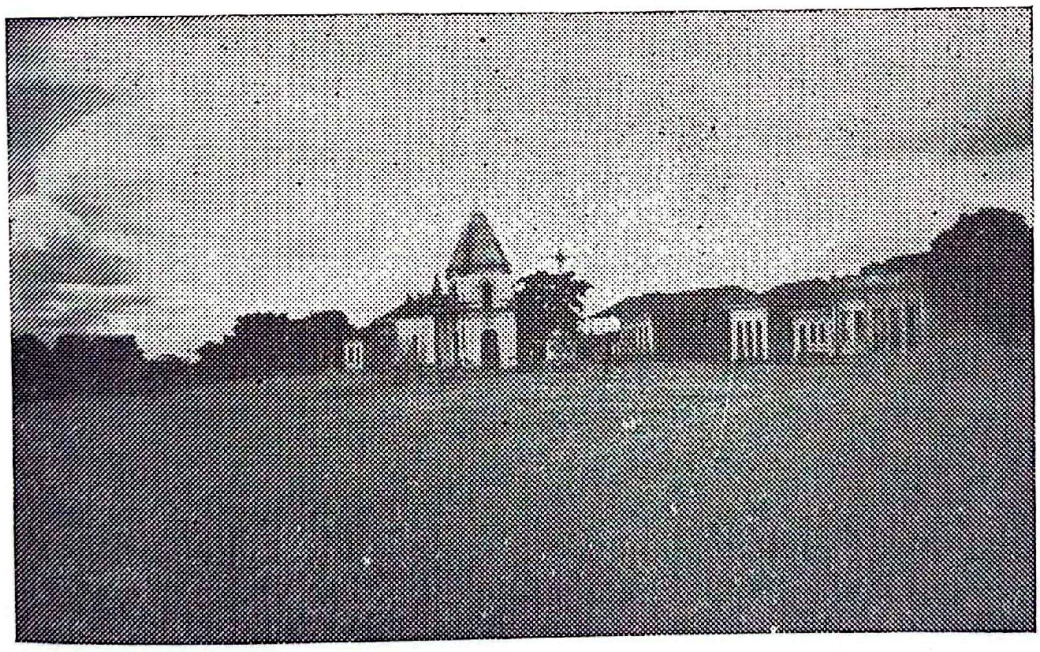
AS FESTAS DE SANTA CRUZ

No meio do largo, quase na orla setentrional de Januária, a poética cidade norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco, ergue-se uma ermida, há tempos idos, branca, e ruça hoje por duros padecimentos. Afora os dias de olvido, a chuva, o sol, os redemoinhos de pó que se alevantam das praias, cinco ou seis vêzes experimentou o frio das enchentes.

Mais, talvez.

É a igrejinha de Santa Cruz, é dos barranqueiros o símbolo de tradições e fé.

E fechada e silenciosa conserva-se as mais das vêzes.



...É a igrejinha de Santa Cruz, é dos barranqueiros o símbolo de tradições e fé.

Digitalizado com CamScanner

De tanta solidão cobre-se de poeira o velho sino, até Abril, dia vinte e cinco, quando lhe batem o badalo e fazem-no gemer dolentemente. Aí, então, o povo, o largozinho, a igreja tornam-se alegres.

Para os leilões à noite, estendem à frente do cruzeiro mesas e estaleiros onde deitam frutas e guloseimas, amarrados de canas e cambos de milho verde, ou embrulhos contendo surpresas. Tanto podem estas encerrar doces ou pudins, como esconder camundongos, lagartixas e outras extravagâncias, arranjadas com o intuito de surpreender o arrematador desprevenido. Ainda com aquêle fim amontoam engradados de aves e leitões, ou constroem cercados, onde prendem cabras e novilhos.

Aqui e ali, desordenadamente, exploram a venda de café, quitandas e jinjibirra.

E o barulho cresce e a algazarra estruge.

Confundem-se num só alarido os gritos dos moleques, as cantigas dos pedintes, e os berros dos animais encarcerados.

E foguetes de vara riscam o negror do céu, tanto mais quanto mais se aproxima o 3 de Maio.

São festas à Santa Cruz, organizadas pelos seus devotos e o povo em geral, que a Ela oferecem tôdas as prendas.

O leiloeiro é sempre o das vêzes anteriores, homem entusiasmado, que sabe atrair as atenções e divertir a assistência. Substituem-no sòmente nos casos extremos, doença ou morte.

Preliminarmente, rezam o têrço no altar-mor da ermida. Só depois da cerimônia é que fiéis e curiosos se ajuntam no adro, enquanto o leiloeiro, cheio de empáfia sôbre o caixote ou tamborete que o põe a cavaleiro, inicia a função:

— Quanto me dão por êste bôlo? É um bôlo grande, do tamanho do Itapiraçaba, um bôlo que faz a gente encher a bôca d'água... Quanto me dão pelo bôlo?

Surge o primeiro lanço:

— Vinte mil réis para o Mateus não comer!

Digitalizado com CamScanner

É o bastante. Exaltam-se os ânimos e se sucedem as ofertas em meio a desafios e ironias.

— Vinte e um para matar a fome do André Veríssimo! insinua um segundo.

— Vinte e dois para o Ambrósio comer com a namorada! grita um terceiro.

— Vinte e dois para o Ambrósio comer com a namorada! repete alegremente o pregoeiro. Vinte e dois dou-lhe uma... Quem mais dá?! Quem mais não dá?! Vinte e dois dou-lhe duas meu bolo... Dou-lhe uma pequena e outra bem pirixixinha... Dou-lhe duas... dou-lhe duas... dou-lhe três!

Faz a entrega do bôlo ao seu arrematador, ou dá a êste uma flor, que lhe assegura o direito de posse no ato do pagamento.

E prossegue, tomando outro objeto:

— Aqui têm uma prenda que um devoto oferece à Santa Cruz! Quanto me dão por ela?

— Quinze mil réis! exclama um popular.

... cinco ou seis vêzes experimentou o frio das enchentes.

Digitalizado com CamScanner

— Quinze mil réis! confirma orgulhoso o leiloeiro. Quinze mil réis dou-lhe uma... quinze mil réis dou-lhe duas... Quem mais dá? seo mais achara mais pegara, como não achei não afoitei. Dou-lhe duas... dou-lhe duas... duas e meia... dou-lhe...

— Quinze mil e um tostão prá seo Prudêncio não levar! interrompe um gaiato.

O pregoeiro não perde vaza. Explora todos os descuidos, tôdas as provocações dos ofertantes. Tudo que lhe vem da assistência constitui acicate aos competidores:

— Quinze mil e um tostão! sapateia eufórico sôbre o tamborete, confirmando o lanço. Eu já sabia! Vinte mil e um tostão prá seo Prudêncio não levar... Vamos senhores! Quem não arrisca não petisca e nem marisca, nem o peixe pega na isca... dou-lhe uma... Vinte mil e um tostão, dou-lhe duas... Senhores: lá se vai a pombinha prá o Meireles! Vinte mil e um tostão, dou-lhe duas... Quem mais negócio tece mais dinheiro oferece e o volume no bôlso cresce, e o seu lance desaparece, dou-lhe duas... dou-lhe duas... dou-lhe duas... prrrrrr... dou-lhe três na mão do freguês.

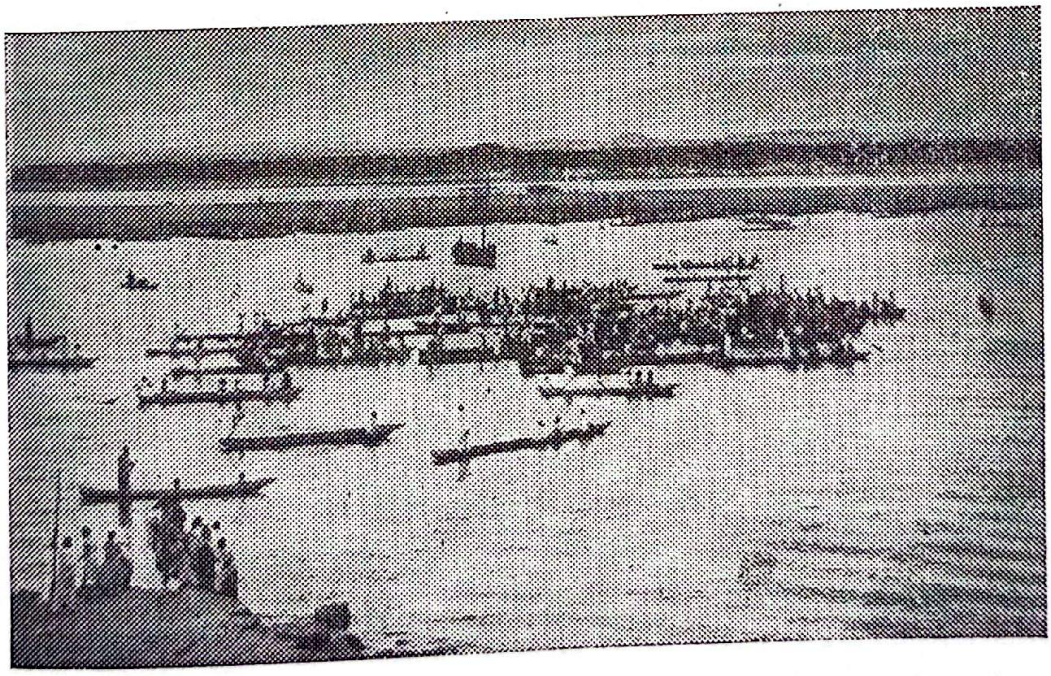
Digitalizado com CamScanner

AS MARUJADAS

Painéis deveras magníficos se desenrolam por ocasião das marujadas, ou folguedos à tona do Rio de São Francisco, na região norte-mineira, com a participação de canoeiros-pescadores, quase todos de côr.

Batem os remos ao som de violas, ou de instrumentos de percussão como chocalhos, reco-recos, caixas e zabumbas, cantando versos como êstes:

Eu vim do mar, eu vim,
Eu vim do mar de Lisboa,
Do mar de Lisboa eu vim,
Eu vim trazer coisa boa.



Foi um espetáculo deslumbrante.

Digitalizado com CamScanner

E lordam-se com uniformes de côres vivas, enfeitados de fitas e dragonas que lhes permitem separar graduações, ou postos, dentro de exótica hierarquia, à feição dos congados, que parece gerarem as marujadas naqueles centros, haja vista a devoção que os componentes destas manifestações têm com São Benedito e Senhora do Rosário.*

De quando em quando o vigário da Freguesia se integra à festa, para o que organiza procissões aquáticas, como aconteceu em 1946, no dia de São Pedro, o pescador.

Nessa ocasião ergueram na praia uma cruz, e depois levaram em canoa a imagem do Santo a breve percurso através do rio, com grande acompanhamento.

Foi um espetáculo deslumbrante.

Aqui, parece, as marujadas têm origem próxima, lembrando o tradicional desfile com a Senhora dos Navegantes, que os baianos realizam na velha cidade do Salvador, todos os anos, no dia de Ano Bom.

---

* Nos dias 28, 29 e 30 de Junho, na velha cidade do Sêrro, festeja-se Nossa Senhora do Rosário. Nessa ocasião, centenas de pessoas de côr, em três grupos distintos, exibem passos coreográficos, e cantam e se fantasiam em louvor à Santa Padroeira. Êles representam os três grupos étnicos formadores da gente brasileira: os catopês recordam os negros escravos; os marujos são uma reminiscência portuguêsa da era das grandes navegações; os caboclos rememoram os nossos índios. Mas, aqui, os marujos falam a linguagem do mar, vestem-se, andam como os marinheiros. No Rio de São Francisco, em Minas Gerais, parece, essas festas guardam pouca lembrança da época das grandes navegações.

Digitalizado com CamScanner

AS FESTAS DO DIVINO

Em tôdas as cidades e lugarejos da região norte-mineira do Vale do Rio São Francisco, o Divino Espírito Santo possui bons devotos, que em seu preito organizam folias para arrecadação de donativos, erguem mastros, rezam terços e ladainhas e promovem festanças para o povo. No entanto, cabe a Brejo do Amparo, arraial plantado ao sopé da serra do mesmo nome, seis quilômetros a noroeste de Januária, a hegemonia dêsse culto, que lá se manifesta com fervor e magnitude.

Dirige as comemorações o chamado imperador, sorteado ao término da festa passada, após a missa, entre os principais homens do lugar que à honrosa mercê se tenham habilitado. E o fazem assinando numa lista e concorrendo com certa quantia em dinheiro, que mais tarde aplicam na construção de luxuoso trono para o imperador seguinte se assentar.

Da igreja o escolhido ruma para casa, à frente de alegre cortejo que o acompanha e aplaude, ao tempo em que a banda de música, mais atrasada, executa velhos dobrados. Bem à testa os moleques balançam tições e empinam foguetes de vara.

E apesar do improviso, bebidas e comezainas não faltam, nunca, na casa do contemplado.

Antes de Maio, o imperador organiza folias e sai com o pavilhão do Divino, de porta em porta, de fazenda em fazenda, a angariar donativos. Ou manda imprimir cartões ilustrados com a pombinha, endereçando-os aos mais afortunados, a quem solicita óbolos para a festa. Oferecem-lhe, então, dinheiro, bem como galinhas, ovos, carneiros e novilhos.

Durante os dias de reza, à igreja e ao adro afluem milhares de pessoas do lugar, dos arrabaldes, mesmo de longe. Após a

Digitalizado com CamScanner

bênção, à noite, aleiloam as prendas, que são antecipadamente arrumadas sôbre mesas, fôlhas de coqueiros, esteiras e caixotes, ou recolhidas a cercados e gaiolas para êste fim construidos, se forem animais.

No sábado, véspera da festa, para a procissão os moradores aguam as ruas, atapetam-nas de flôres e fôlhas verdes, cruzam-nas de bandeirolas de papel de sêda e ornamentam-nas, de espaço a espaço, com gigantescos arcos de bambus.

Avolumam-se, aqui, os batizados e casamentos, pois acreditam que será bem sucedido quem os fizer nessa oportunidade.

Perto da igreja preparam a pista para a tradicional cavalhada,* pouco depois reconhecida pelos integrantes da encamisada, que se constitui de vinte e quatro cavaleiros, sendo doze cristãos e outros tantos mouros ou pagãos, todos os quais vestidos com estranha camisola branca, espécie de anágua, prêsa ao corpo na altura do peito. Cada um dêles, calado, segura a rédea do animal com a mão esquerda, e traz na outra uma lanterna. Após o reconhecimento do cêrco, onde correrão no dia seguinte, domingo, dirigem-se ao pátio da igreja, donde assistem à cerimônia de coroação de um homem que desempenha o papel de rei.

No domingo, dia da festa, terminada a missa, fazem o sorteio para a escolha do futuro imperador do Divino.

À tarde, a partir das quatorze horas, correm a cavalhada, que representa uma guerra entre cristãos e mouros ou pagãos. Aquêles se esforçam para raptar Floripes, a princesa que deseja ser batizada. Ao longo da pista, de um e de outro lado, erguem-se estacas, sôbre cujas pontas, para servir de alvos a tiros de pistolas durante a batalha, vêm-se as alcancias** ou cabeças de papelão, simbolizando soldados mouros e cristãos.

---

* Sobrevivência das aventuras carlovíngias de cavalaria.

** Aqui o têrmo sofreu ligeira alteração semântica e morfológica. A alcanzia (com z) era uma espécie de granada de barro, usada nas guerras antigas, nos primeiros anos após o invento da pólvora. Ou bola ôca cheia de flôres, perfume e outros mimos nas cavalhadas antigas.

Digitalizado com CamScanner

A primeira corrida denomina-se "oito-de-conta-de-espada", durante a qual disputam argolinhas prêsas com cêra a uma corda esticada ao longo da pista, para o que se valem de uma vara fina e comprida, a espada.

A conquista de uma argolinha dá ao cavaleiro direito a prêmios, que podem ser dinheiro ou objetos, ou beijos da namorada, e põe-no em evidência. Feliz, neste momento, o corredor triunfante aponta a "espada" a alguém da assistência, o qual, segundo a praxe, vê-se na obrigação moral de amarrar um presente na argola da vitória.

Cristãos e mouros se distinguem pela côr das vestes, desde o chapéu aos enfeites dos arreios. Nos primeiros predomina o azul, o vermelho nos segundos.

Seguem-se mais corridas, intituladas "oito-de-conta-de-tiro", "oito-de-conta-na-cabeça", "quebra-garupa-de-quatro" e outras. A última, realizada por dois cristãos e dois mouros, agora a caminho do castelo, representa a etapa final da guerra e sucede ao regresso do embaixador dos cristãos ao rei mouro, que não atendeu às súplicas daqueles sôbre o desejo da princesa.

Ao término, sobrevive um cristão, que se chega a Floripes, ergue-a nos braços, assenta-a na garupa da cavalgadura e leva-a à igreja para ser batizada.

À noite, em sua residência, o imperador oferece ao povo uma grande festa.

Digitalizado com CamScanner

AS FESTAS DE JUNHO

1. Crendices, lendas e bruxedos
2. Patuscadas
3. Sinas e funções religiosas

A lenha rachada escasseia nas cidades e vilas do centro norte-mineiro do Vale do Rio de São Francisco. Até os vapôres parecem boiar preguiçosos, com suas fornalhas vazias. Os carros de bois cantam, agora, sob o pêso de toros de madeira, todos em demanda das ruas. Nas praias do rio começam a aportar canoas de batatas, pés de mandioca e cambos de milho verde. Os catrumanos regressam levando amarrados de foguetes prêsos à garupeira, ou debaixo do braço. E as manhãs chegam festivas para a meninada, que cedo se deitara para encurtar o tempo.

É a vida no mês de Junho!

Não é, com certeza, o Carnaval, nem mesmo o Natal ou Ano Bom, a melhor quadra para o barranqueiro divertir-se, mas, precisamente, por ocasião das festas celebradas em louvor de Santo Antônio, São João Batista e São Pedro, os três santos populares.

SANTO ANTÔNIO — Êste santo encontra seus devotos, principalmente, entre donzelas, ou entre os homens que têm o seu nome. Rezam-lhe novenas e suspendem-lhe mastros no dia doze, ao pé de grande fogueira armada no terreiro, sob o espocar de bombas e foguetes de vara.

Os pescadores confiam nêle, suplicando-lhe fartura na pesca e amparo contra os perigos das águas. Os caçadores, no entanto, guardam o seu dia receosos de ver coisas sobrenaturais, ou de se desorientarem no mato.

Digitalizado com CamScanner

Quando se perde um objeto, êle é o primeiro santo lembrado. Neste caso põem-lhe aos pés, segundo o compromisso assumido, uma vela acesa ou um níquel de cruzado. Ou pagam cinco a dez mil réis por um responso, que é um meio infalível.

Os feiticeiros valem-se dêle para unir corações, ou embaraçar a vida de alguém, ou outro qualquer intento. Para isto decapitam-lhe a imagem, ou enlinhavam-na, viram-na de cabeça para baixo, mergulham-na em um pote d'água, expõem-na à chuva, atiram-na dentro de um rio prêsa por um cordão.

SÃO JOÃO BATISTA — Conta-se que Isabel, espôsa de Zacarias, morava a três quartos de Maria, espôsa de José. De uma casa avistava-se a outra, sumida quase na linha do horizonte, à margem oposta do Jordão. Achando-se grávida, Isabel combinou com sua prima acender-lhe um fôgo no terreiro, após o parto, se viesse uma menina; e sôbre acender-lhe o fogo, queimar-lhe algumas bombas, se fôsse menino. E Isabel cumpriu o que havia combinado, anunciando à Mãe de Deus o nascimento de João Batista.

Assim explica o povo a origem das festas joaninas, ou quadra feliz em que todos se misturam para comer e brincar, ocasião favorável para reparar malquerenças, obter casamentos e contrair amizades. Acreditam ainda os barranqueiros que São João dorme enquanto o homenageiam, e que o mundo terá seu fim, caso venha a acordar numa dessas noites.

São João é o santo dos casados, que nunca se esquecem dêle. Mas os homens que têm o seu nome, também o festejam, independentemente dessa condição. Neste caso, rezam-lhe novenas, alevantam-lhe mastros no dia vinte e três, quando acendem as fogueiras. E dão saraus ao povo, em seguida.

Muito cedo, na véspera do dia de São João, a mulher dona de casa deita lenha ao fôrno de biscoitos e puxa os gamelões para amassar as quitandas. Enquanto isto o marido vai empilhar, na porta da rua, os toros de jatobá, tingui, ou vinhático, serviço muitas vêzes feito com arte e imaginação.

Digitalizado com CamScanner

Durante o dia trocam-se presentes, isto acontecendo mesmo entre pessoas arredias e grosseironas.

Às dezoito horas acendem-se as fogueiras, sob o espocar de foguetes e baterias. É belo o espetáculo das ruas, porque centenas de pessoas fazem o mesmo.

No espaço, agora tingido de vermelho pelo clarão das chamas, cruzam balões.

Penduradas nos galhos das árvores, ou à frente das casas, vêem-se lanternas de papel de sêda de várias formas e diversas côres.

Foguetes e busca-pés riscam o espaço, ou ziguezagam nas ruas. Os estampidos de tràques e outros artifícios pirotécnicos se misturam num só barulho. Vêz por outra ouve-se a explosão maior da chamada bomba quebra-resguardo e que sucede a intenso clarão.

Ao pé desta fogueira um grupo de meninos estalam pipocas na cinza quente, mostrando abrasadas as feições ao reflexo das labaredas. Em tôrno dela, alguém cobre de borralho raízes de mandioca ou de batata, ou espeta num arame uma espiga de milho verde para assar. Naquel'outra está a dona da casa, agachada, a ferver a água do café na esculateira de fôlha.

Por volta das vinte e três, fartos de comer e surdos de estampidos, homens, mulheres e crianças reunem-se ao pé do fogo para fazer adivinhações, que é o mesmo que tirar a sorte. E para êsse fim utilizam-se de vários meios, como derreter chumbo e lançá-lo num copo d'água para interpretar as formas. Ou atirar numa bacia d'água duas brasas da fogueira, uma representando o marido, outra a mulher, a fim de saber qual dos cônjuges vai morrer primeiro, conforme o carvão que submergir. Usa-se também fincar uma faca virgem na bananeira e arredá-la na manhã seguinte, antes de o sol despontar, para saber a pessoa com quem se vai casar, cujo nome vem escrito no aço pela ação do tanino. Ou fazer cair pingos de vela n'água e dessa maneira decifrar letras e mensagens. Ou, ainda, mirar-se na cisterna, perscrutando a festa seguinte, a qual só será

Digitalizado com CamScanner

alcançada se se distinguir tôda a imagem refletida. Os barranqueiros acreditam, mais, que o calor do fogo cura as verrugas, bem como um tição apanhado aceso no dia da festa, depois guardado em casa bem protegido contra os raios do sol, é meio eficaz para acalmar tempestade, se o lançam ao terreiro quando o momento fôr oportuno.

A qualquer hora do dia ou da noite podem saltar-fogo, função religiosa que consiste em ganhar parentescos espirituais com uma pessoa amiga. E fazem-no de dois modos, um dêles sob o penhor de grave juramento. No primeiro caso apanham alguns tições acesos e os depositam no chão, próximo da fogueira. Depois, as pessoas que desejarem se unir por essa afinidade, — compadre, primo, ou noivo — postam-se de pé, respeitosas, deixando os tições entre si. Dão-se as mãos, em seguida, e vão dizendo as palavras que se seguem:

São João dormiu,
São João acordou,
F... é meu compadre (primo, noivo, etc.)
Que São João mandou.

Assim falando, saltam os tições, trocando de lugares. Reza-se a estrofe três vêzes, em cada uma das quais se muda de posição. Finda a cerimônia abraçam-se e consideram-se unidos daí por diante pelo parentesco invocado.

A segunda maneira de saltar-fogo faz-se como no primeiro caso, no que tange aos preparativos e disposição das pessoas. Mas rezam assim, e pausadamente:

Eu juro,
Por São João,
São Pedro,
São Paulo,
Todos os Santos
E Anjos da Côrte do Céu,
Que... (cada pessoa indica o nome e afirma o parentesco)

Repetida três vêzes essa oração, abraçam-se e consideram-se unidos por tôda a eternidade.

Digitalizado com CamScanner

Quando alguém deixou de comparecer no dia certo, por doença ou obrigação, pode saltar-fogo a qualquer dia do ano, desde que se teve a lembrança de guardar um tição, que será aceso, dado o caso, no momento em que se realizar a solenidade.

Na roça, à meia noite em ponto, dia vinte e três, usa-se saltar-fogueira. Para êste fim o dono da casa distribui seis pedras de sal entre os dedos de suas mãos, correspondentes aos meses de Setembro a Fevereiro, e reune tôda a família para a função, que consiste em rodear a fogueira, suplicando assim:

— Sinhô Son João Batista, nós tamo aqui prá vos pidi muito zano de vida, saúde, flicidade, neste ano, e no ôto, no ôto, no ôto... muito zano.

E terminam com um viva a Senhor São João. Das pedras de sal distribuídas, a que chorar * indica o mês do ano, ou quadra de fazer plantios.

Depois, as crianças procuram a cama. Velhos e moços assentam-se para contar histórias dos tempos em que se amarravam cachorros com linguiça.

SÃO PEDRO — Comemoram êste santo as viúvas, ou os homens que têm o seu nome. Êstes últimos queimam-lhe fogos e armam-lhe fogueiras, geralmente ao pé de bananeiras ali colocadas de propósito, e de cujas fôlhas caem, penduradas em barbantes, pencas de laranjas e bananas, ou rodas de biscoitos.

As festas juninas são semelhantes e se realizam tôdas à noite, além de encerrarem pontos idênticos, como os folares, fogos e fogueiras.

---

* O mesmo que umedecer, liquefazer-se.

Digitalizado com CamScanner

Quinta Parte

Divertimentos

Digitalizado com CamScanner

AS ADIVINHAS

Na vastidão do populário está aí um assunto que sobressai, êsse das adivinhas, dada a importância que tem, se escolhidas com cuidado, no ensino da criança do meio rural. Bebendo nesse caudaloso manancial pedagógico seus motivos de aulas, a mestra poderá explorar com vantagem, a um só tempo, três faces da educação: o desenvolvimento do raciocínio, a alegria do espírito, e o progresso nas aquisições glóssicas.

E o Vale do Rio de São Francisco parece ter sido o nascedouro dessa valiosa fonte. De lá jorram para todo o Brasil as mais lindas, maliciosas, e intrincadas adivinhas.

A título de exemplo registro cem, cujas soluções virão a seguir.

Adivinhas

1. De que é que um pote cheio pesa menos do que vazio?
2. Onde é o meio do Padre-Nosso?
3. Qual a diferença entre a Igreja e o boi?
4. Qual é o casal cujos cônjuges nunca se encontraram?
5. Qual é a coisa mais veloz do mundo?
6. Como é que se retira uma pessoa de dentro de uma pôça d'água?
7. Por que o boi baba?
8. Qual é a cabeça que não tem mêdo de pancada?
9. Qual é o pau que não tem nó?
10. Qual é o pau que não tem fôlha?
11. Qual é a fôlha que não tem beirada?
12. Qual é a maior bôca do mundo?

Digitalizado com CamScanner

13. Qual é a primeira coisa que se faz quando se acorda?

14. Vou te fazer uma pergunta
Que nunca fiz a ninguém,
Doze dúzias de gato
Quantos pares de unha tem?

15. Da palma nasceu o palmito,
Do palmito nasceu a palma,
Quero que você me diga
Quem entrou no Céu sem alma?

16. Havia uma linda princesa que se entretinha decifrando enígmas. E de tanto insistir no deleite tornou-se famosa no reino, explicando prontamente as mais intricadas adivinhas. Confiado, então, na capacidade da filha, ou por mero capricho, o rei seu pai instituiu um prêmio, e êste seria a mão da princesa em casamento e metade do reino, a qualquer dos vassalos solteiros que conseguisse titubear a bela jovem formulando-lhe um enígma que não fôsse por ela esclarecido dentro de três dias. Mas seria enforcado o súdito que, aventurando-se na singular emprêsa, não lograsse o intento. A despeito disto, foi grande a concorrência, para a Côrte se dirigindo dezenas de pretendentes à distinção.

A notícia correu mundo, desde as grandes cidades aos mais longínquos povoados do reino. Num dêstes últimos vivia um pobre môço, órfão de pai e mãe, criado pela avó, com quem morava.

Chamava-se João. Tratavam-no de João Bôbo, naturalmente porque o julgavam assim.

E João Bôbo pretendeu o prêmio, sem o assentimento de sua avó, que não tendo fôrças para deter o neto no arriscado propósito, arrumou-lhe a roupa num saco e deu-lhe um pão para a viagem, recomendando-lhe, todavia, que só comesse dêle no caso de levar avante o louco desejo.

Mas João Bôbo não mudou de idéia, nem comeu do pão.

Digitalizado com CamScanner

E chegou à Côrte depois de vários dias de marcha, sendo introduzido no palácio real e apresentado à linda princesa, a quem formulou a seguinte adivinha:

Pão matou pita,
Pita matou sete,
Dos sete escolhi o melhor
E deixei o pior.
Atirei no que vi,
Matei o que não vi,
Com lasca de pau santo
Assei e comi.
Água nem do céu nem da terra
Aparei e bebi.
Morto carregando vivo,
Coisa que nunca vi.

Esgotando-se o prazo e não conseguindo a princesa decifrar o enígma, João Bôbo foi chamado a fazê-lo, debaixo de curiosa assistência, entre esta a do rei e sua côrte. E João Bôbo apresentou a solução e obteve o prêmio.

17. Fôra impôsto a um homem o castigo de ficar sem alimento durante quinze dias, o que valia, certamente, por uma pena de morte. Passado o transe, o condenado foi transferido de prisão, mostrando-se, contra todos os prognósticos, forte e bem disposto, circunstância que não deixou de ser reparada pelos guardas e admirada por todos. Ciente do fato, o soberano mandou vir o prêso, a quem pediu explicações. E deu-lh'as êle, mas o fêz da seguinte forma:

Ontem fui filha,
Hoje sou mãe,
Criando filhos alheios,
Marido de minha mãe.

Reconhecidamente hábil na solução de enigmas, ainda assim o rei quebrou a cabeça três dias seguidos sem achar a solução. Findo êste prazo, mandou atrás do condenado

Digitalizado com CamScanner

para resolver o problema que formulara, garantindo a êle perdoar o resto da pena, caso oferecesse uma explicação adequada, o que se deu a seguir.

O que é? O que é?

18. Terra branca e semente prêta?
19. Que pode mais do que Deus?
20. Planta chumbo e colhe ferrão?
21. Que quanto mais tira mais rende?
22. Que nasce em pé e corre deitado?
23. Que sem mudar de tamanho, cresceu, minguou, fica grande e desaparece?
24. N'água nasci
E n'água me criei,
Se n'água me botarem,
N'água morrerei?
25. Entre o fogo, a pedra e o aço,
Uma coisa que se fêz
E depois da coisa feita
Foi-se por uma vez?
26. Quem faz não quer, quem quer não vê, e quem vê não deseja?
27. Seus filhos são diferentes,
É criatura, não é gente,
Nasceu servindo a Deus,
Viveu, nunca pecou
E morreu, não se salvou?
28. Que antes de nascer, trabalha?
29. Entre tábua e tabuada
Há uma môça encantada,
Quer chova ou quer não chova
Ela vive é só molhada?
30. Que pula e pula com a mão na cintura?

Digitalizado com CamScanner

31. Que com gordura não presta e sem gordura não se faz?
32. Que caminha no ar e deixa rastro?
33. Que quanto mais come mais fica magro?
34. Que anda mas não faz rastro?
35. Duas irmãs no nome,
Mas não no parecer,
Uma a gente come
A outra é de comer?
36. Que plantamos com a mão e colhemos com a língua?
37. Cinco operários, mas um só trabalha?
38. Mãe mansa e filha brava?
39. Redondo, redondão,
Rastro comprido, compridão?
40. Casa de quatro esteios e uma telha só?
41. Que verde nasceu
E de prêto se cobriu,
Mas para dar gôsto ao mundo
Pelos ares subiu?
42. Pau d'água, fôlha de tábua?
43. Tem couro, não tem cabelo,
Quando anda é um desespêro,
Se pára fica traseiro?
44. Três irmãs trabalham juntas, saindo uma delas as outras duas nada fazem?
45. Antes de nascer a filha andava no mundo?
46. Tem bico, não pinica,
Tem asa, mas não vôa?
47. Tem dente,
Não come,
Tem barba,
Não é homem?
48. Uma lagoa cheia sapecando?

Digitalizado com CamScanner

49. Ê branco de nascença,
Prêto por natureza,
Morte prá êle é vida,
Vida prá êle é tristeza?

50. Que anda com os pés na cabeça?

51. Pintadinho como guiné
Dá recado sem ter pé?

52. Sobe carrasco,
Desce carrasco,
Com a tripa de arrasto?

53. Que está no princípio da rua, no meio da terra e no fim do mar?

54. O nome do dono é o nome da casa, e o nome da casa é o nome do dono?

55. Uma coisa de comer,
Que começa com a letra d,
Sem ser doce?

56. Que come com a bôca dos outros?

57. Que prá ser direito precisa de estar torto?

58. Remendo sem ser de pano,
Boi pintado é?
Quem não souber a pergunta,
Burro, cavalo é!

59. Juro por ti,
Pássaro de pena é,
Se não jurar êste ano,
Só no outro que vier?

60. A avó era virgem antes do neto morrer?

61. Casa caiada, lagoa d'água?

62. Um velho bem velhinho,
Anda mais no mato que no caminho?

63. Êle morre queimando,
Ela morre cantando?

64. Enche uma casa, mas não enche uma mão?

Digitalizado com CamScanner

65. V-i-vi, quero viver,
Morrer, não sei por que,
Soletra quem sabe ler,
A-d-o-dó, quem quer saber?

66. Êle serve de alimento e ela rola pelo chão?

67. Quanto mais enxuga mais fica molhada?

68. Morto em cima, morto em baixo, vivo no meio?

69. Vivo em cima, vivo em baixo, morto no meio?

70. Vão dez vaqueiros ao campo e só dois pegam bois?

71. Que tem as tripas fora do corpo?

72. Que Deus nunca viu e nunca há-de ver?

73. Que está acima de Deus?

74. No alto está,
No alto mora,
Com a bôca aberta
E a língua de fora?

75. Que anda tôda a vida e não sai do lugar?

76. Mel sem ser de engenho, lã sem ser de carneiro, cia sem ser de animal?

77. Uma árvore com doze galhos,
Cada galho, quatro ninhos,
Cada ninho, sete ovinhos?

78. Que anda n'água sem se molhar?

79. Quando a chuva cai faz já,
Quando o boi urra faz bu,
Quando a goteira pinga faz ti,
E... o sabão da roupa acaba?

80. É casca sem ser de pau,
É vela mas não alumia?

81. Que só come farinha e feijão
E quem governa é o cão?*

---

* Para o barranqueiro, Cão é capeta.

Digitalizado com CamScanner

82. Que a gente não quer, mas se achar não quer perder?

83. Família de sete irmãos, cinco têm sobrenome e dois não têm?

84. Que quanto mais cresce mais fica perto do chão?

85. Que só nasce depois que a mãe morre?

86. Duas irmãs gêmeas que estão sempre uma ao lado da outra e nunca se conhecem?

87. Que a gente joga no chão e não se quebra, e quebra-se quando se joga n'água?

88. Que em casa está calado e no mato está zoando?

89. Duas irmãs gêmeas que trabalham juntas, uma correndo atrás da outra, sem nunca se encontrarem?

90. Que tem a gordura fora do corpo?

91. Um homem pôs cem vacas no cercado para dar cria e no dia seguinte encontrou cento e um bezerros, e nenhuma pariu dois?

92. São xarás no nome
E não no parecer,
Uma canta dentro da outra,
Iguais não podem ser?

93. Lá vem nossos pais,
Maridos de nossas mães,
Pais de nossos filhos,
Nossos maridos legítimos?

94. Que já foi carne, já não é carne e está de bôca aberta esperando carne?

95. Qual é a roupa que a mulher veste e o marido não vê?

96. Menina entra prá dentro,
Vá fazer o que Deus mandou,
Ajunte pele com pele,
A menina dentro ficou?

Digitalizado com CamScanner

97. A carne da môça é dura,
É dura é prá quem fura,
Mete o pino no buraco
E a penca dependura?

98. Lisboa tem na frente,
O Brasil tem atrás,
A solteira tem no meio
E a casada não tem mais?

99. Comprido,
e ocado,
entra enxuto,
sai molhado.

100. Prêto por fora,
Vermelho por dentro,
Cabelo ao redor,
E pinguelo dentro?

Soluções

1. Cheio de buracos.
2. É onde se enfia a linha.
3. O boi tem o couro fora; a igreja o tem dentro.
4. Dia e Noite.
5. O pensamento.
6. Molhada.
7. Porque não sabe cuspir.
8. Cabeça de prego.
9. Bananeira.
10. Mandacarú.
11. Fôlha de cebola.
12. A bôca da noite.
13. Abrir os olhos.
14. Eu juro por Deus do Céu,
As estrêlas de testemunhas,
Qué doze dúzias de gato
Tem mil e quinhentas unhas.

Digitalizado com CamScanner

15. Do palmito nasceu a palma,
Da palma nasceu o palmito,
Quem entrou no Céu sem alma
Foi a cruz de Jesus Cristo.

16. "Saí de casa com minha cachorra, que se chamava pita. Quando senti fome, desci a lata de frito e dela tirei o pão que minha avó me dera, atirando um pedaço a pita, que morreu após abocá-lo porque o pão estava envenenado. Tratei pita e dela fiz uma farofa, que guardei na lata. Adiante encontrei com uma patrulha de sete soldados, os quais me tomaram a farofa e comeram, morrendo todos. Do armamento que conduziam eu escolhi e retirei para meu uso a melhor espingarda. Prossegui na marcha pela estrada afora. Adiante vi um catingueiro e o alvejei com a arma que apanhara, mas no momento do disparo uma codorna cruzou a linha de visada, recebendo a carga destinada ao veado, caindo morta. Tratei a codorna e a comi depois de tê-la assado na ponta de um espêto que fiz da lasca de um santo cruzeiro erguido à entrada de um cemitério. Senti sêde. Não havendo água, eu lacei um cavalo que pastava sôlto no campo e, escarranchando-me sôbre o lombo dêle, fí-lo correr para suar. Depois, com a mão aparei os pingos de suor que rolavam no corpo do animal e os bebi em seguida. Adiante, finalmente, à margem de um rio, vi um urubú navegando sôbre uma carniça que boiava na caudal".

17. "Tenho uma filha que está criando. Todos os dias ela se dirigia ao cárcere para conversar comigo. E, burlando a vigilância da sentinela, amamentava-me através das grades".

18. Papel e letras.

19. A cachaça, porque Deus dá o juízo e ela o tira.

20. Quiabo.

21. Buraco.

22. Canoa.

23. A Lua.

24. Sal.

25. Foice.

26. Sepultura.

27. Jumento.

28. Pinto.

Digitalizado com CamScanner

29. Língua
30. Mão de pilão.
31. Sabão.
32. Aranha.
33. Faca.
34. Sombra.
35. Lima de chupar e lima de ferreiro.
36. Letras.
37. Dedos de costureira.
38. Pimenta.
39. Roda de carro de boi.
40. Tatu.
41. Fumo.
42. Bananeira.
43. Sapo.
44. Trempe.
45. Fumaça.
46. Chaleira.
47. Alho.
48. Sapo ecoando.
49. Urubu.
50. Piôlho.
51. Carta.
52. Agulha.
53. A letra r.
54. Cupim.
55. Dourado (peixe do Rio de São Francisco).
56. Dentista.
57. Anzol.
58. Boi pintado.
59. Juriti.
60. A Terra e Abel, filho de Adão.
61. Ôvo.
62. Fogo.

Digitalizado com CamScanner

63. Cigarro e cigarra.
64. Botão.
65. Veado.
66. Bôlo e bola.
67. Toalha.
68. Cágado.
69. Cavaleiro, animal e sela.
70. As mãos catando piôlho.
71. Viola.
72. Outro deus igual a Êle.
73. A coroa.
74. Sino.
75. Pedra de moinho.
76. Melancia.
77. Ano, meses, semanas e dias.
78. Sombra.
79. Jabuticaba.
80. Cascavel.
81. Espingarda.
82. Uma briga.
83. Os dias da semana.
84. Rabo de animal.
85. Cal.
86. As orelhas.
87. Papel.
88. Machado.
89. As manjarras* do engenho de açûcar.
90. Abelha.**

---

* Os barranqueiros chamam manjarra a cada uma das travessas que fazem girar, pela ação de bois, as moendas do engenho de pau. Será corruptela de almanjarra ou de manjorra?

** Abelha gorda é o mesmo que cortiço farto.

Digitalizado com CamScanner

91. Uma das vacas se chamava "nenhuma", a que pariu dois bezerros.

92. Capoeira (mato) e capoeira (espécie de rôla).

93. O problema originou-se de uma indicação feita, à companheira, por uma de duas jovens mães que se achavam juntas, cada uma das quais se havia casado com o viúvo pai da outra.

94. Botina.

95. A roupa da viuvez.

96. Menina dos olhos.

97. Brinco de orelha.

98. A letra l.

99. Copo de apanhar água.

100. Flôr de maracujá.

Digitalizado com CamScanner

OS JOGOS DE NÚMEROS E DE RIMAS

Outro aspecto bem interessante do Folclore diz respeito aos jogos de números e de rimas, muito em voga entre crianças barranqueiras.

Um dos meninos reunidos para brincar propõe a outro um número qualquer, ou uma série de números consecutivos. Ou dá-lhe uma palavra ou pequena frase. Versejando, prontamente o companheiro responde e ganha. Ou perde, se tropeçar na resposta ou não satisfizer a rima, caso em que leva uma palmada, ou qualquer outro castigo antecipadamente acertado.

Há também os jogos de esconder, que consistem na escolha de um menino, denominado pegador, para procurar os outros que se esconderem. A escolha não é arbitrária. Um dos companheiros, espécie de líder, vai rezando o estribilho ao mesmo tempo em que, ao ritmo das sílabas tônicas, vai êle batendo com a mão na cabeça dos demais, postados em círculo em tôrno dêle. O eleito será aquêle sôbre cuja cabeça cair a última sílaba da palavra final.

Costumam, ainda, rabiscar tracinhos no chão, ou num papel, enquanto narram ligeiro conto, que é sempre concluído por um número. Depois conferem os riscos, ganhando o jôgo o menino que assinalou a quantidade de riscos enunciada ao fim da historieta.

E nisto consiste o propósito.

Digitalizado com CamScanner

A título de amostra exponho, a seguir, algumas das mais vulgarizadas naqueles centros.

Primeiro exemplo:

— Um...
— Pé de anum.
— Dois...
— A galinha pôis.
— Trêis...
— Ôvo de indêis.
— Quato...
— Bico de pato.
— Cinco...
— Pé de pinto.
— Seis...
— Arruma a faca na batata do freguêis.
— Sete...
— Canivete.
— Oito...
— Biscoito.
— Nove...
— Num chove.
— Déis...
— Os dedos de miôs péis.
— Onze...
— O sino é de bronze.
— Doze...
— Uma dúzia cum mais dois, quatoze.
— ...
— ...

Segundo exemplo:

— Amanhã é domingo...
— Que bate no sino.
— O sino é de ouro...
— Que bate no besouro.
— O besouro é valente...
— Que bate no tenente.
— O tenente é mofino...
— Que bate no menino.
— O menino é valentão...
— Que toca pistão.

Digitalizado com CamScanner

Terceiro exemplo:

Fui ao redó dum pôço,
Carôço!
Bicho mordeu meu pé,
Jacaré!
Tudo quanto é bordão,
Tubarão!
Nas barbas do... Capitão!

Quarto exemplo:

Um, dois, três...
Quatro, cinco, seis...
Eram dois amantes
Que mataram uma rês
E depois dela morta que somaram
Deu vinte e três!

Digitalizado com CamScanner

OS ABECÊS

Outro aspecto assaz curioso do populário da região norte-mineira do Vale do Rio de São Francisco são os abecês,* onde a sabedoria do catrumano-barranqueiro se manifesta com pujança. Os versos que se seguem, assinados por Santos Monte Alto, foram endereçados à cachaça, que de tão famosa lá ganhou por metonímia o nome de Januária. Mas, é bem de ver, seu conceito não é nada bom.

Se não, vejamos:

Atenção caros leitores
eu vou falar da bebida,
pedindo perdão a Deus
a quem eu devo a vida,
confiança em Deus eu levo
e a soberba eu reservo
porque ela é combatida.

Bebida arrasa a gente,
isso eu posso aprovar;
o indivíduo embriagado
não se pode controlar,
faz tudo depois não sabe,
entra onde não lhe cabe
e deita em qualquer lugar.

---

* Ver Martins, Saul — *Os Jogos Infantis e as Cantigas de Roda*. Primeiro volume das Pesquisas de Folclore do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, INEP, MEC, Belo Horizonte, 1962; *As Diversões*, publicação da Revista do Arquivo (CLXII) — São Paulo, 1959.

Digitalizado com CamScanner

Com fé em Deus eu não bebo,
pelos exemplos que vejo
a gente bebe até cair
e nunca pára o desejo;
depois de embriagado
fica na rua deitado
e perde todo o manêjo.

Depois que se entregaram
ao vício da embriaguez
homem, mulher, menino
e até padre talvez,
quase todos vivem errados,
valentes e revoltados,
desobedecendo as leis.

Êstes pobres beberrões
pensam em beber e mais nada,
aborrecem todo mundo,
alguns de intenção formada
de praticar todo dano
como se não fôsse humano,
sendo a bebida culpada.

Faço ciente a todos
que já há uma medida,
fabricação de cachaça
está quase proibida,
todos deixam de beber,
que coisa boa vai ser,
todos vão cuidar da vida.

Govêrno é como Getúlio,
tem espírito de bondade,
não quer que se faça cachaça
a bem da humanidade,
o fabrico da aguardente
não acaba totalmente,
porém fica por metade.

Digitalizado com CamScanner

Homem que não vive bêbado
é que faz justiça reta,
eu bebi na minha infância,
não consegui ser poeta,
sou caprichoso, não muito,
por isto até hoje sinto
da tal cachaça indiscreta.

Infelizmente não tenho
expressão suficiente
para dizer o que sinto
da tal maldita aguardente,
filhos que querem bem aos pais
bebendo já não quer mais,
pois ficam desobedientes.

Jôgo às vêzes prejudica,
mas eu acho mais prudente,
quem joga perde ou ganha
e faz tudo consciente,
e o bêbado nada ganha,
seus modos a gente estranha,
fica bruto e indecente.

Kairam na esparrela
de usarem a "dominante",
"claudionor" e "caribé",
o conhaque e vinho "avante",
a cerveja e o quinado,
o guaraná misturado,
nada sendo interessante.

Lamento a situação
de homens conceituados,
que tinham grandes fortunas,
mas hoje estão arrasados,
envenenaram na cachaça,
abraçaram com a desgraça,
faz pena ver seus estados.

Digitalizado com CamScanner

Meus irmãos, não se recusem
de tomar o meu conselho,
eu rogo a Deus por vocês
todos os dias de joelho;
o caminho da salvação
prá quem Deus dá o perdão
é claro como um espêlho.

Neste momento lembrei-me
de uma senhora casada,
pessoa muito distinta,
bastante rica e honrada,
desembestou a beber,
hoje faz pena se ver,
não está valendo nada.

O marido desgostoso,
vendo aquêle desmantêlo,
só o que ela queria
era beber sem apêlo,
não atendia o marido
e nem lavava o vestido,
nem penteava o cabelo.

Porque o bêbedo é liberto
sem responsabilidade,
roubando o direito alheio
e senhor da sua vontade,
prá brigar, sou indisposto,
lhe tolero não por gôsto,
mas não lhe tenho amizade.

Quem notar a diferença
de são para o embriagado,
por certo abandonará
êste vício desgraçado,
quanta desgraça acontece,
cada dia aumenta e cresce,
sendo êste vício o culpado.

Digitalizado com CamScanner

Reservo alguns camaradas
que merecem distinção,
porém diversos que bebem
vivem fora da razão,
compra fiado e não paga,
tem todo tempo de folga
prá fazer amolação.

Sem que abandone êste vício
não há homem controlado,
porque vejo todo dia,
já estou verificado,
isto de cumprir dever
custa muito acontecer
com homem embriagado.

Todo mundo cai em falta,
mas é ocasional,
o bêbado cai tôda hora,
pode esperar que é fatal,
alguns já de prevenção,
para procurar questão
vai beber propositál.

Um homem que vive bêbado
ninguém lhe tem confiança,
de ser feliz no futuro
não pode ter esperança,
e cada dia que passa
a miséria lhe abraça,
é isto o que êle alcança.

Verdade é que a bebida
estraga a experiência,
porque a pessoa bêbada
não pode ter consciência,
mesmo que seja amigo,
nos convida prá o perigo
e comete mil imprudências.

Digitalizado com CamScanner

Xora uma pobre mulher
a falta de seu marido
que vai prá rua beber
e fica por lá caído,
ou prêso ou apanhado,
veja que mau resultado
como tem acontecido.

Y é letra grega,
também se inclui na história,
Deus não deixai eu beber,
ó Minha Nossa Senhora,*
valei-me dessa baixeza,
quem bebe, tenho certeza,
até os santos ignora.

Zelar o seu interêsse
é obrigação restrita,
o homem em seu natural
é coisa boa e bonita,
mas a maldita cachaça
é quem traz tôda desgraça,
mesmo assim ninguém evita.

Til é letra do fim,
terminando o abecê,
só poderá ser feliz
quem deixar de beber,
porém conheço pessoa
que diz que cachaça é boa,
só deixa quando morrer.

Se ofendi, peço perdão,
Antecipadamente agradeço,
Não podem negar perdão,
Todos sabem que eu mereço,
Os amigos que acharem ruim
Será êste o melhor que ofereço.
Monte Alto.**

---

* Reparem a mineiríssima expressão "Minha Nossa Senhora".
** V. o acróstico da última estância do abecê.

Digitalizado com CamScanner

Sexta Parte

Usanças e Crendeirices

Digitalizado com CamScanner

AS SENTINELAS

Os barranqueiros chamam sentinela ao que noutros lugares dizem velório, ou quarto, palavras essas que indicam a ação de passar a noite velando um defunto, ou melhor, um corpo.

No entender dos mineiros do Vale do Rio de São Francisco, defunto é sinônimo de assombração, de coisas do outro mundo.

Corpo, sim, quer dizer cadáver.

O barranqueiro dá, ainda, maior amplitude ao vocábulo sentinela, pois com êle também exprime o ato de assistir um enfêrmo, cujo estado inspire cuidados.

Na roça, quando uma pessoa está mal, sua casa enche-se de amigos, tornando-se, mesmo, ponto certo de reuniões. E dobram a vigilância se o doente manifestar uma melhora rápida, pois interpretam o fato como sendo "a visita da saúde, que chega para se despedir", explicação geralmente robustecida pelo próprio enfêrmo ao chamar os seus para fazer recomendações, ou carinhar os filhos. Os que o rodeiam criam logo uma mística no caso, admitindo a hipótese de reza forte, ou devoção com Nossa Senhora, que sempre veio prevenir seus fiéis da dolorosa partida e dar-lhes coragem para enfrentar o transe.

Diz o povo que o doente prestes a finar-se mostra sinais que denunciam o desenlace próximo, os quais se denominam têrmo, que é uma espécie de desfalecimento nuns, de espasmos noutros. Três são os têrmos. O primeiro dêles se manifesta dois ou três dias antes do passamento, o segundo aparece na fase pré-agônica, e o terceiro funde-se na morte.

Revelado qualquer dos indícios, o próprio afasta-se da casa, a galope, atrás do pano para a mortalha e dos galões para o

Digitalizado com CamScanner

caixão, enquanto do leito se aproxima a pessoa encarregada de exultar o moribundo, ou dar-lhe conselhos e esperança, pôr-lhe no peito a imagem do crucificado e nas mãos a vela acesa.

Há exultadeiras famosas, mestras no piedoso ofício de ajudar a morrer. Sentam-se à cabeceira do agonizante, tomam-no carinhosamente ao colo e exorta assim:

— Filho de Deus, lembra do nome de Jesus! Arrependa de teus pecados, meu irmão! Deus que te dê um bom lugar e passa muito tempo sem nós de cá! Se não puder falar, diga ao menos no coração, filho de Deus, diga que está arrependido!

Exalado o último suspiro, duas ou mais pessoas encarregam-se de lavar o corpo e desembaraçar-lhe os cabelos, de vestir-lhe roupa limpa, de juntar-lhe os pés com uma fita, de cruzar-lhe as mãos sôbre o peito. Depois levam-no à sala de fora ou varanda e o espicham sôbre uma tábua forrada que se apóia sôbre dois tamboretes. O sentido do corpo varia segundo sua condição aos olhos da Igreja, ficando com os pés na direção da porta da frente se fôr maior de sete anos de idade, já pecador, e com os pés voltados para o fundo da casa se anjo fôr. Em falta de uma tábua, põem o corpo sôbre uma mesa, sôbre um catre, ou mesmo sôbre uma esteira aberta no chão, na conformidade das posses e circunstâncias. Ã cabeceira, pregam na parede um pano prêto, ou rôxo. Branco, se o corpo fôr de virgem. Ao centro, penduram a imagem do crucificado. Ã esquerda, sôbre uma cadeira, colocam o castiçal ou o pires com a vela acesa, ou simplesmente um candeeiro de azeite, até um pavio encerado.

Apresentando-se o corpo de bôca aberta e olhos arregalados, abeira-se dêle o maior amigo do finado, a quem suplica chorosamente:

— ... (indica o nome), fecha os olhos! Fecha a bôca!

E dizem que se dá o milagre.

Digitalizado com CamScanner

Num dos compartimentos da casa, ou mesmo no terreiro do fundo, roda a máquina de costura no arranjo da mortalha, enquanto na cozinha preparam, sem cessar, café para os presentes. De quando em quando, um tanto discretamente, servem cachaça, que se torna indispensável durante a noite.

Pronta a mortalha, fazem a substituição e deitam o corpo no caixão. Os homens são geralmente sepultados de prêto, não raro com o trajo do casamento e que se achava na arca. As mulheres vão de prêto ou de rôxo. Anjos e virgens são cobertos de branco, ou de azul claro, adornados com grinaldas, flôres, diademas e mantos reluzentes.

Em certas estações do ano, queimam fôlhas aromáticas debaixo do catre mortuário, com o intuito de neutralizar o mau cheiro que exala do cadáver.

A partir do momento em que o corpo fôr exposto, as pessoas agrupam-se em tôrno do esquife, notadamente as mulheres, para fazer orações por intenção do morto. Começam com a ladaínha, cantada, e prosseguem com o ofício de Nossa Senhora, deturpado pela ignorância ou em razão do ato, pois substituem os pronomes da maneira que se segue:

"Ouve Mãe de Deus
a SUA oração,
que toque em vossos peito
os clamores TEUS!"

Terminado o ofício, que é longo e triste, encomendam a alma do finado, mais ou menos assim:

— Oh! Virgem Maria Santisma! Condúis até a glória a alma de ... (indica o nome).

Depois, rezam um padre-nosso e uma ave-maria, findo os quais passam a entoar as excelências até à saída do corpo, com intervalos após doze estrofes, cobertas pelo padre-nosso com a ave-maria, por nova encomendação, e por um bendito.

Não podem, nunca, ultrapassar aquêle número em cada lance de excelências, nem podem modificar-lhes a música, ou

Digitalizado com CamScanner

a letra. Aliás, elas se constituem de quatro versos, que se repetem invariàvelmente:

"Uma incelença
coberta de véu,
tão real e tão prefeita
cuma stava lá no Céu!"

As rezadeiras se dividem em dois ou mais grupos que se revezam numa mesma ordem. Assim, prosseguem noutra ala:

"Duas incelença
coberta de véu,
tão real e tão prefeita
cuma stava lá no Céu!"

E voltam as primeiras, ou as de um terceiro conjunto, sempre no mesmo rumo, até alcançarem a duodécima vez, quando intercalam novas orações, como disse, e quebram a monotonia reinante com um bendito qualquer, como êste:

Bendito,
lovado seja,
é o Santismo e o Sacramento!
Os anjo,
todos os anjo,
lovamo a Deus para sempre, amém!"

Enquanto as mulheres rezam na sala de fora, lá dentro ou à beira do fogo aceso no terreiro, os homens contam anedotas e bebem cachaça, embrulhados em cobertores para se protegerem contra picadas de muriçocas. Com o mesmo fim também espalham pelos cantos da casa defumadores de cascas de mamona, molambos e estrume de gado.

O tempo gasto nas manifestações religiosas varia segundo a maior ou menor distância do cemitério à casa do morto. Quando esta se localiza nas proximidades, rezam cêrca de vinte a vinte e três horas. É sensìvelmente diminuída essa tarefa, no entanto, se não houver necrópole no lugar, o que obriga a condução do corpo para a que fôr mais próxima, às vêzes duas, três léguas distante, ou o mesmo que três, quatro horas de

Digitalizado com CamScanner

penosa marcha. Neste caso, também, cedo despacham um positivo para cuidar da cova, naturalmente depois de solicitar do zelador do campo a chave da cancela. Os cemitérios são, geralmente, protegidos contra necrófagos noturnos mediante cêrcas de pau a pique, feitas com achas de aroeira bem fincadas.

E conduzem o corpo numa rêde, cujos punhos são amarrados a comprido varão, que se apóia, durante a caminhada, nos ombros de dois homens, um de cada ponta. Na estrada, bebem cachaça, gritam e assobiam, enquanto o cadáver balança desordenadamente aos cambaleios de seus condutores. Não raro, até, tomam de uma vara verde e surram o morto, dizendo:

— Tá cum priguiça, severgonho!... tá cum priguiça...

É que o finado manifestara um desejo e o não vendo realizado contraria-se e faz pesar seu corpo.

Claro que só procedem assim longe das vistas de parentes do morto, os quais, de ordinário, não seguem o cortejo.

Quando, ao contrário, houver cemitério no lugar, o corpo sai no caixão, já para o sepultamento, vinte e quatro horas após o desenlace. Pode acontecer que êsse prazo se dê à noite, caso em que antecedem a saída do féretro. Ou o fazem mesmo no horário, para o que se valem de tochas de azeite, ou de velas acesas, amparadas dos ventos por cones de papel.

Saindo o caixão, logo cuidam de varrer a casa, mas ao contrário do que se faz comumente. Limpam de dentro para fora, expelindo o cisco pela porta da frente, dizem que para afugentar a alma do finado.

Os que acompanham o entêrro, fazem-no com respeito, rezando o têrço em voz alta, mesmo os que seguram as alças conduzindo o corpo.

No cemitério, deitam o caixão na sepultura e cobrem-no de terra, serviço êste que conta com a ajuda dos presentes, por hábito ou por temor. As últimas enxadadas pertencem, contudo, a quem primeiro começou a abrir a cova.

E ninguém se esquece de dizer, mesmo no pensamento:

— Fica na glória de Deus, sem eu e sem gente minha!

Digitalizado com CamScanner

OS ESPANTALHOS

Quem já viajou a cavalo pelo sertão de Minas, certamente viu erguidos sôbre as roças, à frente das fazendas, nas porteiras dos currais ou, muitas vêzes, nas encruzilhadas onde fantasmas se reunem, enormes bonecos de feições esquisitas.

São os espantalhos.

Na estação das chuvas aparecem em maior quantidade, verdadeiros espetáculos dêsses grosseiros manequins, quase sempre feitos de palha, outros de pano branco, ou vermelho.

Há quem prefira, simplesmente, espetar na ponta de uma vara a caveira do boi de estimação, como faziam nossos índios, à entrada das malocas, com os crânios de inimigos nas caiçaras de pau a pique.

Uma herança, talvez.

No centro norte-mineiro, além das campinas do Rio Peruaçu, já nas vizinhanças do Estado da Bahia, moradores aproveitam caças abatidas, principalmente jabirus, emas e mutuns, para criar seus fetiches, retirando-lhes as vísceras e mumificando-as grosseiramente.

Mais comum ainda, naqueles centros, é pregarem nas cancelas que dão entrada às fazendas, cornos de veado, com o fim de se defenderem e também ao gado contra as mordeduras de cobras venenosas.

Há figuras, todavia, com fins meramente ornamentais, pois não sugerem fetichismo algum e mostram abundância de côres e adereços tìpicamente campesinos.

Os espantalhos mais interessantes, porém, são feitos de pau de barriguda; lembram êles figuras de animais estrambóticos, ou monstros de arte egípcia, da era dos Ramsés.

Digitalizado com CamScanner

Cada fazendeiro ou lavrador modela ou esculpe seus bonecos, segundo escolha própria, ou preferência dos ancestrais. Fazem-nos seus defensores contra feitiços e maus-olhados. Já se vê que os consideram protetores seus e de suas terras; daí certos conceitos sociológicos de que êsses totens representam a forma primitiva de religião. Na verdade, vemo-los entre povos de costumes semi-primitivos, moradores de zonas distantes do mundo civilizado e onde o cristianismo, mal chegado, ainda se mistura a cultos pagãos. Émile Durkheim considerou-os origem da família, os antepassados das tribos e dos clans, explicando que a família inicial não era de sangue e sim de crença, por isso que dois ou mais indivíduos só se julgavam parentes se suas mães descendessem do mesmo totem.

Fato deveras singular, com relação aos espantalhos das zonas agrícolas dos vales do Pandeiros, Pardo e Mangaí, verifica-se na época que vai da floração à colheita das roças, quando estas são invadidas, como dizem os lavradores daquela região, por malefícios e pragas de todo gênero. Aprumam, então, nesse caso, grande número de espantalhos nos diversos cantos da roça, reservando apenas um, que deixam livre com o intuito de induzir todos aquêles inimigos a uma debandada geral. Quando essa brecha se liga à cultura de um vizinho, êste zanga-se, receoso de que a emigração das feitiçarias e mundiças se faça através de sua lavoura. Mundiça é o têrmo que indica tôdas as pragas que infestam as plantações, como sejam as lagartas, os besouros e os gafanhotos; do mesmo modo também designa as nuvens de passarinhos que descem sôbre as lavouras de milho, arroz e gergelim, em cata de alimento.

Embora pareça exagêro, a verdade é que nesse ângulo do populário um cientista faria grandes revelações, se investigasse, "in loco" e em tôda a sua extensão, aquêle campo norte-mineiro, depositário de pitorescos e importantes segredos do nosso Folclore.

Digitalizado com CamScanner

AS ASSOMBRAÇÕES

I

O sertão que nasce na margem esquerda do médio São Francisco e pelo interior adentro se embrenha dezenas de léguas até às vizinhanças do Rio Carinhanha é, precisamente, o centro mais freqüentado por almas do outro mundo. E chegam sempre acompanhadas de ventanias, miados, aboios e outras tantas matinadas que põem a correr solitários viajantes, pois, as mais das vêzes essas livusias aparecem no breu de estradas desertas. São artes do Cão para obstar o socorro dos vivos.

Há sertanejos, no entanto, que enfrentam heròicamente os fantasmas, enquanto outros, mais prudentes, não se arriscam a sair de casa durante as horas mortas.

Mané Porteira era da fibra dos primeiros. Usava e abusava de sua coragem. Sumia nas trevas e varava léguas e léguas de chapadões e catingas. Um dia recebeu o merecido castigo. Quase morreu assombrado.

E foi pura coincidência.

Viajava êle, altas horas, para Cônego Marinho e, ao passar pelo Pouso do Juàzeiro, nome que designa um dos pontos de rancharia de tropeiros naquelas plagas distantes, deu com uma rêde armada ao pé da árvore, tendo ao lado um fogo quase apagado. Mané Porteira resolveu esquentar o estômago e passar o resto da noite em companhia daquele viajante.

Aproximou-se do juàzeiro e dirigiu-se ao da rêde:

— Boas noite, companheiro!

Não obteve resposta, mas deu pouca importância ao fato. Cuidou de desarrear o cavalo e peá-lo na vargem próxima.

Digitalizado com CamScanner

De volta, reavivou o fogo com o intuito de assar um naco de carne gorda para comer com farinha. Lembrou-se de convidar o vizinho:

— Companheiro, vamos comer uma lasquinha de carne!

Silêncio.

Êle insistiu, com ligeiro desagrado:

— Aqui é de paz, companheiro! Vamos prosear um tiquim, que a gente tem vontade de conversar com alguém nesse ôco de mundo!

Nem sinal.

Mané Porteira levantou-se da beira do fogo, enfadonhamente, e dirigiu-se à rêde:

— Êsse diacho parece que está morto ou que tem sono de pedra! Companheiro, ô companheiro, aqui é de paz!

Nada.

Pegou na rêde para sacudí-la e notou que um pau a atravessava de punho a punho.

Sentiu um calafrio.

E toca a chamar:

— Companheiro, companhei...ro, com...

Deu com a mão num pé gelado, tão frio que doía.

Recuou estarrecido.

Quase inconsciente Mané Porteira segurou a sela pelo rabicho, jogou-a ao ombro e deu de disparada pelo carrasco afora. Nessa carreira desvairada as caçambas da sela batiam e, julgando fôsse o defunto, dava mais, até que chegou à casa do José Antônio, que ficava a um quarto do Pouso.

Lá estava um grupo de pessoas bebendo pinga. Quando Zé Antônio viu Mané Porteira, gritou alarmado:

— Num traz a lúis quêsse home tá mal-assombrado!

A pessoa que viu assombração e correu, ou desmaiou de pavor, não pode ver a luz. Está sujeito a engolir a língua e nunca mais falar.

Isto, porém, não aconteceu a Mané Porteira porque Zé Antônio conheceu logo o que tinha êle e evitou que o alumiassem.

Digitalizado com CamScanner

Passada a fase de semi-inconsciência, Mané Porteira pôde esclarecer a razão que o levara àquele estado. Foi quando lhe disse Zé Antonio, enquanto largava boa gargalhada:

— Ora Mané, num é difunto, não! É sá Zupéra qui sticô as canela! Essa cambada tá carregano ela prú sumitéro e dexáro a póbi da véia no juàzêro prá vim bebê cachaça.

Serviu-lhe de lição.

Até hoje Mané Porteira aconselha:

— É mió a gente botá o zóio pá drumi, que as noite num é prá vivo!

II

Faustino de Abreu, do Brejo do Amparo, viajava pelos sertões do Urucuia em companhia de um homem de Macaúbas, ajustado para trabalhar de camarada. A certa altura da estrada, conversa vai conversa vem, indaga-lhe o empregado:

— O patrão conhece a passage do Landim?

E prossegue diante da negativa:

— É o vau do Pandeiro qui fica bem na bôca da ía. Apois foi bem ali qui o cumpade Secunde miô patrão junto cum camarada de matá gente matô um boiadêro, tirô uma borsa cum trinta conto e um chicote cabo de prata e jogô o corpo n'água. Fugiro daí prá Guaiáis onde matô uma véia muito rica qui morava só e furtô dela ũa trouxa de ouro e vortô prá fazenda da bêra do Pandêro pôde de rico, comprô muito gado e um ano odispois morreu matado. E um dia iô tava ajuntano um gado qui minha cumade a viúva do cumpade Secunde me ordenô pramode fazê a partia do inventáro. Era dimanhã cedo conde arriei miô cavalo e saí berano as campina do Macaúba. Ia incontrano gado aqui, gado aculá, mais iô ia rompeno prá frente prá juntá mais gado, conde vi de muito longe, saino de dento do mato prú miô rumo um vurto qui pramode a lunjura a gente num sabia se era bicho ou se era gente viva. Conde chegou mais pá diperto iô inxerguei quéra um home qui de vêis im conde vortava um tiquim e batia cũa coisa qui tinha

Digitalizado com CamScanner

na mão. Conde foi aproximano iô vi quéra o cumpade Secunde qui tinha na mão o chicote do boiadêro e batia num cachorrão do zóio de brasa e a língua de labareda qui vinha de momento im momento prá abarcá a pôpa do home qui andava de carrêra e vortava a miúdo prá arrebatá o cachorro preto dos dente de demonho. O cavalo assoprava e meteu a cabeça pu dibaxo duma arvinha qui tinha na berada do camim. Cumpade Secunde passou prú mim correno prú caus do cachorrão qui num largava o carcanhá dêle, e me priguntô digêro: "Cumpade, adonde tará a arma duma póbi criatura qui mata um, dois, três, déis, vinte, pá robá?". E dizeno assim o cachorrão vançô inriba do póbi qui saiu correno inté onde miá vista arcançô e disaparecero. Miô cavalo partiu numa disparada no rumo da casa da patroa qui quaje me dexô sem fôrgo. Conde parei no cancelão da casa da patroa todo mundo cunheceu quêu tava trapaiádo qui inté nem tinha fala e nem pudia disamuntá pruque tava cum corpo duro. E conde amiorei disse pá minha cumade patroa: "Tá qui sá guiáda, cumade! Prú Deus peço ancê num me mandá pegá mais nem uma vaca apois de siô gado num quero nem siqué uma gôta de leite!".

III

O jovem Silvino Carapina, barranqueiro da gema, era morto e vivo por bailes. Nem sua mãe, demonstrando-lhe o inconveniente da perda de sono, conseguia demovê-lo do exagêro que praticava. Os arrasta-pés eram-lhe diversão, a princípio. Mas, tanto a êles se habituou que se tornaram mau costume, ou mesmo um vício.

Dava notícias de tôdas as festas e conhecia todos os passos, desde o largo da mazurca ao miúdo do "fox-trot".

E para dormir chegava de madrugada.

Apesar da teima, nunca se deu por vencida a mãe:

— Destá minino, qui tu vai vê!

E viu mesmo.

Digitalizado com CamScanner

Certa noite, às duas e quê, o môço carpinteiro deixou um baile que se realizava numa casinha da Rua de Baixo, perto da igrejinha de Santa Cruz. Dirigiu-se para casa, que ficava no Riacho Sêco, extremo sul da Cidade, bem distante da festa. Ao ganhar a Rua Mata Machado avistou Silvino um homem que, na mesma direção, andava pouco adiante. Julgando tratar-se de alguém do baile, estugou os passos para alcançá-lo. E, dêle ao avizinhar-se, gritou com ares de intimidade:

— Olá! vamos subir de companhia!

O desconhecido parou, olhou-o bem e sorriu.

Foi o bastante. Silvino desandou a correr, dobrando na primeira esquina. É que o "companheiro" deixou ver um dente anormal, um dente espantoso, extraordinàriamente grande, um dentão do tamanho de sua enxó de lavrar madeira. E correndo atravessou o largo da cadeia e desceu a Rua da Matriz, indo parar no jardim, onde se achava recostado a um poste um homem, a quem falou:

— Graças a Deus, môço? Vi um sujeito ali que tinha um dente...

Não terminou de falar, pois o "môço", apontando-lhe um dos seus, o interrompeu para indagar:

— Como êste aqui?

Retomou Silvino a corrida, quase assombrado agora, até alcançar a casa, à calçada da qual estava um primo seu. Aliviado, contou-lhe o sucedido e quis dar-lhe uma idéia do dente abrindo as chaves da mão. Nessa altura, o "primo" tomou forma diferente e, mostrando-lhe um dente inda maior, perguntou-lhe:

— Igual ao meu?

Silvino arribou o peito na porta derrubando a cadeira que a escorava e acordando todos de casa.

— Muito bem! disse-lhe a mãe ao ter conhecimento do fato. Você pricisa acabá quéssa mania de vivê prá baxo e prá riba atráis de báli.

E o carpinteiro corrigiu-se do mau costume.

Digitalizado com CamScanner

IV

Ajuntando gado que havia arribado, três vaqueiros andavam pelo campo, certa vez, à tardinha. Vítima de imprudente galopeada, um dêles caiu do animal que montava, quebrando o pescoço, morrendo sem mesmo ser socorrido. Dos que ficaram, um havia medroso a mais poder. A êste pediu o terceiro fizesse a sentinela enquanto ia atrás de meios para a remoção do corpo.

— Iô num fico, inhornão! exclamou-lhe medrosamente o amigo.

— Apois antonce ancê vai, cumpade, quiô fico de sintinela, ponderou-lhe o compadre.

— Inhornão, cumpade! repisou o cobarde. Iô num fico e nem vô!

— Apois cuma vai sê, cumpade?! protesta o vaqueiro. Ancê num vai, ancê num fica, cuma é qui fáis?

Certo é que não removiam a dificuldade.

Mas o compadre que tinha coragem teve uma idéia. E, pondo-a em prática, acendeu um fogo e arranjou uma cama para ambos, certo de que seu amigo não arredaria pé de junto dêle. Quase madrugada, notou que o companheiro adormecera. Depressa puxou o defunto para o lugar de que se servira, depois montou a cavalo e galopou veloz atrás de recursos.

E antes do amanhecer apeou de volta, agora acompanhado de pessoas residentes nas cercanias.

Mas, acordado pelos que chegaram, reconhecendo no parceiro de cama o corpo do finado, o medroso vaqueiro levantou-se e fugiu dali correndo chapada adentro, alucinado.

E só a custo o contiveram e fizeram-no tornar em si.

V

Felipe Uruçu, criador no Vale do Rio Pardo, tinha uma vaca treteira para mostrar o filho, razão pela qual havia perdido tôdas as suas crias, já em número de quatro.

Digitalizado com CamScanner

Quando a vaca pariu pela quinta vez, o criador resolveu pregar-lhe boa:

— Eu antonce arresorvi, êle dizia, num tê mais prijuízo e peguei a vaca e prindi no curráli o dia todo sem cumê. No ôtur dia botei o chucáio nela e sortei. Ela saiu correno prá donde tinha iscundido o bizirrim e cuma tava cum os peito cheio qui tava prá rebentá tinha pressa prá dá de mamá o fio. Iô muntei no alazão e rumpi sempe iscutano o balandango do chucáio. Conde caminhemo ũas trêis légua a vaca cunheceu qui iô tava atráis dela e ficô mangarefano prá num mostrá o bizerro. O sóli já tava só cum duas braça de fora e tava formano ũa nuve de chuva. Iô antonce quis vortá prá casa, mais me alembrei qui tinha garganteado de levá o bizerro da treitêra nem qui levasse quato dia de campo só cumeno fruita do mato e bebeno nos poço cuma os bicho. Alembrei de qui a uns passo dali tinha ũa tapera largada a mais de déis ano. Joguei o laço na vaca, marrei ela num pau prá curti mais ũa noite, dirrubei a cêrca pôde qui dava pá tapera e marrei o cavalo nũa moita de capim e fui izaminá a casa véia prá vê se sigurava chuva. A casa era de dois condos, ũa varandinha tôda aberta e um quarto quinda tinha nas parede de mei metro prá riba uns pedaço de barro mitido nos inchimento. A porta era um vão aberto sem fôia, e já tava tôda cuberta de mato. Iscuí o mió lugá quéra um pedaço da sala e foi aí quiô cindi um fogo e deitei nũa cama quiô aperparei cum os arrêio e cum o baxêro. O sono me furtô e de vêis im conde scutava o gongôlo conde a vaca sacudia a cabeça e taméim o cumido do cavalo na moita de capim. Conde já era os ósso da mêa noite scutei de dento da mata virge trêis latido grosso de cachorro qui paricia dos maió cachorro quêu já tinha visto nessa pouca vida de miôs corentano. Achei impussive um caçadô de onça naquelas mata diserta de gente. Conde tava imbibido nesses pensamento, scutei de nôvo e mais de perto o cachorro lati três vêis. Os cabelo me rupiáro prú caus dum vento frio qui sacudia a casa véia qui inté me fazia tremê. O cachorro já tinha dado os

Digitalizado com CamScanner

trêis latido fazeno pósa pur ũas déis vêis, conde já tava latino junto da casa. Aí antonce o cavalo deu pá assoprá e batê os pé qui se num tá bem marrado tinha me dexado no oraveja cum sela e tudo. De repente iô vi quebrá os pau pôde da cêrca e ũas pisada forte qui vinha ni miô rumo. Afirmei o zóio e vi passá ente o fogo e a parede do quarto duas perna inchada qui a gente só inxergava das batata da perna prá baxo. Os pé era discarso e tão inchado qui tava cum os dedo reganhado. Quem qué qui seja intrô no quarto e fuxicô nos canto cũa prução de tinido qui a gente num sabia o qui era. Odispois saiu passano prú mermo lugá já mostrano das côxa prá baxo, qui a gente via as carça dargodão tingida na lama. Tava arregaçada inté os juêio. Aí antonce passou pá varandinha e intrô na mata e conde já tava bem longe, scutei de nôvo os latido do cachorro. Iô pensei um pouco e tornei pensá qui se aquêle difunto tornasse vortá era capáis de me mostrá o corpo todo e qui talivêis iô num arrijistia inxergá aquela cara inchada. Peguei na sela, joguei ela inriba do cavalo, cortei a corda cum um facão, amuntei e num pricisô batê no animáli pramode dispará, e nem malembrei de vaca. Adiente, — concluiu Felipe Uruçu — adiente iô dei fé qui a sela tava cum o rabicho pá diente, mais num tive corage de cunsertá, inhornão. Andei trêis légua cuma se fôsse ũa lèguazinha piquena, apois cheguei im casa adante dos galo cantá.

VI

Certa quadra, há muitos anos, um padre de São Francisco e seu bagageiro, que era também o sacristão, andavam em desobriga pela Freguesia, trabalho de que se ocupavam todos os anos, uma vez, a fim de administrar sacramentos aos fiéis da roça. Sairam êles de uma fazenda, já ao cair do sol. E, perdendo-se, veio a noite apanhá-los longe do destino. A certa altura, o céu foi enegrecendo. E frias rajadas de vento anunciavam temporal. Aqui seguiam inteiramente alheios, ao livre andar dos animais, pois não viam um palmo em redor. Mais

Digitalizado com CamScanner

tarde, confirmando as suspeitas, começou a relampejar, circunstância esta que favoreceu a marcha, pois de pedaço a pedaço lobrigavam o caminho e acidentes próximos. Adiante, alcançaram uma lagoa, em cuja margem havia uma casa abandonada, um tanto velha, mas segura e confortável até. Sem tempo para cogitações, na casa se agasalharam, corridos, já da chuva. O sacristão logo ferrou no sono, mas o padre, não. Rezou muito, depois pôs-se a matutar, conjeturando o por que abandonaram aquela casa que lhes servia de abrigo. Lá para as tantas ouviu um grito, que se seguiu de outros, a princípio confusos, depois mais claros:

— Não acho!... Não acho!... Não ach... Não...

Quem quer que fôsse gritava até perder o fôlego, e recomeçava depois de ligeira pausa, abeirando-se da casa. Afinal, jovem mulher apareceu diante do vigário, trazendo nos braços mimosa criancinha.

— Por Deus, disse-lhe o padre, fale o que é que não acha!

— Eu fui viúva! respondeu-lhe piedosamente a mulher. E morava nesta casa. Mas enganando a boa fé dos outros, tive oito filhos, que eu mesma estrangulei, um a um, após o parto. O último dêles, causa de minha morte, aqui está. Todos estão pagãos e não acho um filho de Deus para os batizar.

— Se Deus permitir eu os batizarei! exclamou-lhe o padre.

— Sim! garantiu-lhe a mulher.

O vigário tomou o hissope e aspergiu-os de água benta, batizando em seguida a todos os pagãozinhos que a êle foram trazidos.

E a velha casa, evitada outrora, a partir daquela noite tornou-se ponto de rancharia de tropeiros e de agasalho certo a solitários viajantes.

Digitalizado com CamScanner

A PEDRA-DE-CAÇADOR

Segundo as normas da bruxaria mineira do Vale do Rio de São Francisco, não deve a mulher saltar a espingarda do marido e muito menos tocar-lhe na capanga de munição. A desobediência a êsses preceitos resulta, com certeza, em dificuldades no mato. O cheiro das filhas de Eva basta para atrair malefícios e afastar as caças. Ademais a capanga é de uso pessoal, nela sendo guardados a fibra de embiraçu ou ninhos de beija-flor para servir de bucha; o artifício, o fumo e a palha de milho; a caixinha de espoletas, o polvarinho, o algodão para escorvas, o saquitel de chumbo; e ainda as artimanhas, que são representadas pelo breve, por figas de ôsso de gato, chocalhos de cascavel erada, nervo de sucuriú, rabo de guará e, às vêzes, pela maçã ou pedra-de-caçador. Aqui está a coisa mais importante da capanga, pois, sôbre constituir uma raridade em a natureza, sua conquista é empreitada difícil para o caçador, tendo-se em vista a luta desesperada que se trava sempre entre êste e o bicho que a possui no ventre.

O mestre de caçadas ao ver um animal estranho logo desconfia de que tem êle uma pedra. Assim consideram, por exemplo, um galheiro de sete ou de oito pontas, pois o comum é de seis; idênticas suspeitas trazem um veado de estrêla na testa, ou de rabo grande, ou catingueiro de quatro chifres, porque são características alheias à espécie. Também o procedimento do animal, se teimam em abatê-lo, bem como as manifestações da natureza ambiente, deveras formidáveis, são outros tantos indícios que despertam a atenção de um caçador.

O velho Manoel Caçote assim narrou um dêsses encontros: "Hi! seo Argemiro, o satanáis tinha os zóio vremeio cuma brasa. Só odispois é quiô vi quéra um gaiêro do tamanho do

Digitalizado com CamScanner

jumento de siô Nezim. O bicho miava quinéim gato e dava pinote da artura dum pé de pau. E a ventania barria o chão qui ficô limpo cuma um terrêro. A hora qui o iscumungado deu no ponto de minha ligêra iô lasquei fogo bem na vorta da pá. Êle deu trêis pulo, começou arrastá no chão. Iô taquei fogo travêis inriba da cabeça, cheguei pá de perto e sangrei êle no pé do vido. Ancê num acridita qui o coisa-ruim só cabô de morrê conde eu abri a pança dêle e tirei a peda, qui tá qui na minha capanga".

A maçã ou pedra-de-caçador encontra explicação na Ciência, que a ela chama egagropilo. O próprio nome sugere o que seja, não passando, pois, de um novêlo piloso raramente encontrado na barriga das cabras, veados e outros ruminantes, e formado pelo acúmulo de pêlos levados à bôca, lambendo-se o animal, e conduzidos ao bucho através do tubo digestivo.

Digitalizado com CamScanner

AS RECEITAS E ABUSÕES

As crendices constituem um ângulo do Folclore de que também é imensamente rico o centro norte-mineiro do Vale do Rio de São Francisco. São patranhas e abusões nascidas da ignorância religiosa, e que se baralham entre grosseiros métodos de curas, ou se misturam a preceitos morais de temor a Deus, e de respeito aos pais, ao próximo e às coisas do Céu.

Exemplificando minhas assertivas, apresento uma boa mostra de superstições, muitas das quais, não há negar, restringiram meus atos na infância.

1. Antes de cozinhar galinha do pescoço pelado, tem que se benzer a panela, do contrário o capeta vem à noite furtar um pedaço.
2. Para espantar cobra e outros bichos ruins não há como chifre queimado.
3. Quem engole piaba viva fica bom nadador e não morrerá afogado.
4. Quando se vê uma estrêla bem perto da Lua é aviso de que haverá separação de um casal de nossa amizade.
5. Quando se vira o travesseiro após ter sonhado com alguém, o sonho se repetirá para a pessoa com a qual se havia sonhado.
6. As cobras têm as pernas escondidas. Mas, podem mostrá-las se são lançadas vivas sôbre um braseiro.
7. Quem tiver de matar sapo, mate-o mesmo, porque se êle fôr maltratado e não morrer, quem o machucou sofrerá dôr de cabeça prolongada até que o sapo morra ou se recupere.
8. Não se deve matar coelho e guardá-lo em postas para cozinhar no dia seguinte porque a carne se transforma em pus.
9. Não se varre casa no dia em que um membro da família viajar, do contrário fica sujeito a não voltar.

Digitalizado com CamScanner

10. Fincar no chão uma faca pensando em alguém que foi pescar faz com que êle não pegue peixe algum.

11. Quem fôr caçar não deve conduzir a espingarda com o coice voltado para a frente porque não mata caça alguma.

12. Quem preparar feijoada de véspera, terá que jogar dentro da panela três dentes de alho, do contrário as almas dos que morreram feridentos vêm a desoras lavar no caldeirão suas enfermidades.

13. Espingarda que foi saltada por mulher nunca mais mata caça.

14. Quando a gente vê uma cobra e não quer que ela se vá, basta torcer a barra da camisa.

15. Bezerro brincando é sinal de chuva.

16. Quando uma criança está engatinhando e olha por baixo das perninhas é sinal que outro irmão vai nascer brevemente.

17. Quando a barra do vestido se dobrar à frente é sinal que a dona vai ganhar um presente; se se dobrar atrás vai ganhar é uma surra.

18. Para forçar visita incômoda a retirar-se não há como virar a tampa do pote; ou colocar a vassoura ao contrário, atrás da porta, e com um chapéu em cima dela; ou atirar pimenta ao fogo.

19. O Sujo não se aproxima de casa onde se cozinha maxixe.

20. Quando se quer pegar a companheira de uma cobra que foi morta, é só deixá-la de barriga para cima que a outra logo aparece.

21. Quem quiser que uma criança lhe seja prêsa, basta urinar com ela aos braços.

22. Criança que chorou na barriga da mãe fica adivinhão, desde que a mãe não revele o ocorrido, nem para o marido.

23. Não se deve lançar ao fogo sal de cozinha, senão apanha coceira na bunda.

24. Não se deve pescar com gaivota à vista porque ela conta aos peixes a presença do pescador.

25. Ao cortar o umbigo do menino-homem, a parteira deve ter cuidado para não fazê-lo muito rente da barriga, senão quando crescer terá rôla miúda.

Digitalizado com CamScanner

26. Para fazer cachorro parar em casa, basta dar-lhe de comer no chinelo; ou cortar-lhe a pontinha do rabo e enterrá-la sob uma queimada.

27. Tôda mulher de padre vira mula-sem-cabeça, como as filhas dessa união; os filhos viram lobisomens, saem às sextas-feiras da quaresma e ainda têm que comer um quarto de defunto.

28. Para achar objeto perdido, coloca-se a imagem de Santo Antônio de cabeça para baixo até que o objeto apareça; ou prometa a São Longuinhos de dar três pulos, acompanhados por três gritos no momento exato em que o objeto fôr encontrado.

29. Quando o Caminho-de-São-Tiago passa por cima de uma casa é sinal de que naquela casa vai haver casamento.

30. Menino que nasce com as orelhas grandes é vivedor.

31. Quem assobia de noite está chamando cobra.

32. Quem mata urubu tem sete anos de atraso.

33. Se cachorro ou qualquer outro bicho levar o umbiguinho da criança, quando crescer ela vai ficar ladrona.

34. Quem conta estrêla apanha verrugas.

35. Quando uma pessoa mal-assombrada perde a fala é preciso a gente tarrafear ela três vêzes, do contrário nunca mais voltará a falar.

36. Mundéu que mata urubu pode ser desarmado porque nunca mais êle mata caça.

37. Quem quiser ter seu cachorro enrabichado basta enrolá-lo um tempinho na camisa suada, ou dar-lhe o de comer tirado da bôca.

38. Quem come carne na sexta-feira da Paixão, está comendo é carne de defunto.

39. Quando uma zelação risca o céu a gente tem que ficar calada, senão fica mexeriqueira.

40. Quando se sabe que alguém procura fazer mal à gente, basta rezar, na intenção dêle, o creio-em-deus-padre em cruz ou às avessas, que as porcarias voltam por riba de quem fêz.

41. Mulher que não quiser filho é só beber caroço de chumbo.

42. Jumento só rincha em hora cheia. Também quando se pensa ou fala em algo e um jumento rincha, aquilo que se pensou ou falou acontece.

Digitalizado com CamScanner

43. Quando um corta-mortalha passa em riba de uma casa e corta é sinal de que uma pessoa da casa vai morrer dentro de alguns dias.

44. Casa-se depressa a môça que estiver no pensamento da noiva, no ato da celebração do matrimônio e no momento em que o padre fôr dar a bênção.

45. As águas correntes dormem um tempinho à noite e uma única vez durante o ano. Nesse exato momento até nas cachoeiras elas param de correr, não fazem barulho algum. E feliz, muito feliz da pessoa que tiver a graça de ver o sono das águas!

46. No dia em que fôr à caça, o caçador não deve rezar, pois Deus não gosta que se mata a criação.

47. O dia em que se leva uma topada no dedão do pé esquerdo é melhor ir-se embora para casa e deitar-se, como se estivesse de resguardo, porque o azar vai perseguir a gente o resto do dia.

48. Menino que põe peneira na cabeça fica anão.

49. Pessoa gerada na sexta-feira da Paixão se fôr homem vira lobisomem; e se fôr mulher vira mula-sem-cabeça.

50. Mulher não deve comer banana gêmea nem qualquer outro fruto inconho, senão vai dar à luz de uma vez duas ou mais crianças.

51. Não se deve permitir que duas ou mais pessoas acenda o cigarro naquele em que a gente pita, senão haverá briga entre êles.

52. Quem quiser saber se uma môça é mesmo virgem, se houver dúvida a êsse respeito, é dar-lhe uma volta na cabeça, com um cordão, na altura da testa e por cima das orelhas, amarrando-se as duas pontas na nuca. Depois, mande-lhe morder o nó dessa medida e experimenta passar o laço por sôbre a cabeça. Se passar, significa que ela já não é mais nada; se não passar, ela é virgem mesmo.

53. Quando morre alguém da família, varre-se a casa depois da saída do entêrro de dentro para fora, isto é, do fundo da casa para a rua, senão a alma do finado não se retira dali.

54. Quando um redemunho envolve uma pessoa é sinal de que o Cão está dentro dêle e quer levar aquela criatura para o inferno.

55. Anzol que apanhar cágado pode ser lançado fora, porque não fisga peixe.

56. Rapaz ou môça que tiver vontade de se casar não deve permitir que se lhe varram os pés.

Digitalizado com CamScanner

57. Quando se joga praga com razão ela é repartida entre os dois; se fôr sem razão ela volta tôda por riba de quem jogou.

58. O dia de São Bartolomeu (24 de agôsto) é logo identificado porque venta muito e tôda a caça ou peixe apanhado nesse dia tem os olhos vermelhos como brasa. Também os dias de Santa Luzia, Santo Antônio, durante tôda a quaresma, como a primeira segunda-feira de Agôsto (êste é o dia em que o Capeta nasceu) são dias impróprios para se caçar ou pescar porque são aziagos. E ai de quem teimar!, fica sujeito a ver galinha conduzindo manada de leitões, a ver porca à frente de uma récua de pintos, bode prêto com mancha branca na testa, veado saltar por cima de árvores, anta varada de balas e fugir ensanguentada, e outras livusias.

59. Quando uma cauã pousar num pau verde e cantar ela avisa que vai chover; se fôr num pau sêco é sinal de que o sol vai ser de rachar.

60. Quando se quer que o dia passe ligeiro não há como cuspir no artifício ou, então, pôr o chapéu em riba de um tôco.

61. Todo o menino quebrador de cabaça pode corrigir-se fazendo-o vadiar com uma cobra mal matada.

62. Quando se sente a orelha arder, isto significa que alguém está falando mal da gente. Mas, há uma vingança fácil: coloca-se atrás da orelha uma pimenta ou morde-se a barra da camisa. Essa simpatia fará com que o falador sofra dôr de dente horrível, se usar pimenta; ou morda a língua de sangrar, se se fizer do segundo modo.

63. Quando o sino toca a ave-maria a gente deve pensar só o que fôr bom, porque nesse momento os anjos costumam dizer amém e, então, sucede aquilo que se pensava, seja bom ou mau.

64. Gente da mão quente obtém maior rendimento ao bater ôvo, assar quitandas, extrair tapioca.

65. Quem quiser livrar sua roça de mundiça, é trabalhar nela, ao menos um tempinho, na quinta-feira Maior.

66. Não se deve cortar cabelo na lua nova porque faz a gente ficar com o pescoço fino.

67. Quando a gente é perseguido por mula-sem-cabeça ou, também, por cachorro mordedor, só existe uma salvação — é deitar-se de barriga no chão e esconder as unhas.

Digitalizado com CamScanner

68. Põem-se nove caroços de milho na bôca de um sapo na sexta-feira da Paixão; costure-a, em seguida, com fio de cabelo extraído do rabo de uma égua enxertada por jumento; no sábado, após romper a alelúia, descosture-lhe a bôca e retiram-se os bagos de milho, plantando-os no domingo, antes de o sol sair. O sapo é então libertado. As espigas que daí nascerem são venenosas e matam tão depressa quanto o raio.

69. Quem arrebenta bexiga de peixe se morrer afogado não vem à tona.

70. Quem quiser chamar vento é assobiar.

71. Madeira ou palha extraída na lua nova, como em mês que tenha a letra *r*, dá caruncho.

72. O vaqueiro que colocar um dente de quatro-prêsas num ponto de sua aguilhada derruba qualquer tamanho de boi com uma só dungada.

73. Quem tiver corpo fechado tê-lo-á aberto ao atravessar passagem dágua, ao cruzar pau de porteira, ou na sexta-feira que mantiver relação sexual.

74. Canoa que já carregou defunto bambeia muito, sendo fácil de emborcar-se nágua.

75. Quando se precisa de quebrar a pauta de um feiticeiro é só aplicar-lhe uma tunda com pau de fumo ou de pinhão.

76. Mulher que der à luz sete vêzes a crianças do mesmo sexo, se fôr meninas a última vira mula-sem-cabeça; e se fôr meninos o último vai ser lobisomem — a não ser que se torne comadre do mais velho, isto é, a primeira filha ou primeiro filho nascido, conforme o caso, terá que batizar o último.

77. Mamoeiro do qual se retiram mamões para fazer doce só dá mamões sensabores.

78. O Capeta viaja no redemunho. Quem quiser vê-lo é só ficar de quatro e olhar por baixo das pernas.

79. Todo surubim erado tem cabelo nas pintas.

80. A mulher que quiser segurar o homem basta dar-lhe café coado em riba da calça com mancha de regra.

81. Quem conta história de dia cria rabo.

82. Quem quiser ver o Cão é só olhar o redemunho por trás de uma peneira.

83. Cachorro que apanha de vassoura fica sem-vergonha.

Digitalizado com CamScanner

84. Não se deve beber água diretamente com a bôca sôbre a fonte, porque começa a sofrer ataques.

85. Quando a gente está numa cidade estranha e não quer se perder é só botar na bôca três pedrinhas apanhadas na rua.

86. Para uma pessoa segurar uma outra de sexo diferente pelo amor não há como dar de beber a ela o chá de ringideira.

87. Ao cheirar rosa, não se deve encostá-la às narinas porque dá ferida incurável no nariz.

88. Quem quiser possuir uma mulher, basta capturar uma formiga-onça e conservá-la viva, por exemplo, numa caixa-de-fósforos, e depois seguir a mulher até que esta se agache para satisfazer a necessidade fisiológica de urinar. Dada a oportunidade, depressa o interessado coloca a formiga-onça no buraquinho do chão formado pelo jato da urina, cobrindo-a com um pouco de terra molhada e ainda quente do mijo. Isto feito, é aguardar tranquilo, porque a mulher virá aos seus braços.

89. Para não ser mordido por cobra venenosa basta carregar no bôlso um pedaço de couro de jacaré, de gato, ou de guará.

90. Três grilos torrados e reduzidos a pó, depois adicionados à alimentação do gago, cura-o da gagueira em três semanas apenas, desde que se lhe guarde segrêdo.

91. Quem quiser evitar desastres e acidentes é só carregar consigo um ôvo de galinha botado na sexta-feira da Paixão. Observe-se que o ôvo botado nesse dia não apodrece, nunca.

92. Quando os peitos de uma mulher que estiver criando entumecerem, para aliviar a dor e fazer soltar o leite é só pentear os seios, assim como se penteia os cabelos.

93. Para ser feliz no casamento, a noiva deverá comprar um objeto de cozinha, por exemplo um coador de café, antes de adquirir qualquer peça do enxoval.

94. P'rá fazer os membros de uma família se desentenderem, basta dar três nós numa palha de milho e lançá-la dentro da casa onde a mesma residir.

95. Beija-flor dentro de casa avisa a chegada de hóspede. Se fôr borboleta prêta é morte.

96. Quem passa debaixo de arco-íris muda de sexo.

Digitalizado com CamScanner

97. Quando um sapo salta na soleira da porta de uma casa, o morador deve agarrar uma vassoura e dali varrê-lo depressa para fora, repetindo três vêzes essas palavras: "creio em Deus padre!".

98. Para fazer a chuva parar é só quebrar um ôvo e colocá-lo no tempo em intenção de Santa Clara; ou abrir uma tesoura e fincá-la no terreiro com uma das pernas apontadas para o nascente.

99. Queimar algodão quando a chuva fôr acompanhada de relâmpagos e trovões evita raio em casa.

100. Após o coito, a mulher que limpar as partes com um lenço e neste der três nós, lançando-o em seguida no buraco de um formigueiro, terá o homem com o qual se ligou enquanto êle viver, pois será impotente a qualquer uma outra.

101. Dormir quando o sol vai entrando apressa a morte.

102. Fazer cruz em cima da xícara de café, em jejum, mata os vermes de que fôr portador.

103. Quem entra ou sai de casa pela janela vira ladrão.

104. Tesoura aberta debaixo da cama da parturiente evita o mal-de-sete-dias.

105. Quem se chama maria não deve pentear-se no dia 13, se fôr sexta-feira, do contrário sofrerá grande desgôsto.

106. Quem come formiguinha melhora a visão.

107. Quem quiser sarar de hérnia é só passar três vêzes entre o cipó de São João. Observe-se que o cipó é aberto com uma faca pelo doente, permitindo-lhe que passe entre as duas bandas. Depois, junte-se de nôvo as metades abertas e amarre-as bem. Quando a fenda do cipó colar-se, a pessoa também se cura daquela enfermidade.

108. Para a cura rápida da asma o remédio é torrar pêlo de bicho preguiça, reduzí-lo a pó e ministrá-lo ao doente no chá de erva cidreira.

109. O que a grávida não deve fazer: deixar de comer o objeto do desejo, senão o menino nasce fora de tempo, morto e com a bôca aberta; sentar-se em pilão, saltar cabresto ou sombra de limoeiro, ou permitir que alguém passe às suas costas, senão terá mau parto; olhar aleijado ou gente feia, porque fica sujeita a ter filho igual; saltar rastro de cobra, do contrário a pessoa que nascer será malvada; pôr objetos no seio, porque sai no filho. Sendo chave, ainda pior, porque a criança virá com o beiço rachado.

Digitalizado com CamScanner

110. Está agourando os pais o filho que varrer casa ou pentear-se denoite, andar de costas, ou cruzar as mãos na nuca.

111. O que traz boa sorte: servir de pouso a um louva-deus verde, gafanhoto ou qualquer inseto alado que possua a côr da esperança; morder a língua; possuir nalguma parte do lugar onde se mora uma caixa de marimbondo ou teias de aranha; lavar os pés e os não enxugar, porque fica rico.

112. O que traz má sorte ou azar: morar em casa de esquina, entrar em casa com o pé esquerdo ou com o guarda-chuva aberto; receber a visita em casa de gato prêto, sapo e borboleta; cantar a cauã próximo de nossa casa, porque daí a quarenta dias alguém da família morrerá, salvo se queimar a bôca de praga; andar vestido com a roupa pelo avêsso, porque o corpo fica aberto às mandingas e não escapa se fôr mordido por cobra venenosa; deixar chinelo ou sapato emborcado, porque traz desavença; esquecer caixa aberta, porque alguém da casa poderá morrer naquele ano; matar sapo e deixá-lo de barriga para cima, ou enterrar bicho-pagão, porque trazem sêca para o lugar; emborcar o melador a cuia na cabeça, porque não acha abelha; pisar em rabo de gato, porque se tiver de casamento contratado faz desmanchar o noivado, e se já fôr casado faz separar-se do cônjuge; tirar couro de morrinha, porque o gado começa a morrer sem parar, até extinguir-se a criação; queimar a palha de colchão, porque faz o dono empobrecer.

113. Quando se fôr à caça e no caminho encontrar uma mulher, ou uma égua, é melhor retornar à casa porque não conseguirá matar bicho nenhum.

114. Cachorro que chora com a cara levantada no rumo do céu está é agourando o dono dêle.

115. Mulher grávida de primeira barriga tem muitas virtudes nas mãos, por exemplo, se cortar o cabelo de uma pessoa êle volta a crescer rápido como bananeira e fica mais bonito.

116. Cágado e lagartixa custam morder alguém, mas se o fazem só largam a vítima quando trovejar.

117. Dizem que, se a barca vai naufragar, pouco antes a carranca dá três gemidos anunciando o seu fim, sendo ouvida por todos os tripulantes.

Digitalizado com CamScanner

AS MANDINGAS E MALEFÍCIOS

I

Ao passo que tirava capote sentada ao pé do monte de mandiocas, na oficina de Osório do Brejão, a velha Sancha Milinha, famosa benzedeira de espinhela caída e dör de dente, mostrava às companheiras de raspação diversas maneiras de fazer e desmanchar feitiços. Entre muitas histórias do gênero, ela saiu com esta:

— Um home casado gostava muito da muié dêle e pelejava pá largá do rabicho quêle tinha cũa muié severgonha. Coitado! Num pudia pruque tava infeitiçado até no zóio. Passava mais das vêis na casa da rapariga do qui na casa da prope muié qui recebeu nos pé do artá. Um dia que êle tava pruziano cá sujeita, bisservô qui ela chorava e tava muito triste. Êle antonce priguntô amode qui ela tava chorano. Ela arrespondeu qui tava chorano pruque inté tinha vergonha de contá êle ũa coisa. E odispois do home priguntá muito ela disse qui tava prenha e tinha mêdo de perdê o fio pramode um bôlo de dicumê qui sua muié massasse cá mão dela pramode botá na bôca. A muié discarada tinha botado o armoço prá ela cumê mais o home e fêis um capitão de dicumê e disse: "Ê bem assim cuma êsse bôlo qui eu fiz qui eu tenho vontade de cumê daquelas mãozinha bunitinha de sá muié". O home fingiu qui tinha se ingastaiádo cũa ispinha de pêxe, bateu na mão da muié fazeno caí o capitão no prato pramode panhá água digêro pá êle se dizingastaiá. Conde ela chegou com o copo d'água, o home já tinha ajuntado o bôlo e botado na gibêra dizeno no coração: "Destá tu, disgraçada! se tu quisé fazê máli minha muié qui é tão boa prá mim, tu mermo é qui vai chiá nas tua bruxaria".

Digitalizado com CamScanner

Passado um tiquim o home saiu dizeno qui ia armuçá cá muié pramode arranjá o bôlo da mão dela prá num perdê o fiím. Ũa hora odispois o home chegô cum o mermo bôlo inrolado num papéli, dizeno pá severgonha: "Tá qui o qui ocê desejô! Deus ajudô queu cheguei na hurinha quéla tava cumeno e iô antonce passei a cumê mais ela e no derradêro bôlo iô disse ela qui a gente conde qué bem toma o bôlo da mão da muié e ela rino me intregô o capitão e foi botá mais. Eu apurveitei dela tê dado as costa e botei na gibêra. Tá qui e é da merma cumida qui comprei procê". A sujeita chorano de aligria recebeu e agardiceu dizeno: "Eu sei qui ocê é um home bão e qui fáis gôsto a gente amá". E dizeno isso incostô de costa na porta do quarto e jogô o dicumê dibaxo da cama e fingiu qui tava mastigano. De repente a muié deu uns grito e começô rancá os cabelo e odispois caiu tremeno e na gunia da morte, disse: "Ah! disgraçado, infeliz sem sorte! Iô pidi dicumê da mão da muié dêle e o farço me deu foi da minha mão prope!" Nessa brasfema oiáva prá dibaxo da cama cuma se quisesse arcançá ũa coisa coliqué mais num pudia. O home impurrô ela prá fora e oiô dibaxo da cama e lá tava um inorme sapo com o zóio custurado de cabelo e cabano de cumê os derradêro falero de pirão. O home foi chamá gente e tistimunharo aquela verdade, inconte a muié tava cabano de morrê cũa cara de satanáis.

II

— Õia seo João, dizia Ambrósio Carreiro, essa noite quaje qui morro de trabaiá. Ancê num vê qui cheguei aqui aos ósso da meia noite, conde num tinha vivarma na rua. Os galo já cantava prú tôda parte...

— Por que, Ambrósio? interrompeu o amigo. Eixo quebrado?

—Adante fôsse, seo João! respondeu-lhe Ambrósio. Mais num foi eixo, inhornão. Inderna qui incontrei perto da Canabraba dois sujeito vagabundo qui me pidiu um golo e iô num

Digitalizado com CamScanner

dei, mermo pú disafôro dêles querê bebê de graça, qui miôs boi deu pá ficá piádo quinem galinha choca. Odispois é qui arrecordei quêles saíro cuchichano e dano gargaiáda de nacria. Aquela gente num é pêca, inhornão! Amode coisa qui o Cão iscanchô prú riba do cabeçaio pá marrá o carro. Iô gritava qui já tava rouco e os bois num importava nem cum ferrão. Mais adiente, conde nóis dicia na Caiçara incontremo o véio Conrado, qui me agarantiu qui miôs boi tava infeitiçado até as tripa. Êle pidiu licença pramode virá as canga de ditráis prá diente e tornô incangá os bois e me disse qui se a mandinga ficasse no carro e seu atemasse na hora quêle amarrasse no chão tava sujeito inté quebrá o eixo. Aí antonce minsinô cuma era qui deve fazê. Dessa hora em diente os boi ficaro tão bão qui curria sem trabaio. Mais porém num caminhemo nem duzentos passo conde o carro ficô marrado qui num tinha boi qui arrastasse e se a gente atemasse era inté capáis de rebentá tudo. Iô num disacursuei, inhornão! Iô ranquei a camisa prá fora e visti ela cá manêra pá tráis. Tirei os bois da guia e botei no cabeçaio. Tirei os do cabeçaio e arrudiei o carro três vêis cum êles e botei na guia. Odispois gritei os boi e ferruei êles cá vara azavéssa. Antonce êles rancaro dũa vêis, tão bem qui nem me dava treva de cunsertá a camisa qui tava me prendeno na goela.

E Ambrósio concluiu sua atribulada história com ares de alívio:

— E Deus primita qui nunca mais me assuceda ũa diabrura dessa! Ê vadiação de canaia pramode judiá cum zôto e vê a gente ficá disurido no mei do stradão. Se num é o véio Conrado tê minsinado quebrá a pauta do feiticêro iô tinha ficado no oraveja.

Digitalizado com CamScanner

OS POTES DE DINHEIRO

Quer nas cidades e arraiais, quer nos centros mais afastados da região mineira do Vale do Rio de São Francisco, em todos os recantos daquela terra, onde houver uma casa velha, um rancho abandonado ou tapera, à beira de uma estrada onde florescer um pé de imbu, de juá, de gameleira ou qualquer árvore frondosa, com certeza uma história existe ligada a cabedais enterrados, na maioria por avarentos já falecidos. E os moradores daquelas plagas acreditam que a pessoa que em vida enterrou dinheiro ou qualquer objeto de valor, após a morte sua alma ficará zanzando pelo mundo atrás de alguém que se anime a socorrê-la. Naturalmente, aos mortos Deus permitiu aparecer aos vivos e dêstes implorar o favor e ajudar-lhes a executar a tarefa. Mas o demônio tudo faz para arredar dêsse propósito o detentor do segrêdo. Neste intuito, acompanha as almas penitentes e cerca-as de redemoinhos e estranhos ruídos. Dêsses meios se utilizando, visa o Sujo a protelar a descoberta do legado e conquistar outra alma para o seu reino, o que se dará, efetivamente, se a pessoa fustigada pelas aleivosias mandar a alma para o inferno. E quem assim proceder, certo ouvirá a cruel sentença "lá eu te espero!", que é o passaporte maldito.

São raras, já se vê, as perspectivas de salvamento. Poucos são os homens que têm coragem de arrostar as fôrças do Cão. Ainda acresce que nenhum mortal arreda o pé de casa, a empreender uma aventura dessas, sem que o finado confirme o roteiro em três sonhos pouco espaçados.

Não faz muito, Teodoro de Saturnizim, morador no Barreiro, foi solicitado por um morto a prestar o benefício. Passava por uma madorna quando dêle se acercou um homem claro e de bigode torcido, empunhando um chicote do cabo de prata.

Digitalizado com CamScanner

Teodoro quis falar, debalde. Quis catucar a espôsa para acordá-la, mas não teve ânimo de fazê-lo. O estranho personagem encarou-o piedosamente, abeirou-se mais e disse-lhe:

— Tô sofreno há muitos secro, Tiodoro, pramode um dinhêro qui interrei. Vim lhe pidi procê arrancá êle prá me sarvá da pinura. Tá interrado no pé dum grão-de-galo, ente Serrote e Cantim, depois da incruziada qui dá prá seo Varisto Guede e Joana Cãinda. Adante docê chegá no piquizero-do-zóvo ocê quebra a isquerda no mei da chapada, cuma se fôsse pá Rancharia. Conde ocê andá sessenta passo vai batê inriba do grão-de-galo, qui é torto prú lado qui o sóli entra. O dinhero tá num pote, interrado do lado direito, prú dibaxo dũa raiz queimada, já mêa pôde. Ocê cumeça cavacá adante dos galo cantá e cũa cavadêra de pau, apois socê levá coliqué coisa de ferro num acha o pote. Tamem ocê num pode contá prá ninguém o qui tô lhe falando sinão parece livuzia. Adante docê batê a premêra vêis cum a cavadêra ocê fáis nome do pádi e reza ũa ave-maria na intenção da Virge Mãe de Deus. Conde ocê cavacá quato parmo vai dá cum monte de carvão, e dois parmo abaxo dos carvão ocê vai batê na tampa do pote. Inriba da tampa tem dois patacão de prata cocê deve largá na bêra do buraco prú premêro fio de Deus qui passá. Do dinhêro qui tivé dento do pote ocê manda celebrá ũa missa prá mim e o resto ocê pode ficá cum êle.

Teodoro nada revelou do sonho e esperou confirmação, o que se deu nas duas noites que se seguiram. Mas, quando se preparava para sair, sua mulher instou-lhe que contasse para onde ia, no que foi atendida, apesar da advertência feita pelo morto.

E porisso retornou à casa sem lograr o intento, mal-assombrado, só voltando a falar depois que o tarrafearam três vêzes seguidas.

Digitalizado com CamScanner

Sétima Parte

Sabedoria Popular

Digitalizado com CamScanner

A MEDICINA CASEIRA

1. Cirurgias
2. Garrafadas e mezinhas
3. Benzeduras e outros processos de curar.

O velho Apolinário da Ferrugem ainda é considerado pelos moradores da beira do Córrego Macaúbas, do município de Januária, o maior curandeiro do mundo. Começou a ganhar fama desde a operação que fêz no seu compadre Martim Carapuça, portador de um quisto no rosto. Bebericavam os dois amigos numa venda do Bonito, quando Apolinário saiu com esta:

— Ô cumpade, ancê cum essa landra inriba do zóio é prú gôsto! Se quisé iô vô fazê ũas operadeza in ancê e agaranto qui fica bão.

Animado pela vinte-e-seis, Martim anuiu:

— Uái, cumpade! Se ancê agarante mermo pode aprepará as ferramenta quiô tô afriçurado pramode ficá livre dêsse lumbim:

Apolinário tirou o cabo-de-pau da bainha, esfregou-o no chão duro e fêz duas incisões profundas, em forma de cruz, sôbre o lobinho, dêle retirando o excesso. Em seguida, chocalhou cachaça na bôca e escaldou a cesura para combater a hemorragia.

E quinze dias depois Martim Carapuça estava são.

Doutra feita Apolinário foi chamado a intervir noutro caso, agora passado assim: Procope Leitão fôra cêdo para a roça e eram já cinco da tarde e não havia chegado para o almôço. A espôsa, incomodada, foi atrás dêle, mas o encontrou sem sentidos, caído sôbre uma pôça de sangue, com a cabeça partida e todo coberto de abelhas. Como se verificou mais tarde, três indivíduos haviam feito aquela maldade e fugiram

Digitalizado com CamScanner

na suposição de tê-lo morto. Deram-lhe várias cacetadas e um terrível golpe de foice que lhe arrancou um pedaço da caixa craniana. A pobre mulher cobriu de ramos o marido e foi buscar recursos.

Apolinário acodiu rápido.

Despejou êle azeite de mamona sôbre a cicatriz e cobriu-a com um caco de cuia, amoldado segundo os contornos do talho, e costurado com linha virgem.

E Procope Leitão ainda viveu seis anos, ficando careca, como é natural, na parte da emenda.

Quando conheci Apolinário perguntei-lhe como benzia e quais medicamentos empregava para curar seus doentes, tendo êle me respondido:

— Num adianta ancê querê aprendê, inhornão! A reza só serve se fô insinada pur ũa muié. Tamém as muié pá sê boa rezadêra tem caprendê benzê cum home, ancê intendeu?

E passou a ditar para mim, na sua fala, os processos de prevenir os males e curar doenças.

Prá dor de barriga não há como chá de pau-terra, ou então uma beberagem de cozimento de calunga.

Prá curar umbigo grande de menino conheço mais de cinqüenta remédios que são tiro e queda, como, por exemplo, cortar um tampo de abóbora que ainda está crescendo na rama, aplicá-lo três vêzes no umbigo do menino e recolocá-lo na abóbora prá sarar. Se fizer isso três sextas-feiras seguidas e observar que a abóbora sarou e cresceu, poderá levantar as mãos para o Céu porque o menino vai ficar bom do umbigo. A mesma coisa a gente faz com pé de gameleira ou de pinhão, servindo prá rendidura, carne quebrada, ôsso deslocado, ou espinhela caída. Também pode botar um níquel de cruzado em cima do umbigo ou rendidura que é mesmo que tirar a doença com a mão, mas é preciso depois colocar o dinheiro no pé de um cruzeiro de outra Freguesia. Ainda é bom amarrar o corrião do padrinho de batismo sôbre o umbigo do menino, pois com o adjutório de Deus ficará curado.

Digitalizado com CamScanner

Prá maleita, um remédio bom é cachaça com raiz de fedegoso e semente de sucupira. Êsse remédio é bom também prá dôr de reumatismo.

Prá estancar sangue não há melhor do que cabelo de gato misturado com estêrco de cavalo e picumã sôbre a cesura, amarrado com uma palha de milho.

Prá cachaceiro largar de beber o melhor remédio é pôr na garrafa de pinga um tiquinho de terra de cemitério, ou botar onze colheres da branca num pedaço de carne fresca e deixar curtir três dias no sereno e, em seguida, dar para o beberrão tomar sem que saiba de nada. Agora, se quiser fazer a maldade de tornar uma criatura beberrona é só pôr cachaça na bôca, chacoalhar bem e voltá-lá prá garrafa. O infeliz que provar dessa maldita está condenado a nunca mais deixar a bebida.

O couro e o dente de guará são os melhores remédios contra a doença de ar. O couro, bebe-se na cachaça e o dente a gente pendura no pescoço e deixa que êle perca por si. Outra coisa boa é tirar a camisa do coitado, às avessas, enquanto êle estiver no ataque, depois tangê-la n'água corrente. Também é bom pôr no braço um arco de coador como se fôsse pulseira e esquecê-lo até que êle se perca. Ou então pôr um anel de tiú no dedo até quebrar-se de velho, pois nesse dia a doença foge dêle prá nunca mais. Outra mezinha boa prá doença de ar é sumo do andu misturado com vinte e um caroços de fava torrados e moídos.

Prá febrão não há como clister de cozimento de pereira, ou então escalda-pés com sal e sumo de fôlha de são-caetano.

Prá ter bom parto, a mulher que estiver prenha deve pôr capim ou milho na saia vestida pelo avêsso e dar a um cavalo prá comer. Outro remédio bom é vestir a camisa do marido, também pelo avêsso, ou beber água do cano da espingarda despejada no chapéu do pai do menino ou no estribo da sela que o pai andou montado. Ou ainda engolir três dedais d'água aparada na bica das telhas da porta principal.

Digitalizado com CamScanner

Prá dentição é só alimentar o menino com leite de cachorra, ou pendurar-lhe no pescoço um dente de jacaré, ou uma pedra de enxôfre, ou búzio miúdo, botão da ceroula do pai ou do padrinho, carôço de mulungu, feijão prêto, figa tirada de uma lasca de cruzeiro, de cabo de machado ou de mão-de-pilão, ou ainda uma bolsinha cheia de sal, que a gente antes tenha levado à igreja e assistido à missa com ela fechada na mão esquerda.

Prá menino não chorar de noite não há como forrar a caminha com couro de coelho, ou botar um saquinho de farinha sêca debaixo do travesseiro.

Os melhores remédios prá queimadura são barrela de boi, ôvo de anum, sabão de decoada, querosene, óleo de mamona prêta, sumo de fôlha de juàzeiro. Se a queimadura fôr de pimenta, inda que seja nos olhos, basta enfiar a cabeça no poleiro que sara na mesma hora.

Os melhores remédios prá mordedura de bicho ruim são as tripas ainda quentes da cobra ou da lacraia que ofendeu a pessoa colocadas em cima da cesura. Ou emplastro de fubá de pau pôdre, raiz de cascavel, raiz de cabôclo, raiz de pente-de-macaco, e também pincelar a mordedura com querosene, bebendo-se meia xícara depois.

Prá secura o melhor remédio é beber água e jogar o resto para trás.

Prá sarampo não há como chá de lagartixa colocada ainda viva na escolateira de água fervendo, chá de jasmim-de-cachorro, de urucu, de açafrão, de flor de sabugueiro, de estêrco de gado.

A moela de ema é dos melhores remédios prá curar doença de intestinos, como barriga inchada. Mas, primeiro, a gente salga a moela, seca-a no fôrno e pisa-a no almofariz. Em seguida, deita-a na cachaça prá se beber de manhã, em jejum.

Prá curar frieira não há como urina quente de cavalo. É só a gente esperar o animal dar sinal de que vai urinar e

Digitalizado com CamScanner

meter o pé por baixo dêle para receber o mijo em cima da frieira.

Quando a mãe-do-corpo estiver mexendo muito, o melhor remédio é cozimento de planta de cheiro, como capim-santo, fôlha de eucalipto, menjericão misturado com sêbo de rim. Esfrega-se bem a barriga e as costas com essa mezinha e guarda-se oito dias de resguardo.

Prá machucado na cabeça não existe remédio melhor do que rapadura amassada em mistura com azeite de mamona. Aplica-se duas vêzes por dia, de manhã e de noite e com os poderes de Deus o doente fica são em pouco tempo.

Prá reumatismo e dor nas cadeiras a gente faz um cozimento de raiz de caqueja, fôlha de picão, quatro dedos de fumo de rôlo e casca de pitomba, tudo numa panela virgem. Depois, joga-se a água dêsse cozimento na bacia e põe-se dentro também dois tijolos virgens, ainda quentes, retirados da caieira na hora. Em seguida, dá-se um banho geral no doente, evitando-se que êle tome vento. Terminado o banho, enrola-se o enfermo num bom cobertor para ficar de resguardo vinte e quatro horas.

Um modo bom prá benzer uma criatura atacada de fogo-selvagem é pegar três ramos verdes e, fazendo com êles cruzes nas enfermidades, manter com o doente êsse diálogo:

— Compadre, mará arde?
— Não arde!
— O que é que arde?
— Fogo-selvagem?
— Então, com ramo verde e água fria,
Com os poderes de Deus e da Virgem Maria,
Fogo-selvagem vai arribar
E sumir com a ventania!

Depois, reza-se três ave-marias oferecidas a Nossa Senhora, joga-se água na pessoa benzida e tange-se os ramos verdes para trás.

Digitalizado com CamScanner

Prá dor de dente, não morrer afogado, nem queimado, nem ser xingado, não há coisa melhor do que saudar a lua nova. No momento em que ela fôr aparecendo, junta-se a família tôda, faz-se o sinal da cruz e fala-se em voz alta:

Deus te salve lua nova
Quando vós fôr e vir,
Quatro coisas quero pedir,
Quero que vós me livra
De dor de dente,
Fogo ardente,
Rios correntes
E língua de má gente!

Depois, reza-se um padre-nosso com uma ave-maria para Nossa Senhora do Livramento livrar a gente das quatro coisas ruins.

Para estancar sangue a gente benze assim: primeiro faz-se nome-do-padre, depois baixa-se a cabeça e pede-se o auxílio de Senhor dos Passos, em seguida, fazendo gestos com a mão direita, fala-se em voz baixa:

Eu vim de Roma,
romaria,
Benzendo sangue
e hemorragia,
Eu te benzo sangue
Com os poderes de Deus
E da Virgem Maria

Quando terminar, reza-se um padre-nosso com uma ave-maria para a Sagrada Morte e Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Digitalizado com CamScanner

OS PROVÉRBIOS

Dos milhares de provérbios que circulam entre os moradores do centro norte-mineiro do Vale do Rio de São Francisco, recolhi os cem que passo a transcrever, valendo como pequena amostra da grande sabedoria barranqueira.

1. A galinha que canta primeiro é a dona do ôvo.
2. Águas passadas não tocam moinho.
3. Antes lamber do que cuspir.
4. Antes pisar a pilão do que comprar a tostão.
5. Antes rasgado do que nu.
6. Antes remar do que viajar a pé.
7. Antes só do que mal acompanhado.
8. A precisão é que faz o sapo pular.
9. Barca parada não carrega frete.
10. Bôca doce é que leva cabaça ao engenho.
11. Cabaça que foi de pimenta sempre arde.
12. Caça ruim é que desarma mundéu.
13. Carneiro sonso, a marrada é certa.
14. Casa de pai, escola de filho.
15. Cavalo dado, não se olha muda.
16. Cavalo peado não dá coice.
17. Contra gôsto não se discute.
18. Conversa de bôca não faz despesa.
19. Dar dói, chorar faz pena.
20. De noite todo gato é pardo.
21. Desgraça de remeiro é saber nadar.
22. Desperdício não é fartura.
23. Deus dá o frio conforme a cobertura.
24. Deus não dá asa a cobra porque sabe do mal que ela faz.
25. Deus tira os dentes mas engrossa a goela.
26. Dois sentidos não assam milho.

Digitalizado com CamScanner

27. Dor de barriga não dá uma vez só.
28. Do saco, as embiras.
29. Filho só puxa pai quando é ladrão.
30. Gato ruivo do que usa disto cuida.
31. Há mal que vem prá bem.
32. Lagartixa sabe em que pau bate a cabeça.
33. Macaco velho não mete a mão em cumbuca.
34. Mal de ladino se não fôsse os bêstas.
35. Mato tem ôlho, parede tem ouvido.
36. Melhor merece o dono.
37. Menino, cachorro e galinha é que faz briguinha.
38. Muita trovoada é sinal de pouca chuva.
39. Nas três o diabo fêz.
40. Negro que nunca teve baêta quando tem vai meio dia quentar fogo.
41. Nem todo mal é mal.
42. O desengano da vista é ver.
43. O dono do defunto que pegue na cabeça.
44. O mangado também vive.
45. Onde passa o boi passa o vaqueiro.
46. O pobre quando acha um ôvo é gôro.
47. O que é do homem bicho não come.
48. Papagaio come milho, periquito leva a fama.
49. Para o nu tôda a roupa serve.
50. Para pé doente, sapato velho.
51. Para se encontrar com o diabo não precisa madrugar.
52. Parente é o pior aderente.
53. Pela carruagem se conhece o dono.
54. Por causa dos santos se beija o altar.
55. Praga de urubu magro não pega em cavalo gordo.
56. Princípio de angu é mingau.
57. Quando o urubu é infeliz o de baixo suja no de riba.
58. Quando as barbas do vizinho arder põe a sua de môlho.
59. Quanto mais alto é o pau maior é o tombo.
60. Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa e aos quarenta não tem, não barba, não casa e não tem.
61. Quem com porco se lambuza, farelo come.
62. Quem conversa muito dá bom dia cavalo.
63. Quem corre cansa.
64. Quem dá o que tem a pedir vem.

Digitalizado com CamScanner

65. Quem diz pode escutar.
66. Quem é bom para os outros é ruim para si.
67. Quem empresta não presta.
68. Quem gosta torna.
69. Quem muito aperta espirra.
70. Quem não dá prá fubá que desocupe o lugar.
71. Quem não olha adiante atrás fica.
72. Quem não ouve conselho ouve coitado.
73. Quem não pode com a carga deita.
74. Quem não pode com a mandinga não carrega patuá.
75. Quem não quer molhar não vá à chuva.
76. Quem não quer ser incomodado não mexa com marimbondo.
77. Quem não trabalha prá alguma coisa dá.
78. Quem não tem cachorro caça com gato.
79. Quem nasce grunhindo, morre latindo.
80. Quem nasce prá cangalha não chega a sela.
81. Quem nasce prá derréis não chega a vintém.
82. Quem o meu filho beija, minha bôca adoça.
83. Quem pariu Mateus que o balance.
84. Quem quer vai, quem não quer manda.
85. Quem rouba de ladrão tem cem anos de perdão.
86. Quem tem dó de angu não cria cachorro.
87. Quem tem dó de pinica-pau dá machado.
88. Quem tem seus olhos fundos chora cêdo.
89. Quem tem sorte cachorro bota às dúzias.
90. Quem tem sorte joga e ganha, quem não tem caturra e apanha.
91. Quem vai ao vento perde o assento.
92. Rato de casa é que rói cumbuca.
93. Saco vazio não pára em pé.
94. Seguro morreu de velho, desconfiado ainda existe.
95. Tanto é boa a tampa como o balaio.
96. Tatu que muito anda um dia cai no mundéu.
97. Terra de sapo de cócoras com êle.
98. Tôda família tem um ôvo gôro.
99. Um dia é da caça, outro do caçador.
100. Vão-se os anéis, fiquem os dedos.

Digitalizado com CamScanner

AS EXPRESSÕES

Na manifestação de suas idéias o barranqueiro muitas vêzes recorre às frases feitas, que procedendo de fatos particulares, expontâneos, empíricos, vão tomando forma e sentido na linguagem.

A seguir, as expressões mais vulgarizadas na região norte-mineira do vale do Rio de São Francisco:

Abrir o pé — Correr, fugir.

Abrir o tué (ou o *bué*, como dizem também) — Chorar, falando-se de crianças.

*Aí é que a porca torce o rabo** — Isto é difícil, aí está o nó da questão.

Alto e mau — Sem direito a escolha, misturado, uns pelos outros.

Aos ossos da meia noite — A desoras, horas mortas.

Aganhar barriga — Gravidar-se.

A trancos e barrancos — Com muitas dificuldades.

Bater a passarinha — Preocupar-se. Essa expressão é geralmente usada na sua forma negativa: "não me bate a passarinha!" quer dizer que não me preocupa.

Bater as botas — Morrer.

Bater na cangalha para o burro entender — Falar por indiretas.

Bater prego — Mentir.

Botar anel de ouro em focinho de porco — Dar muita atenção ou prestígio a quem não o merece.

Cabeça a baixo — Descer rio abaixo.

Cabeça a riba — Subir rio acima.

Café com mão na escadeira — Café simples, sem complemento sólido, café pequeno.

---

* Costumam acrescentar, jocosamente: "... se não fôr rabicha".

Digitalizado com CamScanner

Camisa de onze varas — Qualquer dificuldade em que se mete e da qual não se pode sair.

Capar o gato — Fugir.

Carregar água no balaio — Fazer muito por alguém ou por uma causa, sem esmorecimento e sem medir ou alegar esfôrço.

Catucar a onça com o pau curto — Bulir em assunto perigoso ou provocar uma pessoa que detenha grandes poderes.

Certo como bôca de bode — Certíssimo, infalível.

Clamar como pobre na chuva — Queixar-se exageradamente.

Comer como padre — Comer boas iguarias e com apetite.

Comer o pão que o diabo amassou * — Sofrer privações, dificuldades.

Contar manaíba ** — Mentir.

Conversa fiada — Mentirada, gabolice, lorota.

Cortar um doze — Passar por grandes dificuldades.

Criar alma nova — Tirar da mente uma grande preocupação, aliviar-se de uma carga mental incômoda.

Cu doce — Fazer-se de rogado.

Dar o bazé — Morrer.

Dar o bôlo — Faltar a um compromisso.

Descer o mangue — Surrar, bater em alguém.

Descer sôlta de toa — Descer de canoa ao sabor das águas, sem remar.

Diabo a quatro 1 — E ainda mais, "et coetera" (etc.).

Diabo a quatro 2 — Esquisitices.

Dormir com as galinhas — Deitar-se muito cêdo para dormir.

Em cima da letra — Geralmente falando-se de resposta pronta, na ponta da língua. Corresponde a "dar o trôco".

Em conta — Barato. Mais em conta significa dizer "mais barato".

Enquanto o diabo esfrega o ôlho — Num átimo, depressa.

Ensinar padre-nosso a vigário — Dar ensinamento a quem não pede e, sendo mestre no assunto, dêle não precisa.

Entrar na aragem — Fugir.

Entrar na capoeira — Fugir.

Entregar a rapadura — Morrer.

Escuro como breu — Escuridão completa, noite fechada.

---

* Acrescentam, muitas vêzes: "... com o rabo".

** Ou "contar manaíba sem ôlho". Ver, em Localismos, a palavra manaíba.

Digitalizado com CamScanner

Estar com as tripas na miséria — Estar passando fome, ir mal de vida ou de sorte.

Estar com a vó atrás do tôco — Irritado, mal humorado.

Estar com rato roendo o estômago — Sentir fome.

Estar duro — Sem dinheiro.

Estar limpo como bunda de santo — Sem dinheiro.

Estar na pindaíba — Sem dinheiro.

Esticar as canelas — Morrer.

Falar cobras e lagartas — Falar muito e mal de uma pessoa.

Falar pramodes e quinéns — Cometer erros gramaticais quando se fala.

Falta de têrmo — Grosseria. Falta de compostura.

Farinha do mesmo saco — Expressão pejorativa que compara uma pessoa com outra a que está ligada.

Fazer as barbas (a alguém) — Surrar.

Fazer beijo de Judas — Fazer beiço ou muxoxo.

Fazer fita — Mostrar-se desinteressado, quem realmente se interessa.

Fazer xixi — Urinar, falando-se de crianças.

Ficar com a cara mexendo e o espinhaço sambando — Cair em ridículo, ficar sem graça, envergonhado.

Ficar com a orelha em pé — Cismado.

Ficar com a pulga atrás da orelha — Suspeitar.

*Ficar fula** (*ou ficar fula de raiva*) — Ter muita raiva, empalidecendo.

Fome canina — Ter muita fome.

Hora de almôço bravo — Sol virando, das 13 às 14 horas ou pouco mais.

Ir para a cidade de pés juntos — Ir para o cemitério, morrer.

Jogar mourão — Jôgo de braços que se faz quando se puxa o veio da roda de ralar mandioca por ocasião de farinhada.

Jogar verde para colhêr maduro — Recurso oral para arrancarem-se verdades que não são ditas normalmente.

Lá chove, cá corre — Expressão que indica superioridade de uma pessoa com relação à outra.

---

* O negro fula tinha a pele amarelada, como quem tem muita raiva.

Digitalizado com CamScanner

Lá se foi tudo quanto Marta fiou! * — Exclamação muito usada pelo barranqueiro no momento em que perde algum serviço quase terminado, ou em que toma um prejuízo. Dizem que a frase teve a seguinte origem: Pobre fiandeira chamada Marta conseguira dois mil réis em dinheiro com a venda de algumas quartas de linha que fiara em seguidos dias de trabalho. Querendo, agora, mudar de ramo, comprou várias dúzias de ovos, com as quais encheu uma gamela e rumou para casa. No caminho fazia castelos: "com êsses ovos farei dois balaios de pêtas, que me darão quatro patacas; dêsse dinheiro retiro três cruzados e compro um leitão para engordar; no fim de cinco meses êle pesa...". Nessa altura do cálculo, a pobre fiandeira leva um tropeção e a gamela d'ovos cai-lhe da cabeça. Desconsolada, olhando o triste fim de suas economias, exclamou ela: "Lá se foi tudo quanto Marta fiou!".

---

* A história não passa de uma variante do seguinte trecho do Auto de Mofina Mendes, de Gil Vicente, famoso poeta quinhentista:

"....
vou-me à feira do Trancoso
logo, nome de Jesu,
e farei dinheiro grosso.

Do que êste azeite render
comprarei ovos de pata,
que he a cousa mais barata
qu'eu de lá posso trazer.
E êstes ovos chocarão;
cada ôvo dará hum pato,
e cada pato hum tostão,
que passará de hum milhão
e meio, a vender barato.

Casarei rica e honrada
por êstes ovos de pata,
e o dia que fôr casada
sairei ataviada
com hum brial d'escarlata,
e diante o desposado,
que me estará namorando:
virei de dentro bailando
assi dest'arte bailado,
esta cantiga cantando.

Estas cousas diz Mofina Mendes com o pote de azeite à cabeça e andando enlevada no bailo, cai-lhe..."

Digitalizado com CamScanner

Lé com cré — Expressão pejorativa que compara uma pessoa com outra a que está ligada.

Malhar em ferro frio — Insistir (alguém), inùtilmente, em ensinar a quem não quer aprender.

Mão cheia — Expressão que assinala grande habilidade, por exemplo "desenhista de mão cheia".

Mão na roda — Vantagem, favorecimento.

Marca maior — Ênfase à má qualidade, assim, por exemplo: "mentiroso de marca maior".

Mentir como casa velha — Mentir sempre, possuir o mau hábito de mentir.

Mijar para trás — Recuar de uma posição ou atitude assumida com intransigência.

Na bacia das almas — Barato, a preço de galinha morta.

Não atalhando sua proposta que p'rá diante vai... — Desculpe-me interrompê-lo(a).

Não ser arara para comer côco sem bala — Não ser ingênuo, não ser tolo.

Nem de longe com gancho * — Nunca! É a negativa absoluta.

No duro da cebola — Com exatidão, infalìvelmente, sinceramente.

Nos tempos em que se amarrava cachorro com linguiça — Nos bons tempos, no tempo das vacas gordas, em que havia fartura, no tempo antigo.

No último furo — Só depois de esgotar-se a última oportunidade, só em caso extremo.

Outros galos me cantariam — Seria melhor, seria uma grande vantagem para mim.

Ouvir o galo cantar e não saber onde — Ter vaga noção a respeito de uma realidade, mas supondo conhecê-la bem.

Passar mel na bôca — Iludir, enganar.

Pau de agasalhar urubu — Pessoa azarenta, cuja presença nos traz embaraços.

Pegar cambão — Medir a fôrça do braço com alguém.

Pensar que berimbau é gaita — Enganar-se totalmente.

Pescar de terrena — Pesca que se faz durante uma viagem, navegando.

Perder a cabeça — Desorganizar a conduta, agir sob descontrole nervoso ou emocional.

Perder as estribeiras — Dizer tôdas as verdades que eram preciso ser ditas.

---

* Costumam acrescentar: "... nem de perto com garrancho".

Digitalizado com CamScanner

Perder a tramontana — Perder a calma (e não o rumo como ainda registram os dicionários).

Perguntar a pescador qual é o peixe que morde — Indagar de quem realmente sabe.

Picar o burro — Fugir, esconder-se de alguém ou da Polícia.

Picar o fumo — Partir, fugir, correr.

Pintar o sete — Traquinar, divertir-se muito.

Pitar no cachimbo de ioiô — Cair em ridículo, perceber surprêso o êrro que se cometeu.

Pôdre de rico — Riquíssimo, milionário.

Por cima de queda, coice — Sôbre um mal, outro ainda maior.

Pôr na baia — Pôr no serviço diário o objeto de uso pessoal ou doméstico, antes poupado.

Procurar chifre na cabeça de cavalo — Querer o impossível.

Quando galinha nascer dente — Nas calendas gregas, isto é, nunca!

Quebrar pau no ouvido — Fazer-se de surdo ou fazer ouvido de mercador.

Queimar bôca de praga — Colocar um tição de fogo na bôca de quem blasfema ou do animal agoureiro. (Ver, à pg. 201, o nº 112).

Quinze bandas — Em tôda a parte.

Riscar o animal — Frear a cavalgadura pomposamente.

Roer a corda — Faltar a um compromisso, a um encontro marcado.

Saber onde o diabo amalha — É o mesmo que ser velhaco, esperto.

Saber quem inventou a patranha — Ser ladino, conhecer de trapaças, de velhacarias.

Sair com alguém nas costas — Reagir duramente contra uma pessoa que nos ofende.

Sair com quatro pedras na mão — Reação oral agressiva e inopinada.

Saltar sete sepulturas — Escapar milagrosamente da morte ou de um grande perigo.

Sangrar o pau — Fazer o primeiro talhe no tronco de uma árvore e do lado que se quer que ela tombe.

Ser de boa sala e ruim camarinha — Aparentar boa presença mas ser realmente uma pessoa má, fingida. Essa frase equivale aquel'outra muito vulgarizada "lôbo com pele de cordeiro".

Ser fino — Dengoso, que se agasta, se ofende fàcilmente.

Ser grego — Ser ignorante em determinado assunto.

Tapar o sol com a peneira — É o mesmo que procurar ocultar o que não pode, ou o que todo mundo já sabe.

Digitalizado com CamScanner

Taquara rachada — Predicativo que se dá a uma pessoa de má voz, isto é, que não sabe cantar.

Ter a bôca doce — Ter o hábito de falar obscenidades. Bôca suja, bôca porca.

Ter areia — Indica a existência de alguma coisa oculta, disfarçada, que não se quer revelar.

Ter cabeça boa — Ser de sorte nos empreendimentos, especialmente nos que dizem respeito à extração de tapioca, de decoada e de óleos vegetais, e ao fabrico de quitandas.

Ter dente de coelho — Indica a existência de alguma coisa que, de propósito, não foi revelada.

Ter história — Possuir muito zêlo, ciúme, ter cuidado com alguém que se estima ou com objeto que se deseja conservar.

Tirar do caçador para dar a onça — Dar a quem menos mereça.

Tirar o pé do atoleiro — Fazer bom negócio, sair da miséria, da pobreza.

Tomar o vento — Farejar, pressentir.

Tomar vento — Constipar-se.

Varão de estender tripa — Expressão pejorativa que qualifica pessoas muito altas e magras.

Vasilha ruim — Gente sem valia, sem nome, sem préstimo algum.

Vender farinha — Andar com a fralda da camisa à mostra.

Virar cânfora — Desaparecer misteriosamente uma pessoa ou coisa. Sumir sem se saber como.

Virar cascalho — Resolver não se mudar, não demitir-se, não arredar pé de uma posição assumida.

Virar um bofe — Arrear, esmilinguir, amolecer.

Vivo e morto — Insistente, teimoso, assíduo.

Digitalizado com CamScanner

OS LOCALISMOS

O morador do sertão mineiro do Vale do Rio de São Francisco fala é português, evidentemente. Mas, o estranho que lá cair vai topar de frente com um problema sério, que é entender o caboclo na manifestação de suas idéias. O barranqueiro introduziu no vernáculo centenas de palavras, com certeza desconhecidas por seus patrícios de fora. A maioria dêsses localismos vem de uma deturpação da forma correta, fenômeno que incide sobretudo em têrmos proparoxítonos. Alguns dêles, porém, são vocábulos insertos nos léxicos, mas com significação diferente. Ou são palavras arranjadas por não conhecerem o têrmo próprio.

Há têrmos que revelam o espírito religioso do barranqueiro. Se buscarmos, por exemplo, a palavra "izope" vemos que ela se aplica a um pincel de azeitar eixos de carros, o qual bem se parece, na forma como no tamanho, ao hissope de aspergir água benta. Ora, o sertanejo é supersticioso. Dando àquele instrumento o nome de um objeto afugentador do mal, julga proteger-se contra os amarradores, que tantos embaraços ocasionam, aos carreiros, ao longo de estradas desertas.

Meu intuito, porém, não é tirar conclusões apressadas sôbre matéria tão delicada. Êste ponto cabe aos especialistas. Fazendo essa referência, eu quis apenas me livrar da idéia. Tenho em mira, na verdade, sòmente apresentar aos leitores os localismos que registrei em longos anos de convivência com os meus irmãos barranqueiros.

A

Abelha-de-sapo — Nome dado a uma variedade de abelha que prefere fazer seu cortiço no chão ou no ôco das caveiras. Seu mel é repugnante e só feiticeiros utilizam a cêra.

Abelha-gorda — Colméia farta de mel.

Digitalizado com CamScanner

Abelha-magra — Colméia pobre de mel.
Aberto — Diz-se do luto incompleto, do luto com pano azul ou rôxo, ou com padrões miúdos e sérios. Contrário de luto fechado.
Acaba-raiva — Mamão.
Acão-acão — Têrmo que indica esfôrço ambicioso para a obtenção das coisas. Labuta.
Adage — Ousadia, coragem, atrevimento, petulância.
Adante — Antes, de preferência.
Adeste — À destra. Adestro: "Eu vinha montado num burro e puxando um cavalo adeste."
Adonde — Onde.
A Ema — Diversão infantil.
Afim — Desejoso(a): "Estou afim de viajar".
Afriçurado — Aflito, angustiado, oprimido.
Agorinha — Agora mesmo.
Agua-de-cheiro — Perfume, extrato.
Aguado — Diz-se do cavalo que, estafado por excesso de trabalho, tornou-se fraco ou incapaz.
Agua-esperta — Água quente.
Agulha-de-arrôcho — Pau roliço de cinqüenta a sessenta centímetros de comprimento por dois a dois e meio de diâmetro, terminado em ponta, e que se destina a apertar o arrôcho das cargas de burros.
Aimbro — Cerne, âmago.
Ajoujo — Amarrado de canoas para travessia de animais.
Alarme — Muito, bastante: "um alarme de peixes".
Alcancia — Cabeças de papelão espetadas em estacas, ao longo da pista de corridas, nas cavalhadas, por ocasião dos festejos do Divino (Ver asterisco sob o título As Festas do Divino, neste livro).
Alção — Cada uma das pontas da cangalha, onde se prendem as alças das bruacas.
Alentar — Aquecer, esquentar.
Algodão-de-sêda — Planta que dá uma lanugem têxtil e brilhante. A lanugem dessa planta.
Alimentador — Penitente que tira as rezas, à frente dos companheiros, por ocasião das cerimônias de encomendação das almas. Farricoco.
Aljofrar — Ação de elevarem-se as borbulhas de líquido em fermentação do fundo do vaso que o contém.
Alvistas — Alteração morfológica de alvíssaras: "Minhas alvistas, Nossa Senhora, vosso filho nasceu!" — Assim procedem os catrumanos reunidos em família, no terreiro da casa, na madrugada de 25 de dezembro, ao primeiro cantar do galo.
Amarradio — Deturpação da palavra amarrilho. Cada uma das cordas da rêde de embira trançada no sentido do comprimento.

Digitalizado com CamScanner

Amarrador — Aquêle que, por processos mágicos, imobiliza carros de bois nas estradas, assim causando malefícios.

Amode — Provàvelmente, para, parece que...

Anacria — Corruptela da palavra anarquia. Mofa, deboche, troça.

Anelzinho — Diversão infantil.

Antonce — Então.

Aragem — Estiada.

Arapuca 1 — Cêsto de varas, afunilado, para a extração da decoada. Destiladeira.

Arapuca 2 — Armadilha para apanhar aves.

Arataca — Armadilha para apanhar animais de grande porte.

Arranchar — A ação de morar, quando se fala de abelhas: "a tataíra só arrancha nas imburanas".

Arribar 1 — Forçar: "Silvano arribou o peito na porta, derrubando a cadeira que a escorava".

Arribar 2 — Pôr, colocar por cima, despejar: "Quem quiser se ver livre do Cão é só arribar trem brabo na panela, como alho com casca".

Artifício — Ponta de chifre cheia de algodão queimado, ligada por uma correia a uma lâmina de aço. Destina-se a aprisionar o fogo nascido mediante a percussão da lâmina contra uma pedra avermelhada, a que chamam pedra-de-fogo.

Aspa — Parte intermediária da flecha, de madeira dura. Uma das extremidades da aspa recebe a choupa do batim; a outra recebe o fuste de cana-brava ou haste.

Assanhada — Diz-se da môça sirigaita, desembaraçada.

Assouga — Soga.

Assuntar — Ouvir com atenção, mas calado.

Atiçar — Lançar, atirar fora.

Atiradeira — Arma infantil para matar pequenas aves, constituída por um gancho de madeira, duas tiras de borracha de câmara-de-ar e uma pega de couro, onde se deita a pelota. Estilingue.

Audiência — Parte com o diabo. Assembléia de capetas, realizada a desoras, ao pé de frondosas gameleiras.

Avexado 1 — Sem ar, angustiado.

Avexado 2 — Apressado.

B

Baé — Espécie de suíno muito bom de engorda.

Balaio-de-caboclo — Balaio provido de tampa, feito especialmente para costureiras.

Balandango — Ruído metálico. Tinido de cincerro.

Bandeja-de-assar — Assadeira.

Digitalizado com CamScanner

Bando, bandão — Muito, bastante: "um bando de gente", "um bandão de coisas".

Bandola — Bandoleiro, inconstante. Sem rumo certo, ao acaso: "cachorro bandola", "vento bandola", "caçada bandola".

Banha — Qualquer pomada medicinal.

Banzar — Andar à toa.

Banzé — Mixórdia, misturada. Briga.

Barbado — O macho da guariba (ver esta palavra).

Barbela — Farpa do batim.

Barranqueiro — Pessoa nascida em município banhado pelo médio São Francisco.

Barricão — Têrmo que indica môça solteirona; "môça do barricão", significa dizer môça velha; "já caiu no barricão", quer dizer que já não interessa aos rapazes.

Batalha — Espécie de jôgo em que duas pessoas, geralmente crianças, sentam-se no chão para disputar doze pedras, que são caroços de mucunã ou são rodinhas feitas de caco de telha, pouco mais ou menos do tamanho de um níquel de cruzado dos antigos. Antes do jôgo, os parceiros entram em combinação quanto às regras a adotar. A mais comum é "uma na mão, duas na mesa". Assim, um dos companheiros toma as pedras e lança-as a pequena altura à frente do corpo, virando rápido as costas da mão para aparar o maior número que puder. De acôrdo com o exemplo dado, o jogador terá que obstar a queda ao chão (ou mesa, como se fala neste caso) de duas pedras ou reter nas costas da mão uma única pedra. Dá-se nôvo impulso e aparam-se as pedras com a palma da mão. Destas, separa-se uma, retirando-se as excedentes para um canto. Agora, lançando-se a pedra escolhida para continuar a partida, o jogador vai catando, uma a uma, em movimentos sucessivos, tôdas as pedras da mesa, quando do primeiro movimento. E nesta fase o jogador preocupa-se também em não deixar duas pedras, nem bulir em pedras não visadas nesse ou naquele movimento, mesmo quando amontoadas, caso em que se pode apanhar mais de uma. Quando existirem só três, o jogador deve fazer um "rapa", ou um "cata-cata", isto é, deve apanhar duas num só movimento, para não perder a jogada, tendo-se em vista a regra do exemplo dado. Quem alcançar essa etapa, separa uma das pedras, o "galo", que vai gerar a "queda" ou fim de partida, vencidas doze mãos. Para assegurar êste ganho, contudo, é necessário ainda que o jogador tome a pedra de que se serviu para conquistar o undécimo "galo" e passe-a da palma para as costas da mão, sem parada, tantas vêzes quantas havia acertado, sejam doze, vinte, cem, até mais. Comumente o vencedor ultrapassa o número

Digitalizado com CamScanner

combinado e oferece ao adversário uma lambuja, que é assim enunciada: biscoito... café... rapadura... farinha... Podem continuar o jôgo, mas neste caso o fazem com onze pedras, depois com dez, com nove, até o fim, que é a conquista de uma "égua", depois de um "tôco", nascendo novas denominações à medida que se levam tentos.

Baticum — Batimento cardíaco acelerado.

Batim — Fisga de aço com choupa, corpo, barbela e ponta. O batim lembra a forma do algarismo 1 e adapta-se à aspa, que por sua vez liga-se a um fuste de cana-brava adredemente preparado. O conjunto constitui a flecha, que é de grande eficiência nas pescarias.

Batuta — Diz-se da pessoa de bom humor, como do objeto de ótima qualidade, daquilo que é fino, especial.

Bazé — Fumo fraco, ordinário, ruim.

Beijo-de-judas — Estalo que se faz com a língua para mostrar desagrado. Muxoxo.

Belisco — Tiquinho.

Berro — Berne.

Bêsta — Bôbo, amalucado.

Bestagem — Tolice, asneira, burrice.

Bibiano — Candeeiro, lamparina.

Biboca — Vendinha de ponta de rua.

Bicanca 1 — Chute que se dá com a ponta da chuteira.

Bicanca 2 — Diz-se da pessoa que está nervosa, irritadíssima.

Bicha 1 — Fera, animal feroz.

Bicha 2 — Solitária, lombriga.

Bicho-de-sete-cabeças — Qualquer coisa difícil ou complicada e misteriosa.

Bicho-pagão — Animal. Ser bruto.

Bicho-ruim 1 — Capeta.

Bicho-ruim 2 — Cobra, escorpião.

Bico-de-candeeiro — Forma de corte de orelha, significando a cifra ou zero.

Bico-de-pena — Falsidade eleitoral ou qualquer trapaça em documentos.

Bicudo — Alcoolizado, tonto.

Bilhete-azul — Demissão forçada. Sabe-se que em certo clube social usa-se entregar um cartão de côr azul a quem se comportar mal, indicando-lhe, dêsse modo elegante, que se retire do salão.

Binga — Isqueiro para acender cigarros, semelhante ao artifício, mas tem pavio e melhor acabamento.

Biriba — Égua, a fêmea do cavalo.

Birro — Cada um dos tocos que acocham o entrançamento das esteiras, em volta dos quais são enroladas as cordas dos amarrilhos. Bilro.

Digitalizado com CamScanner

Bistunta 1 — Impensadamente, sem cálculo, de improviso. Comprar na bistunta é comprar sem pesar, sem contar ou sem medir. Êste têrmo equivale à expressão, também popular, "de orelha" ou "de orelhada", como pronunciam às vêzes.

Bistunta 2 — Troca ou barganha sem volta, coisa por coisa.

Bistunta 3 — Sumiço: "Meu compadre Sancho está na bistunta", quer dizer sumido.

Bitácula — Venda. Vendinha de beira de estrada.

Bitelo — Indivíduo de grande robustez física.

Bizeque — Brincadeira de mau gôsto e que consiste em violenta dedada na orelha das pessoas, de trás para a frente, pegando-se a vítima desprevenida.

Bôca-de-lagarta — Forma de corte de orelha, do grupo de sinais de *divisa*.

Bôca-doce — Diz-se da pessoa que tem o hábito de falar palavrões ou obscenidades.

Bôca-do-povo — A censura coletiva, aquilo que o povo diz e que não pertence a ninguém.

Bocapi — Cêsto de fibra vegetal, provido de alças.

Bodega — Venda. Botequim.

Bodoque — Forma de corte de orelha, do grupo de sinais de *divisa*.

Boi 1 — O macho da vaca, mas castrado.

Boi 2 — Mênstruo.

Bola — Alimento envenenado que o fiscal da prefeitura lança aos cães com o propósito de exterminá-los.

Bolandeira — Nome dado à roda que aciona o fuso da roda de fiar. Roda-mestra.

Bolinete — Rodete de ralar mandioca (variação de molinete).

Bomba — Lança-bucha de taquara ou brinquedo infantil que consiste em socar um tampão de fôlhas na bôca de um canudo, depois forçá-lo a projetar-se com estampido pela compressão do ar interior através de bucha igual, mas empurrada por uma vareta de diâmetro quase nada inferior ao do cilindro.

Bomba-explosiver — Bomba de pólvora branca misturada com fragmento de pedra e destinada a explodir por percussão. Bomba de parede.

Borá — Som grave, oriundo do sôpro que se faz nas mãos fechadas. O bom tocador de borá dá tôdas as notas da escala musical, para isto combinando sôpro e abertura de dedos.

Borá-bravo — Variedade de abelha, muito valente e pobre de mel.

Borá-manso — Variedade de abelha.

Boresca — Esta palavra aparece na locução interjetiva "eh boresca, esta vida é boa, mas não presta", significando uma lamentação.

Digitalizado com CamScanner

Boreta — Aparece na expressão "careta, cadê boreta?" usada pelos meninos que correm atrás dos mascarados nos dias de entrudo ou carnaval.

Bornir — Esfregar um cascalho rolado, bem liso, úmido de saliva, sôbre a parede da louça enxuta, mas não sêca. Corruptela, talvez, de brunir.

Boró — Moéda de papel imposta por quem detém o poder, mas sem valor ou que não merece fé.

Borrusquê — Vale de cartolina que donos de emprêsa costumam impor a seus trabalhadores.

Bosteira — Matrinxã.

Bozó — Jôgo de azar em que os prêmios são marcados em papelinhos enrolados, juntos com um número muitíssimo maior de papelinhos semelhantes, mas brancos.

Braço — Pecíolo de buriti, de grande emprêgo no artesanato das gaiolas, rôlhas, viveiros para aves, arcas para mantimentos e ainda na fabricação de portas, janelas e outras muitas utilidades.

Bramura — Doidice, extravagância, traquinada.

Branca — Cachaça.

Brear — Besuntar, passar manteiga ou mel no pão: "racha e bréa!".

Brevidade — Espécie de bôlo feito de tapioca, ovos e rapadura, muito apreciado pelos barranqueiros.

Brinco — Forma de corte de orelha, do grupo de sinais de *divisa*.

Briquitar — Pelejar, trabalhar.

Broa — Torrão de polvilho assado na cinza quente, muito do paladar das crianças.

Brôco — Fraco das pernas, zonzo, trôpego. Sem juízo, caduco.

Brol — Pistola semi-automática, do tipo mauser e bereta, mas de pequenas dimensões e de má qualidade.

Bromar — Regredir do ponto de vista moral ou artístico.

Bufa — Espécie de cogumelo esférico, pouco mais ou menos do tamanho de um limão, fofo, muito encontrado sôbre o solo ou debaixo de paus em decomposição, geralmente em lugares pouco batidos de sol, ou sob florestas. O nome tem origem onomatopéica, porque as crianças costumam esmagá-las com o pé e elas, ao arrebentar-se, deixam escapar o ar interior assim como um sôpro. Chamam-lhe, também, fruta-de-pau-podre.

Burgaliana — Pano de algodão listrado.

Buriti-bravo — Variedade de palmeira que dá leite.

Burundanga — Bugigangas.

Butecado — Tufado, dilatado, saliente. Botecado.

Digitalizado com CamScanner

Búzio — Além da acepção própria, significa buzina de canoeiros-pescadores do Rio de São Francisco. Tocam o búzio para anunciar a chegada de peixes frescos, sendo ouvidos a mais de quilômetro de distância.

C

Cabeça-boa — Sorte. Ter cabeça-boa é o mesmo que obter grande rendimento em extração de tapioca, óleos vegetais, como no preparo de boas quitandas.

Cabeça-de-prego — Furúnculo, nascida.

Cabeçudo — Variedade de abelha.

Caboclo-d'água — Monstro que habita as águas do Rio de São Francisco. Sua forma é próxima da do homem, porém baixo e gorducho, tem a cabeça desproporcionalmente grande, e calva. Gosta de cachimbar e de arrebentar barreiras.

Cabo-de-pau — Facão. Facão de má qualidade.

Cabo-verde — Assim denominam o negro(a) de cabelo liso.

Cabrestinho — Cada um dos laços ou terminações do urdume das redes.

Cacau — Seriema.

Cachorro-mestre — O cachorro que orienta os demais na caça ou no campeio. Há cachorros-mestres para cada tipo de caça ou de serviço.

Caco — Pedaço de louça, ou mesmo vaso inteiriço em que se deitam azeite de mamona, gordura de peixe ou óleo de côco para alimentar a luz num pavio, cuja ponta acesa fica sobrando dois ou três centímetros além da beirada. Candeia.

Caçote — Pequeno batráquio que se oculta entre fôlhas sêcas, à beira dos brejos ou em lugares úmidos. O caçote é a isca viva preferida pelos pescadores do Rio de São Francisco para apanhar dourados. O mesmo que perereca.

Cadença — Inteligência, jeito, aptidão.

Cadê o grilo? — Diversão infantil.

Cadim — Talvez: "A roupa já está pronta, mulher? — Cadim não, marido!".

Caetira — Cantiga de viola.

Caforinga — Espécie de touca feita de meia de senhora.

Cafundó — Lugar distanciado de centro civilizado por falta de estrada e outros meios de comunicação.

Cafungar — Pelejar. Fungar, respirar ofegantemente.

Caiano — Graúdo. Diz-se do carrapato, morcego, rato, vintém graúdos.

Câimbra-de-sangue — Diarréia com vestígios de sangue. Escandescência.

Caipora 1 — Diz-se da pessoa azarada, infeliz nos negócios: "quem anda caipora até cachorro lhe morde a perna", segundo o provérbio.

Digitalizado com CamScanner

Caipora 2 — Ente sobrenatural que vive nas matas vigiando os animais. Curupira. Caapora.

Caixa — A casa do marimbondo: "corre, Maria! Vi uma caixa de marimbondos aí no galho!".

Caixão-da-fábrica — Esquife para conduzir corpos de indigentes e que é guardado no cemitério. Caixão-das-almas. Caixão-dos-pobres. Banguê. (*Fábrica* era o nome dado ao quadro da escravatura).

Caixa-prego — Inferno ou qualquer lugar indesejável, distante e incivilizado.

Cálculo — Idéia. Inteligência: "o gringo tinha o cálculo fino".

Calundu — Choradeira, falando-se de criança. Manha.

Calunga — Árvore cuja raiz é indicada no tratamento de moléstias do estômago. Qualquer coisa amargosa.

Camaço — Calhamaço.

Camarada 1 — Empregado que acompanha o patrão nas viagens a cavalo.

Camarada 2 — Jagunço, capanga, pistoleiro.

Camarada 3 — Amásia.

Cambão 1 — Pau que se dependura no pescoço de rês velhaca ou roceira para impedir que ela fuja, ou que venha a entrar nas roças e estragar as plantações.

Cambão 2 — Um par de espigas de milho ligadas pela palha, ou dois maxixes presos entre si, ou duas pedras atadas por um cordão. Grupo de duas coisas da mesma espécie, ligadas. Cambo. Câimbro ou cãibro.

Cambão 3 — Luta de braço entre dois indivíduos. Queda de braço.

Cambo — Amarrado de peixes secos. Amarrado de peixes, de espigas de milho, de maxixes.

Cambota — Aquêle que tem as pernas tortas. Zambeta.

Camisa-de-onze-varas — Armadilha, mau negócio, dificuldade.

Campeio — Ação de campear. Serviço que o vaqueiro presta, a cavalo, quase todos os dias, para tratar da criação própria ou de outrem. Tratamento de bezerros.

Campeiro — Veado do campo. O campeiro, também chamado galheiro, tem o pêlo alvação e possui dois chifres, cada um dos quais ramificado em três pontas. É uma espécie menor que a suçapara, que também habita a região mineira do Vale do Rio de São Francisco.

Canalha — Pândego, levado, brincalhão.

Canca — Onda, vaga, mareta.

Canca-d'água — Onda, vaga, mareta.

Cancã — Valentão, fecha-comércio, brigão.

Cancão — Esqueleto, ossada.

Cancha — Lugar onde se joga o pião.

Digitalizado com CamScanner

Canelinha — Canilha, canela.
Cangapé — Pontapé que o mergulhador dá na superfície da água.
Canguiço — Barulho, alteração, enguiço.
Canivetinho — Diversão infantil.
Canjiquinha — Borbulhas que por vêzes são encontradas na carne de porco, dizem que pela ação da tênia ou lombriga também chamada solitária.
Canzil — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 4.
Cão — Capeta.
Caos — Caso, história.
Capiroto — Vagem de mamona que resistiu ao calor do sol no terreiro sem se abrir.
Capitão — Bôlo de massa ou de comida feito a mão ao fechar-se sôbre qualquer dessas coisas.
Capucho — Capulho. Porção de algodão que se pode apanhar com o polegar e o indicador. A lanugem do algodoeiro.
Caraca — Secreção nasal endurecida. Meleca.
Carimbo — Pequeno ferro para marcar bezerros.
Carniça — Carne podre, rês encontrada morta ou que se acha em estado de decomposição. Mau cheiro, fedor.
Carocha — Forma deturpada de caroça. Capa de palhas de buriti usada pelo sertanejo no período das chuvas.
Carranca — Figura talhada em madeira que encima a proa das barcas no Rio de São Francisco. Figura de proa.
Cascarrão — Frita de mandioca para ser servida, à mesa, com café.
Cassa-cristal — Bordado a mão, recortado, feito com linha branca sôbre pano de algodão ou linho. Cambraia branca e bordada.
Catana — Cauda de jacaré, muito apreciada na cozinha mineira do Rio de São Francisco.
Catatau — Homem de baixa estatura.
Catinga 1 — Mau cheiro que exala dos pretos. Bodum.
Catinga 2 — Mata fechada de árvores pequenas.
Catingueiro — Veado da catinga. O catingueiro é o menor dos veados que habitam o centro norte-mineiro, mas o preferido pelos caçadores devido ao sabor de sua carne. Possui um par de chifres e tem o pêlo avermelhado.
Catrumano — Caipira, roceiro.
Catucar — Chamar a atenção de alguém, tocando-lhe com o dedo.
Cavalete — Nome dado à parte do ôlho de buriti que constitui a conca em formação.
Cedrado — Exagerado, descomedido, desbragado.
Ceveiro — Lugar onde se deitam ossos para esperar emas; ou pôço onde se põem restos de comida para atrair peixes.

Digitalizado com CamScanner

Chá-da-meia-noite — Veneno que os médicos recomendam a doentes internos em casas de misericórdia, já desenganados, para abreviar-lhes os padecimentos e desocupar os leitos, segundo crença geral entre os barranqueiros.

Chacoalhar — Vascolejar.

Chama (s.m.) — Pássaro que se prende num compartimento do alçapão para servir de chamariscо. Isca. Vintém ou qualquer moeda em desuso que se deixa na carteira para dar sorte.

Champrão — Cerne de madeira de lei, viga, barrote.

Chapa — Dentadura postiça.

Chapéu-de-cobra — Espécie de cogumelo.

Chapoleta — Brincadeira de mas gôsto e que consiste em trançar os dedos das mãos e com as costas de uma delas bater na cabeça de uma pessoa, com estrépito, causado pela pressão violenta das palmas das mãos.

Chatelene — Gôndola, corrente de relógio.

Chave (da mão) — Medida linear, variável segundo o desenvolvimento físico de quem mede, pois é a distância em linha reta compreendida entre a ponta do indicador à do polegar da mão aberta.

Chaveira — Chavelha.

Chico — Mênstruo.

Chico-late — Chocolate.

Chicotinho-queimado — Diversão infantil.

Chiém — Variedade de abelha, também conhecida por arapuá.

China — Prostituta.

Chiqueiro — Armadilha para apanhar peixes.

Chocha — Choça, cafua. Pequeno rancho construído nos ceveiros para caçadas de emas e outros animais ariscos.

Chorar — Merejar, umedecer: "das pedras de sal distribuídas, a que chorar indica o mês chuvoso do ano".

Chotão — Pirão ralo ou sopa de farinha de mandioca. Caldo grosso.

Choupa — Parte do batim de forma cônica, ôca, destinada a receber uma das extremidades da aspa — a espiga.

Chumbado — Tonto pela ação de bebida alcoólica.

Chupé — Variedade de abelha que mora em cupins por ela construídos no tronco das árvores, geralmente no comêço do primeiro esgalho, ao contrário do arapuá, cujas casas, semelhantes às do chupé, são feitas nos mais altos pontos de grandes árvores, em volta de um galho forte.

Chuva-de-manga — Chuva inesperada e curta. Manga-de-chuva.

Ciência — Habilidade, jeito, vocação.

Digitalizado com CamScanner

Cinco-salamão — Estrêla de cinco pontas. Sinal de Salomão.
Cizânia — Receio, desconfiança, mêdo.
Cô-ã — Cauã.
Coalho — Passarinha de porco salgada e que se deita ao leite para apressar a coalhadura necessária à produção de queijo.
Cobu 1 — Espécie de broa de fubá.
Cobu 2 — Capivara.
Cocá — Galinha-de-angola. Guiné. Pintada.
Côco — Desafio à viola.
Côco-de-milho — Diversão infantil, que noutros lugares também se intitula "côco-de-mim".
Côco-gariroba — Variedade de palmeira.
Côco-indaiá — Variedade de palmeira semelhante ao babaçu.
Côco-palmeira — Babaçu.
Cofo — Espécie de jequi, destinado a apanhar peixes.
Coice-de-porta — Forma de corte de orelha, do grupo de sinais de *divisa*.
Coisa-feita — Magia negra, feitiço que se faz contra alguém.
Cole — Qual.
Coliqué — Qualquer.
Comércio — Casa de negócios, venda, armazém, loja. Cidade, vila, aldeia.
Cometa — Viajante comercial, também chamado caixeiro-viajante.
Compadre — Caboclo-d'água.
Cumpincha — Amigo, pessoa de quem se desfruta a intimidade.
Conca — Espata de palmeira.
Conde — Quando.
Condo — Cômodo, quarto.
Conena — Matéria excrementícia. Bosta.
Consôlo — Bico de borracha para crianças. Chupeta.
Conxerra — Coxé. Bezerro descadeirado.
Copo — Medida de capacidade equivalente a meio litro.
Copo-de-açúcar — Bloco de açúcar cristalizado semelhante a um copo. Os barranqueiros donos de engenhos fabricam grande quantidade de copos-de-açúcar e os exporta envoltos em palhas de bananeira.
Corde — Côr de mim, em expressões como "só dei corde quando o galo cantou", isto é, caí na realidade.
Corisco — Machado de sílex do neolítico superior, encontrado ao acaso e que, segundo crença popular, vem do espaço, trazido pela faisca elétrica. Pedra-de-raio.
Cornicha 1 — Curruptela da palavra cornija.
Cornicha 2 — Caixa de rapé, cornimboque.
Côrno — Vadio, malandro, peralta.

Digitalizado com CamScanner

Corpo-sêco — Acreditam os barranqueiros que o filho que espanca a mãe ou que bole com ela impelido por desejo sexual, quando morrer a terra não o come e em cada ano o devolve um palmo. Findos sete anos êle emerge à superfície. O couveiro, então, transportará o corpo-sêco, entre esteiras, para que ninguém veja, ao padre da Freguesia, tendo o extremo cuidado de o não tocar. Caso isto ocorra, apanhará feridas incuráveis. O vigário desempenha aqui uma importante função, esconder o Corpo-sêco atrás do altar, onde o conservará durante sete anos. Agora, a terra não mais o recusará. Sem essa intervenção da Igreja, nem fogo o consumiria, nem os urubus nem os vermes o aceitariam para seu repasto.

Corre-coxia — Diversão infantil.

Correio — Sucuri.

Corrião — Cinto com fivela para segurar calça de homem.

Corricar — Pescar com o corrico.

Corrico — Espécie de colher metálica, provida de anzol, para pescaria com o barco em movimento.

Corriola — Grupo de pessoas ligadas para más ações.

Corta-mortalha — Ave agoureira também chamada tesoureiro, a qual tem o rabo bifurcado. Voando, ela costuma fechar essas duas pontas semelhantemente à tesoura, ao mesmo tempo em que solta um pio agudo. Ao ouvi-la, diz com mêdo o barranqueiro: "Maria valei-me! Cortou mortalha!".

Costal — Cada uma das cordas da rêde de embira trançada no sentido da largura. O mesmo que amarradio.

Cova-de-adão — Mancha acinzentada que aparece no céu, próxima à Via-Láctea, ao lado de outra a que denominam "cova-de-eva", perto também, para quem observa, de uma mais escura a que chamam "saco-de-carvão".

Coxonilho — Almofada branca para montaria feita de linha puba em teares domésticos. O coxonilho é sempre o primeiro presente que a espôsa oferece ao marido, sendo, assim, objeto de estimação.

Cria — Bezerro nôvo, bezerro de ano.

Crôa — Deturpação da palavra corôa, mas com a significação de ilha de areia, praia.

Cuiúdo 1 — Oitenta réis de cobre.

Cuiúdo 2 — Inteirò, que não foi castrado: "porco cuiúdo, porca cuiúda".

Cundefé — Provàvelmente, talvez, quando der fé.

Cupinheira — Variedade de abelha. Cupineira.

Curral — Armadilha, para apanhar peixes.

Cuscuz — Bôlo de fubá cozido ao vapor d'água em vasilha de fôlha-de-flandres ou de barro chamada cuscuzeiro.

Digitalizado com CamScanner

D

Dã-dã-dão — Diversão infantil.

Dar-de-corpo — Defecar, obrar.

De cabeça — De memória, de improviso. Fazer uma coisa de cabeça é inventar, criar. Dizer versos de cabeça é improvisar.

De carregação — De qualidade inferior.

Décima — Cantiga satírica em tôrno de um fato ou de uma pessoa, seja qual fôr o número de versos.

Decoada — Lixívia ou álcali cáustico empregado no fabrico de sabão e para alimpar garapa de cana. Obtém-se a decoada fazendo passar água por grossa camada de cinza de certos vegetais.

De comer — O almôço ou o jantar.

De curso — Locução equivalente a *ao acaso, à toa*. É empregada para determinar a caçada em que um só caçador sai à procura da caça, rastejando, ou batendo as moitas e prováveis esconderijos de animais.

Defunto-sem-chôro — Pessoa desprotegida.

De godela — De graça. Essa locução é muito usada pelo barranqueiro, principalmente em expressões como estas: "pitar de godela", "beber de godela".

Déis-tão — Corruptela de dez tostões.

Dente-de-porteira — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 3.

De orelha (ou de orelhada) — De improviso. Troca ou barganha sem volta, coisa por coisa, elas por elas.

Derréis — Dez réis: "quem nasce p'rá derréis não chega a vintém".

Desbichador — Espécie de palito com que os vaqueiros removem os bichos da môsca-varejeira das bicheiras dos animais, por ocasião do tratamento destas.

Descomposto — Com as partes pudendas à mostra. Quem está com a braguilha aberta, por exemplo, está descomposto.

Desgrama — Desgraça, falta de sorte. De emprêgo familiar, essa palavra tem significação mais branda. Há os cognatos desgrameira e desgramado.

Desmancha — Fabricação de farinha de mandioca, farinhada.

Desmazêlo — Grampinho de prender cabelo. Chamam-lhe também "ramona", "mis".

Desnocado — Deslocado. Diz-se do ôsso que está fora do lugar. Luxado.

Diacho — Diabo, por eufemismo.

Digêro — Ligeiro, rápido.

Dijitório — Adjutório, ajutório, auxílio, ajuda.

Dispeque — Pescaria que se faz cortando os sangradouros, por ocasião da vasante, mediante cêrca de cipós, ramos e fôlhas. Ao baixar o nível das águas, o peixe é, então, apanhado fàcilmente.

Digitalizado com CamScanner

Disurido — Desesperançado, impaciente, descoroçoado.
Divisa — Sinal ou corte feito na orelha direita da rês. Ver a palavra "sinal".
Divulgar — Enxergar mal, ver com dificuldade.
Doença-de-Deus — Moléstia natural, aquela doença que não tem origem em feitiçaria, acidente, briga, ou libertinagem.
Doença-do-ar — Epilepsia.
Doença-do-mundo — Qualquer moléstia venérea.
Dordolho — Conjuntivite.
Droga — Coisa de má qualidade ou pessoa de mau caráter.
Dungada — Aguilhoada, ferroada.

E

Edicetra (palavra originada de "etc.") — Ânus, cu.
Égua — Além da acepção própria do têrmo, significa o tento que se conquista ao vencer doze quedas no jôgo de batalha.
Embaixador — Cavaleiro que transporta mensagens entre mouros e cristãos nas cavalhadas que se realizam por ocasião das festas do Divino.
Embarafustar — Emaranhar-se.
Embira — Entrecasca ou fibra de embiruçu ou de qualquer vegetal.
Embrecho 1 — Agarramento, xodó, sem-vergonhice.
Embrecho 2 — Mentira, embromação.
Encafifar — Encabular, fixar a idéia num assunto.
Encamisada — Marcha de reconhecimento feita por vinte e quatro cavaleiros do grupo de cavalhadas do Divino.
Encestadeira — Cêsto de varas, afunilado, para a extração da decoada. Destiladeira.
Enchimento — Qualquer pau de armação da casa de enchimento. Parede que se constrói por meio dessa armação, enchendo-se os buracos desta com torrões ou blocos de barro e rebocando-se, finalmente, as duas faces.
Encravo — Encalhe, azar.
Enfermidade — Ferida, úlcera de difícil cicatrização.
Enfincar — Fincar, espetar.
Enfusado — Diz-se da pessoa azarenta, que nos traz problemas ou aborrecimentos.
Enfuso — Qualquer mercadoria sem aceitação e que ficou na venda, rejeitada pela freguesia. Encalhe. Refugo. Tempo que se perde num negócio. Atrapalhação, embaraço. Azar.
Engambelar — Tapear alguém com conversa, com lorota, com palavras ôcas.

Digitalizado com CamScanner

Engrujido — Enrugado. Engrujir-se é enrugar-se, encolher-se de frio ou de mêdo.

Entangado — Diz-se do pano grosso, consistente, de fios cerrados.

Entrunfado — Aborrecido, irritado. Diz-se da pessoa que fica azêda a um canto, arredio, sem querer conversa. Enfunado.

Enxurrio — Diarréia.

Era 1 — Sinal ou corte feito na orelha esquerda da rês.

Era 2 — Cada um dos dez ferros correspondentes aos algarismos para marcação do gado. Ver as palavras "marcação" e "sinal".

Era 3 — Idade: "eu tenho a era do meu primo Antônio", significa dizer que tenho a mesma idade dêle.

Erado — Velho, chegado em era.

Ervado — Diz-se do animal que comeu fôlha de mamoneira ou outra qualquer erva tóxica.

Esbodegado — Exaustão por caminhada ou serviço que exigiu enorme esfôrço físico.

Esbrabejado — Diz-se do animal xucro, que não amansa de todo.

Escandescência — Desarranjo intestinal.

Escolado — Experimentado, ladino.

Escolateira — Vasilha de fôlha-de-Flandres para ferver a água do café. Chocolateira.

Esganado — Faminto. Diz-se daquele que, à mesa, tem apetite exagerado.

Esmantelar — Desmantelar, desmontar uma máquina.

Esmoler — Quem pede esmola, pedinte, mendigo.

Espadinha-dô — Diversão infantil.

Especula — Gente muito curiosa, que anda a bisbilhotar sôbre a vida dos outros.

Espeque — Além da acepção própria, significa um alfinetão que as rendeiras enfiam na almofada para escorar os bilros.

Espera — A caçada que se faz sentado numa rêde, sôbre uma árvore de flôres ou de frutos procurados pelo animal que se quer abater. Armam-se esperas quase sempre à noite e longe de casa (Ver neste livro a classificação de caçadas).

Esperada — Caça que se faz de tarde ou de madrugadinha, sôbre um galho de árvore próxima de casa, sem rêde e sem outro qualquer agasalho. A esperada é também chamada espera-de-galho.

Espicular — Corruptela de especular. Esmiuçar, indagar, colhêr língua.

Espinel — O mesmo que espinhel.

Espinha-carnal — A espinha do nariz. Qualquer espinha arruinada.

Espinhel — Comprida corda para pesca, entremeada de anzóis e que se arma de uma a outra margem dos rios ou em certas passagens ricas de peixe.

Digitalizado com CamScanner

Espinicado — Fragmentado, espatifado, reduzido a frangalhos, a pedacinhos.

Esquipado — Uma das andaduras de cavalo de montaria.

Esquipar — Correr o cavalo no passo esquipado — andadura veloz, confortável para o cavaleiro e muito elegante.

Estrada-real — A estrada principal, o estradão. Nota: a estrada por onde o rei passava devia ser larga e muito limpa. Confrontar os verbetes *farinha-do-reino, linha-do-reino,* e *sabão-do-reino.*

Estripulia — Travessura de criança.

Estrumar — Forma deturpada de estumar: "...só tive tempo de estrumar os cachorros e pular dentro d'água".

Estupor — Todo estado patológico sobrevindo em conseqüência de o paciente haver entrado num ambiente frio após sair de um outro em que era intenso o calor. Entrar na chuva, por exemplo, depois de torrar café, é apanhar estupor com certeza.

Esturno — Variação do brasileirismo estúrdio. Desorientado, perplexo, confuso.

Eu-sou-pobre-pobre-sou — Diversão infantil.

Excelência — Canto fúnebre à beira do cadáver, durante a sentinela ou velório.

Exultar — Ato de assistir o moribundo, pondo-lhe a vela acesa na mão e no peito a imagem do Crucificado. Ajudar a morrer.

F

Facha — Estrêla cadente, bola de fogo, facho.

Fachear — Pescar de noite à luz do facho, do candeio.

Famaliá — Diabinho que vive numa garrafa prêta, dá dinheiro ao amo e anima-o nos vícios.

Farinha-do-reino — Farinha de trigo.

Farinha-sêca — Farinha de mandioca.

Faúla — Que é magro: "eu era uma faúla", isto é, era magro.

Fecha-comércio — Indivíduo arruaceiro. Valentão.

Fechado — Diz-se do luto completo, do luto com pano prêto.

Fedor — Montículo de areia levantado por crianças com o fim de limitar o avanço durante a brincadeira a que chamam "Cadê o grilo?".

Feição — Cara, rosto, fisionomia.

Feijão-de-arranca — Variedade de feijão, com várias espécies, cuja colheita se faz arrancando o pé, ao contrário de uma outra espécie cultivada na região e denominada "feijão-catador" em que se conserva a planta, colhendo-se apenas as vagens.

Digitalizado com CamScanner

Ferrado — Diz-se do legume cozido em mistura com toucinho: feijão ferrado, arroz ferrado.

Ferro — Instrumento para marcação de animais ou a marca a fogo no quarto do animal.

Festejar — Voejar o corvo a carniça. Esvoaçar: "um bandão de urubus festejava a morrinha".

Fifó — Lamparina a querosene, feita de fôlha-de-Flandres ou com o aproveitamento de vidro. Bibiano, candeeiro.

Figa 1 — Dente de jacaré ou prêsa de lôbo ou de qualquer animal usada no pescoço das crianças com o fim de preservá-las de maus-olhados e quebrantos. Antebraço e mão fechada, aparecendo o polegar entre o indicador e o médio, esculpidos em ôsso ou madeira.

Figa 2 — Fruto nôvo, ainda em formação: "uma figa de maxixe" quer dizer um maxixinho que se desenvolve na rama.

Figa 3 — Interjeição que se pronuncia mostrando alguma coisa a alguém que desejaria possuí-la.

Figura — Dançadeira. Cada uma das mulheres que tomam parte na dança de São Gonçalo.

Finca — Variedade de jôgo de pião, segundo a qual se procura acertar uma marca feita no chão. Quem perde tem que deitar seu pião para servir de alvo aos piões dos demais componentes do jôgo.

Fino — Diz-se do indivíduo que se agasta por qualquer brincadeira ou se irrita por tolices.

Fita — Diversão infantil. O mesmo que dã-dã-dão.

Flomenga — Diz-se da faca-de-ponta muito estreita e flexível.

Fogo-central — Espingarda de caça, retrocarga.

Fojo — Armadilha para apanhar pequenos animais.

Fôlego-morto — Bezerro com menos de um ano de idade.

Forma — Desenho composto pelas dançadeiras de São Gonçalo, quase sempre parecido com utensílio doméstico. Cada forma toma o nome da coisa que representa.

Formiça-onça — Espécie de formiga rajada, arisca e corredeira (Ver as Receitas e Abusões, nº 88).

Forquilha — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 6.

Frege — Briga, desordem, encrenca.

Frito — Farofa de viagem. Fritura, fritada.

Frogodó — Alteração, sururu, bagunça, desordem.

Fruta-de-pau-pôdre — Ver a palavra bufa.

Fuá — Bordel, zona boêmia: "mulheres do fuá" significa dizer mulheres da zona do meretrício.

Furtar-se — Surpreender-se, alhear-se: "o sono ou a tristeza ou o pensamento me furtou".

Digitalizado com CamScanner

Fussura — Corruptela de fressura. Conjunto da garganta, fígado, passarinha, bofes e coração dos animais abatidos.

Futrica — Modalidade de jôgo de azar semelhante ao bozó.

Fuzuê — Briga em que tomam parte muitas pessoas.

G

Gala — O sêmen do homem.

Galegada — Escapula: "...o bicho deu um sopapo com uma galegada p'rá fora que só vi a zuada nas fôlhas".

Galego — Rude. Estrangeiro. Diz-se do indivíduo que fala com dificuldade.

Galinha-morta — Mercadoria barata, objeto de valor e que é comprado por pequena quantia.

Galo 1 — Um dos doze tentos necessários à conquista de uma queda no jôgo de batalha.

Galo 2 — Calombo ou inchaço resultante de pancada.

Galo-de-janeiro — Homem insultador e valentão ou que possui várias mulheres.

Ganância — Apetite exagerado, fome canina.

Gandu — Jacaré.

Ganzepe — Cachorro magro.

Garatuja — Além da acepção própria, significa a itaquatiara ou inscrição rupestre.

Garco — Forma deturpada de gálico. Entre os barranqueiros significa qualquer doença venérea.

Garrancho — Gravêto.

Garrucha — Além da acepção própria, significa arma infantil ou lança-setas de bambu. A seta ou pequeno chuço é colocada dentro do canudo e projetada contra môscas e animais domésticos através da elasticidade de uma vêrga, também de bambu.

Gás — Querosene: "menino, fale com seo Ernesto que me mande uma garrafa de gás", quer dizer de querosene.

Gastar — Fumar, pitar.

Gastura — Mal estar causado, principalmente, pelo ruído de certos objetos, ou mesmo pela simples presença dêles.

Gata-pintada — Diversão infantil.

Gatinha-parda — Diversão infantil.

Gavião — Principal peça do mecanismo da roda-de-fiar, compreendendo o ferro ou fuso e asas.

Godela — Ver a locução "de godela". Nota: no sul de Minas já ouvi "goderar", significando filar, comer de graça.

Digitalizado com CamScanner

Golda — Escória da cachaça, malcheirosa. Gosma, líquido pegajoso ou catarro.

Golo — Cachaça, pinga: "põe aí duzentos réis de golo!".

Gongôlo — Espécie de cincerro ou chocalho de cobre, de zinco ou mesmo de ferro laminado.

Gonda — Deturpação da palavra gôndola. Corrente de relógio de bôlso.

Graça — A assinatura de uma pessoa ou o próprio nome.

Gramar — Andar a pé longas distâncias.

Gringo — Estrangeiro que não sabe falar português. Qualquer cientista estrangeiro que percorre o interior atrás de fósseis, borboletas, etc..

Groseira — Aparelho de pesca. O mesmo que espinhel ou também espinel.

Guariba — A fêmea de uma espécie de macaco das matas do Rio de São Francisco. Dizem que tais símios sabem quebrar o côco-gariroba entre duas pedras, para comer-lhe a amêndoa; assaltam roças para colhêr espigas de milho verde, que são amarradas em cambos para facilitar o transporte. Nestas investidas, diz o povo, fica um vigia para assinalar a aproximação de gente. E ai! da guariba que se descuidar nesse pôsto! — ela é surrada e não come do milho verde furtado. As guaribas vivem em bandos, sob a direção de um macho, o barbado.

Güé — Pequenino anzol para apanhar caborjes e piabas.

Guia — Homem que marca e orienta os movimentos das rodas de São Gonçalo.

Guiáda — Assim denominam a aguilhada.

Gungunar — Cochichar.

Gurupira — Ente fantástico e de forma humana, alto e musculoso, senhor de todos os animais. Anda sempre montado num queixada, dizem que fazendo inspeção. Por vêzes, confundem-no com o saci. Caipora. Curupira.

H

Harmônica — Acordeão. Sanfona de oito baixos.

Horas-mortas — Horas da noite em que todos dormem, em que domina o silêncio.

I

Iluminária — Bola de fogo que acreditam nascer de pontos auríferos da terra e navegar pelo espaço, lentamente, até cair noutro lugar que tenha ouro em grande quantidade. O mesmo que mãe-do-ouro.

Imburana — Cachaça, pinga

Impueira — Aguada pantanosa, de acesso difícil.

Digitalizado com CamScanner

Inchado — Além da acepção própria, significa o estado do fruto que começou a amadurecer ou que está de vez.

Inconte — Enquanto.

Inconvidar — Convidar.

Inderna — Desde, desde que.

Infuca — Subterfúgio, tergiversação. O que não tem pé nem cabeça. Coisa por coisa.

Inhaca — Achaque, indisposição.

Inharnão — Não, senhora.

Inharsim — Sim, senhora.

Inhornão — Não, senhor.

Inhorsim — Sim, senhor.

Inriba — Em cima, sôbre.

Insucesso — Abôrto.

Intã — Concha de certo molusco encontrada nas areias do Rio de São Francisco.

Inté — Até.

Inteiro 1 — Diz-se do animal que não foi castrado.

Inteiro 2 — Diz-se do algodão não descaroçado.

Intendência — Açougue.

Invém — Vem. "meu compadre invém lá!".

Isca 1 — O algodão que se põe no artifício para receber a faísca.

Isca 2 — Biscoitos, quitandas.

Ispramacete — Corruptela da palavra espermacete. Vela desta substância e que é empregada pelas costureiras para amaciar a fazenda e auxiliar o movimento desta entre o calcador e o impelente da máquina.

Isquelê — Monstro de forma humana que aparece a viajantes nas encruzilhadas ou nos pontos de passagem forçada. O isquelê nenhuma semelhança tem com esqueleto, assim como o nome sugere, muito embora sejam finas suas pernas como talos de capim, possui corpo robusto, grosso como uma barrica.

Istiladeira — Forma deturpada da palavra destiladeira, que é um cêsto de varas, afunilado, para extração de decoada.

Isturdia — Outro dia, certa vez. Falam isturdia quando se referem a fato passado: "a caçada foi isturdia", "isto aconteceu isturdia". Já pensando no futuro, dizem "ôtur dia" (ver esta palavra).

Izope — Espécie de pincel para azeitar eixos de carros de bois ou, no mato, para servir de esponja, com o que se chupa o mel de abelhas silvestres.

Digitalizado com CamScanner

J

Jacá — Cêsto de talas de bambu ou cipó, provido de alças, empregado como cargueiro no lombo de animal.

Jacuba — Bebida refrescante e de largo uso na região mineira do Rio de São Francisco, preparada com água fria, rapadura e farinha de mandioca.

Jagunço — Bandido, criminoso contratado para matar alguém. Pistoleiro.

Jamegão — Assinatura.

Jasmim-de-cachorro — O excremento dêste animal.

Jataí — Abelha mansa, de mel fino e delicioso.

Jàzinho — Neste momento, agora mesmo.

Jegue — Jumento.

Jequi — Cêsto afunilado de talas vegetais e destinado a apanhar peixes.

Jiriza — Ojeriza.

Jinjibirra — Bebida feita de gengibre.

Joça — Aborrecimento. Porcaria, objeto sem valor.

Judeu — Mau: "sou judeu com meus bois de carro", quer dizer que os exploro sem piedade, não os poupo.

Judiação — Malvadez.

Judiar — Infligir castigos físicos a alguém.

L

Laço 1 — Grupo de quatro crias do mesmo valor, assim reunidas para se pagarem sortes aos vaqueiros.

Laço 2 — Espécie de armadilha.

Lacraia — Escorpião.

Lambada — Golpe de taca, ou da mareta ao quebrar-se.

Lambança — Mixórdia, desarrumação, sujeira grossa.

Lambu — *Nambu* ou *inhambu*.

Lambedouro — Caverna feita no chão de tanto o gado lamber a terra para alimentar-se de sal.

Landra — Landre. Pequenas dilatações espalhadas pelo corpo, principalmente nas axilas, atrás das orelhas, nas virilhas, no pescoço. Gânglio, íngua.

Langa (s.m.) — Conjunto de doze rodas de São Gonçalo: "eu só prometi dois langas!".

Lapinha — Presépio que se arma durante as festas do Natal e Santos Reis.

Laranja da China — Variedade de laranjeira ou o fruto desta variedade.

Laranjinha — Bola de cêra, ôca, para servir de recipiente de água perfumada. Laranjinha-de-cheiro.

Digitalizado com CamScanner

Lazarina — Espingarda antecarga, de cano fino e comprido, empregada principalmente na caça de pequenas aves, razão por que os catrumanos chamam-lhe, também, espingarda-de-passiar, isto é, de matar pássaros.

Lebrina — Corruptela de neblina. Chuvisco.

Leguinha — Maneira ingênua de mostrar que a distância não é tão grande. Semelhantemente, costumam dizer légua grande, légua pequena, leguona.

Leigo — Analfabeto.

Leite-ruim — O leite da mulher grávida.

Leitura — Além da acepção própria, significa saber, erudição: "homem de leitura" é o sábio, o professor.

Leva — Alavanca de suspender toros de madeira ou de rolar grandes blocos de pedra.

Levada-pru-riba — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 9.

Levado — Traquinas.

Levantador — Aquêle que levanta falso. Intrigante.

Ligeira — Espingarda, lazarina.

Linha-de-algodão — Linha fiada em fusos domésticos, diferentemente da linha-do-reino.

Linha-do-reino — Linha importada, a linha que vinha de Portugal nos tempos do Brasil-Colônia. Linha de carretel para costuras, linha fiada em fusos mecânicos.

Livusia — Assombração, quando acompanhada de aboios, gritos pungentes, assobios, ventanias, daquilo que mete mêdo.

Lobisomem 1 — Bicho resultante da metamorfose de pessoa do sexo masculino condenada em razão de sua própria origem (Ver, neste livro, As Receitas e Abusões, ns. 27, 49 e 76), ou em razão de transformação voluntária. Para tanto, despe-se numa encruzilhada ou debaixo de um pé de goiabeira, à meia-noite, sexta-feira da Paixão, espojando-se na roupa às avessas.

Lobisomem 2 — Brinquedo da lúdica infantil e que consiste em fazer girar, prêsa por um cordel, uma tábua de dois a quatro centímetros de largura por dez a quinze de comprimento, cuja extremidade livre termina em V ou forquilha.

Lombeira — Preguiça.

Lorde — Elegante, diz-se de quem está muito bem vestido, engravatado.

Lorota — História mal contada, invencionice, mentirada. Conversa mole ou conversa fiada.

Lote 1 — Bastante, muito: "um lote de dinheiro", "um lote de gente".

Digitalizado com CamScanner

Lote[2] — Grupo de dez burros de carga, podendo ter mais um, sempre fêmea, a madrinha.

Lotréia (ou, também, *letréia*) — Tapeação, velhacaria, embuste. Letrice.

Lumbim — Corruptela da palavra lobinho. Quisto subcutâneo.

M

Maçã — Carnosidade pilosa que o caçador barranqueiro acredita existir no bucho de animais enfeitiçados e que serve, ao felizardo que a encontrou, desde que mantida em segrêdo, para afastar malefícios e atrair caças ou peixes. O mesmo que pedra-de-caçador. Egagropilo.

Machacá — Tôsco, mal acabado: "um armário machacá" vale dizer mal feito, mal aparelhado.

Madorna — Corruptela da palavra modorra. Soneca, sonolência.

Madrasto — Morim.

Madrinha — A bêsta de carga que vai à frente da tropa, tôda enfeitada de espêlhos, cincerros, guizos e metais reluzentes. Entre as orelhas, sôbre a cabeçada, põem-lhe o cocar de penas de araras ou uma boneca de pano ou de barriguda, espécie de totem.

Maduro — Bebida feita de garapa de cana e outros resíduos de engenho fermentados num barril, onde deitaram certa porção de milho e algumas raízes de gengibre bem esmagadas. Servem-no com uma pitada de bicarbonato.

Mãe-d'água — Princesa encantada, filha das espumas do Rio de São Francisco.

Mãe-do-corpo — Útero.

Mãe-do-ouro — Luminária que os barranqueiros acreditam nascer de pontos auríferos da terra, navegar no espaço, lentamente, e se pôr além, noutros lugares também ricos de ouro.

Mafuá — Emaranhado, desgrenhado. Objetos mal arrumados, em desordem. Bagunça.

Magrinha — Peste bovina.

Malcriação — Resposta mal dada a pessoa hieràrquicamente superior, a pais, mais velhos, padrinhos.

Maligonia — Mancha arrocheada na pele e provocada, segundo crença popular por raiva não mobilizada ou grande pesar. Há também a forma *melagonia,* cujos têrmos, pelas idéias que representam, lembram *melancolia* e *mal de agonia.*

Maludo — Valentão. Homem grosseiro, mal educado.

Mamparra — Subterfúgio, dissimulação, fingimento.

Manaíba — Corruptela da palavra maniva. Pequena estaca de mandioqueira para reprodução.

Digitalizado com CamScanner

Mancar — Faltar a um compromisso assumido, faltar com a palavra, faltar ao cumprimento de uma promessa feita. Roer a corda.
Mandaçaia — Variedade de abelha.
Mandinga — Coisa feita, magia negra, feitiço (herança, por metonímia, talvez, do prêto mandinga).
Mandraca — Feitiço, magia negra. Fala-se também *mendraca*.
Manel-pelado — Bôlo de puba.
Mangarefar — Iludir, lograr, enganar.
Manico — Testículo.
Manjarra — Corruptela de almanjarra. Cada uma das travessas que fazem girar, por tração animal, as moendas do engenho de pau.
Manjuba — Peixe miúdo para servir de isca.
Manjubeira — Pequena tarrafa para apanhar iscas ou manjubas.
Manuê — Bôlo de puba, manel-pelado.
Mão — Vez, partida, falando-se de jôgo.
Marambaia — Maço de linha embaraçada. Confusão.
Marcação — Ferra e sinalização de animais. Ver as palavras *carimbo, divisa, era, ferro* e *sinal*.
Marcante — Homem que marca a dança e orienta os movimentos das rodas de São Gonçalo. O mesmo que meeiro, guia (ver estas palavras).
Margarida — Diversão infantil.
Maria-escambota — Posição contrária à natural, isto é, de pernas para cima, apoiando-se na cabeça. Plantar-bananeira, como também se diz.
Marimba — Cabaça de carregar mel de engenho.
Marmota — Pessoa mal vestida, desengonçada.
Maroto — Estrangeiro. Homem louro e pletórico.
Martelo — Pentassílabos cantados durante os desafios à viola.
Marujar — Amargar: "a lima caiu e ficou marujando".
Massa 1 — O produto da mandioca ralada.
Massa 2 — Biscoitos, quitandas para café. Qualquer alimento sólido.
Mateiro — Veado das matas ou galheiro. Êste animal tem o pêlo ligeiramente escuro e é maior do que o campeiro.
Matrinada — Ruído prolongado de objetos que se entrechocam num recipiente qualquer.
Matrutagem — Corruptela de matalotagem. Provisão para o viajante a cavalo ou a pé. Frito de galinha. Paçoca. Rês abatida.
Mecha — Furo dos meões, terças e cambotas das rodas dos carros de bois.
Meeiro — Além da acepção própria, significa o homem que marca a dança de São Gonçalo. O mesmo que marcante, guia.
Melador — Homem que vai ao mato para tirar mel de abelha.
Melancia — Diversão infantil.

Digitalizado com CamScanner

Meleta — Tamanduá-mirim.

Mendraca — Trêta. Artimanha. Magia negra ou feitiçaria.

Mihê — Clavinote ou arma antecarga de grosso calibre.

Mis — Grampinho de pernas superpostas para prender cabelo. O mesmo que *desmazélo, ramona.*

Mochê — Sapo.

Mode — Para: "labutou mode fazer o serviço, mas não deu conta".

Mofino — Medroso, covarde.

Molambo — Pedaço de pano velho, rôto e sujo.

Molde-de-papelão — O mesmo que papelão-de-renda (ver esta palavra).

Mondongo — Pequena saliência no corpo e produzida por coceira, picada de inseto ou contusão. Galo. Inchaço.

Moquém — Grade de madeira ou jirau para assar peixes.

Morgar — Corruptela de amolgar.

Moringa — Bilha, quartinha, botija de barro.

Morrinha 1 — A rês encontrada morta: "de morrinha não aproveito nem o couro".

Morrinha 2 — Indisposição, preguiça.

Morrinha 3 — Insistência, imprudência.

Mossa — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 7.

Move — Deturpação da palavra móvito. Abôrto: "tive dois moves que me inutilizaram".

Muamba — O feitiço materializado num objeto que atrai o mal, por exemplo a panela que se encontrou enterrada sob a porteira do curral. Coisa feita.

Mula-sem-cabeça — Também conhecida sob a denominação de burrinha-de-padre, ela é uma conseqüência de relações sexuais inconvenientes. A mulher que se torna amante de padre, ou a filha dessa união pecaminosa, ou a pessoa do sexo feminino que foi gerada na sexta-feira da Paixão, durante a Quaresma, nas sextas-feiras, à meia-noite, acorda ansiosa, com uma vontade louca de urinar. Levanta-se meio inconsciente, sai de casa e procura a moita de bananeira mais próxima. Agacha-se e mija. Em seguida, despe-se e espoja-se na roupa que ela estendeu no chão, às avessas, sôbre o lugar molhado. Aí, então, vira mula-sem-cabeça, sai disparada, soltando fumaça pelo buraco do pescoço, corre sete freguesias e regressa às três horas da madrugada, quando o encanto se desfaz, no mesmo local e, semelhantemente, depois de rebolar três vêzes. Conhecem-se outras causas da metamorfose, por exemplo a sétima filha consecutiva de um casal vira mula-sem-cabeça, se a primogênita não se tornar comadre da mãe, batizando a menina (V. neste livro, *As Receitas e Abusões*, ns. 27, 49 e 76).

Digitalizado com CamScanner

Mulher-dama — Prostituta.

Mundéu — Espécie de armadilha.

Mundiça 1 — Pragas e feitiçarias contra a lavoura, sejam besouros, lagartas, passarinhos, gafanhotos e mandingas que prejudicam as plantações.

Mundiça 2 — Piôlho de galinha. Imundícia.

Munduri — Variedade de abelha.

Munzuá 1 — Grande quantidade de qualquer coisa, fartura, muitos, muitas.

Munzuá 2 — Prato típico do norte de Minas e que consiste em cozinhar milho junto com feijão. Espécie de canjica temperada. Munguzá.

Munzuá 3 — Armadilha de pesca, feita nas lagoas e lugares parados dos rios, aproveitando-se a vegetação aquática local.

Murixaba — A fêmea do cavalo ou égua, que é também chamada tegela, biriba.

N

Nafco — Corruptela da palavra náfrico ou náfego.

Nececquê, nececquidiga — Formas abreviadas de *não sei que, não sei que diga*. Xingo que as mães costumam lançar aos filhos, se êstes as aborrecem.

Negaça — Palhaçadas de negro. Trejeito, macaquice.

Negrejar — Ação de viver dos bichos da môsca-varejeira na cesura umbilical da cria ou em qualquer bicheira.

Nica — Corruptela da palavra níquel. Moeda. A propósito, as pessoas do centro e sul do Estado costumam arremedar a mulher barranqueira com essa frase, que já se tornou popular: "Ô home, me dá uma nica de cirria peu comprá uma pêxa!".

Nove-horas — Fartura de adereços. Esquisitices no vestir ou no falar. Mímica exagerada.

O

Odispois — Depois, mais tarde.

Oferecido — Aquêle que vai a uma festa sem ser convidado.

Oficina — Casa destinada à desmancha, onde se torra farinha de mandioca.

Oito-de-conta-de-espada — Primeira corrida da cavalhada, durante a qual os cavaleiros disputam argolinhas.

Oito-de-conta-de-tiro — Nome dado a uma das corridas da cavalhada, que se realiza durante as festas do Divino.

Oito-de-conta-na-cabeça — Uma das corridas da cavalhada.

Ôlho-gordo — Mau-olhado.

Ôlho-pelado — Cobra.

Ôlho-ruim — Mau-olhado.

Digitalizado com CamScanner

Onça-cabocla — Monstro encantado que se alimenta de pessoas e tem preferência pelo fígado e pelo sangue de suas vítimas.

Onça-da-mão-torta — Monstro encantado, manco de uma pata dianteira, feroz e malvado. Não passa de uma versão diferente da onça-cabocla.

Oraveja — Desembôlso. Nada. Ficar no oraveja é ficar sem nada, ser ludibriado.

Orelhada — Diz-se da barganha a elas por elas. Ao invés de orelhada costumam falar "na orelha" ou "de orelhada".

Orelha-rasgada — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 5.

Osga — Nada, tiquinho: "êle deu foi uma osga", quer dizer deu coisa nenhuma; — ou — "quero ao menos uma osga de carne" que significa um pedacinho de carne.

Ôtur dia — Outro dia, noutra ocasião. Refere-se sempre a um dia que está próximo mas que vai chegar, ao contrário de "isturdia" que se refere a um dia que já passou: "cumprirei a promessa ôtur dia" — e "fiz a viagem isturdia".

Ôvo-de-galo — Ôvinho do tamanho de um ôvo de pomba juriti, raras vêzes encontrado no chão dos poleiros. Suponho tratar-se de um ôvo de franga, o qual não alcançou o tamanho normal, em vista de alguma perturbação fisiológica. Mas, há quem acredite que seja ôvo de galo, como, aliás, é conhecido. Para quem pensa assim, o achado constitui uma preciosidade — é meio caminho à posse de um famaliá.

Oxé! — Interjeição que traduz prazer, contentamento.

Oxente! — Interjeição que traduz surprêsa. Oh gente!

P

Paçoca — Carne sêca, socada ao pilão, com farinha de mandioca.

Pajem — Empregado que serve o patrão em viagem a cavalo. Dama de companhia.

Palmatória — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 2.

Pancada — Pessoa amalucada.

Paneleira — Mulher que fabrica vasilhas de barro.

Pão-de-sabão — Sabonete, sabão-do-reino.

Papagaiada — Palhaçada, macaquice. Fartura de aderêços.

Papel-pança — Má ação que se pratica, ordinarice.

Papelão-de-renda — Retângulo de papelão furado e sôbre o qual a rendeira tece a renda. O mesmo que molde-de-papelão.

Papo-amarelo 1 — Jacaré.

Papo-amarelo 2 — Rifle de cano oitavado, cuja tranqueta é de metal amarelo e se mostra, por fora, atrás do guarda-mato.

Paraguai — Chumbo grosso.

Digitalizado com CamScanner

Parelha — Competir com alguém corrida a cavalo. Aposta de corrida entre duas ou mais pessoas, a pé ou a cavalo: "pegamos uma parelha e não é que o danado me venceu!".

Pari — Armadilha para apanhar peixes nas corredeiras.

Paroimpa — Aglutinação de *par ou ímpar*: "só concordo depois da paroimpa".

Passiar — Ação de caçar pássaros ou passarinhar. A espingarga-de-passiar é sempre muito fina, comprida, antecarga.

Pataquada — Trejeitos, gestos ridículos, gatimonhas. Fartura de adereços, esquisitices.

Patife — Covarde, medroso, maricas.

Patranha — Sabedoria, conhecimento de ciências ocultas. Sagacidade, astúcia.

Patuá 1 — Mandinga, bentinho, reza forte.

Patuá 2 — Bôlsa de couro onde se carregam objetos mágicos.

Pau-da-goiaba — Arma de fogo, comblé, fuzil.

Pau-d'água — Beberrão.

Pau-da-lagoinha — Cada uma das peças do quebra-cabeça a que chamam *pauzinhos-da-lagoinha.*

Pau-de-fumo — O pau onde se enrolou cordas de fumo na preparação do rôlo, muito indicado para quebrar pauta de feiticeiros.

Pauta 1 — Fama, sabedoria, patranha. Quebrar a pauta de uma pessoa é desmoralizá-la pùblicamente, é quebrar-lhe o orgulho. Quebrar a pauta de um feiticeiro é tirar-lhe o poder de enfeitiçar. Quebrar a pauta de um cantador é vencê-lo na cantoria.

Pauta 2 — Parte com o Cão. Pacto.

Pauzinhos-da-lagoinha — Quebra-cabeça formado de seis pedaços de madeira, cada um dos quais possui cortes e ressaltos. O problema é montar a peça, descobrindo-se a maneira certa de encaixar as saliências nas cavidades de cada pedaço de madeira.

Pé-cascudo — Capeta.

Pé-chato — Capeta.

Pé-d'água — Chuva forte e inesperada. Chuvarada.

Pé-de-anjo — Sapato de pano branco e solado de borracha.

Pé-de-banco — Encalhadouro. Parte rasa no leito do Rio de São Francisco.

Pé-de-boi — Qualquer pessoa que, entre muitas que têm igual obrigação, é sempre a primeira em esforçar-se, em trabalhar.

Pé-de-gancho — Capeta.

Pé-de-pau — Arvore isolada.

Pé-de-vento — Redemoinho, redemunho.

Pedra — Lente de óculos.

Digitalizado com CamScanner

Pedra-de-caçador — Carnosidade pilosa que o caçador barranqueiro acredita existir no bucho de animais enfeitiçados. Maçã. Egagropilo.

Pedra-de-raio — Conhecida também por corisco. Ver esta palavra.

Pegador — Menino escolhido para pegar os companheiros durante a brincadeira de esconder.

Pelega — Cédula, nota, moeda de papel.

Penitente — O devoto das almas que sai, fora de horas, isolado ou fazendo parte de um grupo, para encomendar as almas.

Penso — Torto, sem aprumo.

Pé-rapado — Pobretão.

Perau — O lugar fundo de uma área rasa de rio ou de lagoa.

Pereba — Pequena inflamação ou úlcera, também chamada nascida, furúnculo ou cabeça-de-prego.

Peregrino — Mendigo, pedinte.

Perereca — O mesmo que caçote (ver esta palavra).

Pernas-de-pau — Andas, tamancas.

Perrengue — Adoentado.

Pertenção — Atribuição, em frases como estas: "isto não é de sua pertenção", vale dizer não é de sua conta; "varrer a casa não é de minha pertenção", quer dizer não é minha atribuição.

Piabar — Espreitar, espiar, perscrutar. Alimentar o desejo de, querer ardentemente: "certa vez o Sujo estava piabando para carregar um homem, quando...".

Picado-de-arroz — Arroz cozido com pedacinhos de carne sêca.

Pica-pau — Espingarda fina, antecarga. O mesmo que ligeira, lazarina, espingarda-de-passiar.

Picuá 1 — Pequena caixa de madeira, cilíndrica, ou simples gomo de bambu reforçado com um enrolamento de barbante encerado, onde se carrega o mercúrio de curar bicheiras. Costumam também usar picuás de sementes de jequitibá como de sola d'anta.

Picuá 2 — Gomo de taboca preparado para se esconder diamantes.

Pinda — Anzolão, com isca viva, prêso à ponta de um galho flexível sôbre as ribanceiras, destinado a pescar surubins e dourados. Anzol de espera.

Pindaíba — Falta de dinheiro.

Pinga — Aguardente, cachaça.

Pinguelo — Tecla do gatilho das armas de fogo.

Pinicador — Instrumento para fazer papelões-de-renda.

Pinicão — Sinal que o peixe transmite à linha do anzol ao bulir na isca. Beliscão.

Pinica-pau — Pica-pau (ave).

Digitalizado com CamScanner

Piquira — Cavalo de pequeno porte, empregado no campeio, na região mineira do Vale do Rio de São Francisco.

Pirata — Comprido chicote usado por tropeiros para alertar os burros durante a marcha.

Pispiar — Dar começo, principiar.

Pistanguim — Espécie de jôgo que se faz com a mão-de-pilão quando se pisa alguma coisa e para distrair-se, amenizando o trabalho, neste caso penoso, monótono, enfadonho.

Pitar — Fumar, cachimbar.

Pitimba — Falta de dinheiro.

Pixuim — Carapinha, pixaim.

Plantar-bananeira — Ação de uma pessoa colocar-se de pernas para o ar, tendo a cabeça sustentando o corpo todo. O mesmo que maria-escambota.

Pó — Rapé, simonte, torrado.

Pomba — Principal peça do mecanismo da roda de fiar. Ver a palavra "gavião".

Ponga — Xêpa, carona.

Pongar — Trepar (a criança) na traseira de um carro, de tração animal ou automóvel, em movimento.

Ponta-de-lança — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 1.

Pôpa — Nádega.

Porqueira — Feitiço, coisa feita, mandinga.

Positivo — Mensageiro, aquêle que leva notícias, cavaleiro.

Posse — Terreno vago destinado à edificação de uma casa. Lote.

Postura — Cada uma das posições dos dedos do tocador no braço do instrumento de corda.

Poterra — Haplologia do composto pau-terra, árvores de cujas fôlhas se faz o chá para combater desarranjos intestinais.

Pracata — Alparcata de couro cru e feita para ser usada em longas caminhadas, a pé, no sertão de areia.

Pramode — Em razão de. Para. Por causa de. Visto como. Em vista de. Visto que.

Prato — Medida de capacidade igual a dois litros ou quatro copos.

Preguiçoso — Nome dado a uma abelha pequena, que fabrica excelente mel, com acentuado gôsto de marmelo.

Presilha — Pequeno broche ou grampo com mostra de chifre, matéria-plástica ou metal. Presília.

Próprio — Cavaleiro que viaja a galope atrás de recursos ou para cumprir um mandado urgente.

Digitalizado com CamScanner

Puba 1 — A mandioca que passou vários dias na água ou na lama para fermentar. A porção abolada e sêca da mandioca nesse estado de fermentação.

Puba 2 — Qualidade da linha de algodão pouco torcida e que se destina à fabricação de rêdes, mantas, cobertores e coxinilhos.

Puçá — Armadilha para apanhar peixes.

Puduim — Bodum, mau cheiro, fartum.

Puxada — Torcida, pavio de candeia.

Q

Quaio — Cobertor. Pano que o canoeiro da região mineira do Vale do Rio de São Francisco traz entre os seus pertences e que, durante a viagem, serve de vela, içado à prôa; no pernoite é cobertor com o qual se protege contra mosquitos ou contra o frio.

Quartinha — Bilha de barro.

Quarto d'ôsso 1 — Traseiro ou dianteiro da rês abatida.

Quarto d'ôsso 2 — Diversão infantil.

Quartos — Bunda.

Quatro-presas — Espécie de cobra venenosa muito semelhante à cascavel.

Quebra-garupa-de-quatro — Uma das corridas da cavalhada.

Quebra-jejum — Qualquer guisado que se come antes do almôço, geralmente quando se vai empreender uma viagem.

Quebra-resguardo — Bomba de explosão forte.

Queda 1 — Luta de braço, cambão.

Queda 2 — Série de doze galos no jôgo de batalha. Série de doze tentos no jôgo de truque.

Quicé — Faca já gasta pelo uso.

Quijila — Forma deturpada de quezília ou sobrevivência do quibundo *kijila*. Zanga, impaciência.

Quilaro — Claro.

Quiném — Como, que nem.

Quitanda — Qualquer biscoito de polvilho.

R

Rabicho — Sem rabo, derrabado, suro: "aí é que a porca torce o rabo... se não fôr rabicha".

Rabisco — Ôlho de buriti, do qual se extrai a sêda com que se trançam cordas.

Raiar — Alarido das galinhas ao pressentir um perigo. A voz do galo anunciando a madrugada.

Raso — Ponto dos rios ou dos lagos pouco fundo.

Digitalizado com CamScanner

Raseira — Area dos rios ou dos lagos pouco funda.

Rajada — Preguiça.

Ramona — Grampinho de pernas superpostas para prender cabelo, também chamado *desmazêlo, mis.*

Rapariga — Meretriz, concubina.

Rato-de-gaveta — Ladrão de níqueis.

Realexo — Corruptela de realejo, mas significando gaita de bôca.

Rebanada — Bote, assalto: "gavião que sabe trêta só dá de rebanada". Rabanada.

Recurso — Prova que uma pessoa tem em seu benefício: "êsse papel é meu recurso", isto é, aquilo que tenho a meu favor.

Redém — Redanho.

Redemunho — Redemoinho.

Regada — Fundo entre as nádegas.

Rema — Qualidade morbida que os barranqueiros atribuem a certos alimentos, sejam o surubim, a carne de porco cuiúdo, o araticum, e outros mais. Reima.

Riba — Cima. "Ver de riba" é o mesmo que ver de cima.

Ridico — Sovina, avaro.

Ringideira — Ponto de atrito, causado pelo vento, entre dois galhos que se desenvolveram unidos. A raspa dos galhos retirada em ambos os pontos de atrito, de largo emprêgo, em infusão, para atrair e segurar alguém que se ama.

Roda — Conjunto de formas e trocados que se realizam durante a dança de São Gonçalo.

Roda-da-fortuna — Espécie de roleta para jôgo de azar.

Roda-d'água — Engenho de moer cana ou ralar mandioca, movido a água. A roda-mestra dêsse engenho e que recebe a pancada d'água e faz girar o eixo transmissor de fôrça.

Rôla — O membro viril.

Romãozinho — Menino invisível e galhofeiro que faz diabruras nas casas onde, se não o tratam bem, resolve passar uma temporada.

Roscofe — Objeto ou mesmo pessoa de má qualidade, ordinária.

S

Sabangage — Sarapatel.

Sabão-do-reino — Sabonete, pão-de-sabão.

Saci — Espírito dos bosques, apresentado como negrinho de uma perna só. Anda pulando no mato, usa um barrete vermelho, pita cachimbo e assobia para desnortear viajantes.

Digitalizado com CamScanner

Saco-de-carvão — Nome de uma mancha escura que existe no firmamento, perto, para quem observa, de outras duas acinzentadas a que denominam "cova-de-Adão" e "cova-de-Eva".

Saco-furado — Diversão infantil.

Sagrado — Cemitério.

Saído — Conquistador, entrão, saliente, reparador.

Saltar-fogo — Função religiosa que consiste em ganhar parentescos espirituais com uma pessoa amiga. Celebram-na por ocasião de festas juninas, ou a qualquer tempo se se guardam tições da fogueira.

Saltar-fogueira — Cerimônia religiosa celebrada pelo catrumano, à meia-noite de 23 de junho. Neste propósito, a família, tendo à frente o chefe, da voltas em tôrno da fogueira, suplicando favores ao Santo.

Sambora, samborá (as duas pronúncias são vulgarizadas) — Substância amarelada e azeda das colméias.

Samiação — Gulodice.

Samiado — Guloso, esfomeado.

Sangra 1 — Bôca do jequi.

Sangra 2 — Primeiro corte que o machadeiro abre na árvore para derribá-la (ver a expressão *sangrar o pau*).

São cristão 1 — Sacristão.

São cristão 2 — Tamanduá-mirim, meleta, michila.

Sapituca — Sopitação. Ímpeto agressivo das pessoas nervosas.

Saquitel 1 — Bôlsa escrotal do bezerro.

Saquitel 2 — Pequeno bornal para chumbos de caça.

Sariero — Assustado, com mêdo.

Sêda 1 — Fibra vegetal de buriti.

Sêda 2 — O produto da tosa dos animais.

Sedém — Sedenho.

Senão — Cicatriz, sinal.

Sentinela — Velório, quarto, velar um defunto ou um enfêrmo.

Sete-portas — Variedade de abelha.

Sevadeira — Mulher que seva, que rala a mandioca durante a farinhada.

Sevador — Parte fundamental do aparelho de ralar mandioca, constituído por um ralo de uma ou de duas bôcas entre outras peças.

Sevar — Ralar a mandioca por ocasião de desmanchas.

Siéba 1 — Jacaré.

Siéba 2 — Chicote, vergôntea.

Siligristida — Mulher convencida e desembaraçada. Sirigaita. Mulher saliente, alegre, espalhafatosa.

Sinal — Corte feito na orelha da rês para garantia do fazendeiro, como também, para indicar a idade da criação.

Sistemático — Maníaco, pessoa inflexível em certos conceitos ou opiniões.

Digitalizado com CamScanner

Sivi — Junção errônea do reflexivo se à primeira pessoa do singular do pretérito perfeito de ver: "eu sivi apertado!".

Sobejo — Resto de comida ou de bebida que já serviu a alguém. Babujo. O babujo ou sobejo, conforme crença popular entre os barranqueiros, é alimento das almas, que vêm lambê-lo a desoras.

Soca — Cultura de arroz ou de cana de açúcar roçada para uma produção subseqüente.

Socotó — Cêsto rústico de fôlhas de palmeira ou sêda vegetal, destinado a recolher e transportar filhotes de papagaios.

Sodomia — Descaramento. Algazarra, molecagem.

Soim — Mico, macaquinho.

Solada — Diz-se das quitandas que não cresceram por falta de fermento ou mau-olhado.

Sorte — Cria a que o vaqueiro tem direito, em cada grupo de quatro, como zelador do gado durante um ano.

Soverter — Sumir, desaparecer.

Sufregante — Sùbitamente, instantâneamente.

Sujeito — Sentido pejorativo de pessoa. Indivíduo.

Sujo — Capeta.

Sumitero — Cemitério.

Sundar — Pescar de fundo e com anzol, tendo o barco apoitado.

Sungar — Erguer um fardo qualquer, suspender a calça.

Supimpa — Ótimo, de boa qualidade.

Suruco — Suro, rabicho, derrabado.

Surumigir — Sumir.

Suspiro — Orifício ou bueiro dos fornos de assar biscoitos.

T

Tabaco — Parte externa do órgão genital feminino.

Taboca 1 — Venda de ponta de rua.

Taboca 2 — Recusa feita por uma pessoa solicitada a dançar. Rejeitar o rapaz ou a môça uma proposta para namôro.

Tacho — Diversão infantil.

Talento — Robustez física, fôrça. Homem de *talento* significa homem forte, musculoso. Dizem que a gordura de peixe dá talento, isto é, dá físico, sustância.

Talhado — Beirada vertical e inacessível das serras. Alcantil.

Tapar — Verbo que entra na linguagem das fiandeiras para significar urdir. Tapar é trabalhar com a lançadeira, passando a canelinha entre os fios do urdume.

Digitalizado com CamScanner

Taquara-rachada — Predicado que se dá a quem canta mal, a quem tem a voz desafinada.
Tataíra — Variedade de abelha.
Tegela — Égua.
Tempão — Muito tempo.
Tempêro — Pequena roda da roda-de-fiar destinada a regular a torção da linha e sua entrada no carretel.
Tempinho — Fração mínima de tempo.
Tenda — Oficina. Lugar onde se trabalha em regime artesanal.
Tendepá — Discussão acalorada. Briga.
Têrmo 1 — Modo, educação, civilidade. Criar têrmo é o mesmo que tomar jeito de gente, portar-se bem, ter modo.
Têrmo 2 — Espécie de desfalecimento atribuído como sendo sinal que o doente prestes a finar-se deixa perceber.
Terrenar — Pescar navegando. Na pescaria de terrena, costuma-se amarrar a linha do anzol no próprio remo com que se faz mover a canoa.
Tintol — Corante de tingir pano.
Tipiti — Cêsto ou nassa de cipó, fibra ou fôlhas para espremer massa de mandioca.
Tiquim — Tiquinho, momento.
Tirapé — Pedal da roda-de-fiar.
Tiririca 1 — Sujo grosso acumulado na pele de quem não toma banho.
Tiririca 2 — Planta que se desenvolve à beira dos pântanos e que é de grande emprêgo nas barragens construídas pelos pescadores durante a tinguijada.
Tisga — Tuberculose, tísica, doença do peito.
Tixé — Parte externa do órgão genital das meninas.
Toa — Esta palavra é usada apenas na locução *de toa* e significa dizer "ao sabor das ondas" (ver a expressão *descer sôlta de toa*).
Toá — Corruptela de tauá. Moledo, argila de côr, de largo emprêgo na pintura de vasilhas de barro.
Tobi — Ânus, cu.
Tobó — Jegue, jumento.
Tôco — O tento que marca uma série de doze éguas no jôgo de batalha.
Torrado — Pó, rapé, simonte.
Torto — Diz-se do parente afim. Minha prima torta será a prima de minha espôsa.
Trago — Pinga, cachaça.
Tratar — Limpar, preparar o peixe, a galinha abatida para cocção.
Travessa — Cada uma das duas tábuas que ligam as forquilhas da armação de cangalha.
Trem — Coisa, objeto.

Digitalizado com CamScanner

Trocado — Movimentos executados pelas dançadeiras de São Gonçalo durante a função, semelhante à marcha do ginasta das lições de Educação Física.

Trocar — Comprar imagens e objetos sagrados. O barranqueiro não emprega, nunca, referindo-se à aquisição onerosa de objetos sagrados, o verbo *comprar* e sim *trocar*. É tabu.

Trolado — Excitado por ação alcoólica. Diz-se das pessoas levemente bêbadas. Esquentado.

Troncho 1 — Forma de corte de orelha, significando o algarismo 8.

Troncho 2 — Torto para um lado. Diz-se do animal que não tem uma das orelhas ou a possui cabana, isto é, caída.

Tropa — Grupo de vinte e um burros de carga, isto é, dois lotes e a madrinha.

Tudinho — Tudo mesmo, e não parte.

Tuntum — Espécie de turbante que as mulheres barranqueiras soem prender à cabeça.

Turejo — O trabalho cotidiano.

Turro — Urro, voz de animal enfurecido.

U

Uca — Cachaça.

Uru — Cêsto feito mediante a trançadura de duas fôlhas do coqueirinho-da-chapada, empregado para a coleta de frutos silvestres como pequi, murici e cajuí. Fazem-no também, mas com destinação diferente, de duas concas de buriti, cujos lados são costurados, assim formando um cone para ser empregado, como destiladeira, na extração da decoada.

Uruçu — Variedade de abelha.

Urucubaca — Azar, falta de sorte, caiporismo, macaca.

Urupema — Peneira de taquara.

Usurave (variação de usurário) — Avarento, avaro, aquêle que é apegado ao dinheiro.

Utuso — Abobalhado, boquiaberto, confuso.

V

Vaca-vem — Parte traseira do carro de bois ou travessa que prende as chedas.

Vadiação — Brincadeira, divertimento, caçoada.

Valença — Salvaguarda, sorte, salvação: "minha valença foi a sombra do cruzeiro, que afastou o lobisomem".

Digitalizado com CamScanner

Vaquejada — Reunião do gado de uma criação para ferra de bezerros e que se faz uma vez por ano.

Vaquejada-de-brôto — A vaquejada feita no mês de setembro, freqüentemente usada por criadores da cabeceira do Rio Pandeiros. Da cachoeira dêsse rio à barra, fazem-na entre Fevereiro e Março, dada as enchentes que favorecem o campeio, pois forçam o gado a abandonar as ilhas e alagadiços.

Variar — Perder-se no mato, desorientar-se.

Vasilha-ruim — Pessoa sem valia, gente sem nome.

Vaza — Além da acepção própria, significa oportunidade, momento propício.

Verão — Giro que um pássaro faz no ar. O vôo circular dos urubus sôbre a carniça.

Verter-água — Urinar.

Vinte-e-seis — Cachaça, pinga.

Vira-fôlha — Pessoa inconstante, volúvel nas amizades.

Visagem — Assombração, coisas do outro mundo, livusia.

Visita — Presença de mênstruo.

Vixe! (corruptela de virgem!) — Interjeição que exprime horror, mêdo.

X

Xanha — Sem-vergonhice, agarramento, xodó.

Xará — Pessoa que tem o mesmo nome que outra.

Xêpa — Favor que se obtém para viajar de graça num carro. Carona.

Xepar — Tomar assento num carro, sem pagar. Obter vantagens sem despesa. Comer de graça, estudar em livros alheios.

Xereta — Adulador.

Xibungue — Pederasta passivo.

Xiriri — Filête d'água corrente. Pequena nascente.

X.P.T.O. — Essa abreviatura é o ponto central de um conto de adivinha muito vulgarizado entre os barranqueiros, na forma seguinte: uma estrada bem concorrida vinha terminar à margem de um rio, justamente no ponto em que as águas se apertavam entre rochas escarpadas, lugar visitado em razão dos atrativos da natureza ambiente. A outra margem era intacta e misteriosa. Do lado da estrada, à beira do rio, no alto de uma pedra, havia a inscrição XPTO. Segundo o povo, quem descobrisse o significado daquelas quatro letras ficaria podre de rico. Com efeito, um homem ali chegado pela vez primeira olhou bem o letreiro, pensou, pensou e toma uma resolução: tira do corpo a roupa, joga-se n'água e atravessa o rio. Do outro lado, às escâncaras,

Digitalizado com CamScanner

estava um velho baú cheio de ouro e diamantes. Perguntado a respeito dêsse fato tão extraordinário, êle disse que decifrara o enígma, esclarecendo: "o xis vale dez e o zero vale nada. Então, XPTO quer dizer *despe-te e nada*. Foi o que fiz e ganhei o tesouro", concluiu o felizardo.*

Xucro — Animal sem adestramento. Pessoa estúpida ou grosseira.

Z

Zambeta — Pessoa que tem as pernas tortas ou arqueadas. Cambota.

Zape — Zápete.

Zelação — Estrêla cadente.

Zorra — Piorra de cabacinha.

Zureta — Desorientado, adoidado pela fadiga ou pela acumulação momentânea de vários problemas ou tarefas.

---

* A página 35 de *A Bem da Língua Portuguêsa,* de Vasco Botelho do Amaral, Edição da "Revista de Portugal", Lisboa, 1943, vemos o seguinte: "...XPTO. A respeito desta abreviatura informa Fr. Domingos Vieira: "Têrmo de gíria. XPTO; diz-se para designar a excelência duma cousa. — Cousas de XPTO. Isto é de XPTO. Diz-se também XPTO London. Qual a origem desta frase assaz espalhada e hoje pela primeira vez recolhida? XPTO era uma abreviatura de Cristo nos antigos manuscritos, mas a forma XPTO London parece indicar antes que a frase se originou duma marca comercial ou de expedição" — Acrescente-se que o XPTO era abreviatura de Cristo por confusão da letra grega ró com o P maiúsculo latino. Também se tem dito que a tal marca era: "X P(ondera) T(ectoria) O(ptima) — cobertores optimos por dez (X) libras".

Digitalizado com CamScanner

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

CASOS E TRADIÇÕES

	PÁG.
Januária	11
O Catrumano	13
A Doida da Lancha	16
A Serra do Capão do Porco	17
A Serra das Caraíbas	22
Histórias Ingênuas	25
Nêga Maria	32

SEGUNDA PARTE

VIDA ECONÔMICA

As Tinguijadas	37
A Desmancha	40
O Campeio	46
As Vaquejadas	52
A Marcação de Orelhas	57
As Barcas de Frete	60
Os Carros de Bois	65
As Tropas de Burros	70
As Caçadas	74
As Armadilhas	82

TERCEIRA PARTE

LENDÁRIO

O Poço Verde	89
A Lagoa Branca	90
Romãozinho	92

Digitalizado com CamScanner

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

CASOS E TRADIÇÕES

PÁG.

Januária 11
O Catrumano 13
A Doida da Lancha 16
A Serra do Capão do Porco 17
A Serra das Caraíbas 22
Histórias Ingênuas 25
Nêga Maria 32

SEGUNDA PARTE

VIDA ECONÔMICA

As Tinguijadas 37
A Desmancha 40
O Campeio 46
As Vaquejadas 52
A Marcação de Orelhas 57
As Barcas de Frete 60
Os Carros de Bois 65
As Tropas de Burros 70
As Caçadas 74
As Armadilhas 82

TERCEIRA PARTE

LENDÁRIO

O Poço Verde 89
A Lagoa Branca 90
Romãozinho 92

Digitalizado com CamScanner

PÁG.

O Fervedouro 95
A Lagoa do Malvar de Ouro 96
A Onça Cabocla 99
O Famaliá 101
A Lagoa da Tabua 102
O Rio Pardo 103
A Mãe-do-ouro 105
A Mãe-d'água 107
Caboclos-d'água 108
A Lagoa Bonita 111
O Roncadouro 113
A Lagoa da Tapera 115
A Lagoa de Pedras 117
O Chupão 119
O Pé-de-gancho 120
Os Monstros da Quaresma 122
Os Três Irmãos 124

QUARTA PARTE

FESTAS RELIGIOSAS

O Reisado 129
As Encomendações das Almas 133
As Festas de Santa Cruz 135
As Marujadas 139
As Festas do Divino 141
As Festas de Junho 144

QUINTA PARTE

DIVERTIMENTOS

As Adivinhas 151
Os Jogos de Números e de Rimas 164
Os Abecês 167

Digitalizado com CamScanner

Sexta Parte

USANÇAS E CRENDEIRICES

PÁG.

As Sentinelas 175
Os Espantalhos 180
As Assombrações 182
A Pedra-de-Caçador 191
As Receitas e Abusões 193
As Mandingas e Malefícios 202
Os Potes de Dinheiro 205

Sétima Parte

SABEDORIA POPULAR

A Medicina Caseira 209
Os Provérbios 215
As Expressões 218
Os Localismos 225

Digitalizado com CamScanner

OBRAS DO AUTOR

PUBLICADAS

1. *A Dança de São Gonçalo*. Folclore. Edições Mantiqueira. Belo Horizonte. 1954.
2. *Canção da Terra*. Poesias. Edição do Autor. Belo Horizonte. 1955.
3. *As Diversões. Folclore*. Publicação da Revista do Arquivo (CLXII). São Paulo. 1959.
4. *Artes e Ofícios Caseiros*. Publicação da Revista do Arquivo (CLXIV). São Paulo. 1959.
5. *Os Jogos Infantis e as Cantigas de Roda*. Publicação das Pesquisas de Folclore do Centro Regional de Pesquisas Educacionais. INEP. MEC. Belo Horizonte. 1962.
6. *Uma Oficina em cada Lar*. Publicação da Secretaria de Estado do Trabalho e Cultura Popular (de parceria com Gabriela Dias Paes). Belo Horizonte. 1964.
7. *O Artesanato no Sêrro*. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1964.
8. *A Indústria Caseira em Pitangui*. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1966.
9. *Proteção ao Artesanato*. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1966.
10. *Antônio Dó, o jagunço mais famoso do sertão*. Imprensa Oficial. Belo Horizonte. 1967.
11. *O Museu e a Pesquisa Artesanais*. Editôra da Academia Patense de Letras. Patos de Minas. 1969.

INÉDITAS

12. *Festas e Romarias em Minas Gerais*. Folclore religioso.
13. *Lagartas de fogo*. Poesias satíricas.
14. *O Casamento no Folclore*. Práticas e crendices do povo relativas ao namôro, matrimônio e à vida conjugal.
15. *Goteiras*. Trovas.

EM PREPARO

16. *Arte, Artesão e Artesanato*. Pesquisa realizada em Bonfim do Paraopeba, Minas Gerais, com a equipe de professôras-alunas da Fazenda do Rosário.
17. *Técnicas Manuais de Artesanato*. Compêndio para cursos de artes populares.
18. *Manual de Folclore*. Compêndio para estudo da Cultura Popular na Cadeira de Antropologia do Curso de Ciências Sociais.
19. *As Oficinas Domésticas de Araxá*. Pesquisa da série Artesanato.

Digitalizado com CamScanner

Êste livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, na Cidade Universitária, Belo Horizonte, Brasil, em outubro de 1969 42º ano de fundação da U. F. M. G.

Digitalizado com CamScanner